

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA - FFLCH/USP

CLEIDE LIMA DA SILVA

**Manipulação, tonicidade, ajustamento:** o discurso de mulheres atuantes na campanha presidencial de 2018.

**Versão Corrigida**

São Paulo

2023

CLEIDE LIMA DA SILVA

**Manipulação, tonicidade, ajustamento:** o discurso de mulheres atuantes na campanha presidencial de 2018.

**Versão Corrigida**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo como exigência para obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral

Orientadora: Norma Discini

São Paulo  
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S586m Silva, Cleide Lima da  
Manipulação, tonicidade, ajustamento: o discurso de mulheres atuantes na campanha presidencial de 2018. / Cleide Lima da Silva; orientadora Norma Discini - São Paulo, 2023.  
198 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. Manipulação. 2. Tonicidade. 3. Ajustamento. 4. Populismo. 5. Eleitorado feminino. I. Discini, Norma, orient. II. Título.

## ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

### Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Cleide Lima da Silva \_\_\_\_\_

Data da defesa: 14/08/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Norma Discini \_\_\_\_\_

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 29/09/2023



\_\_\_\_\_  
(Assinatura do (a) orientador (a))

Nome: SILVA, Cleide Lima da. **Manipulação, tonicidade, ajustamento:** o discurso de mulheres atuantes na campanha presidencial de 2018. Tese (Doutorado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Letras: Semiótica e Linguística Geral

Aprovada em: 14/08/2023

**Banca examinadora**

---

Profa. Dra. Norma Discini de Campos (Presidente)

Universidade de São Paulo (USP)

---

Profa. Dra. Sueli Maria Ramos da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

---

Profa. Dra. Mariana Luz Pessoa de Barros

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

---

Profa. Dra. Renata Cristina Duarte

Universidade de São Paulo (USP)

Dedico esta tese à minha mãe por ter me ensinado que o objeto de valor mais precioso a ser conquistado é o conhecimento. Tudo que aprendi nesta vida não se compara à enorme sabedoria de minha mãe.

Obrigada por tudo!

## AGRADECIMENTOS

A Deus, destinador transcendente, que ilumina todos os passos de minha jornada.

À professora Norma Discini, que com muito vigor e sensibilidade, me acompanhou desde o início até o fim desta pesquisa, conduzindo-me da linha de partida à linha de chegada. Por muitas vezes fui sancionada negativamente, mas tais sanções foram extremamente enriquecedoras e recompensadoras para a construção do processo de reflexão desta tese.

À minha família por ser minha força e por me dar o suporte necessário para que eu continuasse firme em meu propósito.

Ao companheiro de vida Fernando por estar sempre disposto a ouvir as hipóteses e rumos deste trabalho, além de dividir comigo minhas angústias e momentos difíceis. Agradeço por “me dar ouvidos, ao invés de flores”.

À Renata Mancini e ao professor Ivã Lopes pela cuidadosa leitura e apontamentos feitos durante a minha qualificação, que me auxiliaram a refletir sobre os rumos desta pesquisa.

Aos professores responsáveis pelas disciplinas cursadas regularmente ou acompanhadas como ouvinte durante o doutoramento pelo conhecimento compartilhado: Zilda Gaspar Oliveira de Aquino, Luiz Tatit, Norma Discini, Elizabeth Harkot, Eliane Soares de Lima.

Aos funcionários do Departamento de Linguística por todo apoio administrativo e burocrático, especialmente, à Érica, sempre diligente e prestativa, e por seu atendimento humanizado e impecável.

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) por ser um inesgotável espaço de debates e pela oportunidade de ampliar o meu conhecimento.

Às professoras Sueli Maria Ramos da Silva, Mariana Luz Pessoa de Barros e Renata Cristina Duarte por terem aceitado o convite para participar de minha defesa de doutorado e por trazerem o olhar crítico de cada uma sobre o meu trabalho.

Ao Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS) pela oferta de cursos, debates, colóquios e publicações que ampliaram o meu conhecimento em sociosemiótica.

À Universidade Federal do ABC (UFABC) pelas licenças e afastamentos concedidos para que eu pudesse dedicar-me aos estudos em momentos decisivos da redação desta tese.

Aos colegas da UFABC pelo apoio e disposição para me auxiliar nas tarefas de trabalho em momentos de ausência, especialmente, Danielle e Adilson.

A todos os amigos e colegas que, em algum momento, trouxeram acalento e palavras de ânimo durante essa longa jornada, especialmente, a querida Márcia Lupia.

Aos profissionais de Letras, especialmente, Cláudia Bergamini e Viviane Santos pelo excelente trabalho de revisão textual deste trabalho durante a sua elaboração.

Muito obrigada!



*“A imperfeição aparece como um trampolim que nos projeta da insignificância em direção ao sentido.”*

Algirdas Julien Greimas

## RESUMO

SILVA, Cleide Lima da. **Manipulação, tonicidade, ajustamento**: o discurso de mulheres atuantes na campanha presidencial de 2018. 2023. 198 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), 2023.

A manipulação é, para a semiótica narrativa, a etapa de um esquema narrativo canônico em que um destinador busca levar um destinatário a querer e dever realizar uma determinada ação. No entanto, esta tese explora o conceito de manipulação (GREIMAS; COURTÉS, 2016) na fronteira com a noção de regimes de sentido, postulada por Landowski (2014a) como “interações de risco”. Além disso, pensamos em campo de presença, remetendo às tensões do afeto na correlação entre intensidade e extensidade na apreensão das coisas do mundo, conforme proposta de Zilberberg (2011a). Para investigação desses princípios, faremos uma revisão da literatura teórica e elucidaremos o desenvolvimento da teoria semiótica. Começaremos pela abordagem centrada nos elementos inteligíveis, a semiótica da ação, e avançaremos em direção a uma perspectiva teórica que trata o elemento sensível, baseada nos fundamentos da fenomenologia, conforme propostas de Greimas (2017) e Greimas e Fontanille (1993). Por fim, abordaremos a semiótica da interação (LANDOWSKI, 2014a) e a semiótica tensiva (ZILBERBERG, 2011a). A partir desses pressupostos teóricos, analisaremos e descreveremos como se constituem os actantes coletivos identificados pelas *hashtags* #EleNão e #EleSim, grupos compostos por mulheres contrárias ou favoráveis ao ator discursivo Jair Bolsonaro, então candidato à presidência da República nas eleições de 2018. Para a análise do discurso do eleitorado feminino, selecionamos quatro reportagens, sendo uma da revista *Marie Claire*, uma do periódico *AzMina* e duas do site *HuffPost Brasil*. Esses enunciados colocam em confronto as vozes femininas e a voz de Bolsonaro. A partir dos temas identificados nessas reportagens, e, portanto, das vozes dos actantes coletivos apreendidas nesses enunciados, investigamos o discurso do destinador-manipulador. Por meio da análise de entrevistas e declarações públicas proferidas ao longo de sua extensa trajetória política, com destaque para o período eleitoral em questão, examinamos o discurso populista do então candidato, que se apoia em intrincadas relações intersubjetivas de contágio (LANDOWSKI, 2020), sendo capaz de submeter uma massa de sujeitos ao seu próprio sentir. Ao renovar discursos populistas de outrora, o ator discursivo capacita o sujeito-manipulado de uma competência estética fundamentada em discursos de ódio, intolerância e autoritarismo. Dessa forma, surgem dois programas narrativos opostos, o que nos faz deparar com uma estrutura polêmica que coloca um sujeito (o povo) e um antissujeito (a elite) frente a frente como actantes incompatíveis. Ao examinarmos essa interação entre os sujeitos, especialmente, por meio dos conceitos de ajustamento (semiótica da interação) e tonicidade (semiótica tensiva), podemos inferir que a manipulação, quando permeada por elementos sensíveis, tem o potencial de influenciar o destinatário a adotar uma postura menos ou mais subjetiva, menos ou mais presente. Dessa forma, esta pesquisa evidencia a importância de compreender como as estratégias discursivas do populismo têm a capacidade de influenciar as percepções dos indivíduos a ponto de provocar instabilidades em seu campo de presença.

Palavras-chave: Manipulação. Tonicidade. Ajustamento. Populismo. Eleitorado feminino.

## ABSTRACT

SILVA, Cleide Lima da. **Manipulation, tonicity, adjustment:** the discourse of women actively involved in the 2018 presidential campaign. 2023. 198 f. Thesis - Faculty of Philosophy, Letters and the Human Science, University of São Paulo (USP), 2023.

Manipulation is, in narrative semiotics, the stage of a canonical narrative schema in which an addresser seeks to make an addressee want and need to perform a certain action. However, this thesis explores the concept of manipulation (GREIMAS; COURTÉS, 2016) at the border with the notion of regimes of meaning, postulated by Landowski (2014a) as "interactions of risk." Furthermore, we consider the field of presence, referring to the tensions of affect in the correlation between intensity and extensity of things in the world, as proposed by Zilberberg (2011a). To investigate these principles, we will conduct a literature review and elucidate the development of semiotic theory. We will start with the approach centered on intelligible elements, the semiotics of action, and advance towards a theoretical perspective that deals with the sensible element, based on the foundations of phenomenology, as proposed by Greimas (2017) and Greimas and Fontanille (1993). Finally, we will address the semiotics of interaction (LANDOWSKI, 2014a) and tensive semiotic (ZILBERBERG, 2011a). Based on these theoretical assumptions, we will analyze and describe how the collective actants identified by the hashtags *#NotHim* and *#YesHim* are constituted, groups composed of women who are opposed or in favor of the discursive actor Jair Bolsonaro, who was a candidate for the presidency of Brazil in the 2018 elections. For the analysis of the discourse of the female electorate, we selected four articles, one from *Marie Claire*, one from *AzMina*, and two from *HuffPost Brazil website*. These statements confront the female voices with Bolsonaro's voice. Based on the themes identified in these discourses and, therefore, the voices of the collective actants apprehended in these statements, we investigate the discourse of the manipulating-addresser. Through the analysis of interviews and public statements made throughout his extensive political career, with emphasis on the electoral period in question, we examine the populist discourse of the then-candidate, which relies on intricate intersubjective relations of contagion (LANDOWSKI, 2020), being capable of submit a mass of subjects to its own feelings. By renewing past populist discourses, the discursive actor empowers the manipulated subject with an esthetic skill based on discourses of hatred, intolerance, and authoritarianism. Thus, two opposing narrative programs emerge, leading us to encounter a polemical structure that places a subject (the people) and an anti-subject (the elite) face to face as incompatible collective actants. By examining this interaction between the subjects, especially through the concepts of adjustment (semiotics of interaction) and tonicity (tensive semiotics), we can infer that manipulation, when permeated by sensitive elements, has the potential to influence the addressee to adopt a less or more subjective, less or more present stance. In this way, this research highlights the importance of understanding how populism discursive strategies have the ability to influence individuals' perceptions to the point of causing instabilities in their field of presence.

Keywords: Manipulation. Tonicity. Adjustment. Populism. Female electorate.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Quadrado semiótico da veridicção.....	27
<b>Figura 2</b> - Regimes de interação.....	39
<b>Figura 3</b> - Bifurcação da tensividade.....	41
<b>Figura 4</b> - Gráfico dos valores semióticos.....	45
<b>Figura 5</b> - Quadrado semiótico da tensividade.....	48
<b>Figura 6</b> - Modos de existência.....	49
<b>Figura 7</b> - Imagem de representação dos movimentos #EleNão e #EleSim.....	95
<b>Figura 8</b> - Postagem de Madonna no Instagram.....	103
<b>Figura 9</b> - Fotorreportagem HuffPost Brasil 1.....	110
<b>Figura 10</b> - Fotorreportagem HuffPost Brasil 2.....	113
<b>Figura 11</b> - Fotorreportagem HuffPost Brasil 3.....	115
<b>Figura 12</b> - Fotorreportagem HuffPost Brasil 4.....	118
<b>Figura 13</b> - Fotorreportagem HuffPost Brasil 5.....	119
<b>Figura 14</b> - Fotorreportagem HuffPost Brasil 6.....	122
<b>Figura 15</b> - Fotorreportagem AzMina.....	127
<b>Figura 16</b> - Manipulação e ativismo político feminino.....	147
<b>Figura 17</b> - Manipulação e ativismo político feminino.....	147

## SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 PERCURSOS SEMIÓTICOS: DO INTELIGÍVEL AO SENSÍVEL .....</b>	<b>22</b>
2.1 Notas iniciais.....	22
2.2 Ação .....	23
2.3 Manipulação.....	24
2.4 Percepção .....	28
2.5 Imperfeição .....	30
2.6 Paixão.....	32
2.7 Interação.....	34
2.8 Tensão .....	40
<b>3 ESTÉTICA E ESTESIA DO POPULISMO BOLSONARISTA .....</b>	<b>51</b>
3.1 Notas iniciais.....	51
3.2. Semiótica do populismo.....	51
3.3 As faces e as isotopias do autoritarismo .....	55
3.4 Crise fiduciária: a emergência de um herói mediador .....	60
3.5 O bem e o mal: sujeito e antissujeito de uma narrativa maniqueísta.....	65
3.6 A construção demagógica de uma identidade nacionalista e religiosa .....	70
3.7 Discursos de ódio em copresença sensível .....	73
3.8 Mulheres figurativizadas.....	86
<b>4 A CISÃO PATÊMICA DO ELEITORADO FEMININO NO GÊNERO REPORTAGEM.....</b>	<b>92</b>
4.1 Notas iniciais.....	92
4.2 <i>Marie Claire</i> : relações disjuntivas de poder .....	93
4.3 <i>HuffPost Brasil</i> : junção, união e fusão .....	109
4.3.1 Reportagem <i>#EleSim</i> .....	110
4.3.2 Reportagem <i>#EleNão</i> .....	117
4.4 <i>AzMina</i> : entre a certeza e a incerteza .....	126
<b>5 MANIPULAÇÃO, INTERSUBJETIVIDADE E SUBJETIVIDADE.....</b>	<b>136</b>
5.1 Notas iniciais.....	136
5.2 O sujeito no mundo.....	137
5.3 Intersubjetividade.....	140
5.4 Subjetividade.....	141
5.5 Contágio.....	143

5.6 O sujeito manipulado .....	145
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>154</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>159</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>174</b>
<b>ANEXO A- Reportagem <i>Marie Claire</i> .....</b>	<b>174</b>
<b>ANEXO B – Reportagem <i>HuffPost Brasil (#EleNão)</i>.....</b>	<b>180</b>
<b>ANEXO C – Reportagem <i>HuffPost Brasil (#EleSim)</i> .....</b>	<b>186</b>
<b>ANEXO D – Reportagem <i>AzMina</i>.....</b>	<b>194</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na década de 1960, o linguista lituano Algirdas Julien Greimas e seus colaboradores deram início a um projeto semiótico e desenvolveram uma teoria capaz de analisar, por meio de um modelo único, o processo de significação dos enunciados, independentemente do produto de sua manifestação. Inspirada em estudos de Ferdinand Saussure (2012 [1916]), Louis Hjelmslev (2003 [1943]) e Vladimir Propp (1984 [1928]), a gramática narrativa desempenhou um papel central nesse projeto durante a primeira fase da teoria, conhecida como semiótica da ação.

No entanto, uma teoria, independentemente de sua natureza, não surge como um processo concluído. Para que se consolide, é necessário refletir sobre o conhecimento já produzido e desenvolver metodologias de pesquisa que integrem teoria e prática, a fim de subsidiar sua evolução ou comprovar uma tese. Segundo Amorim (2004, p. 11) “toda pesquisa só tem um começo depois do fim”. A autora afirma que é impossível determinar o início e o fim de um “processo de reflexão” (Ibid., p. 11). No entanto, ela compreende que, ao ser concluída, é necessário ressignificar e buscar evidências das etapas anteriores e posteriores de uma pesquisa. Dessa forma, de acordo com Greimas e Fontanille (1993, p. 9), “uma teoria com objetivo científico [...] fica permanentemente alerta às próprias falhas e lacunas, a fim de preenchê-las, retificá-las”.

A linguística, como atualmente é conhecida, teve seu desenvolvimento a partir dos estudos de Ferdinand Saussure no início do século XX. Embora a contribuição do linguista suíço tenha sido revolucionária, não foi suficiente para pormenorizar todos os aspectos da linguagem humana. Como ciência, a linguística está em constante evolução, resultado das reflexões desenvolvidas em diversas frentes por pesquisadores sucessores de Saussure.

A Semiótica se configura dessa forma, como afirma Fiorin (2002). Para o autor, a semiótica de origem francesa não se constitui como uma “teoria pronta e acabada, mas um projeto, um percurso [...] a todo momento, está repensando-se, modificando-se, refazendo-se, corrigindo-se [...]” (Ibid., p. 131). A semiótica percorreu seu próprio caminho a partir de Greimas, ao longo de décadas, apoiando-se nos trabalhos de outros autores, inclusive de áreas do conhecimento como Filosofia e Psicologia. Embora tenha avançado e recuado em relação à teoria da significação, construiu uma teoria sólida baseada na ação, ainda que tenha pouco se desenvolvido no campo sensível. Foi a percepção que abriu caminho para que a semiótica evoluísse teoricamente nesse aspecto.

Nos estudos iniciais da semiótica, a percepção era pouco abordada, atenção que mudou anos mais tarde. Depois de desenvolvida de forma sólida no campo temático da afetividade, a teoria tem progredido gradualmente e gerado algumas vertentes promissoras para o estudo do sensível.

Nossa pesquisa empenha-se em um método teórico de estudo e análise, buscando constantemente uma apreensão estética, na concepção teórica de Greimas (2017), ou seja, nossa busca diz respeito ao gesto de ir ao encontro dos objetos de valor não só axiológicos, mas também como valências sensíveis que possam potencializar o conhecimento semiótico.

Partindo dessas reflexões, iniciamos este trabalho com indagações que surgiram a partir de um problema de pesquisa: poderíamos considerar a manipulação como um acontecimento? Enquanto a manipulação é uma noção fundamental da primeira fase da semiótica, o acontecimento emerge como um conceito-chave da semiótica tensiva que se desenvolve na interface entre o inteligível e o sensível, conforme proposta do semioticista francês Claude Zilberberg (2011a).

Deduz-se, então, que todo discurso possui uma dimensão tanto inteligível quanto sensível. Até mesmo o discurso científico. Ao retomar o conceito de manipulação, consolidado pela semiótica através da noção de *fazer fazer*, percebemos que ele se concentra nas relações entre sujeitos e objetos, deixando de contemplar os aspectos da afetividade. Nesse contexto, surge a indagação sobre como o “acontecimento” pode interferir na dinâmica da manipulação, bem como no papel do destinador-manipulador e no impacto sobre os destinatários envolvidos.

Para subsidiar metodologicamente tais investigações, esta pesquisa é fundamentada, em parte, na revisão bibliográfica que abrange a trajetória da semiótica, da ação até as vertentes contemporâneas da teoria de origem greimasiana. Especificamente, evidencia-se o enfoque nas correntes da semiótica tensiva e da semiótica da interação, que têm se destacado como abordagens fundamentais para compreender os processos de significação, particularmente no campo do sensível.

A semiótica da interação, também conhecida como sociosemiótica, é construída sobre os princípios da semiótica discursiva, e se constitui como uma teoria que busca analisar as interações entre sujeitos e estes com o mundo. Eric Landowski, autor dessa teoria, propõe um modelo de análise que engloba regimes de interações, de sentido e de risco. Nessa proposta, o autor incorpora as noções de “acidente” e “ajustamento”, em contraposição às noções de “programação” e “manipulação”, anteriormente já referenciadas na semiótica.

A semiótica tensiva, que se desenvolve subsequentemente à semiótica discursiva, propõe uma abordagem inovadora na constituição do sentido, especialmente no que diz respeito



ao impacto do *acontecimento* sobre o sujeito. Nessa abordagem teórica, Zilberberg (2011a) combina a semiótica greimasiana com os estudos de Ernst Cassirer, Paul Valéry e Gisèle Brelet. A partir dessas inspirações, Zilberberg constrói uma teoria que estabelece uma relação entre o inteligível (estados de coisas) e o sensível (estados de alma), articulando intensidade e extensidade.

Com base nesses fundamentos teóricos, buscaremos interpretar as interações que ocorreram durante a campanha eleitoral de 2018 entre o então candidato Jair Bolsonaro e os grupos de eleitoras que ficaram conhecidos pelas *hashtags* #EleNão e #EleSim. Esses actantes coletivos ficaram conhecidos por serem contrários ou favoráveis ao discurso do presidencial. Para este estudo, consideraremos além das denominações #EleNão e #EleSim as suas variações: #EleNunca, #EleJamais, #EleSempre, *Mulheres com Bolsonaro*, *Mulheres contra Bolsonaro*.

A partir dessas interações discursivas entre o candidato e o eleitorado feminino, esta pesquisa explorará as contribuições das perspectivas semióticas mencionadas, considerando sua aplicabilidade e relevância na compreensão do populismo, como fenômeno discursivo adotado por Bolsonaro para eleger-se presidente.

O *corpus* de análise se constitui de quatro reportagens *online* dos seguintes meios de comunicação: *Marie Claire*, *HuffPost Brasil* e *AzMin* (ANEXOS A, B, C e D). Essas reportagens, publicadas em 2018, apresentam as opiniões de mulheres que aprovam ou repudiam o discurso do candidato Jair Bolsonaro, bem como são favoráveis ou contrárias às visões do então presidencial sobre um eventual governo sob o comando dele. A escolha desses textos foi feita a partir de buscas *online* no *Google*, procurando identificar reportagens que expressassem as perspectivas dos diversos atores coletivos envolvidos.

Fiorin (2019a, p. 157), ao analisar a construção dos enunciatários pelos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, conclui que “cada um dos jornais constrói seu público, seu leitor, a partir de características discursivas”. Sobre a imagem do enunciatário, o autor afirma que ela:

[...] passa a ser um coenunciador, na medida em que ela determina a escolha das matérias que entrarão no jornal, a forma como os textos são redigidos, a disposição da página, etc. Por outro lado, o enunciatário adere ao discurso, porque nele se vê constituído como sujeito, identificando-se como um dado *éthos* do enunciador (Ibid.).

A partir dessa questão levantada por Fiorin (2019), fizemos um recorte dos textos encontrados, buscando selecionar reportagens que tivessem como destinatários as mulheres. Dito isso, descreveremos algumas particularidades das mídias escolhidas para esta pesquisa,

sem adentrar na análise semiótica dos textos selecionados, apenas com o objetivo de situar o leitor sobre seus principais aspectos e público-alvo.

O primeiro veículo de comunicação é a revista *Marie Claire*. De origem francesa, foi criada em 1937 e relançada em 1954. Segundo seus editores, *Marie Claire* se autointitula como uma revista à frente de seu tempo, que oferece “não somente o mais atual da moda e beleza, mas também entrega jornalismo sério e provocativo” (MARIE CLAIRE, 2019<sup>1</sup>).

A revista tem mercado em várias partes do mundo. No Brasil, é parte de um conjunto de empresas do Grupo Globo, maior conglomerado de veículos de comunicação brasileiro (ROSA, 2019). *Marie Claire* é direcionada para o público feminino e o seu editorial aborda assuntos relacionados à moda, beleza, feminismo, cultura, comportamento, *lifestyle* e outros assuntos direcionados às mulheres.

O enunciador apreensível como efeito de identidade da revista *Marie Claire* oferece experiências ao seu enunciatório que vão das mais corriqueiras, como receitas e tendências dos salões de beleza e das araras das lojas de moda, passando por assuntos relacionados às celebridades e comportamentos das mulheres, como relatos de relacionamentos afetivos e cuidados nas relações sexuais, a temas mais complexos como o feminismo, direitos das mulheres, racismo e relações abusivas. Assim, a revista, ao tratar uma variedade de discursos, está disposta a atender um auditório diversificado de mulheres, que trata de assuntos cotidianos aos mais sérios. Dentre as revistas selecionadas, a *Marie Claire* é a única que surgiu na era da mídia impressa e alcançou os meios digitais.

*AzMina* é uma revista digital feminina criada em 2005, cujo objetivo é produzir “jornalismo, tecnologia e informação contra o machismo” (AZIMNA, 2020). Além de reportagens, o meio de comunicação criou um *app* (aplicativo) de enfrentamento à violência doméstica, o PenhaS, e promove campanhas, palestras, eventos e consultorias para mulheres (Ibid.).

O periódico se dedica a publicar conteúdos direcionados a uma diversidade de mulheres: negras, trans, portadores de deficiência, mães, atletas, entre tantos outros papéis sociais que elas ocupam. Além da violência contra a mulher, que é o assunto de maior visibilidade de *AzMina*, a revista aborda temas como saúde, aborto, sexo, meio ambiente, dinheiro, beleza, esporte, política e cultura, mas diferente da revista *Marie Claire*, propõe um jornalismo sobre situações não tão comuns na vida da maioria das mulheres. Estão em suas pautas reflexões sobre as

---

<sup>1</sup> São de nossa responsabilidade todas as traduções desta tese, as quais terão o trecho original reproduzido em nota de rodapé. Texto original: “not only the latest in fashion and beauty but also delivering serious and provocative journalism”.

dificuldades financeiras da mãe solo, das moradoras de rua, das presidiárias, do ingresso de pessoas trans no mercado de trabalho, da inclusão de pessoas nos circuitos de moda e beleza, independente do padrão estético imposto pela sociedade (pessoas acima do peso, crespas, moda para pessoas de baixa renda e cadeirantes).

Por último, *Huffington Post* é um *site* de notícias americano fundado em 2005 por duas mulheres. Também chamado de *HuffPo*, iniciou sua trajetória jornalística como um blogue que aceitava contribuições de celebridades e amigos poderosos das idealizadoras, mas logo passou a aceitar publicações de escritores (blogueiros) interessados na potencial exposição que o site proporcionava. Ao coletar manchetes de várias fontes, foi transformado em um agregador de notícias (SARNO, 2011).

O blogue que se tornou em um *site* de notícias possuía uma filial no Brasil, mas desde 24 de novembro de 2020, deixou de exercer atividades no país e todo o seu conteúdo foi excluído da rede. O *HuffPost* prossegue atuando nos Estados Unidos e em outros países. Enquanto mantinha sua página no Brasil, uma de suas missões era “incluir uma diversidade de vozes que nem sempre fazem parte da conversa<sup>2</sup>” (HUFFPOST, 2019). Na versão brasileira do *site* havia uma seção exclusiva dedicada às mulheres, na qual eram publicados “notícias, conteúdos e opinião sobre mulheres no Brasil e no mundo. Maternidade, Feminismo, Comportamento, Violências e Aborto. Todos os debates atuais sobre mulheres” (HUFFPOST BRASIL, 2019).

Além das vozes femininas extraídas das reportagens, constatou-se a necessidade, no decorrer da pesquisa, de incorporar as declarações de Bolsonaro que causaram repercussão durante o período eleitoral referido. Isso se deve ao fato de que a construção do discurso tem como elemento central o dialogismo constitutivo da linguagem, conceito introduzido por Bakhtin (2014). Segundo esse pensador russo, o dialogismo surge a partir da interação verbal entre indivíduos no contexto das relações sociais.

Para selecionar as falas de Bolsonaro, optamos por fazer um recorte com base nos temas mais frequentes nas reportagens selecionadas para análise. Dessa forma, as mulheres apresentaram-se, ao longo das análises, como as responsáveis por direcionar os assuntos que mais as preocupavam como sujeito feminino.

Após identificar os temas relevantes, retomamos as pesquisas no *Google* para obter declarações de Bolsonaro que circularam durante as referidas eleições. Isso engloba discursos

---

<sup>2</sup> Texto original: “Include a diversity of voices that are not always part of the conversation”.

proferidos durante a campanha eleitoral, além de falas amplamente divulgadas pela mídia ou por seus opositores ao longo de sua carreira política.

Para assegurar a confiabilidade das informações, buscamos recuperar os discursos de Bolsonaro em suas fontes originais, utilizando canais oficiais no *YouTube*, *sites* dos veículos de comunicação e publicações documentais. Quando o acesso direto a esses discursos não foi possível, recorreremos a verificações em fontes jornalísticas a fim de evitar o uso de conteúdo adulterado ou editado.

No âmbito da análise das interações entre os actantes da manipulação nas dimensões sensível e inteligível, procuraremos identificar os graus de tonicidade das relações interdiscursivas e os possíveis ajustamentos entre o ator enunciativo Bolsonaro e o actante coletivo bipartido entre *#EleNão* e *#EleSim*.

Paralelamente aos conceitos das vertentes semióticas já mencionadas, as noções de corpo e estilo propostas por Norma Discini (2015b) serão utilizadas para interpretar cada um dos atores discursivos que compõem o nosso *corpus*.

Em diálogo com a retórica e a semiótica, a autora examina o conceito de *ethos* e observa que há uma maneira única de o sujeito se apresentar ao outro com sua própria voz. No interior dos enunciados, o sujeito manifesta sua presença no mundo por meio de um estilo, que é percebido através de sua postura recorrente em relação a um determinado assunto.

Segundo a semioticista, ao adotarmos uma abordagem estilística do discurso, buscamos compreender como o sujeito é aspectualizado nos discursos enunciados. Isso implica examinar como essa configuração do ator da enunciação o torna um corpo situado no mundo e, ao mesmo tempo, afetado por ele. Nesse contexto, a autora ressalta a possibilidade de nos depararmos com os mecanismos discursivos que fundamentam o estilo.

Em sua teoria sobre o estilo, a autora afirma que o sujeito se manifesta no texto como um corpo que pode ser decomposto em sua estrutura organizacional através das “marcas da enunciação enunciada ao longo de uma totalidade” (DISCINI, 2015b, p. 16). Essas marcas, segundo a semioticista, percorrem as profundidades figurais do percurso gerativo do sentido, englobando seus componentes sintáticos e semânticos, e culminam no nível tensivo.

A autora afirma que, a partir desse método teórico, é possível analisar o estilo de fazer editorial do jornal *Folha de S. Paulo* ao observar as marcas de enunciação presentes em um único exemplar ou em um conjunto de textos. Essa mesma análise pode ser aplicada para examinar a construção do estilo de um determinado cronista, conforme constatou em seu estudo.

A voz enunciativa do sujeito é, de acordo com a semiótica, o que nos permite identificar os pontos de vista do autor. Ao se expressar, o enunciador, inevitavelmente, revelará a sua posição em relação a algo em contraste com o outro.

Com noção análoga à desenvolvida por Discini (2015b), Fiorin (2019a) define o estilo como um conjunto de características que conferem singularidade a algo: engloba traços recorrentes tanto no conteúdo quanto na expressão e representa uma diferenciação entre autores, épocas, pintores e assim por diante. Além disso, segundo o semiótico, o estilo se manifesta nas formas discursivas e textuais, e desempenha um papel na criação de uma identidade, por meio de um efeito de sentido, configurando a imagem do enunciador, ou seja, seu *ethos* discursivo.

O autor ainda exemplifica os traços recorrentes como “características do plano do conteúdo”, a exemplo da repetição de temas em determinados enunciados, como ocorre em algumas escolas literárias: a “efemeridade da vida e da inexorabilidade da morte” na poesia barroca, “objetos decorativos” no parnasianismo, “figuras da vida pastoril” na poesia árcade, entre outros exemplos (Ibid., p. 97).

Para organizar a apresentação dessas análises, esta tese é composta por quatro capítulos: um de revisão da literatura teórica compatível com os estudos do texto e do discurso, dois dedicados à análise do *corpus*, e um destinado à retomada dos conceitos teóricos e reflexões sobre os resultados obtidos.

No **primeiro capítulo**, intitulado “Percurso semiótico: do inteligível ao sensível”, revisitamos a trajetória do desenvolvimento da semiótica desde suas bases estruturalistas até os avanços mais recentes que abordam a afetividade do discurso e enfatizam a percepção do sujeito em contato linguageiro com o mundo. Dessa forma, destacamos as principais influências dos autores consultados e reconstruímos a evolução do conhecimento científico em relação aos estudos originados na abordagem semiótica proposta pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, na década de 60, sob a coordenação de Greimas, e estudos posteriores, como a semiótica da interação e a semiótica tensiva.

No **segundo capítulo**, intitulado “Estética e estesia do populismo bolsonarista”, revisamos os conceitos de populismo com base em estudos no campo da semiótica.

Selecionados os discursos do ator da enunciação, Bolsonaro, examinamos sua voz, que se confirmou fortemente autoritária ao longo das análises. Esse ator recorrentemente defende a tortura, o regime militar e a ditadura, e possui uma abordagem beligerante e violenta para lidar com os problemas de segurança pública. Eis o estilo que compõe o corpo e o caráter, o *ethos*,

enfim, de Bolsonaro ao longo da campanha para presidente. Observamos, ainda, que sua voz se torna mais intensa quando direcionada aos seus oponentes.

Através do ator discursivo Bolsonaro, identificamos a legitimação forte do discurso populista, por meio das oportunidades de crises fiduciárias que tal discurso abre, e por meio do efeito de fragilidade do povo, depreensível como simulacro criado pelo próprio candidato. Nesse discurso, há, como base dos temas e das figuras empregados, o valor eufórico dado a uma constante disputa entre o bem e o mal, que é conduzida por paixões malevolentes.

Um ponto importante dessa análise é o exame da formação semiótica dos discursos de ódio e intolerância, como a xenofobia, a misoginia, o machismo, o racismo e a homofobia. Esses elementos desempenham um papel significativo na construção desse discurso populista e do *ethos* de Bolsonaro.

No **terceiro capítulo**, denominado “A cisão patêmica do eleitorado feminino no gênero reportagem”, direcionamos a atenção para os mecanismos de construção estética das vozes femininas que convergem ou divergem em relação ao discurso de Jair Bolsonaro.

Nesse capítulo, também analisamos como o enunciador das reportagens selecionadas constrói um discurso que produz efeitos de sentido em relação às opiniões dos dois sujeitos coletivos formados por eleitoras favoráveis e contrárias a respeito do discurso de Bolsonaro, isto é, *#EleNão* e *#EleSim*. Observamos que a produção de significado ocorre por meio dos textos compostos de segmentos verbais e visuais, abrangendo tanto os aspectos do plano da expressão quanto do plano do conteúdo, através de estratégias de manipulação que oscilam entre a inteligibilidade e a sensibilidade.

No **quarto capítulo**, intitulado “Manipulação, intersubjetividade e subjetividade”, procuramos conceituar o sujeito afetivo, tal qual posto semioticamente no mundo, o que implica estar exposto a interações sociais. Segundo a perspectiva da semiótica da interação, o sujeito não se limita apenas à competência modal (querer, dever, saber, poder) como aquela relacionada à manipulação. Em vez disso, ele possui a capacidade de sentir o outro por meio do ajustamento, de sua competência estética.

Com relação à semiótica tensiva, o sujeito se posiciona no mundo por meio de quantificações subjetivas entre a intensidade e a extensidade. Isso nos leva a considerar que a afetividade do sujeito é medida pela tonicidade (tônica ou átona), podendo combinar *mais* e *menos* experiências sensíveis na construção do seu ser. Dessa forma, ao retomar aspectos da análise semiótica do actante coletivo, eles nos apontam que há diferentes níveis de subjetividade (de presença do sujeito no mundo) nas relações intersubjetivas do eleitorado feminino, que apontam para sujeitos com “estados de alma plenos” ou com “estados de alma vazios”. Esses

resultados corroboram com a nossa hipótese de que o destinatário de uma manipulação pode perder ou ganhar densidade existencial a depender das relações estéticas envolvidas em uma determinada comunicação, a exemplo do discurso populista.

## 2 PERCURSOS SEMIÓTICOS: DO INTELIGÍVEL AO SENSÍVEL

### 2.1 Notas iniciais

A semiótica discursiva teve início com a publicação do livro *Semântica estrutural*, por Greimas, no ano de 1966. Ao longo dos anos, a semiótica evoluiu agregando diversas áreas do conhecimento, até se tornar um marco nos estudos da linguagem.

Em sua primeira fase teórica, dedicada aos estudos do fazer, a semiótica concentrou-se em compreender a significação da linguagem a partir de elementos da dimensão do inteligível. Mais tarde, Greimas conduziu as primeiras pesquisas que também possibilitaram o estudo da dimensão sensível do texto e de suas subjetividades.

A concepção do conceito de semiótica consolidou-se como a homogeneização de “algumas das mais notáveis aquisições contemporâneas”, segundo Zilberberg (2006b, p. 92). O semioticista afirma que é a partir da herança de importantes núcleos teóricos de Genebra, Praga, Dinamarca, Rússia, França e Alemanha que a semiótica obteve conquistas que a conduziram por territórios bastante sensíveis.

Dessas influências europeias, destacam-se estudos da linguística estruturalista realizados por Saussure (2012) e Hjelmslev (2003)<sup>3</sup>, bem como as contribuições de Propp (1984) sobre a narrativa de contos populares.

De acordo com Denis Bertrand (2020), a semiótica pós-estruturalista pode ser comparada a uma mão com cinco dedos, representando diferentes abordagens dentro de uma mesma semiose. Segundo o autor, as teorias contemporâneas em desenvolvimento são as seguintes: a) semiótica das práticas, de Jacques Fontanille; b) semiótica tensiva, de Claude Zilberberg; c) semiótica das instâncias, de Jean-Claude Coquet; d) semiótica das interações, de Eric Landowski; e e) semiótica da estesia, de Jean-François Bordron. Em nossa pesquisa, abordaremos, conforme já mencionado, duas dessas perspectivas teóricas, aquela concebida por Zilberberg (2011a) e a idealizada por Landowski (2014a).

A semiótica da interação, também conhecida como sociosemiótica, de acordo com Landowski (2014b p. 10-11), “toma especificamente por objeto o social” e tem por objetivo “construir a teoria geral desse objeto”. Por sua vez, a semiótica tensiva, que é considerada “concorrente (e cúmplice)” da sociosemiótica, também é vista “como uma das formas da semiótica geral”, contudo, ela se destaca por desenvolver a teoria do sentido por meio da

---

<sup>3</sup> Nesta tese privilegiamos os estudos de Saussure (2012) e Hjelmslev (2003) como ponto de partida da teoria linguística.



interação (Ibid., p. 11). Segundo o autor, tanto a sociosemiótica quanto a semiótica tensiva se conjugam, tendo “a noção de *interação* que lhes serve de articulação” (LANDOWSKI, p. 11, grifo do autor).

## 2.2 Ação

Durante a fase inicial da semiótica, Greimas e seus colaboradores concentraram suas pesquisas para desenvolver um esquema narrativo canônico. Nele, actantes disputam entre si a conquista de um objeto de valor. Esse esquema é composto por quatro programas narrativos (PNs): a *manipulação*, a *competência*, a *performance* e a *sanção*.

A *manipulação* é a situação em que um destinador-manipulador manipula um destinatário para que ele queira e deva executar uma determinada ação. A *competência* é a etapa em que o destinatário manipulado é modalizado segundo um *saber-fazer* e/ou um *poder-fazer* a ação previamente instalada no percurso narrativo. A *performance*, terceira etapa do percurso narrativo, é a fase de realização da ação pelo destinatário que havia sido manipulado. Por fim, a *sanção* é quando o destinatário recebe uma recompensa ou um castigo por ter realizado ou não a ação proposta pelo destinador. Nesse ponto, o destinador se transforma em sancionador.

Nesse primeiro momento, a teoria ficou conhecida por uma semiótica da ação, porque ela direcionou os estudos no *fazer*, deixando de lado questões relacionadas ao *ser* no discurso. No entanto, Barros (2005, p. 40) explica que o estudo da narrativa deixou pouco a pouco de ficar restrito à ação, e a semiótica passou a examinar a manipulação, a sanção e a “determinação da competência do sujeito e de sua existência passional”.

Paralelamente, o percurso gerativo de sentido surge como uma proposta que se preocupa com o sentido produzido no plano do conteúdo<sup>4</sup>. Essa estrutura gerativa é composta por três níveis: *fundamental*, *narrativo* e *discursivo*, os quais se articulam “uns com os outros de acordo com um ‘percurso’ e vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 232). Nesse percurso, cada nível possui um componente semântico e um componente sintático, os quais permitem a análise da produção de sentido no texto.

No *nível fundamental*, encontram-se as oposições semânticas que mantêm uma relação de contrariedade entre os termos complexos, como natureza e cultura, identidade e alteridade,

---

<sup>4</sup> Ao observar a dicotomia entre *significado* e *significante* apresentada por Saussure em seu *Curso de Linguística Geral*, Hjelmslev (2003) aponta duas grandezas do texto: *conteúdo* e *expressão*, o primeiro refere-se ao seu significado e o outro a sua forma de manifestação.

vida e morte. Essas oposições recebem um valor positivo (eufórico) ou negativo (disfórico) de acordo com o que se depreende do texto. Dessa forma, na sintaxe fundamental desse nível, identificamos os tipos de operações sintáticas realizadas no interior do texto: negação ou asserção.

No *nível narrativo*, podem ocorrer dois tipos de enunciados: de estado e de fazer. O enunciado de estado refere-se à relação de junção (conjunção ou disjunção) entre um sujeito e um objeto. O enunciado de fazer, por sua vez, diz respeito às transformações de um estado a outro. Ambos os enunciados são organizados em um programa narrativo (PN).

Na sintaxe narrativa, Barros (2005, p. 40; 44), a partir dos postulados greimasianos, propõe a existência de uma “sucessão de estados e de transformações” e uma “sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos”, enquanto na semântica narrativa, “os elementos semânticos são selecionados e relacionados com os sujeitos”.

No último nível do percurso gerativo, o *discursivo* (o mais simples e concreto), os aspectos semânticos do texto são retratados por temas e figuras, enquanto as categorias da pessoa, do tempo e do espaço contribuem para o estudo da discursivização e de sua sintaxe.

### 2.3 Manipulação

Considerando que a manipulação é o principal conceito que embasa as proposições desta tese e que ela estabelece o elo entre o inteligível e o sensível, conforme nossa proposta de estudo, aprofundaremos nesta seção as reflexões conceituais sobre essa noção semiótica.

Tatit (2014), com base nos princípios greimasianos, elucida que a manipulação consiste em uma remodelização entre o destinador e o destinatário-sujeito, em que o primeiro busca fazer o segundo realizar uma determinada ação.

Assim, é por meio de estratégias de persuasão que o destinador-manipulador busca levar o destinatário-manipulado a entrar em conjunção ou disjunção com um determinado objeto de valor (Ov). Para alcançar o sucesso, Barros (2005) explica que o destinador-manipulador procura partilhar com o destinatário-alvo da manipulação os seguintes valores modais: querer-fazer e dever-fazer. O saber-fazer e o poder-fazer virão na etapa da construção da competência pelo próprio sujeito.

Conceito da semiótica discursiva, a manipulação pode ser classificada em quatro tipos: tentação, intimidação, provocação e sedução. Cada um é categorizado em dois critérios, o saber e o poder, como organizado por Barros (2005) no Quadro 1:

**Quadro 1** - Competências do destinador-manipulador e do destinatário

	<b>competência do destinador-manipulador</b>	<b>alteração na competência do destinatário</b>
PROVOCAÇÃO	SABER (imagem negativa do destinatário)	DEVER-FAZER
SEDUÇÃO	SABER (imagem positiva do destinatário)	QUERER-FAZER
INTIMIDAÇÃO	PODER (valores negativos)	DEVER-FAZER
TENTAÇÃO	PODER (valores positivos)	QUERER-FAZER

Fonte: Barros (2005, p. 35)

Segundo esse quadro, o destinador-manipulador utiliza-se de um saber que possui de seu destinatário (uma imagem negativa) para manipulá-lo através da provocação, tal como neste exemplo dado por Greimas e Courtés (2016, p. 301): “Tu és incapaz de...” ou ainda conforme o exemplo apresentado por Barros (2005, p. 31): “Duvido que você seja capaz de comer todo o espinafre!”. No caso da sedução, o destinador-manipulador utiliza uma imagem positiva para seduzir seu destinatário a querer-fazer algo: “Você é um menino tão bonito e que gosta tanto da mamãe, você vai comer tudo, não é?” (Ibid., p. 31).

Além disso, há a possibilidade de o destinador manipular seu destinatário pelo uso do poder, através da intimidação e da tentação. No caso da manipulação por intimidação, é o emprego de valores negativos que levam o destinatário a dever-fazer algo: “Coma tudo, senão você apanha!” (Barros, 2005, p. 31). Enquanto na tentação, os valores positivos serão os aliados do destinador: “Se você comer tudo, a mamãe leva você para ver o filme da Mônica” (Ibid, p. 31).

Embora o destinador-manipulador dote o destinatário-manipulado de competências do *fazer*, a manipulação será bem-sucedida somente quando o sistema de valores no qual se baseia for compartilhado tanto pelo manipulador quanto pelo manipulado, havendo uma compatibilidade entre eles (BARROS, 2005).

Para situar os preceitos da manipulação na teoria semiótica, Tatit (2019) explica que a sintaxe discursiva desenvolvida por Greimas, a partir de sua obra *Semântica Estrutural*, propôs o estudo de duas ordens sintagmáticas: a primeira relacionada à semiótica da ação e a segunda à semiótica da comunicação, sendo esta última posteriormente dividida em outras: a semiótica da manipulação (*fazer fazer*) e a da persuasão (*fazer crer*).

Segundo o autor, no caso da semiótica da manipulação “podemos falar de compromisso entre destinador e destinatário”, enquanto na semiótica da persuasão haverá uma “disputa entre

dois sujeitos da comunicação que pode gerar, nesse ato, um programa narrativo em confronto com seu antiprograma” (TATIT, 2019, p. 27).

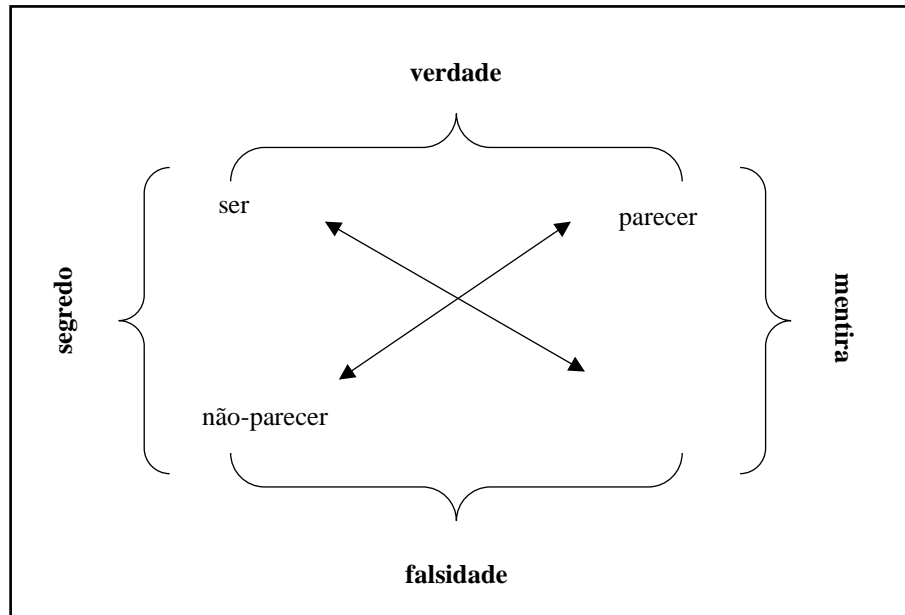
Conforme descrito por Hébert (2018), a manipulação é caracterizada por uma estrutura polêmica que opõe um destinador-manipulador e um antidefinidor-manipulador, os quais se dirigem a um único destinatário ou a um destinatário e a um antidefinidor.

Para alcançar o sucesso mediante a manipulação efetuada, um destinador propõe um contrato no qual, segundo Greimas e Courtés (2016, p. 533), estabelece-se o “jogo da verdade”. Nesse jogo da verdade, entre a manifestação e a imanência, ou seja, entre o parecer/não parecer e o ser/não ser, originam-se as modalidades veridictórias: verdade, mentira, segredo e falsidade. Isso quer dizer que o discurso produz modalidades epistêmicas capazes de conferir um determinado grau de veridicção, conforme apontam Greimas e Courtés (2016, p. 172):

As modalidades epistêmicas dizem respeito à competência do enunciatário (ou, no caso do discurso narrativo, do Destinador final) que, em seguida ao seu fazer interpretativo, “toma a cargo”, assume (ou sanciona) as posições cognitivas formuladas pelo enunciador (ou submetidas pelo Sujeito). Na medida em que no interior do contrato enunciativo (implícito ou explícito) o enunciador exerce um fazer persuasivo (isto é, um fazer-creer), o enunciatário, por sua vez, finaliza o seu fazer interpretativo um juízo epistêmico (isto é, por um creer) que ele emite sobre os enunciados de estado que lhe são submetidos. É preciso, entretanto, levar em conta o fato de que o enunciado que ele recebe, quaisquer que sejam as suas modalizações anteriores, se lhe apresenta como uma manifestação (um *parecer* ou um *não parecer*) a partir da qual ele deve estatuir sobre a sua imanência (seu ser ou seu não ser): assim, o juízo epistêmico é uma assunção do numeral a partir do fenomenal interpretado.

Nas palavras de Baldan (1988), é necessário estabelecer um entendimento prévio, implícito ou explícito, entre o enunciador e o enunciatário para que esses dois polos do discurso possam compartilhar os mesmos “efeitos de verdade”. Esse entendimento, conforme afirma a autora, se configura como um “contrato veridictório”, que representa o pressuposto epistêmico fundamental de todo ato enunciativo. O contrato de veridicção é incorporado no enunciado e reinterpretado pelo enunciatário, responsável por sancioná-lo, ou seja, modalizar o parecer/não-parecer da manifestação, e sobredeterminar o ser/não-ser da imanência.

Esse contrato (veridictório) é representado por Greimas e Courtés (2016, p. 532) por meio de um quadrado semiótico:

**Figura 1** - Quadrado semiótico da veridicção

Fonte: Greimas e Courtés (2016, p. 532).

De acordo com Greimas (2014), o discurso representa um espaço vulnerável no qual as modalidades veridictórias - a verdade, a falsidade, a mentira e o segredo - são interpretadas e identificadas, e a veracidade delas é determinada de acordo com a interação entre enunciador e enunciatário, o que advém do contrato de veridicção.

Para Fontanille e Zilberberg (2001, p. 269), o contrato veridictório “permite estabilizar a interação fiduciária, notadamente introduzindo um coeficiente veridictório nos simulacros de cada parceiro”, ou seja, do enunciador e do enunciatário. Logo, o discurso produz um contrato fiduciário entre os sujeitos participantes da comunicação.

Se o contrato de veridicção é o que cria um “efeito de verdade”, ou seja, o que é expresso para parecer verdadeiro, a fidúcia é, de acordo com Greimas (2014), a confiança recíproca que se estabelece na relação entre os participantes de uma comunicação a partir de uma troca equilibrada de valores.

Avançamos com o estudo realizado por Filinich (2005) sobre as figuras da manipulação. A autora afirma que o contrato fiduciário entre destinador e destinatário é estabelecido com base nos graus de confiança e desconfiança dessa relação, que vão além da esfera cognitiva.

Assim, a manipulação não se manifesta apenas nas modalidades apontadas pela semiótica narrativa, ou seja, na dimensão cognitiva, “mas também na dimensão patêmica ou afetiva dos discursos (âmbito das modulações, isto é, das variações contínuas graduais, dos estados do sujeito)” (Ibid., p. 71).

Ao refletir sobre a manipulação sob a perspectiva da semiótica contemporânea, que aborda as paixões e as tensões, a autora afirma que não é mais apenas o fazer do sujeito que o afeta, mas sim o seu ser (FILINICH, 2005). A partir dessa compreensão, surgem expectativas para entender em que medida as relações entre sujeitos na fase da manipulação produzem efeitos patêmicos e tensivos.

De acordo com Fiorin (1999), a semiótica narrativa abrange a dimensão cognitiva por meio dos percursos da manipulação e da sanção. O autor afirma que a semiótica revela que a organização da intersubjetividade é articulada por meio de estruturas polêmicas e contratuais. Em relação à dimensão patêmica, a análise, conforme infere esse estudo, se concentra em compreender a retomada do contínuo no discurso por meio dos procedimentos de convocação enunciativa. Abordaremos mais adiante esse aspecto.

## 2.4 Percepção

Os estudos da fenomenologia influenciaram Greimas no desenvolvimento da semiótica. Conforme observou Zilberberg (2006b, p. 112), a fenomenologia adotada por Greimas tem origem no pensamento do filósofo e matemático alemão Edmund Husserl, mas é, a partir da corrente teórica desenvolvida pelo filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, que Greimas estabelece comparações com a semiótica, “em termos de convergências e complementaridade”.

A teoria desenvolvida por Merleau-Ponty (1999) tem como fundamento uma fenomenologia da percepção. Nela, o autor concebe que o sentido está na percepção que o sujeito tem do mundo e de si mesmo. O filósofo afirma que “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (Ibid., p. 14). Greimas e Fontanille (1993, p. 13) embasam-se nesse pensamento e o expõem em *Semiótica das paixões*:

Observou-se que os traços, as figuras, os objetos do mundo natural, de que constituem por assim dizer o “significante”, acham-se transformados pelo efeito da percepção, em traços, figuras e objetos do “significado” da língua, substituindo-se ao primeiro um novo significante, de natureza fonética. É pela mediação do corpo que percebe que o mundo transforma-se em sentido – em língua – que as figuras exteroceptivas interiorizam-se e que a figuratividade pode então ser concebida como modo de pensamento do sujeito.

Nessa citação, é evidente a forte influência da obra de Merleau-Ponty (1999) na abordagem dos autores. Na fenomenologia da percepção, assim como em *Semiótica das paixões*, Greimas e Fontanille (1993) destacam que o contato do sujeito com o mundo é

mediado pelo corpo. Trata-se de um corpo tecido na linguagem. Merleau-Ponty (1999, p. 122) explica que o “corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”.

Contudo, é em *Semântica Estrutural* (1976 [1966]) que Greimas apresenta os primeiros indícios do elemento sensível na composição do sentido das coisas e do sujeito, com alguma alusão à fenomenologia da percepção. Ao realizar um estudo epistemológico sobre a situação da semântica vinculada à linguística estrutural, o semioticista busca na teoria da percepção, desenvolvida por Merleau-Ponty uma possível resposta sobre a significação:

É com conhecimento de causa que propomos considerar a percepção como o lugar não lingüístico onde se situa a apreensão da significação. Assim procedendo, ganhamos a vantagem e o inconveniente de não poder estabelecer, no seu estatuto particular, uma classe autônoma de significações lingüísticas, suspendendo dessarte a distinção entre a semântica lingüística e a semiologia saussuriana. Embora reconhecendo nossas preferências subjetivas pela teoria da percepção tal como foi anteriormente desenvolvida na França por Merleau-Ponty, observamos, entretanto, que esta atitude epistemológica parece ser também aquela das ciências humanas do século XX em geral: assistimos assim, para citar apenas o que é particularmente evidente, à substituição da psicologia da forma e do comportamento pela psicologia das “faculdades” e da introspecção. Vemos também que a explicação dos fatos estéticos se situa atualmente sobretudo no nível da percepção da obra, e não mais no da exploração do gênio ou da imaginação. Tal atitude, conseqüentemente, ainda que provisória, parece vantajosa na época histórica atual: é difícil imaginar outros critérios de pertinência aceitáveis por todos (Greimas, 1976, p. 15-16).

Fabrizi (2017) explica que Greimas retoma a síntese filosófica de Merleau-Ponty sobre a percepção e a amplia no sentido de questionar especulativamente o sensível. A semiótica de Greimas, em oposição ao intelectualismo e sua forma contemporânea, o cognitivismo, reformula os sentidos dentro de seus próprios campos e traduções, como cores e sons, tato e palavra, antes de serem submetidos à representação conceitual.

Conforme observou Klinkenberg (2017), Greimas fundamentou conceitos a partir dos quais possibilitariam desenvolver os estudos de uma semiótica do mundo natural, primeiro em *Semântica Estrutural* e, depois, em *Sobre o Sentido*, respectivamente, publicados pela primeira vez em 1966 e 1970:

Uma nova via se abre aqui. Talvez ela tenha se aberto para Greimas devido a suas leituras em fenomenologia. Se é o caso, trata-se então de outros capítulos de fenomenologia que aqueles citados por ele explicitamente e que insistem na consubstancialidade do pensamento e da linguagem. O interesse, nesse caso, é por um corpo como condição permanente da experiência e da percepção como ato constitutivo, temas bem presentes em Merleau-Ponty, que havia deixado rastros neste sentido. (KLINKENBERG, 2017, p.61).

Landowski (2006) afirma que Greimas, em *Semântica Estrutural*, definiu a semântica como aquela que busca descrever as qualidades sensíveis do mundo. O autor afirma que Greimas cita Merleau-Ponty para explicar que a distinção entre os níveis semântico e semiológico é baseada em um “reconhecimento” apenas teórico, uma vez que as “qualidades sensíveis” que compõem o segundo nível não são objeto de estudo específico em *Semântica Estrutural* ou em obras posteriores. No entanto, a pesquisa sobre esse assunto só começou a ser explorada na década de 1980 (LANDOWSKI, 2006, p. 219-220). O autor se refere à publicação da obra *Da Imperfeição*, de Greimas, que foi publicada naquela década e promoveu grandes avanços sobre o sensível.

## 2.5 Imperfeição

*Da Imperfeição* surge como uma obra inovadora para os estudos semióticos. Nas palavras de Tatit (1999, p. 196), o texto “difere de tudo o que o autor (e seus continuadores) já havia produzido até então”. De maneira semelhante, Landowski (2005b, p. 94, itálico do autor) explica a importância da obra para a semiótica: “Greimas abriu uma via para uma série de investigações complementares, que abordam uma outra forma de encontro entre o homem e o mundo, o encontro *estético*.” De acordo com o autor, “o caminho proposto em *Da Imperfeição* passa pela mediação do sensível, portanto, do estético ou, mais fundamentalmente, da estesia” (Ibid., p. 94).

Greimas avança nos estudos semióticos sobre o sensível em duas partes da obra *Da imperfeição*. Na primeira parte do livro, o autor apresenta como novidade o conceito de fratura, que ele define como “uma apreensão estética excepcional” (GREIMAS, 2017, p. 31). Segundo o autor, a fratura representa uma relação não natural entre um sujeito e um objeto de valor, na qual ocorre uma parada do tempo. Esse movimento brusco concede lugar ao silêncio, que antes era ocupado pelo tempo cotidiano, como explica o semioticista. Ele esclarece que esse silêncio “corresponde uma parada repentina de todo movimento no espaço, uma imobilização do objeto-mundo, do mundo das coisas que até então não cessavam de ‘inclinarem-se... no sentido de seu uso – e de sua usura...’” (Ibid., p. 31).

A estrutura que determina a presença da fratura é pontuada pela imprevisibilidade, que ocasiona uma “descontinuidade no discurso” e uma “ruptura na vida representada” (Ibid., p. 32). Dessa forma, esse evento estético não se resume apenas a uma troca de isotopia textual, mas sim a “uma verdadeira fratura entre a dimensão da cotidianidade e o ‘momento da inocência’” (Ibid., p. 32).



Ao examinar o conceito de fratura e analisar diferentes textos clássicos que descrevem experiências estéticas, Greimas (2017) dedica-se a compreender a noção de estesia, que permite a abertura da semiótica para a apreensão sensível do sentido.

Essa apreensão sensível será explicada por Greimas a partir da experiência vivida por Robinson, personagem de Michel Tournier<sup>5</sup>, que teve sua rotina interrompida ao perceber que o ritmo e o ruído provocados pela constante queda de gotas de água foram cessados “pela inesperada suspensão do tempo”, dando lugar ao silêncio (Ibid., p.29). Landowski (2005b, p. 95) explica esse tipo de experiência como algo acidental e inimaginável:

Vemos aí a experiência sensível do encontro entre o sujeito e objeto tomar a forma de uma súbita irrupção do sentido e do valor – aparição inexplicada e inexplicável, acidental, sob um fundo de cotidianidade marcada pela monotonia e vivida na indiferença, senão mesmo no tédio.

Tatit (1999, p. 199-200) recapitula dois momentos da experiência de Robinson e descreve-os como eles são vivenciados pelo sujeito:

A suspensão da gota seguinte também é relatada em dimensão visual. Nesse caso, a “gota”, o objeto do mundo, é subjetivada dando origem a duas narrativas aspectualizadas no espaço: i) ela surge (incoativamente), alonga-se, arredonda-se, adquire forma de pera, cristaliza-se momentaneamente e, ii), retrai-se, tornando o percurso inverso. Esta última imagem insinua a própria inversão do tempo. Tal ativação do objeto, peculiar à experiência estética, confere um estatuto particular à relação sujeito/objeto nesse texto. Robinson vê-se atingido por uma ofuscação procedente do mundo exterior e inclina-se perturbado. sua visão é transformada e preparada para a experiência estética.

A interrupção do movimento habitual da gota, que Greimas (2017) descreve a partir do que Robinson experimenta, é a descontinuidade da vida cotidiana. O autor observa nessa análise que a estesia é constituída 1) por uma fratura na cotidianidade; 2) pela “oscilação do sujeito”; 3) pelo “estatuto particular do objeto”; 4) pela “relação sensorial” entre sujeito e objeto; 5) pela unicidade da experiência; e 6) pela “esperança de uma conjunção total” futura (Ibid. p. 36-37).

A estesia é destacada pelo autor – a partir do texto de Tournier e de outras quatro obras que ele selecionou para análise – como uma relação estabelecida entre sujeito e objeto provocada por experiências patêmicas e sensoriais. Para o autor, o estremecimento decorrente da estesia é comum ao sujeito e ao objeto e “marca o sincretismo dos dois actantes, uma fusão momentânea do homem e do mundo, reunindo ao mesmo tempo, para dizer como Descartes, a paixão da alma e a do corpo” (GREIMAS, 2017, p. 45).

---

<sup>5</sup> Em Português, a obra analisada do autor francês Michel Tournier foi traduzida como *Sexta-feira ou a vida selvagem*.

Na segunda parte da obra, intitulada *As escapatórias*, o autor propõe, segundo Tatit (2010, p. 46), uma estética que faça parte do cotidiano, mas que ainda dependa de programas, mesmo que sejam, efêmeros, ou que neguem os “ritos dessemantizados”.

Se na primeira parte do livro o foco é a ruptura do cotidiano, na parte de *As escapatórias* somos apresentados a novas possibilidades de o sujeito vivenciar suas experiências e de lidar com as situações obtidas nas trocas que ele tem com o outro e com o mundo. Em relação a esse conceito de escapatória, Teixeira (2002, p. 260) elucida que:

Não se trata de pensar em escapatória como fuga, mas como escape e retorno, como um ir-e-vir, um modo novo de relacionar-se com o outro e o mundo. Há aí uma proposta de transformação fundamental da relação sujeito/objeto, o que representa, talvez, a mais extraordinária demonstração de adesão a uma teoria.

Na leitura de Tatit (2010, p. 46), “o sujeito alimenta a espera por um estado pleno” de fusão com o objeto, “como se temporariamente ambos pudessem constituir um ser integral”. Essa busca pelo estado pleno ocorre porque o sujeito está imerso em um universo onde a vida sempre lhe parece incompleta e imperfeita.

Essa imperfeição é, segundo Parret (2017), o que mobiliza a verdadeira busca pelo sentido, naquilo que tem como propriedade uma existência estética. Daí deriva o título *Da imperfeição*. O título se explica, segundo o autor, por “uma certa nostalgia pela perfeição que se esforça para emergir através da tela da imperfeição. É que o universo das aparências esconde, reprime, refreia a perfeição, a essência e o ser, e assim nos incute um sentimento de imperfeição [...]” (Ibid., p. 1).

De acordo com Martins (2017), a segunda parte da obra defende a tese de que os sujeitos possam criar momentos em que o mundo seja transformado a partir do que está diante deles, sem necessariamente exigir uma conjunção perfeita entre sujeito e objeto, nem depender de um tempo e espaço específicos.

A estesia, como ponto central dessa obra de Greimas, desperta o interesse da semiótica pela investigação da dimensão sensível do sentido e o fato de que o autor nos deixou uma “espécie de testamento teórico de um legado que os semioticistas hoje procuraram alargar” (TEIXEIRA, 2002, p. 260).

## 2.6 Paixão

De acordo com Fontanille (2019), a semiótica das paixões surge após a teoria das modalidades. O autor explica que é entre os estudos das modalidades e das paixões que o

Greimas atribuiu as “modalidades do fazer” à semiótica da ação e as “modalidades do ser” à semiótica das paixões, portanto, distinguindo-as (FONTANILLE, 2019, p. 138).

A importância do estudo das modalidades para as paixões é explicada por Fiorin (2008a, p. 60):

A paixão é, para a Semiótica, um arranjo de elementos linguísticos, dado que é uma paixão de papel, uma paixão representada. Ela é um arranjo de modalidades, que são moduladas. Por exemplo, o que é a curiosidade? É um querer-saber intenso. Então existe toda uma teoria das modalidades para configurar esses arranjos, que são lexicalizados como paixões. Essas paixões são moduladas.

Dessa forma, as paixões são tratadas em *Semiótica das paixões* (1993) como “efeitos de sentido das compatibilidades e incompatibilidades das qualificações modais que modificam o sujeito de estado” (Id., 2007, p. 11).

Na publicação de *Semiótica das paixões*, Greimas e Fontanille (1993) propõem avanços significativos nas relações entre o sujeito e o objeto no universo que reúne o inteligível e o sensível – aquele referente aos estados de coisas e este aos estados de alma. Os autores se dedicam aos estudos das paixões na tentativa de “reconstituir imaginariamente o nível epistemológico profundo” a partir de dois conceitos: a tensividade e a foria (Ibid., p. 17).

Fontanille (2019) afirma, com relação ao proposto em *Semiótica das paixões*, que a tensividade é um atributo comum a um conjunto de categorias consideradas necessárias, assim como as modalizações, para descrever as paixões. Além da aspectualização dos processos, a intensidade e a quantidade estruturam a dimensão afetiva como um todo, de acordo com o autor. Portanto, sua conclusão é que a tensividade não pode ser vista como algo que surge somente no final da discursivização, mas sim que precisa ser previsto desde o início. Dessa forma, a tensividade torna-se “o correlato indispensável da foria” (Ibid., p. 144).

Lima (2017, p. 852) compartilha do mesmo entendimento que Fontanille (2019) em relação à foria. Para ela, “a dimensão fórica perpassa todo o percurso gerativo, configurando o elemento sensível junto ao processo discursivo”. Segundo essa autora, observar a foria, entendida como aspectualização no nível discursivo e como modulação tensiva no nível profundo, é de grande importância para a análise dos afetos, permitindo examinar o desenvolvimento contínuo e progressivo do núcleo passional e das modulações articuladas à direção tensiva que conduzem e controlam o encaminhamento discursivo.

Apesar de não ter evoluído da mesma maneira que a semiótica da ação, é a partir da teoria das paixões, segundo Fontanille (2019), que Zilberberg tomará o afeto como noção fundamental para desenvolver sua perspectiva teórica de tensividade. Sob outro enfoque, os

mesmos fundamentos serviram para Landowski apontar a distinção entre paixões lexicalizadas e as paixões sem nome, aquelas desenvolvidas em *Semiótica das paixões* (1993), estas concebidas pelo próprio autor (FONTANILLE, 2019).

A crítica feita por Landowski (2014c) à noção de paixões lexicalizadas deve-se à ausência de tratamento de outras paixões diferentes daquelas retratadas por Greimas e Fontanille (1993), como o amor, o ciúme ou a avareza. Para o sociossemiotista, os autores negligenciaram as descrições relacionadas à dimensão da experiência passional, aquela relacionada ao sentir, como, por exemplo, o estado patêmico provocado pelo riso.

## 2.7 Interação

A sociossemiótica chegou até Landowski na década dos anos 1970 por designação do próprio Greimas, que o escolheu para conduzir um ateliê que abrangesse tudo que não coubesse nos demais (LANDOWSKI, 2017). Surge então uma semiótica do “social”, um espaço para tratar de outros discursos que não aqueles vinculados à literatura, à religião e às artes visuais.

No encontro com a sociossemiótica, Landowski foi se desprendendo da célebre frase de Greimas (1974, p. 25): “Fora do texto não há salvação<sup>6</sup>”. Partindo do princípio de que é o discurso que constrói o social, Landowski (2017, p. 184) desenvolveu um “sistema de articulações elementares que permitia interdefinir uma larga gama de procedimentos de resolução de conflitos”.

Em *A sociedade refletida* (1992 [1989]), Landowski reagrupou algumas de suas análises. Seu trabalho foi se remodelando e passou a ser difundido por grupos de pesquisa em outros países, principalmente Itália e Brasil (Id., 2017).

O sociossemiotista prosseguiu sua pesquisa à procura de um modelo semiótico de interação, que primeiramente foi esboçado em *Passions sans nom* (2004b), e, mais tarde, organizado em *Interações arriscadas* (2014a).

A construção dessa teoria foi inspirada principalmente pela obra *Da Imperfeição* (2017). De acordo com o autor, a primeira parte desse livro aborda as formas do não-sentido e contempla duas possibilidades: a primeira surge da continuidade uniforme e monótona do cotidiano, que pode eliminar o significado das coisas, enquanto a segunda advém de uma descontinuidade radical que impede a emergência de qualquer sentido. Por outro lado, a segunda parte do livro busca restaurar um mundo significativo e sugerir um processo de dupla

---

<sup>6</sup> Trecho original: Hors du texte, point de salut.

negação criativa que gera: formas não contínuas, capazes de produzir efeitos melódicos de sentido; e articulações não descontínuas, que podem gerar harmonias significantes (Id., 2005b).

Landowski (2017) observa que Greimas, em *Da imperfeição*, foi levado a desdobrar as noções de *estesia e acidente*, que anteriormente eram consideradas por ele em sincretismo. Segundo o autor, o semiótico lituano não teve outra opção a não ser:

[...] atribuir ao “acaso”, este fator de acidentes, o lugar (e o nome) que lhe faltava no sistema actancial (aquele do actante *joker*); a forjar uma noção semiótica de “risco” - noção transversal a todas as configurações interligadas pelo modelo e, passo a passo, a formular a meta-sintaxe que rege as relações entre os regimes de sentido que acabavam de ser redefinidos (a manipulação e a programação), seja novamente instaurados (o ajustamento e o acidente, dito também “assentimento” face ao incontrolável). (LANDOWSKI, 2017, p. 199)

Estavam presentes nessas observações de Landowski (2017) os fundamentos para o desenvolvimento de uma semiótica da interação, que procuraria reconhecer as formas de sentido nas relações entre sujeitos ou entre sujeitos e objetos, através do fluxo ilimitado do sujeito entre o inteligível e o sensível.

Essa abordagem teórica, introduzida pela sociossemiótica, privilegia, nas palavras de Landowski (2014b, p. 12), as “interações (entre sujeitos ou entre o mundo e sujeitos) que presidem a construção mesma do sentido e tornam em consequência possível a emergência de configurações inéditas”. Dessa forma, a semiótica da interação tem como objetivo desenvolver-se como uma “teoria da produção e da apreensão do sentido em ato” (Ibid., p. 12).

A semiótica da interação produziu avanços para além das relações juntivas já consolidadas pela teoria semiótica. Na semiótica de ação – como mencionado anteriormente – a relação entre o sujeito e o objeto é priorizada pela lógica da junção. Nesta, existem dois enunciados possíveis: o de conjunção, que se refere à posse de objetos, e o de disjunção, que se refere à privação deles.

A partir desses conceitos, Landowski (2004b) propôs a noção de lógica da *união*, com o objetivo de abarcar a totalidade das experiências do sujeito com o mundo. Nessa proposta, a lógica da união reserva espaço para o estudo da copresença sensível dos sujeitos em interação.

Entre as lógicas da junção e da união, opera um regime de interações estabelecido pela estrutura de oposição entre a continuidade e a descontinuidade, bem como entre não continuidade e não descontinuidade. Essa estrutura é herança da linguística, que utiliza o termo “descontínuo” para tratar de casos em que morfemas aparecem em “dois ou mais lugares na cadeia, sem que a unidade do significado correspondente seja por isso afetada” (GREIMAS, COURTÉS, 2016, p. 127).

A partir dessa referência, o par contínuo-descontínuo possui em sua formulação “a projeção do descontínuo no contínuo” como “primeira condição de inteligibilidade do mundo” (GREIMAS, COURTÉS, 2016, p. 127). Os autores acrescentam que:

No campo da semiótica discursiva, o par contínuo/descontínuo se manifesta na categoria aspectual, na qual se articula o aspecto durativo, em que o descontínuo é entendido como “iterativo ou frequentativo” (Ibid., p. 127). Tatit (2001, p. 39), ao analisar essa questão, conclui que “o descontínuo próprio do universo inteligível pressupõe o descontínuo no mundo sensível”.

Com base nas observações feitas sobre o contínuo e o descontínuo, Landowski (2014a) desenvolve um modelo de narratividade composto pelos regimes de *programação*, *manipulação*, *ajustamento* e *acidente*, a partir dos quais é possível interagir elipticamente uns com os outros.

Cada um desses regimes é regido por diferentes gradações de regularidade; quanto mais propenso a ela, menor será o risco envolvido. A programação é o regime de menor risco, seguido pela manipulação, ajustamento e, por último, o acidente.

A programação e a manipulação, como pertencentes a uma lógica de junção, já faziam parte da gama de conceitos da semiótica da ação; a contribuição de Landowski foi acrescentar mais dois termos: ajustamento e acidente, associados à lógica da união. Dessa forma, a lógica da junção é estabelecida como pertencente à dimensão do inteligível, enquanto a lógica da união pertence à dimensão do sensível.

A *programação* é o regime que se baseia no princípio da *regularidade*. Ao retomar o conceito de sua obra *Interações Arriscadas*, Landowski (2014b, p. 19) define a programação como um regime que se refere “à constância das relações entre os efeitos (as ações, os comportamentos) e seus determinantes”. Além disso, é o regime que produz atividades regulares, rotineiras, as quais não apresentam mudanças de hábitos ou violações de regras já formalmente estabelecidas socialmente. As interações ocorridas dentro do regime de programação tendem a ser insignificantes em termos de produção de sentido. Devido à sua previsibilidade total, é o regime de menor risco entre todos os outros.

Entre a *programação* e a *manipulação*, existem distinções em relação ao modo de atuação dos actantes. Na programação, conforme afirma Landowski (2014b), o sujeito é reconhecido por seu percurso de vida estável, isto é, pelo papel temático que desempenha. No caso da manipulação, é o papel actancial que permite “dar conta dos confrontos entre *intencionalidades*” (Ibid., p. 19, grifos do autor). Portanto, a manipulação se difere da

programação na medida em que “suas ações são intencionais, que seu comportamento é *motivado*” (Id., 2014a, p. 29). O autor afirma que:

Todo sujeito pode, assim, (e isso é que o converte em sujeito “motivado” e de “razão”) querer, ou crer, ou saber, etc., e, por consequência, também querer que o outro queira (ou não queira), crer que crê, saber que sabe etc., e fazê-lo saber. Compartilhada pelos sujeitos, essa competência propriamente os faz manipuláveis uns pelos outros, tanto em função de suas respectivas motivações e razões, quanto a partir de cálculos que efetuam no que concerne à competência modal de seus interlocutores (LANDOWSKI, 2014a, p. 28).

Ainda segundo o autor (Ibid., p. 22), manipular implica “sempre imiscuir-se em certo grau “na vida interior” de outrem, é tratar de influenciar (tipicamente, por meio da persuasão) nos motivos que outro sujeito possa ter para atuar num sentido determinado”. O sociossemiticista aponta para uma interação entre “estados de coisas” e “estados de alma” no regime da manipulação que ainda está por ser definido, conforme explica:

Em outros termos, enquanto que, do ponto de vista narrativo, a operação se confunde com a execução de uma *performance* que tem como efeito direto a transformação de alguns “estados de coisas”, a manipulação aponta para transformar o mundo mediante uma conduta estratégica prévia que tem em vista, se não em todos os casos os “estados de alma”, ao menos a competência de outro sujeito, o “querer fazer” que o levará a agir, seja operando por si mesmo sobre o mundo como tal, seja manipulando por sua vez outro sujeito, seja até mesmo segundo outro procedimento que ainda falta por identificar e por definir (Ibid., p. 22).

Assim, o autor explica que a manipulação se constitui por uma atuação centrada na “interdependência dos sujeitos”, em que é necessário interagir com o *outro*, com o objetivo de estabelecer um contrato que busca um “acordo entre as vontades” após realizar um “trabalho de persuasão” (Ibid., p. 32).

Com relação ao ajustamento e ao acidente, Landowski explica que eles foram concebidos a partir de um esboço deixado por Greimas. O autor afirma que o precursor da semiótica já havia previsto esses conceitos, mas sem distingui-los, ao tratar do *acidente estético*, ao qual, por vezes, ele se referiu como “acontecimento estético” (Ibid., p. 73). Na leitura do sociossemiticista, nesse ponto da teoria desenvolvida por Greimas surgem duas limitações, as quais o autor desdobra em dois princípios: o *sensível* e o *aleatório*, que constituem, respectivamente, a base dos regimes do ajustamento e do acidente (LANDOWSKI, 2014a).

No regime do ajustamento, é o princípio da sensibilidade que rege os sujeitos. Se, na manipulação, o destinatário se vê obrigado a *fazer-fazer* diante de métodos de persuasão aplicados pelo destinador-manipulador, no caso do ajustamento, cada um dos actantes envolvidos na interação se vê como participante da ação em condições favoráveis para ambos.

Então, a diferença entre a manipulação e o ajustamento está essencialmente no fato de o destinatário daquela possuir uma *competência modal*, ou seja, estar modalizado a *querer-fazer* algo em função de estratégias de persuasão que o levem a um contrato, enquanto, no ajustamento, é a *competência estética* a maior responsável por fazer com que cada um dos parceiros envolvidos possa *sentir* um ao outro. Sobre o ajustamento, Landowski (2014a, p. 48) afirma que “não consiste nem em adaptar-se unilateralmente a um outro ator, nem, em sentido inverso, em levar esse outro a submeter-se ao primeiro”, portanto, o que possibilita a interação nesse regime é que os atores, independentemente da função que cada um deles exerce, sentem a “maneira de agir de seu parceiro, ou de seu adversário”.

Ainda de acordo com o sociossemioticista, a interação no regime do ajustamento dá lugar ao *fazer sentir* e não mais sobre o *fazer crer*, como é o caso da manipulação:

[...] entre o sujeito e o manipulador e seu interlocutor (que separa necessariamente o espaço pelo qual transitam as mensagens persuasivas e os valores que se trocam) cede agora lugar para um contato direto, mais ou menos imediato conforme o caso, entre corpos que sentem e corpos sentidos (Ibid., p. 51).

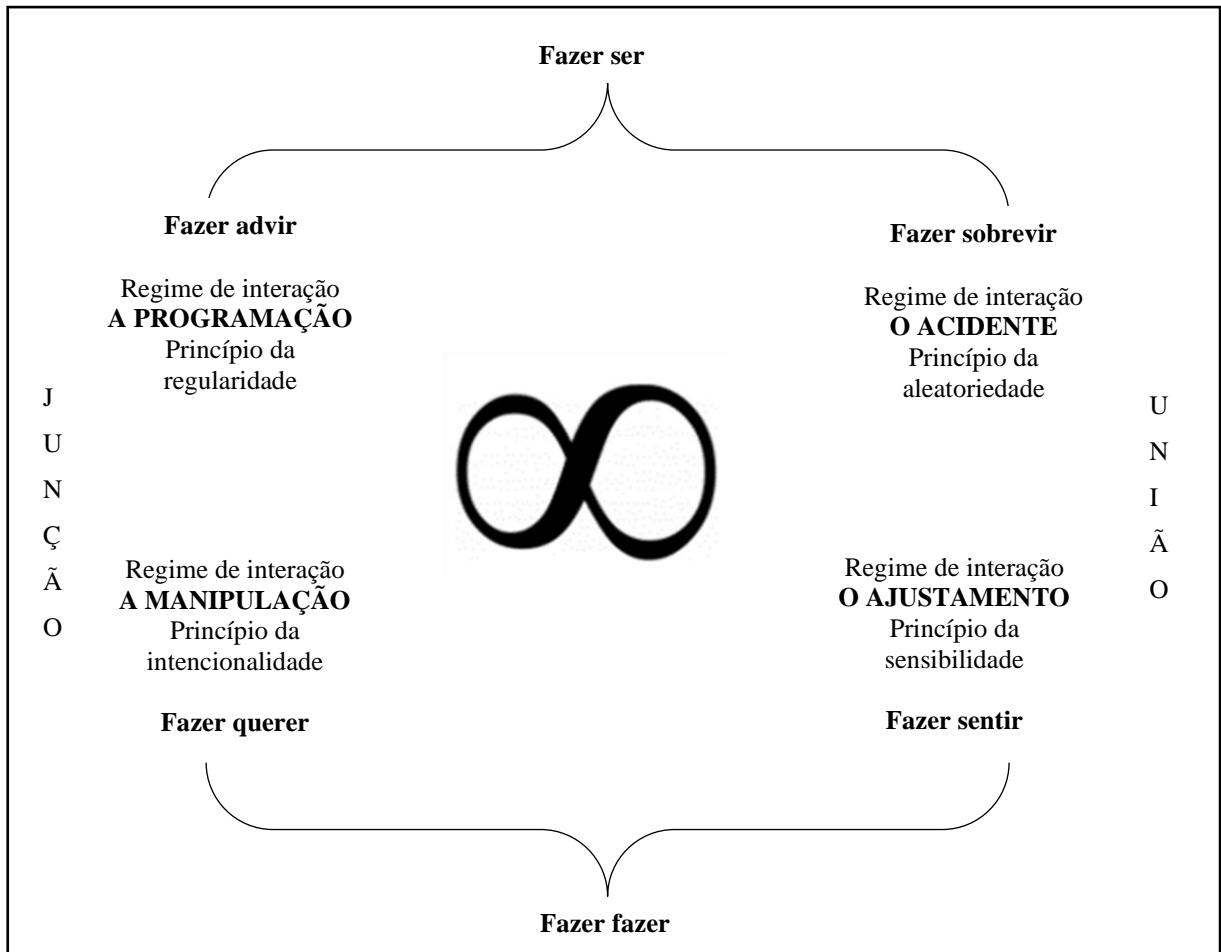
O regime do ajustamento tem como princípio a noção de *contágio*. Landowski (2014b), explica que o contágio ocorre sem a mediação de objetos, apenas de sujeito para sujeito, e depende necessariamente da lógica da união. Exemplos desse contágio é o riso, o bocejo e o desejo, conforme mencionados pelo autor. Dessa forma, o contágio representa, na perspectiva do autor, uma relação de sensibilidades entre sujeitos, um sentir reciprocamente o que o outro sente.

O último dos regimes, o acidente, segundo Landowski (2014a), envolve o maior risco de todos, pois tem como princípio a aleatoriedade, o acaso, sendo da ordem do descontínuo. O autor apresenta, como exemplos desse regime, eventos imprevistos, como terremotos, raios e ciclones.

As características desses quatro regimes de interação são organizadas pelo autor em um quadrado semiótico com interações elípticas, conforme Figura 2:



Figura 2 - Regimes de interação



Fonte: adaptado de Landowski (2014a, p. 80).

Do lado esquerdo da figura estão os regimes governados pela lógica da junção: a programação e a manipulação. Do lado direito, encontram-se os regimes do acidente e do ajustamento, regidos pela lógica da união. A elipse disposta no centro simula a interação entre um regime e outro, entre inteligível e sensível, e vice-versa.

Ao contrário do clássico quadrado semiótico do *Dicionário de Semiótica* (2016) formulado com flechas, o modelo proposto por Landowski (2014a) organiza-se por meio de uma elipse, que representa as interações. Enquanto no modelo clássico da semiótica, as relações de contrariedade e contradição têm posições definidas, no modelo de Landowski, as interações entre um regime e outro – a recursividade, ocorrem tanto horizontalmente quanto verticalmente. Essas interações permitem percorrer direções ilimitadas e contínuas, podendo inclusive ocorrer recursividade dentro do próprio regime.

Com esse modelo, a semiótica inaugura uma metodologia eficiente para observar quaisquer que sejam as passagens entre os regimes, tanto os originários da semiótica da ação,

que são inteligíveis, quanto aqueles que evoluíram do conceito de “acidente estésico” (GREIMAS, 2017), que são sensíveis.

## 2.8 Tensão

Apesar de Greimas e Fontanille (1993) terem formulado uma semiótica tensiva, foi Zilberberg quem “trouxe a música, a intensidade, a temporalidade e os afetos para o centro da teoria, num diálogo permanente com os fundamentos estruturais” (TATIT, 2019, p. 16).

Concebida como uma transformação significativa na área dos estudos estruturalistas, a semiótica tensiva ocupa-se em observar a correlação entre intensidade e extensidade, a partir da proposta de Hjelmslev (2003) sobre as oposições do sistema linguístico. Zilberberg (2011a) associa os conceitos “estados de alma” e “estados de coisas”, retomados da obra *Semiótica das Paixões*, de Greimas e Fontanille (1993), aos termos empregados pelo linguista dinamarquês, dando princípio a uma semiótica voltada para o afeto, tomando por base também a filosofia do alemão Ernst Cassirer. Zilberberg (2009, p. 260) fala sobre essa influência:

A leitura de "A Filosofia das Formas Simbólicas" de Cassirer me fortaleceu na ideia de que não se pode exagerar a importância, por um lado, do tempo e do espaço, e por outro, da afetividade. O tempo e o espaço recebem nas culturas um acento, uma característica, uma forma que lhes é própria. Quanto à afetividade, sob a lamentável denominação em francês de “fenômeno de expressão”, Cassirer a constitui como plano do conteúdo e atribui a percepção como plano da expressão, de modo que o que se chamou de "virada fenomenológica" recente da semiótica já havia sido realizado por Cassirer, obviamente em uma metalinguagem distinta (ZILBERBERG, 2009, p. 260<sup>7</sup>).

Não apenas Cassirer serviu de inspiração para formulação do pensamento de Zilberberg, mas Paul Valéry também faz parte do repertório de influências do semioticista francês. Em um estudo sobre o acento mítico na semiótica, Tatit (2020, p. 189) relata a origem do afeto na semiótica tensiva: “É pelo destaque dado à noção de acento ou de alta intensidade que Zilberberg vislumbra um ponto comum crucial entre Valéry e Cassirer. Cada qual ao seu modo inspirou-se no vigor afetivo, motor do acento, como escala de apreciação dos valores que

---

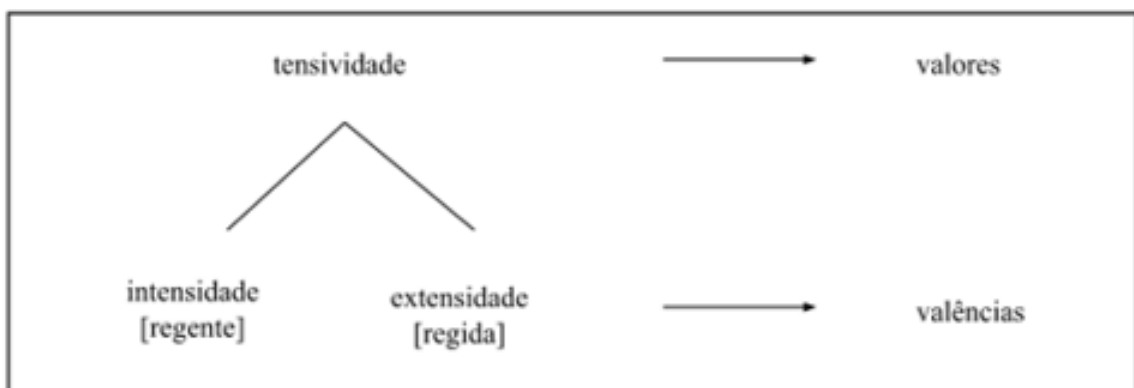
<sup>7</sup> Texto original: La lecture de la Philosophie des formes symboliques de Cassirer m'a confortée dans l'idée que l'on ne saurait exagérer l'importance, d'une part du temps et de l'espace, d'autre part de l'affectivité. Le temps et l'espace reçoivent dans les cultures un accent, une caractéristique, une forme qui leur est propre. Quant à l'affectivité, sous la dénomination regrettable en français de "phénomène d'expression", Cassirer la constitue en plan du contenu et assigne la perception comme plan de l'expression, de sorte que ce que l'on a appelé le "tournant phénoménologique" récent de la sémiotique était déjà accompli par Cassirer, évidemment dans un métalangage distinct.

investem o sentido”. Para Beividas (2016, p. 11), o afeto é a “chave sutil que abre as portas da inteligibilidade do sentido”.

Na obra de Zilberberg, a afetividade é destacada como um elemento de grande relevância. Tanto é assim que o autor a considera a principal característica do que ele denomina como tensividade (ZILBERBERG, 2010). É somente a partir desse ponto que o autor passa a discutir as dimensões e as orientações que a intensidade e a extensidade adquirem no espaço tensivo. O semioticista afirma que “a afetividade deve ser não somente ‘conservada’ mas centralizada, uma vez que os afetos são, numa medida a ser determinada, as razões de nossas razões no discurso” (Ibid., p. 1).

Na semiótica tensiva, a intensidade refere-se aos “estados de alma”, ou seja, abrange a subjetividade dos afetos, o sensível; enquanto a extensidade está relacionada aos “estados de coisas”, ao inteligível, ou seja, à ideia que temos das coisas na realidade. Nessa correlação, o sensível rege o inteligível, conforme proposição de Zilberberg (2011a) demonstrada na Figura 3:

**Figura 3** - Bifurcação da tensividade



Fonte: Zilberberg (2011a, p. 66).

Nessa concepção, Zilberberg (2011a) explica que a dimensão da intensidade se constitui pela relação estabelecida no par “impactante vs. tênue” e, no caso da extensidade, pelo par “concentrado vs. difuso”, os quais servem para controlar as interações no campo de presença.

O campo de presença é considerado como “o domínio espaço-temporal em que se exerce a percepção” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p.125). O acesso a ele é controlado pelos pares mencionados anteriormente: “uma grandeza se introduz, penetra no campo de presença proporcionalmente à quantidade de impacto e irrupção que traz em si [...]” (Zilberberg, 2011a, p. 67).

O autor propõe uma terminologia específica para a tensividade, que é composta por dimensões principais de *intensidade* e de *extensidade*, além de subdimensões de *andamento*, *tonicidade*, *temporalidade* e *espacialidade*:

A terminologia aplicada à tensividade posiciona a intensidade e a extensidade como dimensões que, por sua vez, abrigam subdimensões de andamento (rápido e lento) e tonicidade (tônica e átona), de um lado, pertencentes à intensidade, e de temporalidade (breve e longa) e espacialidade (fechada e aberta) do outro, pertencentes à extensidade. As subdimensões acolheram o mesmo estatuto de suas dimensões: intensidade, regente; extensidade, regida (ZILBERBERG, 2011a).

De acordo com Tatit (2019), o conceito de andamento utilizado por Zilberberg tem sua origem na ideia de “elasticidade” do discurso proposta por Greimas. O autor argumenta que Zilberberg refletiu sobre as noções de duração e espaço e identificou uma correlação inversa entre celeridade, tempo e espaço. Ele afirma que o aumento da velocidade encurta a duração, enquanto a desaceleração a prolonga. Esses conceitos estão interligados e explicam o papel crucial do andamento na semiótica tensiva.

Quanto à tonicidade, ela justapõe-se à noção de acentuação trazida por Ernst Cassirer, conforme constatou Tatit (2019). A proposta de associar a dimensão de intensidade à subdimensão de tonicidade teve como propósito “calcular o grau de *tonicidade* de uma grandeza” (Ibid., p. 74, grifo do autor).

Já a noção de temporalidade foi incorporada à semiótica tensiva por Zilberberg, a partir das reflexões de Paul Valéry sobre o tempo. De acordo com Zilberberg (2011b), a temporalidade instala-se na duração tensiva entre o breve e o longo.

E a espacialidade, como explicado por Zilberberg (2006a) em *Síntese da Gramática Tensiva*, não se refere a orientações geográficas. Essa subdimensão, na verdade, tem como objetivo identificar a tensão resultante entre o aberto e fechado “que permite ao sujeito formular programas elementares, por um lado, de entrada ou penetração e, por outro, de saída ou escape, em função da tonicidade ambiente” (Ibid., p. 177).

Os fundamentos apresentados contribuem para a compreensão das modulações tensivas que ocorrem no campo de presença do sujeito e das articulações sintáticas que podem ser inferidas a partir delas, como, por exemplo, os efeitos de sentido que resultam na diferenciação entre o *exercício* e o *acontecimento*.

No desenvolvimento da semiótica tensiva, o *acontecimento* se torna o conceito-chave da teoria de Zilberberg. Conforme postulado por Zilberberg (2007), o acontecimento é a possibilidade de sincretismo de três modos semióticos distintos: eficiência, existência e junção.

Cada um desses modos está associado a duas categorias que determinam a presença do acontecimento ou de seu correlato, o exercício.

O modo semiótico de *eficiência* é descrito como “a maneira pela qual uma grandeza se instala num campo de presença” (ZILBERBERG, 2007, p. 18) e articula-se entre *conseguir* (exercício) e *sobrevir* (acontecimento). Enquanto o *conseguir* ingressa no campo de presença repetidas vezes, de forma lenta e duradoura, o *sobrevir* adentra uma única vez em um andamento acelerado e com uma tonicidade impactante, surpreendendo o sujeito e levando-o a um estado caótico. Nas palavras do autor, o sobrevir, quando ocorre, transforma o sujeito em apassivado, enquanto o objeto, no caso o acontecimento, mantém-se ativado até que o sujeito consiga movê-lo de sua face (Id., 2010).

O modo semiótico de *existência*, por sua vez, articula-se em focalização (exercício) e apreensão (*acontecimento*). Nessa etapa, o sujeito ainda está sob o efeito do modo de eficiência, seu estado determina a continuidade no processo ao qual foi submetido, no caso, o sobrevir. Em relação ao *acontecimento*, resta apenas ao sujeito suportar o *sobrevir*, permanecer em estado de apreensão. Já no exercício, o sujeito é mais ativo e mais predisposto a agir diante do inesperado, caracterizando a *focalização*.

O modo semiótico de *junção*, por sua vez, articula-se entre concessão (acontecimento) e implicação (exercício). Esse modo é designado como junção devido à “relação que une o sujeito ao objeto, ou seja, a junção constitutiva dos enunciados de estado” (ZILBERBERG, 2007, p. 23). No modo implicativo, aplica-se a lógica “se a, então b” e no modo concessivo, “embora a, entretanto não b” (Ibid, p. 23).

A concessão se caracteriza pela descontinuidade provocada pelo *sobrevir*, enquanto a implicação é marcada pela continuidade própria do exercício/pervir. Na concessão, ocorre um contratempo no percurso do sujeito, enquanto na implicação não há contratempo para desviá-lo de sua trajetória.

Tatit (2016a, p. 27) elucida a abrangência da concessão como o “o processo semiótico que descreve o valor tensivo de uma grandeza formada no cruzamento da alta velocidade com a extensidade concentrada”. O autor explica que, embora tenham suas particularidades, os pensamentos concessivo e implicativo possuem uma relação de complementariedade: “se o primeiro compatibiliza-se com os impactos descontínuos provocados pelo *sobrevir*, o segundo harmoniza-se com a continuidade sintagmática regrada pelo *pervir*” (Id. 2019, p. 57, grifos do autor).

Zilberberg (2004, p. 96-97) recupera uma máxima francesa “*mariage de la carpe et du lapin*” [casamento da carpa e do coelho] para ilustrar que a carpa é um animal aquático e o

coelho um animal terrestre, portanto, naturalmente, eles não possuem condições para se casarem.

Ao lembrar desse caso de sua língua materna, Zilberberg (2004) afirma que os discursos implicativo e concessivo representam virtudes míticas distintas. No caso do discurso implicativo, defende-se a ideia de que não existe a possibilidade de os contrários se aproximarem, como no caso da carpa e do coelho. Para que o casamento de animais de espécies tão diferentes como a carpa e o coelho seja possível, entra em cena o discurso concessivo. É a concessão que permite romper com as proibições vigentes.

Em conformidade com a perspectiva do semiótico, o discurso implicativo e o discurso concessivo operam formas distintas de conjunção dos contrários:

A implicação opera o fechamento, e não foi sem razão que já se assinalou que a premissa menor e a conclusão do silogismo nada faziam além de desenvolver a premissa maior. Inversamente, a concessão é, sob esse aspecto, aquela que efetua a abertura. (ZILBERBERG, 2004, p. 98)

Fica evidente, portanto, que esses modos semióticos apresentados permitem identificar duas possibilidades discursivas: o *exercício* e o *acontecimento*. Este último é evidenciado pela presença dominante do sensível:

O acontecimento, na qualidade de grandeza tensiva, deve ser apreendido como uma inversão das valências respectivas do sensível e do inteligível. Marcado por um andamento rápido demais para o sujeito, o acontecimento leva o sensível à incandescência e o inteligível à nulidade (ZILBERBERG, 2011a).

É nesse ponto que a teoria tensiva encontra uma propriedade comum com o conceito acidente da sociosemiótica (FONTANILLE, 2016, p. 38). Ao estudar o *acontecimento* e o *acidente*, o autor conclui que ambos os conceitos se originam do princípio de *álea*.

Segundo o autor, a partir de uma incidência sintagmática, o acontecimento reside no fato de que é necessário o abalo de um espectador: “todo e qualquer acontecimento só pode se instaurar em presença de um corpo, corpo que ele põe em movimento, que ele abala e que ele desafia a reconfigurar uma subjetividade a partir do clarão ou do choque sofrido” (FONTANILLE, 2016, p. 38), já o acidente é descrito como “um acontecimento não desejado, aleatório, fortuito” (LARROUSSE<sup>8</sup> *apud* FONTANILLE, 2016, p. 38).

Retornando ao aparato teórico da semiótica tensiva, o *acontecimento* é o “conceito central da hipótese tensiva”, como lembra Tatit (2019, p.35). O autor reconhece que na ocorrência do acontecimento:

---

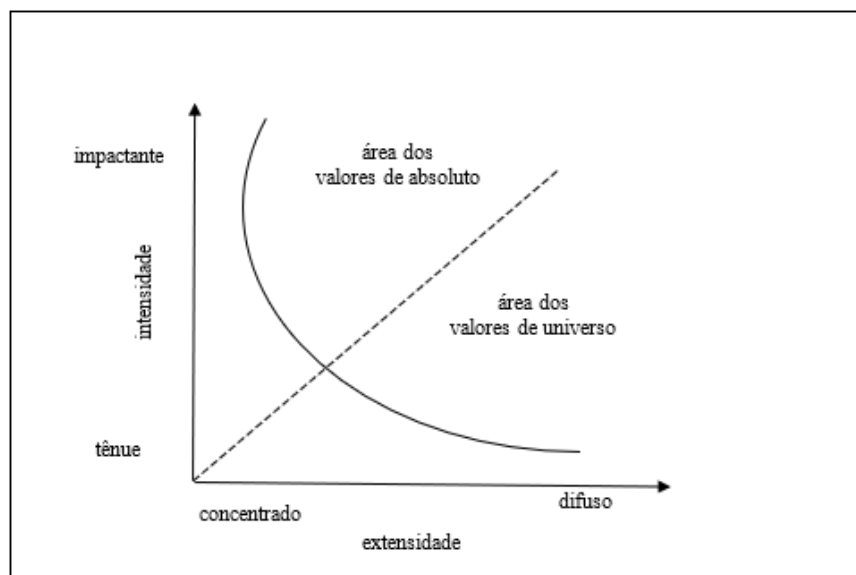
<sup>8</sup> Não há informações da obra consultada no texto original.

Sua ênfase recai sobre o caráter inesperado e quase inapreensível de sua ocorrência. Dotado invariavelmente de alta intensidade e forte concentração, o acontecimento é fruto de uma aparição repentina (o que sobrevém ao sujeito) e se comporta geralmente como o foco da informação (TATIT, 2019, p. 35).

Se o acontecimento é caracterizado por uma ação inesperada, de alta intensidade e forte concentração no campo de presença do sujeito, o exercício, por outro lado, se manifesta como uma aparição lenta e átona.

No gráfico apresentado a seguir (Figura 4), desenvolvido por Zilberberg (2011a), o acontecimento é representado na área dos valores absolutos, enquanto o exercício está na área dos valores do universo, indicando que o primeiro possui intensidade impactante e extensidade concentrada, enquanto o segundo apresenta intensidade tênue e extensidade difusa.

**Figura 4** - Gráfico dos valores semióticos



Fonte: Zilberberg (2011a, p. 90).

Os valores, de acordo com Zilberberg (2011a), são diferenciados entre valores de absoluto e de universo. Enquanto os primeiros buscam a exclusividade e seguem aos princípios de triagem, estes buscam difusão e recorrem à mistura. Para o autor:

- (i) [...] os valores são complexos, visto que a tensividade é só o lugar de encontro e de ajuste entre a intensidade e a extensidade, entre o sensível e o inteligível [...];
- (ii) a complexidade é o pressuposto de qualquer análise, contudo se refere à uma função canônica ou a uma coincidência;
- (iii) a distinção entre valores de absoluto e valores

de universo se encontra apoiada por uma relação inversa entre a intensidade e a extensidade [...] (ZILBERBERG, 2002, p. 114<sup>9</sup>).

Os termos *triagem* e *mistura*, que orientam, respectivamente, os valores de absoluto e de universo, são “as duas operações da sintaxe extensiva, ou seja, da sintaxe referente aos estados de coisas” (Id., 2011a, p. 290). A triagem incide “sobre misturas que ela desfaz, na exata medida em que a mistura incide sobre as resultantes de triagens anteriores” (Id., 2004, p. 72). Nessa estrutura canônica, a triagem é uma operação de concentração, enquanto a mistura é de difusão. Tatit (2019, p. 81) explica que a triagem consiste:

[...] na extração de uma grandeza ou de um valor e na conseqüente eliminação dos elementos indesejáveis, o que indica a influência de alta tonicidade na calibragem desses processos, mas também de muita rapidez, como é próprio dos procedimentos paradigmáticos.

Por outro lado, o autor explica que a mistura:

[...] em sua propensão geral para integrar outras grandezas e somar outros valores, depende, em princípio, do nivelamento de conteúdos desacentuados e, ao mesmo tempo, de maior morosidade para a conjunção progressiva dos elementos (Ibid., p. 31.).

Sendo assim, as operações de triagem e mistura, com suas ascendências e descendências, que se referem a aumentos ou diminuições no campo da extensidade, constituem a base do pensamento de uma gramática tensiva. Nessas operações, a polaridade dessas grandezas regula as tensividades: ora a triagem domina a mistura, ora é a mistura que domina a triagem.

A partir desses conceitos, a semiótica tensiva foi sendo aprimorada e novas hipóteses passaram a ser formuladas. Tatit (2019) explica que em paralelo aos preceitos da tensividade, Zilberberg explora, paralelamente, em sua teoria o conceito de foria. Apesar de se basear nos estudos de Greimas nesse aspecto, Zilberberg debruçou-se sobre o conceito de foria compreendendo-a como “sequências entoativas direcionadas ora à tensão, ora ao relaxamento”, as quais se homologam “às noções de intenso e extenso, no sentido formulado por L. Hjelmslev”. (Ibid., p. 93-94).

Nessa explicação, o autor observa que a foria permitiu a Zilberberg propor uma teoria sobre as escolhas missivas do enunciador. Assim, entre valores contínuos e descontínuos, ora o

---

<sup>9</sup> Texto original: “(i) los valores son complejos, ya que la tensividad sólo es el lugar de encuentro y de ajuste entre la intensidad y la extensidad, entre lo sensible y lo inteligible [...]; (ii) la complejidad es el presupuesto de cualquier análisis, aunque se refiera a una función canónica o a una coincidencia”; (iii) la distinción entre valores de absoluto y valores de universo se encuentra sostenida por una correlación inversa intensidad y extensidad [...].



enunciador contempla o fazer remissivo, ora o fazer emissivo. Naquele, “paradas, concentrações e consciência temporal (espera ou reminiscência)” neste, “retomadas do curso narrativo e ocupações espaciais” (TATIT, 2019, p. 94).

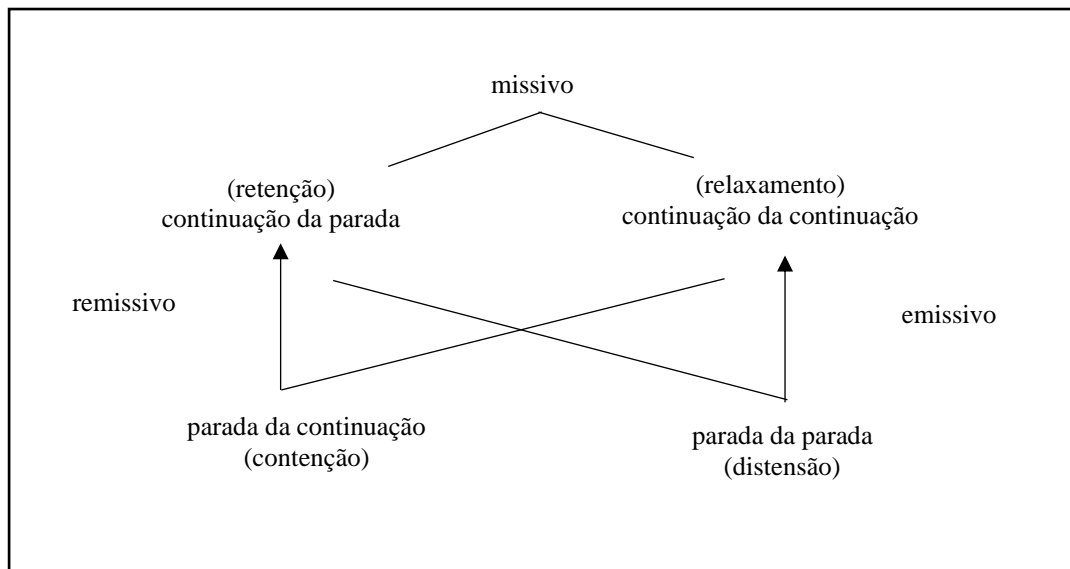
Ao estudar a tensividade e a missividade, Zilberberg (2006b, p. 133) infere, a partir da noção de antiprograma postulada pelo teólogo francês Louis Panier, que “todo momento da cadeia é um lugar de mobilização emocional e, eventualmente, de resolução de um contraste entre um programa e um antiprograma”. A tensividade é responsável pela parada e corresponde ao fazer remissivo, enquanto o antiprograma está relacionado à parada da parada e se refere a um fazer emissivo de caráter continuativo.

Na dimensão temporal, Zilberberg (2006b, p. 135) explica que o fazer remissivo enquanto dominante – ou seja, durante o tempo em que estiver na continuação da parada manterá o fazer emissivo “suspenso e inibido”. Por outro lado, o fazer emissivo assumirá o seu turno quando o remissivo se esgotar e chegar ao fim, até que retorne ao estado anterior através da surpresa e desordem. Esses fazeres missivos são correlacionados com os termos continuidade e descontinuidade.

Tatit (2018) retoma a noção de missividade em seus estudos sobre a semiótica da canção. Ele a contextualiza como um elemento fórico, que, associado aos valores contínuos e descontínuos, desdobra-se em diferentes tensões: a continuação da continuação (relaxamento) representa o máximo de relaxamento; a continuação da parada (retenção) exprime o máximo de tensão; a parada da continuação (contenção) interrompe o relaxamento; e a parada da parada (distensão) interrompe a tensão.

O autor organiza o conceito zilberberguiano de missividade e atribui aos valores contínuos, o fazer remissivo (à esquerda do quadrado), e aos valores descontínuos, o fazer emissivo (situados à direita), conforme reproduzido a seguir, na Figura 5:

**Figura 5** - Quadrado semiótico da tensividade



Fonte: adaptado de Tatit (2018)

A organização proposta pelo autor auxilia na compreensão das operações que constituem os fazeres remissivo e emissivo. Cada um desses fazeres missivos, distribuídos no quadrado semiótico, está relacionado a um programa ou a um antiprograma que realiza operações tensivas.

Em posição análoga ao quadrado semiótico da tensividade (Figura 5) encontram-se os modos de existência, que permitem interpretar o percurso narrativo do sujeito por meio de junções: atualizado, realizado, virtualizado ou potencializado.

Para compreender plenamente a evolução da semiótica tensiva a partir dos modos de existência, é necessário retomar alguns preceitos anteriores, que resultaram no avanço atual da teoria.

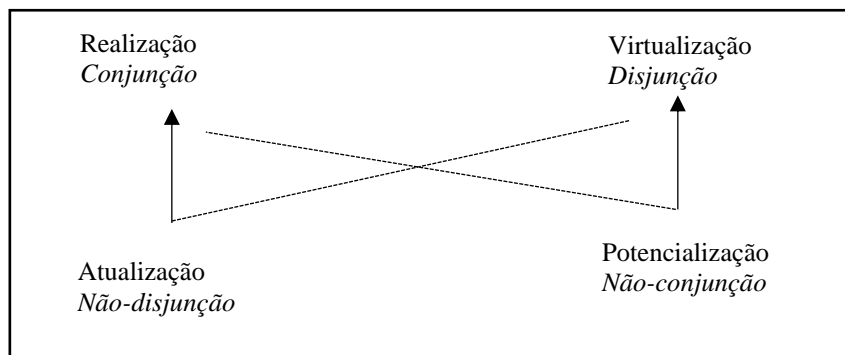
Os modos de existência, originalmente propostos pela linguística, foram refinados e aprimorados teoricamente pela semiótica. Eles se tornaram objetos de estudo da semiótica, porque contribuíram inicialmente para descrever “situações e ações ‘reais’” do discurso narrativo, e, desse modo, conforme afirmam Greimas e Courtés (2016, p. 195) “podem servir, de fato, de modelo para uma semiótica da ação e da manipulação.

Na articulação entre esses três modos de existência – atualização, virtualização e realização, a semiótica organiza a narrativa a partir da junção entre sujeitos e objetos. Aquilo que precede a junção, ou seja, a não conjunção, corresponde à virtualização, enquanto a disjunção está relacionada à atualização e a conjunção à realização (GREIMAS; COURTÉS, 2016). Em *Semiótica das paixões* (1993), Greimas e Fontanille também reconhecem a potencialização como um modo de existência, que passa a ocupar a posição de não disjunção.

Após a incorporação dessa noção de potencialização em Semiótica das Paixões (1993), Fontanille e Zilberberg (2001) revisaram as distinções dos modos de existência relacionados às junções entre sujeitos e objetos, abordados anteriormente naquela obra. Em *Tensão e significação* (2001), os autores buscaram direcionar os modos de existência para além das categorias juntivas e dos efeitos passionais até então formulados pela semiótica.

Nessa nova configuração, a virtualização assume a posição de disjunção; a atualização, de não-disjunção; a potencialização, de não-conjunção, e a realização, de conjunção, conforme esquematizam na figura 6:

**Figura 6** - Modos de existência



Fonte: Fontanille e Zilberberg (2001, p. 58)

Para tal reformulação, os autores se baseiam na fenomenologia, mais especificamente, pela noção de campo de presença desenvolvida por Merleau-Ponty (1999).

Esse domínio da percepção apresenta dois gradientes de tonicidade: foco e apreensão, nos quais a categoria presença/ausência tensiona a abertura e fechamento do campo, resultando na modalização das relações tensivas entre o sujeito e o objeto, chamada de modalização existencial. A plenitude é realizante, a falta é atualizante, e ambas pertencem à dêixis da presença. Por outro lado, a vacuidade é virtualizante e a inanidade é potencializante, referindo-se à dêixis da ausência.

O posicionamento dos modos de existência conforme a proposta dos autores no quadrado semiótico acima (Figura 6) é o mais atual na teoria. Eles explicam que perceberam a necessidade de remanejá-los devido a dois fatores: o primeiro é que a concepção linguística mais comum da atualização é entendida como uma “subida” das estruturas virtuais em direção à manifestação” e, conseqüentemente, à realização; o segundo é que a potencialização possui como característica o efeito da práxis enunciativa, e, por conseqüência disso, resulta em uma

memória esquemática que permanece em seu lugar (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 58).

Ao final deste capítulo teórico, concluímos que a primeira fase teórica da semiótica possui uma base conceitual sólida e robusta no estudo dos elementos inteligíveis do texto. No entanto, estamos atualmente diante do desafio de aprimorar as metodologias que possam atingir o mesmo nível de desenvolvimento em relação aos aspectos sensíveis, levando em consideração a herança dos estudos de Greimas.

### 3 ESTÉTICA E ESTESIA DO POPULISMO BOLSONARISTA

#### 3.1 Notas iniciais

A partir de diferentes textos literários, Greimas (2017) descreve a experiência sensível entre as discontinuidades e continuidades de um actante-sujeito em sua vida cotidiana, estabelecida na junção entre sujeitos e objetos. O percurso, tal qual observado pelo semiótico, é concebido como a apreensão estética, que parte de uma ruptura do cotidiano e é, então, sucedida por um estado de deslumbramento para além daquele experimentado de forma rotineira, para enfim retornar a um estado semelhante ao inicial.

Na parte mais intrínseca do princípio estético formulado por pelo autor, a noção de estesia assume posição de destaque para compreender esse modelo narrativo. A estesia é o sincretismo do sujeito com o mundo, a fusão entre o inteligível e o sensível - apreendida como ruptura do cotidiano.

Utilizamos o princípio de estesia para observar o fenômeno social e político do populismo. É a partir dessa perspectiva greimasiana que o populismo vem sendo pesquisado por Landowski (2018, 2020, 2021) e outros semióticos, e é sob esse viés teórico que procuraremos definir o fenômeno adotado por Bolsonaro.

#### 3.2. Semiótica do populismo

Segundo Barreneche (2019), a noção de populismo é importante para compreender a atualidade da política, porém, ele reconhece não haver um consenso entre os pesquisadores sobre esse conceito. Para Fontanille (2020, p. 47), a indefinição teórica de populismo de modo estável deve-se particularmente à “transformação contemporânea do actante coletivo”, o povo.

Conforme estudo feito por Barreneche (2019), o populismo tem seu enfoque discursivo apoiado no antagonismo entre o povo e a elite. O autor conclui que há um consenso mínimo em relação às características estruturais do populismo, constituído pelo povo, tido como nobre, e a elite, como corrupta.

Em estudo realizado por Fachine e Demuru (2022) a respeito do populismo no contexto digital, os autores defendem que é preciso estudar os diferentes “populismos” se a academia quiser compreender como a política vem se transformando. De acordo com esses pesquisadores, tal fenômeno político possui diversas formas, as quais devem ser analisadas inseridas em seus contextos, mas, ainda assim, os autores identificam que, via de regra, o populismo surge diante

de crises social e econômica, somadas a uma insatisfação e desconfiança das instituições e dos políticos e partidos que predominam rotineiramente nos cenários de poder (FECHINE; DEMURU, 2022). No entanto, não é o povo que assume o protagonismo na “retomada do poder”, afirma Kharbouch (2018, p. 11):

Levando em consideração a pretensão do populismo de devolver ao povo o papel de protagonista nas decisões políticas, parece paradoxal que não seja o próprio actante sujeito – o “povo” – que assume nessa configuração narrativa a função do “herói” mediador entre um antes disfórico e um depois eufórico. Pois é somente ao seu adjuvante, o partido – e especialmente ao seu líder – que cabe essa honra, enquanto o sujeito-povo, confinado à passividade, assume não o papel de “herói-buscador”, mas de “herói-vítima”. Como não se surpreender com o fato de que formações políticas que supostamente dão ao povo o papel principal o tratam, ao menos narrativamente, como um parceiro passivo, incapaz de levar adiante sua busca por si mesmo!<sup>10</sup>

Ainda segundo o autor, o líder é a figura necessária para o resgate do objeto de valor (o poder), que foi usurpado pelo antissujeito (a elite). No populismo, a figura do herói mediador tem como objetivo restaurar a identidade inicial do sujeito-povo e fazê-lo retomar aquilo de que ele foi privado.

Para Landowski (2022b), o fascínio por parte do povo por essas figuras políticas é um fenômeno a ser explorado para além das estratégias de persuasão já conhecidas. O sociossemiotista destaca que o actante que se reveste do papel temático de populista se apresenta, na maioria das vezes, como fruto de uma espécie de virgindade política, com relativa inexperiência e impregnado por certo distanciamento em relação aos costumes tradicionais encontrados no meio político (Id., 2018).

De modo mais geral, o populismo contemporâneo é definido pelo pesquisador francês “como uma etiqueta aplicada a diversas correntes de forte teor nacionalista que têm em comum se apresentar como defensores dos interesses do ‘povo’”. (Id., 2020, p. 17).

Contudo, o autor afirma que os conceitos de populismo contemporâneo definidos por sociólogos e politólogos, embora embasados apenas em explicações de caráter externo, possuem dados semióticos de grande utilidade. A partir da observação dos conceitos disponíveis, o mesmo autor conclui que o populismo resulta em uma crise fiduciária, denominada por ele como:

---

<sup>10</sup> Trecho original: Compte tenu de la prétention du populisme de rendre au peuple le rôle de protagoniste dans les décisions politiques, il semble paradoxal ce ne soit pas l’actant sujet — le « peuple » — qui assume dans cette configuration narrative la fonction du « héros » médiateur entre un avant dysphorique et un après euphorique. Car c’est uniquement à son adjuvant, le parti — et tout spécialement son leader — que revient cet honneur, tandis que le sujet-peuple, cantonné dans la passivité, fait figure non pas de « héros-quêteur » mais de « héros-victime ». Comment ne pas s’étonner de ce que des formations politiques censées donner au peuple le premier rôle le traitent, en tout cas narrativement, comme un partenaire passif, incapable de mener à bien sa quête par lui-même!

[...] a perda de confiança nas figuras políticas e nas instituições que distanciou das formas tradicionais de participação política uma massa de cidadãos vítimas da conjuntura mundial, conduziu uma parte em direção à abstenção e empurrou os mais indignados, os mais revoltados ou os mais resolvidos para o lado de personalidades rejeitadas pela “classe política”. Para os eleitores que sonham em afastar do poder os representantes de um “establishment” tido como responsável por seu destino injusto, o que poderia ser mais lógico do que se aliar a “outsiders” que se proclamam os inimigos de toda e qualquer “elite”, em nome justamente do “povo”? (LANDOWSKI, 2020, p. 18).

Ao semiotizar as metamorfoses do efeito de verdade no contexto político, Landowski (2022a) lembra que o crer, tal como definido por Greimas, era inteiramente voltado ao plano cognitivo, pois tinha como ponto central a noção de persuasão discursiva. No entanto, ele nota que essa conclusão era baseada no debate político predominante na França à época dos estudos realizados pelo semioticista lituano. No período tomado como base de análise, os políticos contemporâneos de Greimas desenvolviam longos discursos refinados, que favoreciam o debate de ideias.

Ocorre que, ainda segundo o mesmo autor, a partir dos anos 1980/90, essas formas já não tinham a credibilidade de outrora, a linguagem antes refinada e formal foi sendo desvalorizada para dar lugar a um discurso mais grosseiro, que traria impacto para o plano cognitivo.

Para o autor, até a virada do século, o discurso político era da ordem da razão, e em certas ocasiões pendia para as paixões – em situações devidamente plenas de argumentos – então o plano cognitivo se fazia presente como norteador das diferenças políticas. Porém, após esse período citado, tal discurso foi tomando proporções estésicas.

A ascensão dessa nova forma de fazer política que privilegia o estésico em detrimento do cognitivo faz emergir “relações intersubjetivas quase intimistas” entre líderes e apoiadores, como desejavam os precursores do atual populismo, provocados por “movimentos antidemocráticos de direita” (Ibid., p. 4).

Nesse contexto, cabe retomar o conceito de manipulação sob o ponto de vista da semiótica. A manipulação tem como objetivo imprimir uma intencionalidade ou uma direcionalidade na construção da semiose por meio de argumentos persuasivos. Busca-se paralelamente obter a adesão de outro, ou seja, temos um sujeito manipulador que coloca em circulação objetos de valores aos quais quer que seu destinatário entre em conjunção ou entre em disjunção deles. Ocorre que essa estratégia de ordem cognitiva não é suficiente, é preciso haver relações de copresença sensível, nas quais os actantes são “dotados de uma competência estésica” (LANDOWSKI., 2014b).

Para Landowski (2021), a comunicação dos políticos tem se tornado cada vez mais demagógica devido ao uso de uma estratégia simplista, rarefeita de argumentos. Segundo o autor, o discurso político atual está fadado a “procedimentos estésicos de sedução”, que ganham maior alcance com o avanço da era digital (Ibid., p. 193).

De acordo com o semioticista, Bolsonaro surge no mesmo contexto ideológico de outros líderes políticos como M. Le Pen (França), M. Salvini (Itália), B. Johnson (Reino Unido), V. Orban (Hungria), D. Trump (EUA) (Id., 2020). O sucesso desses políticos deve-se, segundo o pesquisador, há três fatores já explorados pelos cientistas políticos: “‘o poder de sedução da ideologia (fator de base)’; ‘impacto negativo do desenvolvimento econômico’ (segundo fator) e a ‘clientela política visada, quanto por múltiplos dados conjunturais (terceiro fator)’” (LANDOWSKI, 2020, p. 17). Há, ainda, um quarto fator, identificado pelo semioticista:

“é a forma de sua mise en scène. É o modo, basicamente comum a todos eles, pelo qual se apresentam publicamente e o tipo de ligação, por assim dizer “íntima”, que eles conseguem estabelecer com seus apoiadores, além ou aquém das medidas concretas que eles ou seus partidos têm de propor.” (Ibid, p.17).

Laclau (2013, p. 172), teórico da política e do discurso, aborda o populismo refletindo sobre as seguintes condições para a sua existência:

(1) a emergência do povo requer a passagem via equivalências, de demandas isoladas, heterogêneas, a uma demanda “global”, que envolve a formação de fronteiras políticas e a construção discursiva do poder como uma força antagônica; (2) no entanto, como essa passagem não decorre de mera análise das demandas heterogêneas – não existe uma transição lógica, dialética ou semiótica de um nível para o outro –, algo qualitativamente novo tem de intervir.

Além dos fatores mencionados, o autor afirma que algo em torno da ordem do afeto, como apaixonar-se ou odiar, é parte de um investimento constituído “somente através da catexia diferencial de uma cadeia de significação” e, portanto, a afetividade é componente essencial para a inteligibilidade que permeia o discurso populista (Ibid., p. 173).

Com o propósito de trazer à luz a relação profunda – alimentada pelo populismo – que se observa entre Bolsonaro e seu eleitorado feminino, procuraremos, em nossas análises, identificar, na imanência do discurso do líder político, o que poderia levar a formas de contágio entre ele e as mulheres do *#EleSim* e a afastar o eleitorado do *#EleNão*, apesar de esse sujeito apresentar estratégias de manipulação ou de veridicção em jogo no campo político, e, com efeito, elas também serem depreendidas de seu *ethos*.



### 3.3 As faces e as isotopias do autoritarismo

Como prévia para abordagem das análises embasadas pelos conceitos da semiótica nesta tese, consideramos importante apresentar uma breve biografia do ator envolvido em nossa análise. Depreende-se de sua história o corpo de um ator social com desempenho sofrível na carreira militar. É um ator semiótico modalizado pelo *não querer cumprir* as normas militares, a partir da evidência de desobediência aos seus superiores e à instituição, dimensão na qual busca um movimento contrário à ordem e à compostura. É através de uma nostalgia pelo período da ditadura militar que Bolsonaro projeta o *ethos* autoritário. Esse comportamento permanece ao longo de sua extensa vida política.

O primeiro conjunto dos discursos de Bolsonaro selecionados para esta pesquisa se alinha à carreira de Bolsonaro nas Forças Armadas. Defensor público da ditadura, o militar reformado exalta a tortura e valoriza o exército e todos os profissionais da segurança pública, conforme é identificado no conjunto de seus discursos. Identifica-se nele, portanto, um *ethos* beligerante, posicionado a favor de um regime de cerceamento dos direitos humanos, conforme observaremos na análise a seguir.

Em agosto de 2008, em frente ao Clube Militar, onde era realizado um debate sobre uma possível revisão da Lei da Anistia, o então deputado declarou a manifestantes contra a ditadura, que “o grande erro [da ditadura] foi torturar e não matar” (BOLSONARO, 2008a). Nessa afirmação categórica se esboça um *ethos* de certezas inquestionáveis, que se confirmará nos discursos subsequentes da carreira política do enunciador.

Mais tarde reafirmou sua posição sobre a ditadura em entrevista concedida em 2016 ao programa *Pânico da Rádio Jovem Pan*, quando ainda era pré-candidato à presidência da República. Ao ser perguntado se realmente acreditava nessa afirmação que fizera a um manifestante, Bolsonaro respondeu:

Sim, falei essa frase, falei. Tá, Ok? Foi no fragor de uma disputa. Ao ver depoente na câmara contar mentira deslavada, como se a política nossa [do exército] fosse estuprar, que eles [as vítimas de tortura] falam isso aí, fosse botar rato em vagina de mulher. Chega nesse ponto de imbecilidade que a resposta que eu dei no momento foi essa daí. (BOLSONARO, 2016a).

Em abril de 2016, durante a votação do *impeachment* de Dilma Rousseff pela Câmara dos Deputados, Bolsonaro dedicou seu voto ao coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, torturador da ex-presidente durante o período da ditadura.

[Os esquerdistas, os comunistas] perderam em 64<sup>11</sup>, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo<sup>12</sup>, pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim! (BOLSONARO, 2016b).

O discurso que antecede o voto favorável ao impedimento de Dilma Rousseff evidencia os objetos com os quais Bolsonaro encontra-se em conjunção e disjunção. O destinador é a favor do golpe de 64, do militarismo e da tortura. Paralelamente euforiza os valores concernentes à estabilidade das práticas familiares, ilumina argumentativamente o suposto estado de inocência perene das crianças, exalta as crenças sociais que agigantam a pátria e a religião, que, conforme interpretadas por ele, apresentam-se como instituições que guiam sua própria conduta pública de modo questionável. O ator do discurso Bolsonaro, para qualificar-se, desqualifica o outro.

O mesmo discurso de qualificação e desqualificação foi utilizado no golpe militar de 64. Fiorin (1988) afirma que tal golpe foi construído a partir da desqualificação de João Goulart e qualificação das Forças Armadas para governar o país. O autor descreve que:

Goulart passa a ocupar a posição de sujeito responsável pela insatisfação e pela decepção, ou seja, o papel narrativo de antissujeito. O povo, detentor do poder, desqualifica Goulart, manifestando o querer retirar-lhe o poder-fazer e qualifica as Forças Armadas para realizar o seu querer [...]. (Ibid. p. 35).

Surge nessa narrativa de qualificação e de desqualificação, segundo o autor, “um antagonismo, uma luta entre o ‘vilão’ e o ‘herói’” instituída pela ordem vs. caos (FIORIN, 1988, p. 35). Essa narrativa é a mesma utilizada por Bolsonaro ao disforizar os valores defendidos pela esquerda, naquele momento representada pela ex-presidente Dilma, que segundo ele impedia os brasileiros de alcançar a tão desejada liberdade, ou seja, um país livre de ideais comunistas.

Bolsonaro narra seus ideais a partir de uma lógica implicativa, se eles [os integrantes da esquerda, os comunistas] perderam em 64 e agora é porque mereceram, porque são comunistas e, como tais, são maus elementos, que devem ser eliminados para o resgate da liberdade do povo, ou seja, o fim do Governo PT, a partir do impeachment da então presidente Dilma. Surge em seu discurso uma relação entre os termos contrários esquerda e direita, na qual aquela é

---

<sup>11</sup> Uma referência ao golpe militar e ao início da ditadura.

<sup>12</sup> Organização política fundada por Fidel Castro e Luiz Inácio Lula da Silva em 1990 a qual reúne líderes políticos de partidos de esquerda da América Latina (SANCHES, 2019).

repudiada, responsável por todo o mal feito ao país e esta é vista como a salvadora da pátria, a solução para retirar o país do caos deixado pela esquerda.

Além disso, o gesto de exaltar no plenário um dos maiores torturadores do regime militar, Coronel Ustra, que torturou pessoalmente a ex-presidente, conforme dados da história do Brasil, e negar os efeitos nefastos e evidentes do regime da ditadura, tornam a inteligibilidade do que é dito no discurso concentrada no sensível, conforme depreendemos dos estudos de Barros (2019). Dessa forma, para o enunciatório, que reconhece a tortura como uma ação de alto grau de violência e de degradação humana, o impacto negativo aumenta. Enquanto para o enunciatório que adere aos ideais de presença defendidos por Bolsonaro, o impacto é positivo.

A lógica implicativa seduz o enunciatório no discurso de Bolsonaro. Essa lógica foi aplicada pelo ator da enunciação em discursos pronunciados em outros eventos, em que o então deputado se manifestou favorável à tortura. Em entrevista ao Programa Câmara Aberta, da TV Band, em 23 de maio de 1999, concedida ao jornalista Jair Marchesini, Bolsonaro fez declarações polêmicas. Ao referir-se ao ex-presidente do Banco Central, Francisco Lafaiete de Pádua Lopes, conhecido como Chico Lopes, que se recusou a depor na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos bancos, para a qual fora convocado, Bolsonaro disse o seguinte:

Eu até sou favorável na CPI do caso Chico Lopes, que tivesse pau-de-arara lá. Ele merecia isso: pau-de-arara. Funciona. Eu sou favorável à tortura. Tu sabe [sic] disso. E o povo é favorável a isso também (BOLSONARO, 1999).

Levando em conta o uso informal da língua portuguesa, o que é impróprio para o lugar institucional ocupado, temos um *ethos* de transgressão à norma urbana culta e de prestígio. Um texto bastante desencontrado da expectativa retórica concernente a um ator político em fala pública prepara o *ethos* da transgressão burlesca. Para Bolsonaro, se Chico Lopes não quer falar, logo falaria se fosse colocado no pau-de-arara. O ator da enunciação Bolsonaro justifica o uso da tortura para que o povo saiba a verdade, no viés manipulatório construído no interior do discurso. Dessa forma, pela implicação, sobretudo, no discurso em que busca justificar a punição de seus inimigos, o ator do enunciado constrói um simulacro para fazer crer no seu dizer. Ao ser assim manifestado, o discurso populista estimula *paixões tristes* em seus enunciatórios, conforme noção proposta por Fontanille (2020).

A paixão é, assim, “um arranjo de elementos linguísticos [...] um arranjo de modalidades, que são moduladas”, a exemplo da curiosidade, que nessa perspectiva semiótica é compreendida como um querer-saber intenso (FIORIN, 2008a, p. 60). Fontanille (2020, p. 48) afirma que as *paixões tristes* – como a desconfiança, a rejeição ao outro, o sofrimento, o

ódio e o medo – estão associadas ao populismo, quando “tais paixões são compartilhadas pela maioria dos cidadãos, muito além apenas daqueles que votam nos candidatos populistas”.

Ainda em relação ao tema da tortura, retomamos ao estudo realizado por Barros (2019) para compreender as relações estésicas dos sujeitos envolvidos nessa ação violenta. Ao comparar o sujeito torturado e o sujeito torturador, a pesquisadora relata que “a tortura é vivida como *acontecimento*” (BARROS, 2019, p. 501) para aquele que é torturado. A autora considera a impossibilidade de controle por parte do torturado da situação a qual é submetido, restando a ele a experiência sensível e o apagamento do inteligível. No caso oposto, é a lógica do *exercício* que predomina, pois o torturador (sujeito do fazer) tem o domínio da inteligibilidade, calcula o andamento e tonicidade de todo o sofrimento físico e psicológico de torturado (sujeito de estado).

A autora explica que a exaltação de Bolsonaro à tortura é uma forma de intensificar aquilo que já é intenso. Se a tortura, por si só, tem valor tônico para a maioria da população, por sua forma chocante de aniquilação do outro, o enunciador que se posiciona a favor dessa prática produz um impacto ainda maior. Ao considerar que a tortura no período da ditadura militar foi insuficiente tanto na quantidade de pessoas que foram torturadas quanto no grau de execução, o ator da enunciação Bolsonaro estabelece que, para ele, a morte é euforizada ainda mais do que a tortura. A autora afirma que “o discurso de Bolsonaro realiza, a cada momento, um deslocamento do limite, ao intensificar, cada vez mais, aquilo que já parecia o extremo do intenso” (Ibid., p. 504). A pesquisadora explica como esse discurso é recebido pelos enunciatários:

[...] Bolsonaro apresenta a tortura sob a lógica do exercício, mas, ao fazer isso e, ainda, ao identificar-se ao torturador, rompe as expectativas de uma boa parte dos eleitores brasileiros. Desse modo seu discurso é recebido como *acontecimento*, como choque, pois opera a intensificação do intenso e ainda se organiza de modo concessivo, o que se traduz na “captura” do enunciatário – quer esse enunciatário o avalie positivamente ou não – por meio da emoção, dos afetos do sensível. (BARROS, 2019, p. 505).

A semioticista conclui que a lógica concessiva é predominante para o destinatário do discurso de Bolsonaro, especificamente, para aquele que tem pavor à tortura. De nossa parte, concluímos, a partir das afirmações da autora, que o enunciatário, ao atualizar as violências praticadas e as memórias da ditadura como episódios impregnados de cargas altamente estésicas, pode vir a deparar-se com um acontecimento, na acepção de Zilberberg (2011a), a cada pronunciamento de Bolsonaro.

Deduz-se, até esse ponto de nossa análise, que as estratégias de manipulação de Bolsonaro têm efeitos sensíveis, menos ou mais impactantes, no segmento dos seus destinatários, sendo estes favoráveis ou contrários ao seu discurso.

Para alimentar o autoritarismo e o ódio aos “comunistas”, Bolsonaro precisa manter em seu discurso uma isotopia figurativa e temática e também coerente esteticamente – isto é, coerente na ordem da sensibilidade ou da estesia – numa inclinação passional voltada para o extermínio do *outro*. Nessa isotopia estética, assim denominada por nós nesta tese, o ódio é compartilhado entre sensibilidades e mobiliza sentimentos disfóricos tanto por parte de quem entra em conjunção com os objetos euforizados por Bolsonaro, quanto por quem os abomina.

Ao incluir no seu discurso as faces sombrias do período da ditadura, Bolsonaro ousa dizer o indizível, mas visto que não é sancionado na intensidade e na extensidade supostamente necessária aos ideais democráticos, ele encontra espaço para disseminar o sentimento impregnado da paixão do ódio e testar os limites da democracia.

No livro *Como conversar com um fascista*, Tiburi (2015) conclui que o autoritarismo precisa manter-se presente no cotidiano, dessa forma busca exterminar a democracia autêntica no lugar de outra democracia, de fachada e, para isso, o ódio deve ser cultivado “de maneiras e intensidades diferentes em tempos diferentes” (Ibid. p. 31).

Dessa forma, Bolsonaro impõe um ritmo discursivo e prático como político em ação, desenvolvendo restrições à democracia. É o que constatamos a partir da noção de ritmo elaborada por Zilberberg (1985). Conforme acepção desse autor, o ritmo ocupa lugar na semiótica tensiva sob o aspecto da tonicidade e da temporalização, e é caracterizado pelos formantes pausas e acentos (acentuado ou inacentuado), estes, por sua vez, desdobram-se em altura, intensidade e duração (ZILBERBERG, 1985).

Sob uma cadência rítmica, o enunciador Bolsonaro busca, a todo momento, promover uma ruptura institucional, ao renovar o discurso de violência e repressão de outrora, isto é, compactuar com práticas de tortura para os supostos inimigos do povo. A cada novo pronunciamento, o ator da enunciação Bolsonaro, conforme extraímos das considerações de Barros (2019), submete o seu enunciatário a um grau maior de tonicidade emergente nas formas discursivas que trazem à luz o princípio de opressão. Esse princípio ganha força à medida que vai obtendo a adesão de novos apoiadores por relações estésicas de contágio e de ajustamento à fala do actante Bolsonaro.

O ritmo adotado por Bolsonaro prospera na progressão desejada por ele, pois suas falas não encontram objeção das instituições que seriam capazes de atenuar o impacto tensivo das transgressões cometidas por esse ator discursivo. Assim, quem por obrigação deveria contê-lo,

deixa de aplicar as sanções apropriadas, e essa inércia permite, portanto, um recrudescimento, cuja partição é a saturação, o “acréscimo de mais de um *mais*”, conforme depreendemos da acepção de Zilberberg (2011a, p. 59).

Diante das tentativas de romper com a democracia, tais quais as levantadas nesta tese, o destinador mobiliza destinatários competentes para compartilhar afetos a favor de uma direção tensiva ascendente, cravada no princípio de cerceamento das liberdades individuais. Colabora para isso a baixa tonicidade dos antissujeitos (as instituições moderadoras) do ator Bolsonaro em conter o ritmo imposto por esse sujeito autoritário e restabelecer o estado democrático de direito.

### 3.4 Crise fiduciária: a emergência de um herói mediador

O período pré-eleitoral de 2018 é marcado por uma ascendência do sentimento de insatisfação e decepção por boa parte da população brasileira. Essa insatisfação se compõe junto a uma crise fiduciária de ordem política, relacionada ao Partido dos Trabalhadores (PT), que governou o país de 2003 a 2016. Durante esse período, acontecimentos contribuíram para a crise: um esquema de corrupção de compra de votos de parlamentares, conhecido como Mensalão; manifestações das jornadas de junho, que iniciaram devido ao aumento das tarifas de ônibus, mas que revelaram, mais tarde, outras insatisfações da população; condenações da Lava-jato; e o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

É nesse contexto de práticas semióticas voltadas a condições de governabilidade que Bolsonaro, ator social e político candidato à presidência, se destaca no meio político desempenhando o papel de um suposto *outsider*, mesmo tendo exercido, ininterruptamente, diversos cargos eletivos por 27 anos, até aquele momento das eleições.

O simulacro de virgindade política, tomando para nós as palavras de Landowski (2018), tornou-se crível para determinados segmentos da população, porque durante a trajetória política de Bolsonaro, o seu discurso aliou métodos persuasivos na construção de um sujeito antissistema ao emprego de competências estéticas.

Exemplo desse simulacro de distanciamento político pode ser observado no discurso de Bolsonaro quando questionado pelo jornalista Jair Marchesini se fecharia o Congresso Nacional, no programa *Câmera Aberta*, exibido na Rede Bandeirantes (Band):

Não há a menor dúvida. Daria golpe no mesmo dia, no mesmo dia. Não funciona. E tenho certeza que [sic] pelo menos 90% da população ia fazer festa e bater palma, porque não funciona. Pra quê um Congresso hoje em dia? Não serve pra nada xará.

Só vota o que o presidente quer. Se ele [o presidente] é a pessoa que decide, que manda, que tripudia em cima do Congresso, dê logo o golpe, pô. Parte logo para a ditadura. Agora não vai falar de ditadura militar aqui, só desapareceu [sic] 282, a maioria marginais, assaltantes de banco, sequestradores (BOLSONARO, 1999).

O *ethos* de um corpo enrijecido pela certeza inquestionável de suas próprias afirmações compõe o perfil social do ator da enunciação. Em seu discurso, Bolsonaro deixa evidente que entre ele e o Congresso Nacional foi estabelecido um contrato de veridicção específico: minha verdade de enunciador é a verdade geral, queiram alguns ou não. Isso acontece porque a não crença de Bolsonaro na retidão do discurso político, no bom funcionamento do sistema político, juntamente com o *ethos* da certeza inabalável neutraliza discussões possíveis com o auditório, isto é, com o enunciatário, e assim torna-se exígua a dimensão racional do discurso. Diante disso, o ator da enunciação Bolsonaro, por meio do narrador instituído no interior de seu discurso, faz vir à luz um efeito tensivo de impacto fortemente passional aos seus enunciatários.

Essa verdade apreensível do discurso, que qualificamos como tensa e, esteticamente conflituosa, inscreve-se na pesquisa semiótica como decorrente de um contrato de veridicção. Para a semiótica, o que interessa não é “o problema da verdade, mas o dizer verdadeiro, da **veridicção**”, conforme explicam Greimas e Courtés (2016, p. 530, grifo dos autores).

Paralelamente à veridicção, temos, conforme já mencionado nesta tese, a presença contínua da fidúcia, baseada nas condições de confiança, de crença, que, no interior do discurso, promove ajustes entre sujeitos (BERTRAND, 2003). Para Greimas e Courtés (2016, p. 99), é pressuposta à comunicação semiótica “uma relação intersubjetiva que tem por efeito modificar o estatuto (o ser e/ou o parecer) de cada um dos sujeitos em presença”.

Sob o ponto de vista da análise do discurso político, tratado na esfera da governabilidade do país, notamos que, entre as possibilidades de veridicção, a falsidade é o modo encontrado no interior deste enunciado veridictório: “o Congresso *não parece e não é* eficiente”. “Não funciona”. Assim se apresenta a prática dos parlamentares em contiguidade com o discurso de Bolsonaro. Por sua baixa eficiência e performance – se tomarmos como parâmetro um ideal de governabilidade para o bem de todos os cidadãos de nossa nação, como propõe a filosofia de Aristóteles (2017)<sup>13</sup> – o ator da enunciação Bolsonaro, parceiro do contrato de veridicção e de fidúcia, e parceiro dos parlamentares, receberia uma sanção negativa, de andamento rápido e tonicidade forte: “Daria golpe no mesmo dia, no mesmo dia” (BOLSONARO, 1999).

---

<sup>13</sup> Em sua obra *A política*, Aristóteles (2017) decorre sobre os diferentes modelos de governabilidade existentes à época de seu estudo e faz reflexões sobre qual deles promoveria melhores condições para a distribuição justa de poder entre governantes e governados.

Com essa ameaça do ator discursivo Bolsonaro – discursivizada como a retirada iminente dos poderes do Congresso Nacional – a perda de extensidade se confirma de grande impacto emocional. A concentração do poder em uma única pessoa, caso da ditadura prometida por ele, confirma o autoritarismo da voz do político. Tal autoritarismo, para Landowski (2020), é equiparado ao regime absolutista. Essa forma de relação de poderes entre sujeitos é exercida “sob a dependência de uma autoridade poderosa, cujas decisões dependem apenas do seu próprio capricho” (LANDOWSKI, 2020, p. 23). Daí decorrem paixões, ou seja, efeitos de sentido emocionais construídos nos textos a partir de modalidades (FIORIN, 2008a).

No estudo das paixões complexas nas relações fiduciárias, em que Barros (2001), retoma a obra *Sobre o Sentido II* (GREIMAS, 2014), a autora explica que o sujeito de estado estabelece um contrato imaginário de confiança com o sujeito do fazer, na expectativa de que ele seja modalizado por um *dever-fazer*. No entanto, essa relação é meramente baseada no desejo do sujeito do estado, sem qualquer obrigação do sujeito do fazer de atendê-lo em suas necessidades.

Dessa relação fiduciária, podem desencadear-se diferentes estados passionais, os quais gerarão tensões e relações juntivas de acordo com o nível de confiança estabelecido. Entre essas possibilidades, como aponta Barros (2001, p. 63), estão a insatisfação e a decepção, as quais são “estados intensos e não-eufóricos de não-conjunção”.

Em relação à insatisfação e à decepção, Barros (2001, p. 64) afirma, ainda apoiada nos conceitos de Greimas (2014), que elas podem levar a novos efeitos passionais duradouros, como a mágoa ou, ainda, serem conduzidas a “um *sentimento de falta*, definido pelo /querer-ser/ em conflito com o /saber-não-ser/ e com o /crer-não-ser/ característicos da crise de confiança”.

Em seu discurso, Bolsonaro cria o simulacro do sujeito que não crê na possibilidade de o Congresso atuar de forma independente e autônoma sem a interferência do poder executivo. Assim, mantido o simulacro de um sujeito movido pela insatisfação e pela decepção, destaca-se o argumento de que falta um Congresso que funcione. A criação de um novo objeto de valor desejável, o preenchimento da falta gerada pela atuação do Congresso poderá levar Bolsonaro a um “programa de liquidação da falta” – o que afirmamos ainda embasados no estudo feito por Barros (2001, p. 64).

Diferentemente das paixões de falta, em que o sujeito é modalizado pelo *querer ser*, *crer não ser* ou *poder não ser*, as paixões de liquidação de falta levam o sujeito em disjunção com o objeto de valor a *querer fazer*, conforme esclarece a autora (Id., 1989-1990).



É passível de reconhecimento o fato de que Bolsonaro, como um sujeito dominado pelo sentimento de falta, modaliza-se em *querer fazer*, ou seja, fechar o Congresso, para que haja uma reparação com a transformação de seu estado de junção com o objeto de valor.

Para reparar-se à falta é necessário instaurar-se um sujeito do fazer, em geral em sincretismo com o sujeito que sofre a falta e a quem cabe realizar um programa para liquidá-la. O programa reparador liquida ora a falta de objeto – efectuam-se novas estratégias tentativas de conjunção ora a falta de confiança (BARROS, 1989-1990, p. 66).

As relações que estabelecemos nessas análises com o estudo da autora fundamentam nossa observação da construção do *ethos* de Bolsonaro como um sujeito populista, que cria uma situação de falta de confiança e, ao mesmo tempo, se lança como um político diferente de todos os outros.

Para esse contexto, retomamos também Greimas (2014, p. 241), para quem a insatisfação e a decepção geradas pela falta são duas formas de disforia provocadas pela frustração, um descontentamento “que conduz à explosão da cólera”. Embasados nesse estudo, entendemos que, em sua expectativa frustrada, Bolsonaro não esconde que não acredita que o Congresso seja capaz de atuar como ele desejaria: “Não funciona. [...]. Pra quê um Congresso hoje em dia? Não serve pra nada xará. Só vota o que o presidente quer” (BOLSONARO, 1999).

Fechine e Demuru (2022) abordam em estudo sobre o populismo os efeitos do discurso de insatisfação e decepção. Para os autores, essas paixões geram “um forte sentimento de rejeição aos partidos políticos profissionais e uma crescente desconfiança em relação às instituições”, que acaba por revelar um “ressentimento social mobilizador” (Ibid., p. 17).

Em estudo sobre o ressentimento, Fiorin (2007a) diz que essa paixão costuma confundir-se com outras: amargura, rancor, decepção etc., porém, para descrevê-la semioticamente na base do afeto, o autor recorre à definição lexical e ao estudo das modalizações.

Segundo esse autor, o ressentimento surge a partir de uma espera fiduciária, na qual o sujeito coloca toda a sua expectativa de realização em outro, mas que não acontece como fora idealizado e, assim, desperta sentimentos de insatisfação, por não obter o objeto desejado, e de decepção para com o outro e consigo mesmo, por ter depositado confiança em quem não deveria.

Para além da paixão do ressentimento, o medo e o ódio surgem como consequência desse estado de insatisfação e decepção da população. Em nosso *corpus* de análise identificamos alguns medos nas falas das mulheres do #Elesim, que corroboram o

funcionamento de um discurso de falta fiduciária, como a corrupção, a imoralidade, a libertinagem, a falta de segurança para as mulheres, o debate de causas femininas e feministas, o petismo, a esquerda etc.

A estratégia escolhida pelo destinador para conseguir a adesão de seu auditório é a manipulação por provocação. Nesse tipo de manipulação, o destinador-manipulador possui a competência do saber. No caso de Bolsonaro, ele tem o conhecimento de um estado de falta fiduciária do destinatário-povo com a classe política e tem o conhecimento de uma certa preguiça moral por parte dos membros do Congresso Nacional. É a partir desse conhecimento que Bolsonaro age para que o destinatário-povo esteja ao seu lado.

O destinador utiliza o saber adquirido durante a sua carreira política sobre o Congresso Nacional para retratar negativamente a imagem dessa instituição, e concorre juntamente com esse conhecimento o apelo de falta de confiança nessa instituição para atrair a adesão do destinatário ao seu discurso.

Em resposta a uma crise fiduciária, Bolsonaro surge para seus apoiadores como um herói mediador (LANDOWSKI, 2012), com competência de *fazer sentir*, de se colocar em presença contagiosa junto a seus seguidores e atrair o ator coletivo (grupo de apoiadores), é composto por uma massa de insatisfeitos e decepcionados com os “políticos profissionais” –, e, assim, ele surge como o herói mediador possuidor da competência de poder enfrentar o sistema e realizar o desejo do povo.

Na mesma entrevista em que falou sobre a incompetência do Congresso, o político deu a seguinte declaração ao ser questionado sobre o futuro do país:

Através do voto você não vai mudar nada nesse país, nada, absolutamente nada! Só vai mudar, infelizmente, se um dia nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro, e fazendo o trabalho que o regime militar não fez: matando uns 30 mil, começando com o FHC<sup>14</sup>, não deixar pra fora não, matando! Se vai [sic] morrer alguns inocentes, tudo bem, tudo quanto é guerra morre inocente (BOLSONARO, 1999).

Novamente a descrença no sistema político, que faz apresentar os políticos como da ordem de mentirosos, conduz o discurso bolsonarista para um processo de triagem em relação a seus pares. Esse é um simulacro mentiroso – a triagem – pois, Bolsonaro somente quer a mistura com os componentes do Congresso para angariar mais poder. O destinador realiza uma aparente triagem: constrói o simulacro de não acreditar no sistema político. Triagem violenta para o homem público que é. Afinal, ele não está em ambiente privado, para poder desabafar com tom íntimo da voz.

---

<sup>14</sup> FHC: Fernando Henrique Cardoso – Presidente do Brasil de 1995 a 2002.

Para Bolsonaro, a única solução apontada entre os discursos recuperados é a eliminação do *outro*, a morte em massa, principalmente de seus adversários políticos, o que leva a crer que sua conduta é regida por um recrudescimento de intensidade que ampara a radicalização. Esse aumento de tonicidade é o que Tatit (2019, p. 229), a partir da teoria tensiva desenvolvida por Zilberberg (2011a), denomina como progresso no plano do conteúdo, pois “a partir de um determinado ponto podemos entrar em franca ascendência instaurando um *mais mais*”, um 'recrudescimento'.”

Sustentamos essa afirmação, pois o ator discursivo impõe em seu discurso autoritário um acréscimo de *mais mais* na punição que foi atribuída a FHC no período da ditadura militar, conforme depreendemos de seu discurso. Durante o regime autoritário, FHC foi para o exílio para não ser preso, mas, para Bolsonaro, “deixar para fora”, ou seja, ir para outro país, é uma sanção de baixa tonicidade; o que lhe deixaria, de fato, totalmente satisfeito seria a morte de seu adversário político.

O ódio se manifesta em seu discurso e se propaga esteticamente. Assim como na citação anterior, o enunciador repete sua opinião para reforçar seus valores de absoluto: a impossibilidade de mudar o país pela democracia. Os valores de absoluto se diferem dos valores de universo. Aqueles se referem à triagem e estes, à mistura (ZILBERBERG, 2022). A partir do estudo de *Tensão e significação* feito por Fontanille e Zilberberg (2001), Fiorin (2008b, p. 32) explica que os valores de absoluto “são mais fechados, tendendo a concentrar os valores desejáveis e a excluir os indesejáveis;” enquanto os valores de universo” são mais abertos, procurando a expansão e a participação”. Na perspectiva do discurso bolsonarista, se matar uns 30 mil, inclusive FHC e alguns inocentes, restariam apenas os “bons patriotas”, o que segundo seus valores, possibilitaria de fato uma mudança política no Brasil, portanto o emprego de valores de absoluto.

### 3.5 O bem e o mal: sujeito e antissujeito de uma narrativa maniqueísta

Dando continuidade ao discurso beligerante de Bolsonaro, destacamos suas declarações durante a campanha eleitoral para presidente, na qual definiu os “comunistas”, os “vermelhos”, a “petralhada”, os “esquerdistas” como “inimigos” do povo brasileiro. As figuras aqui colocadas entre aspas trazem em si forte carga de desqualificação do *outro*, mas no discurso desse ator elas adquirem um revestimento tensivo de tonicidade forte. Assim afirmamos, embasados nos preceitos de Zilberberg (2011a).

Em sua passagem por Rio Branco (AC), no dia 1º de setembro de 2018, o candidato simulou, com um tripé de câmera, o fuzilamento de “petralhas” em discurso realizado em cima de um carro de som:

Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre! Vou botar esses picaretas para correr do Acre! Já que eles gostam tanto da Venezuela, essa turma tem que ir pra lá! Só que lá, [sic] não tem mortadela, galera. Vão ter que comer capim mesmo, hein? (BOLSONARO, 2018a).

Nessa passagem de seu discurso, o enunciador toma como direção tensiva o recrudescimento dos afetos, entendido como uma formulação tensiva ascendente, na qual se acrescenta um elã orientado por uma gradação direcionada pelas sílabas tensivas *mais mais* para os afetos que impregnam a sua voz (ZILBERBERG, 2011a).

O discurso explora figuras de violência e ameaça, com alto grau de intensidade: “fuzilar” e “botar para correr” – direcionadas a um grupo específico, a “petralhada” – referência desdenhosa aos integrantes do Partido dos Trabalhadores (PT) – cujos integrantes são disforizados pelo enunciador como “picaretas”.

No discurso, o ator da enunciação Bolsonaro propõe banir um determinado tipo de cidadão do país, uma sanção determinada pela triagem ideológica. Essa triagem é realizada pelo emprego de figuras discursivas altamente depreciativas, conotadas no modo intensamente pejorativo. Para se referir ao adversário, o ator da enunciação revela forte sentimento de malevolência, e quanto mais forte, mais crescente (GREIMAS, 2014; ZILBERBERG, 2011a).

O destinador se realiza como presença actorial, conforme o candidato, que detém a competência necessária para acabar com o inimigo: “a petralhada”. De forma pejorativa, ele diz que na Venezuela não teria “mortadela”, somente “capim”, assim, com o uso dessas figuras, Bolsonaro eleva o potencial de tonicidade de seu discurso, e, conseqüentemente, de sua presença, nos termos estabelecidos por Fontanille e Zilberberg (2001).

Em outro discurso, Bolsonaro é projetado no telão na Avenida Paulista, em 21/10/2018, onde era realizada uma manifestação de apoio a ele. Nessa ocasião, então candidato à presidência fez as seguintes declarações:

- 1) “Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria”.
- 2) Petralhada, vai [sic] tudo vocês pra ponta da praia<sup>15</sup>. Vocês não terão mais vez em nossa pátria, que eu vou cortar todas as mordomias de vocês. Vocês não terão mais ONGs para saciar a fome de mortadela de vocês. Será uma limpeza nunca visto [sic] na história do Brasil. Vagabundo vai ter que trabalhar! [...]. Vocês verão as forças

<sup>15</sup> Ponta da praia é uma gíria utilizada por militares em referência aos presos políticos que seriam torturados e mortos na base militar da Marinha na Restinga de Marambaia, em Pedra Grande, no Rio de Janeiro. (ROLIM, 2018).

armadas altivas, que estará colaborando [sic] com o futuro do Brasil. Vocês, petralhada, verão uma polícia civil e militar com retaguarda jurídica pra fazer valer a lei no lombo de vocês. Bandido do MST, bandido do MTST, as ações de vocês serão tipificadas como terrorismo [...] (BOLSONARO, 2018b).

Ao sugerir o banimento, o corte de todas as “mordomias”, a limpeza dos “marginais vermelhos” e enviá-los para a “ponta da praia”, Bolsonaro extingue a espacialidade tensiva da percepção do auditório em relação aos seus inimigos: a “petralhada”, considerada vagabunda e parte de bandidagem. Os efeitos contrastivos das “forças armadas altivas”, das polícias civil e militar “com retaguarda jurídica”, convocados por Bolsonaro, cria o simulacro eufórico daqueles que seriam recepcionados pelo “inimigo” mediante força bruta, o que gera o efeito de forte impacto.

O ator discursivo faz ainda uma escolha lexical bastante pejorativa ao utilizar a figura discursiva “lombo”. Figurativização que faz lembrar um período da história do Brasil, quando negros escravizados eram obrigados a carregarem no lombo tudo que seus “donos” mandavam, além de serem chicoteados nessa parte do corpo por descumprirem as ordens dos senhorios. O uso dessa figura potencializa a tonicidade entre os oponentes, colocando o eleitor da esquerda como sujeito marginalizado.

Para Zilberberg (2011a), quanto maior o impacto afetivo, mais ele viabiliza a força da tonicidade do próprio sentir. No caso do discurso de Bolsonaro, a tonicidade ascende fortemente, a ponto de reduzir o *outro* (o adversário) a nada, novamente porque possui competência para realizar a *performance* desejada pelo enunciatário, seu eleitor, e sancionar negativamente o inimigo comum.

No discurso bolsonarista, observamos a recorrência de uma estrutura polêmica maniqueísta, em que há a representação de luta entre o bem e o mal. Essa estrutura estabelece uma dicotomia entre o povo e seu antissujeito (os comunistas, os vermelhos, a petralhada, os esquerdistas), colocando-os em lados antagônicos.

Nesse ponto, citamos o conceito de polêmica pública aventado por Amossy (2017), que cabe bem à dinâmica do discurso bolsonarista. Para a autora, a polêmica pública é preliminarmente constituída por um dissenso, ou seja, uma discordância provocada por uma “profunda, até mesmo violenta, diferença de opiniões” (Ibid., p. 18).

Mas além do dissenso, a autora elenca algumas características responsáveis pela polêmica. A primeira constatação é de que a polêmica surge em torno de um debate sobre uma questão atual de interesse público. Necessariamente, ela vai desencadear um antagonismo de opiniões, que provocará o estímulo de argumentações com a finalidade de sustentar o debate contraditório.

A autora explica que o discurso polêmico é “objeto de uma clara *dicotomização* na qual duas opções antiéticas se excluem mutuamente”, diferente de um debate em que existe uma possibilidade de ser solucionado (Ibid., p. 53).

Como características da polêmica, a autora ainda cita a polarização ou a divisão social, a desqualificação do outro e um debate virulento, com a finalidade de expulsar o “adversário para fora do diálogo” (Ibid., p. 61). É o que constatamos no discurso analisado, quando o ator discursivo, de forma virulenta e patêmica, faz menção de extinguir o adversário por sua suposta “diabolização”, de acordo com termo empregado pela pesquisadora para explicar a forma extrema da polarização presente na polêmica (Ibid., p. 60).

Ao mesmo tempo em que instala uma polêmica de base maniqueísta, Bolsonaro se apresenta como homem de ação (LANDOWSKI, 2012), capaz de exterminar os inimigos do povo, seja, nas palavras do ator social em foco, pelo “fuzilamento”, por “botá-los para correr” ou ainda “bani-los do país”.

Em entrevista ao Jornal Nacional, da Rede Globo, o candidato respondeu o jornalista William Bonner a respeito de mortes de inocentes nas favelas dominadas pelo tráfico:

Não podemos deixar os policiais morrendo na mão desses caras. Nós, do exército brasileiro, acabou [sic] de perder três garotos, três jovens garotos para o crime agora. Nós temos que fazer o quê? No local que você possa deixar livre da linha de tiro as pessoas da comunidade, ir com tudo pra cima deles e dar para o policial, e dar para os agentes da segurança pública o excludente de ilicitude. Ele entra, resolve o problema e, se matar 10, 15 ou 20, com 10 ou 30 tiros cada um, ele tem que ser condecorado, e não processado. (BOLSONARO, 2018c).

A solução para o problema social das comunidades dominadas pelo tráfico desponta, no discurso de Bolsonaro, como uma questão de realizar ações violentas consideradas por ele como eficazes. Acontece que, ao analisar o discurso bolsonarista, embasados em estudos da gramática tensiva, constatamos que o modo como ele apresenta suas ações é regido pela intensidade crescente, alinhada a uma performance de grande hostilidade na voz do enunciador. A polícia deve agir com força (tonicidade), o que se mostra no *slogan* do ator político, “ir com tudo pra cima deles” – e rapidamente (andamento) – evidente no trecho “entra, resolve o problema”. Mais uma vez, não há abertura para o discurso respeitar o espaço do *outro*. Ao policial que matar, Bolsonaro sugere a concessão de excludente de ilicitude e condecoração. A sanção positiva ao assassino potencial torna mais forte a triagem a respeito dos valores calcados em direitos humanos.

Nessa declaração, o discurso de Bolsonaro apoia-se no sensível, na destruição, para buscar a adesão de seu destinatário. O pronome de primeira pessoa do plural (nós) é utilizado

para incluir o destinatário em seu discurso, como se fosse um compromisso não somente dele, mas de todos: “Não podemos deixar os policiais morrendo na mão desses caras” (BOLSONARO, 2018c). A escolha sintática (uso de primeira pessoa do plural) feita pelo enunciador para referir-se aos militares é uma tentativa de manipulação por sedução, pois o destinador Bolsonaro crê na sensibilidade de seus destinatários (a classe policial), na empatia garantida via contrato fiduciário. Aqueles soldados mortos eram apenas “três jovens garotos”. Na preferência por essas figuras, o ator da enunciação tem a intencionalidade, no termo proposto por Landowski (2014a), e de dar tonicidade, conforme conceito de Zilberberg (2011a), à juventude perdida.

O destinador-manipulador tem como competência um saber axiologicamente apresentado como positivo sobre a imagem do destinatário e utiliza esse conhecimento para que este queira realizar o programa dado pelo destinador. No presente caso, o enunciador em campanha para presidente busca seduzir os telespectadores do *Jornal Nacional*, especialmente, os potenciais eleitores (agentes da segurança pública), para que sintam compaixão por “três jovens garotos” mortos por bandidos enquanto faziam o seu trabalho de proteger a população. O léxico, transformado em sequências figurativas, é utilizado pelo enunciador para sensibilizar seus enunciatários quanto à lamentável morte de jovens soldados. A redundância do tema da juventude, via emprego das figuras “jovens” e “garotos” intensifica a luta entre o bem e o mal. De um lado a inocência de jovens, do outro, marginais impiedosos.

Ainda na defesa de agentes de segurança pública, em 2015, ao ser questionado sobre o relatório da Anistia Internacional, documento que concluiu que a polícia brasileira é a que mais mata no mundo, Jair Bolsonaro, à época Deputado Federal pelo Partido Progressista (PP), respondeu:

Muito pelo contrário, acho que essa Polícia Militar no Brasil tinha que matar é mais. Quase a totalidade dessas mortes são em combate. Em missão. Então a Anistia Internacional está na contramão do que realmente precisa a segurança pública no nosso país. Violência se combate com violência. (BOLSONARO, 2015a).

A implicação (x, logo y) é a linha de raciocínio (implicação lógica) pela qual Bolsonaro defende a Polícia Militar (PM). À constatação da lógica implicativa depreendida do discurso do político, podemos acrescentar que enquanto a Anistia condena as mortes provocadas pela PM e se posiciona para que haja uma atenuação da violência (*menos mais*), Bolsonaro mantém uma postura favorável ao recrudescimento tensivo dela (*mais mais*). Para manter a segurança pública é necessário continuar matando, segundo a perspectiva adotada pelo ator da enunciação.

Sob os temas que discursivizam o regime da ditadura militar, da tortura e da segurança pública, como algo eufórico, Bolsonaro apresenta a estesia – ou o princípio do sentir entre

tonicidades e ajustamentos – com eventos que ele reconstrói no interior de seu discurso como um *ethos* de sanção punitiva crescente. Enquanto isso, para o sujeito aludido como aquele que receberá a sanção negativa (o adversário desqualificado) a intensidade se revela *mais e mais* tônica e *mais e mais* acelerada. Para o enunciador é preciso acrescentar *mais mais* violência no tratamento brutal e imprimido na figura do *outro* (o inimigo) para que se torne completo o seu projeto beligerante e autoritário de poder arbitrário.

### 3.6 A construção demagógica de uma identidade nacionalista e religiosa

Para Landowski (2022b, p. 8), a fé tem sido uma nova forma política, sem precedentes, de atrair fiéis emocional e cognitivamente, a “ponto de transformar a pessoa do líder em um ídolo que se adora ou um guru que se venera incondicionalmente”.

Sobre o apoio cristão, Demuru (2022) afirma que uma das formas de manifestação do populismo é procurar dar visibilidade a um “caos apocalíptico que estaria prestes a acabar com as suas respectivas nações”, discurso que, segundo o pesquisador, estabelece relações com o milenarismo neopentecostal.

Demuru (2022) explica que, nas bases do milenarismo neopentecostal, existe uma narrativa do fim dos tempos. Assim, surge a necessidade de um messias para a libertação do povo desse cenário apocalíptico.

Como resultado desse estudo, inferimos que o populismo bolsonarista alia duas figuras de forte apelo afetivo para atrair seguidores: a pátria e a fé. Diante da “ameaça comunista” que assombra o país, surge um salvador da pátria: um “messias”, um “mito”.

Com base no apoio cristão recebido por Bolsonaro durante o período eleitoral e considerando o estudo realizado por Demuru (2022), entendemos que a figura de Messias é construída pelo candidato por meio de uma aliança bem estruturada com as igrejas pentecostais e neopentecostais. Com o apoio, por exemplo, da Assembleia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus e de inúmeros pastores bastante conhecidos do público evangélico, o candidato passa a ser venerado como única opção para a salvação do povo brasileiro.

De acordo com Fiorin (2019b), o discurso da extrema direita cria duas isotopias como operações enunciativas: uma nacionalista e outra religiosa, as quais se sobrepõem. O autor menciona um estudo de Marilena Chauí que aponta para a distinção entre nacional e estrangeiro no campo da ideologia, estabelecendo uma luta entre o bem e o mal, e identificando inimigos internos que não compartilham dos “valores conservadores que [supostamente] caracterizam a



nação brasileira” (Ibid., p. 374). A conclusão, a partir desse estudo, é que essa axiologia simplista é estabelecida a partir de uma perspectiva de confronto típica do discurso nacionalista.

Na campanha eleitoral de 2018, Bolsonaro obteve apoio de grande parte do eleitorado cristão movido por uma retórica de proteção da família e um forte apelo à religião e ao nacionalismo. Em seu *slogan* de campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” encontramos um gesto de interdiscursividade com outros discursos nacionalistas.

A interdiscursividade, assim como a intertextualidade, é um termo amplamente utilizado na linguística textual, na análise do discurso e também na semiótica, sendo também central no pensamento de Mikhail Bakhtin (2014, 2018). Fiorin (2014b, p. 191) faz um estudo sobre esses conceitos a partir da obra do autor russo, e conclui que a interdiscursividade diz respeito “a qualquer relação dialógica entre enunciados”, enquanto a intertextualidade refere-se a “um tipo particular de interdiscursividade”.

A interdiscursividade está presente nos discursos populistas. Exemplo disso é o fato do discurso de Bolsonaro estar em comunicação com o de outros políticos populistas. O discurso de Donald Trump, a quem Bolsonaro sempre manifestou apreço, é um exemplo da valorização do nacionalismo revestido de figuras similares. Na campanha eleitoral do ex-presidente americano, a frase utilizada era “America First” [Primeiro a América] (TRUMP, 2017). O discurso ultranacionalista, que era propagado pelo nazismo na década de 1930, tinha como apelo o lema “A Alemanha acima de tudo” [*Deutschland über alles*] (SCHOSSLER, 2018).

Ao analisar o *slogan* da campanha de Bolsonaro, Mafra *et al.* (2019, p. 4-5) observam que esse gênero discursivo desperta “associações funcionais e emocionais”. No estudo realizado pelas autoras, o *slogan* é construído por “frases persuasivas e breves” e de “fácil assimilação”. O *slogan* popularizado na campanha eleitoral de Bolsonaro euforiza os objetos de valor, transformado em figuras discursivas, “Brasil” e “Deus”. Expressa ainda a intensidade da valorização desses objetos em critérios de importância pelos pronomes “tudo” e “todos” e pela ordem das orações na textualização.

As autoras argumentam que as orações estão em ordem hierárquica. Em “Brasil [está] acima de tudo”, o sujeito “‘Brasil’ se sobrepõe a todas as coisas”, enquanto em “Deus [está] acima de todos” ocorre uma sobreposição “ao que já estaria sobreposto pelo sujeito Brasil” (Ibid. p. 8). Dessa forma, as autoras concluem nesse mesmo estudo que os pronomes indefinidos “tudo” e “todos” indicam uma totalidade nacional e uma totalidade religiosa, sendo que esta última acentua o domínio de “Deus” sobre todas as outras coisas.

As dimensões temáticas cravadas no princípio do nacionalismo e da religiosidade se reiteram no discurso de Bolsonaro, como aconteceu em uma visita do candidato à Paraíba, quando ele encontrou alguns apoiadores no aeroporto João Suassuna, em Campina Grande:

Nós somos um país cristão. Deus acima de tudo! Não existe essa história, essa historinha de Estado laico não. É Estado cristão, e a minoria que for contra que se mude. Vamos...vamos fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar às majorias. A lei deve existir pra defender as majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desapareçam. (BOLSONARO, 2017a).

Essa declaração de Bolsonaro se enquadra no que Umberto Eco (2020) descreveu como “Ur-fascismo” ou “fascismo eterno”. Essa noção na teoria do italiano é descrita como uma predisposição política que ultrapassa os limites do tempo e do espaço, sendo possível ocorrer em diferentes épocas e sociedades, apenas revestida de novos discursos, definição que se equipara em parte com o conceito de interdiscursividade do pensamento de Bakhtin (2014, 2018) que acabamos de mencionar. Eco (2020) observou que o termo fascismo é adaptável a diversos regimes fascistas, mesmo que um ou outros aspectos sejam eliminados. Dentre as 14 características apontadas pelo pesquisador, essa fala de Bolsonaro sobre a imposição dos desejos da maioria à minoria sugere a presença do “populismo qualitativo”:

Em uma democracia, os cidadãos gozam de direitos individuais, mas o conjunto de cidadãos só é dotado de impacto político do ponto de vista quantitativo (as decisões da maioria são acatadas). Para o Ur-Fascismo, os indivíduos enquanto indivíduos não têm direitos, e “o povo” é concebido como uma qualidade, uma entidade monolítica que exprime a “vontade comum” (ECO, 2020, p. 55).

Como ponto comum ao populismo qualitativo, ao afirmar que o país é cristão e que são os princípios dessa religião que devem orientar a nação, Bolsonaro está interpretando as leis e impondo, prescrevendo (*dever-fazer* e *dever-ser*) que elas se constituam de acordo com os ideais dele. Assim ele desenvolve a triagem dos valores em circulação na sociedade. Sua identidade cristã, no modo absoluto e não da mistura, na concepção de Zilberberg (2004), tolhe o princípio ético da liberdade religiosa e da diversidade de credos que caracterizam o conjunto de indivíduos brasileiros.

O *slogan* “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” toma uma configuração própria nessa declaração. Bolsonaro confirma um *ethos* cravado na tendência para os valores de absoluto em relação à religião. Para isso, ele opera a triagem de valores. Nessa triagem reina a sanção punitiva àqueles que não estiverem em conjunção com os objetos de valor “Brasil” e “Deus”. De modo implicativo, o enunciador aniquila o *outro* em seu discurso: “se não se juntarem a nós, então devem desaparecer”.

Ao se apresentar como um patriota e cristão, Bolsonaro é capaz de encantar uma multidão como uma vedete, termo proposto por Landowski (2012). Seu patriotismo e sua fé - produto do marketing cristão em massa - constroem a estética de um cidadão exemplar, que ama seu país e que é capaz de amar incondicionalmente o seu povo.

### 3.7 Discursos de ódio em copresença sensível

Em estudo sobre o fascismo, Tiburi (2015, p. 32) entende o ódio como “o afeto que se expressa como intolerância, violência projetiva ou, no extremo, declaração de morte ao outro” (TIBURI, 2015, p. 32). Para a autora, os afetos são aprendidos e compartilhados e, portanto, tem o entendimento de que ao experimentar amor o sujeito responderá com amor e ao experimentar ódio responderá com ódio.

O afeto, na concepção de Tiburi (2015), seja o amor ou ódio, é um sentimento estimulado pela repetição dos discursos. Os afetos não são intrínsecos, são, ao contrário, o resultado de uma experiência afetiva com o outro, daquilo que nos contagia e nos provoca. (TIBURI, 2015).

Ao trazer as notas de Tiburi (2015) para o domínio da semiótica, em especial para a sociosemiótica, observamos uma relação intersubjetiva de alto grau de intensidade entre os actantes presentes nos discursos de Bolsonaro. É uma relação que ocorre em copresença sensível e representa o tipo de contágio descrito por Landowski (2005a). Mesmo que não haja causas aparentes ou que estejam além do plano cognitivo, essa dinâmica se manifesta na presença de um sujeito para o outro e produz sentido.

É essa produção de sentido que recorrentemente encontramos nas declarações de ódio de Bolsonaro às minorias sociais. Em seus pronunciamentos como homem público, o candidato ainda cria o efeito de sentido de desprezo por determinados grupos marginalizados pela sociedade, tais como as mulheres, as populações negras e indígenas e o movimento LGBTQIA+.

Essa retórica de comoção pelos sujeitos frequentemente excluídos por determinados segmentos da sociedade é comprovada nos trechos de discursos que foram levantados para esta pesquisa. Na reportagem de Cortêz (2018) para a revista *Marie Claire*, uma das entrevistadas manifestou preocupação com o discurso de ódio propagado por Bolsonaro:

Os atos agendados são uma forma das [sic] mulheres expressarem seu repúdio às declarações de ódio do candidato à presidência, Jair Bolsonaro, principalmente contra mulheres, populações negras, indígena e LGBT. Para nós, o peso de sua ascensão seria

violento, pois somos as mais vulneráveis, perseguidas e criminalizadas quando os direitos são retirados [...]. (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. 174<sup>16</sup>).

Aqui temos um peculiar fazer interpretativo do enunciatário em relação ao discurso de Bolsonaro. Nesse discurso tem-se o registro de um alinhamento de repúdio ao discurso bolsonarista, formado pelo actante e ator coletivo, o grupo *#EleNão*. Para elas (grupo *#EleNão*), o discurso do candidato Bolsonaro provoca nelas o medo de sofrer com a retirada de direitos humanos. Sobre o medo, Fiorin (2008a, p. 60), explica que essa paixão é “voltada para o futuro: eu só posso ter medo do que vai acontecer”.

Em estudo comparativo entre o medo e a vergonha, o autor descreve que o medo é o resultado de uma sanção negativa, que é acompanhada de “um sujeito de estado na sua relação com o um sujeito de fazer cuja ação seja vista como uma ameaça” (Id., 1992, p. 57). O semioticista explica que essa paixão se refere ao “saber que o outro pode fazer”, “ao contrário da vergonha que concerne ao saber que o outro sabe” (Id., 1992, p. 57).

Segundo o depoimento da entrevistada, temos a demonstração de que é por tal sentimento (o medo) que as mulheres contrárias a Bolsonaro saem às ruas, para evitar que, de fato, esse sujeito destinador de valores para a nação adquira *competência*, via eleição, e seja modalizado pelo *fazer cumprir* suas ameaças. Modalizado, ele *poderá* e *saberá* realizar a *performance* de “persegui-las e de retirar seus direitos”. A tendência de pautar o discurso por um tom disfórico de ameaça alimenta o medo dessas mulheres, por serem as pessoas mais vulneráveis, no entanto, elas agem concessivamente ao agendar atos com o intuito de combater o avanço do ator discursivo Bolsonaro.

Não somente por elas, as mulheres se sentiram ameaçadas, mas também por outras minorias que também sofreriam com a eventual ascensão do candidato, caso dos homossexuais. Em 18 de novembro de 2010, no Programa Participação Popular, da TV Câmara, quando estava em discussão a “Lei da palmada<sup>17</sup>”, Bolsonaro se declarou contrário à lei que proibia castigos às crianças e adolescentes, e ainda afirmou: “O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele. Tá certo?” (BOLSONARO, 2010).

---

<sup>16</sup> Para facilitar a identificação das citações desta pesquisa que compõem as reportagens selecionadas para análise, optamos por informar, junto à indicação da fonte consultada, o nome do anexo e a página específica onde se encontra a referência mencionada.

<sup>17</sup> A Lei 13010, conhecida como Lei da palmada, foi promulgada em 26 de junho de 2014, e “altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante, e altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996”. (BRASIL, 2014)

O enunciador retoma em seu discurso a lógica implicativa, se A então B, “se o filho apresentar um comportamento inadequado, segundo o sistema de valores dele, logo é necessário levar couro”. O reiterado uso desse recurso linguístico incorporado por Bolsonaro nos permite afirmar que esse ator político tem por estratégia discursiva, principalmente, o *exercício* (ZILBERBERG, 2011a) ou a *programação* (LANDOWSKI, 2014a) no desenvolvimento de sua argumentação. O princípio do exercício é postulado por Zilberberg (2007, p. 26) como o discurso histórico que se interessa pela “minúcia dos exercícios e dos funcionamentos, deixando assim um espaço vazio, disponível para o discurso dito mítico”, este relacionado ao acontecimento. Ao sujeito de estado, discursivamente configurado como a pessoa discriminada, só restaria suportar o impacto desse mesmo exercício retórico, segundo o ambiente criado por Bolsonaro na base da ameaça, isso, porém, até que ele também fosse modalizado por um agir contra a opressão do poder arbitrário.

Dentro da perspectiva teórica da sociosemiótica, Landowski (2012) elaborou um quadro de regimes de sentido para a compreensão da presença do *outro* nas interações discursivas entre os actantes da enunciação.

Para o autor, o sujeito necessita construir sua própria identidade por meio da iluminação da diferença em relação ao outro, pela confirmação da alteridade, na construção de sua identidade, que o distingue dos demais. Ao observar essa relação de oposição entre identidade e alteridade, Landowski (2012) elaborou um modelo teórico de análise que pode ser aplicado a diferentes discursos e práticas identitárias. Ele leva em consideração o grau de afinidade que o sujeito mantém com o outro determinado pelas conjunções e disjunções.

Sobre a noção de regimes de sentido, Landowski (2012) define quatro tipos de operações de autoidentificação e heteroidentificação dos sujeitos em gestos de interação de risco: a *assimilação*, a *exclusão*, a *admissão* e a *segregação*. Na *assimilação*, o *eu* aceita o *outro*, mas essa aceitação está sob a condição de o *outro* atender regras impostas pelo *eu*; havendo um princípio de interação estésica entre esses sujeitos, é possível ao *outro* entrar em união com o *eu*. Na *exclusão*, não existe possibilidade alguma de aceitação do *outro*. O sujeito o rejeita completamente e o exclui de seu meio por uma operação de disjunção, relida por Landowski como não restrita à narratividade que ampara o discurso. Na *admissão*, a presença do *outro* é admitida pelo *eu* do jeito que ele é. Aqui predominam a diversidade, a pluralidade, a não disjunção. Na *segregação*, o outro não é aceito por suas diferenças e assim o *eu* opta por uma não conjunção.

Trazendo tais conceitos para os objetivos de descrever os mecanismos de construção do discurso, reconhecemos que a fala de Bolsonaro sobre a não aceitação de um filho *gay* é um

exemplo de um regime de sentido da exclusão, pois, segundo o discurso daquele ator da enunciação, se ele tivesse um filho nessas condições ele lhe daria “um couro” para que se tornasse “Homem”, com “h” maiúsculo, a fim de reforçar o estereótipo de masculinidade propagada por ele. A única possibilidade de assimilação do comportamento desse filho ser aceito por ele, no papel de pai, seria que o filho se identificasse com o mesmo sexo biológico registrado em sua certidão de nascimento. Não somente isso. É esperado que filho tenha uma *performance* de masculinidade, isto é, ser “homem”, que pressupõe, não apenas a atração por mulheres, como também a não-demonstração de afeto por outros homens, bem como a anulação de qualquer trejeito e característica que possam ser percebidos como “afeminados”.

Essa rejeição aos homossexuais pode ser comparada, em termos tensivos, ao exemplo teórico mencionado no capítulo anterior, sobre o casamento entre um coelho e uma carpa, em que Zilberberg (2004) explica que por serem animais de universos diferentes somente podem se casar a partir de uma lógica concessiva. No caso de Bolsonaro, a concessão em relação aos homossexuais, ou seja, a convivência amistosa, é inexistente, pois para ele o que opera é a triagem absoluta e uma postura discriminatória quanto ao relacionamento afetivo entre pessoas do mesmo sexo.

Dando continuidade a esse discurso preconceituoso, observamos que para as mulheres que aderiram ao movimento *#EleNão* essa declaração de Bolsonaro tem alto impacto tensivo, enquanto que para o grupo *#EleSim*, que aprova o candidato, não vê uma sanção negativa configurada como ameaça, no discurso de Bolsonaro em relação aos homossexuais:

Ela negou que frases como dizer que prefere “um filho morto a um filho gay” incitem homofobia ou um discurso de ódio. “Qual a provocação de violência? Ele está dando uma opinião em relação ao filho dele. Qualquer pessoa pode dar qualquer declaração sobre qualquer assunto”. (FERNANDES; MARTINELLI, 2018, ANEXO C, p. 183).

Em vídeo reproduzido no programa *Agora é Tarde*, da Band, apresentado por Danilo Gentili em março de 2012, Bolsonaro opinou sobre a adoção de crianças por casais homossexuais:

90% dos adotados, desses meninos adotados vão ser homossexuais e vão ser garotos de programa com toda certeza desse casal. (BOLSONARO, 2012).

O *ethos* mantém-se como uma maneira durável de avaliar os gestos comportamentais do outro. Domina a lógica implicativa. Pela implicação, Bolsonaro sustenta a exiguidade de visão contida em seu discurso: “se os meninos forem adotados por um casal homossexual, então se tornarão garotos de programa deles”. O enunciador procura *fazer-criar*, persuadir seu

enunciatório, por um modo de dizer com ares de verdade tratada de modo intenso, o que faz corroborar seu *ethos* da certeza inquestionável.

Tal *ethos* manifesta-se no prosseguimento da fala de Bolsonaro, o ator da enunciação participa do documentário *Out There* produzido pela *BBC* e apresentado por Stephen Fry, momento em que Bolsonaro disse não existir homofobia no Brasil:

Não existe homofobia no Brasil, a maioria dos que morrem, 90% dos homossexuais que morrem, eles morrem nos locais de consumo de drogas, em local de prostituição, ou executados pelo próprio parceiro. (BOLSONARO, 2013a).

Temos aí a demonstração do discurso intolerante. De acordo com Barros (2011, p. 256), o discurso intolerante traz consigo uma sanção “aos sujeitos considerados maus cumpridores de certos contratos sociais” e, portanto, devem ser punidos em diferentes medidas por suas más ações.

Bolsonaro parece não aceitar o fato comprovado de que muitos homossexuais são vítimas de violência por serem discriminados e que muitas vezes são mortos por isso, pela prática concernente à homofobia. Ao contrário, sua convicção reforça a implicação de seu discurso: os homossexuais morreram por má-conduta ou porque são criminosos, portanto, a punição é merecida.

Para o então deputado, não há perseguição aos homossexuais, apenas rejeição:

Nós, o povo, a sociedade brasileira não gosta dos homossexuais. Nós não perseguimos. Não existe [sic] grupos aqui no Brasil de caça de homossexuais. É bastante aberto no Brasil, não somos o Irã, que condena à pena de morte os homossexuais, tanto é que há passeatas de orgulho gay. Nós estamos pensando em fazer uma passeata do orgulho hetero, pensamos fazer isso aí. (BOLSONARO, 2013a).

Na comparação com o Irã, que condena os homossexuais à pena de morte, o Brasil seria mais aberto do que aquele país, cuja triagem de valores seria ainda mais intensa do que a nossa e colaboraria para a exclusão do *outro*, enquanto no Brasil, haveria maior mistura dos valores, na constituição do modo de ser do povo brasileiro, ou seja, a participação do *outro* seria aqui mais aceita, pois, segundo Bolsonaro, há aqui passeatas de orgulho *gay*. Porém, essa fala é enganosa, como se constata no fragmento da entrevista em que o apresentador, assumidamente homossexual, não teria sido convidado para a passeata de orgulho hetero. “Você não será convidado, mas você vai...mas você vai...hahaha” (BOLSONARO, 2013a). O discurso de Bolsonaro é contraditório, visto que a relação de disjunção ou de não aceitação da imagem do *outro*, isto é, do homossexual, é cada vez mais crescente e discriminatória.

Em outra ocasião, ao ser entrevistado pela revista *Playboy* disse que um imóvel é desvalorizado se houver um casal homossexual como vizinho:

Sim, desvaloriza! Se eles andarem de mão dada, derem beijinho, vai desvalorizar. Porque, se uma pessoa quiser comprar a minha casa e estiver adotando uma criança, vai ver aquilo e sair fora. Ninguém fala porque tem medo de ser tachado de homofóbico, mas é uma realidade. Não sou obrigado a gostar de ninguém. Tenho que respeitar, mas, gostar, eu não gosto. (BOLSONARO, 2011a, p. 68).

A afirmação seguida de uma exclamação escancara o *ethos* de certeza inquestionável do ator do enunciado sobre sua rejeição aos homossexuais, sentimento este que seria, em sua opinião, não dele em particular, mas generalizado na sociedade, assimilado passivamente pelo senso comum. O senso comum é entendido por Chauí (1996/1997, p. 116) como um “conjunto de crenças, valores saberes, atitudes que julgamos naturais, transmitidos de geração em geração sem questionamentos, e nos dá a possibilidade de avaliar e julgar positiva ou negativamente coisas e seres humanos”. O modo debochado e as reiteradas disforizações em relação aos homossexuais acrescenta tonicidade que impregna de ódio e aversão à alusão feita a esse grupo.

Sobre a possibilidade de ter um filho homossexual, Bolsonaro reiterou sua repugnância:

Tem certas coisas que digo que é como a morte. Me daria desgosto, me deixaria triste, e acho até que ele mesmo me abandonaria num caso desses. Para mim é a morte. Digo mais: prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Pra mim ele vai ter morrido mesmo. (BOLSONARO, 2011a, p.68).

Destaca-se nesse fragmento a intensa triagem de valores a qual compõe o gesto de exclusão do outro, pois nem mesmo seu filho seria aceito, como confirma o discurso de Bolsonaro, este que realça a própria incapacidade de amar um filho homossexual: “Seria incapaz. Não vou me [sic] dar uma de hipócrita aqui para fazer média com quem quer que seja. Teria vergonha mesmo. Acho que me abalaria politicamente, atrasaria a minha vida” (BOLSONARO, 2011a, p. 68). Tal declaração parece querer revelar uma fraqueza constitutiva do *ethos* a respeito de uma possível falta de masculinidade e virilidade por parte de seus filhos. Trata-se de uma situação que, caso ocorresse, o colocaria em intenso abalo emocional e perda de racionalidade, conforme seu depoimento. Movido por um estado passional de repugnância intensa pelo diferente, de acordo com o julgamento dele, Bolsonaro modaliza-se, conforme a competência definida por Greimas e Courtés (2016), de sujeito impotente, de *não poder-fazer*, de não ser capaz de amar o filho sob certas condições.

Questionado se opiniões como a dele poderiam estimular o ódio, como foi o caso documentado pelo *Grupo Gay da Bahia*, que contabilizou 250 mortes no ano de 2010, e se ele se sentia responsável por isso, Bolsonaro respondeu que, a partir de informações obtidas com o



Governo da Bahia, “a maioria foi em local de consumo de drogas, altas horas da madrugada, muitos assassinados pelos próprios colegas. Outros por terem dado ‘banho’<sup>18</sup> no cafetão. Não tem nada de ódio, eles pegam isso para vender o produto deles [...]” (BOLSONARO, 2011a, p. 68).

O ator discursivo afirma que os homossexuais sofrem sanções exatamente por não cumprirem determinadas regras da sociedade e, para isso, procura dar o tom de veracidade inquestionável mediante as informações que seriam oficiais. Como manipulador, o destinador aposta na crença de seu interlocutor no eventual mau comportamento do *outro*, o diferente, o homossexual. Desse modo o destinatário é levado a não se sentir sensibilizado pelas mortes noticiadas.

Ainda sobre a relação da homossexualidade com os casos de AIDS, Bolsonaro fez a seguinte declaração à *Playboy*: “Por exemplo, o cara vem pedir dinheiro para mim para ajudar os aidéticos [sic]. A maioria é por compartilhamento de seringa ou homossexualismo. Não vou ajudar porra nenhuma! Vou ajudar o garoto que é decente” (BOLSONARO, 2011a, p. 68).

Nesses enunciados, Bolsonaro recrudescer, em termos de polêmica, a relação entre causa e efeito dos casos de mortes de homossexuais e dos portadores de HIV. Se morreram, foi por consumo de drogas, pelo envolvimento com prostituição, pelo compartilhamento de seringa ou pela homossexualidade. Desse modo, a sanção negativa teria sido merecida. Não caberia a ele, Bolsonaro, ajudar qualquer pessoa que não tenha se comportado como deveria.

Com isso, ele afirmou que a AIDS é consequência direta da homossexualidade: “Em grande parte, sim. As questões de mulheres casadas que contraem o vírus, muitas vezes elas pegam pelo marido, que é bissexual e leva para dentro de casa” (BOLSONARO, 2011a, p. 70). Contudo, ao afirmar que alguns homens transmitem a doença para as suas esposas, reconhece que algumas mulheres não têm culpa de estarem contaminadas.

O discurso reiterado do enunciador escancara um discurso homofóbico, já que, via tematização e figurativização discursivas, cria e perpetua estereótipos preconceituosos de que o homossexual não é decente, é usuário de drogas, tem o costume de se prostituir ou de abusar de crianças e de espalhar doenças infectocontagiosas. Bolsonaro associa o comportamento homossexual a práticas criminosas, amparado num *dever-ser* íntegro, que é composto apenas na aparência, não em seu ser. Em termos de veridicção, parece íntegro, mas não é. É uma integridade mentirosa, semioticamente falando.

---

<sup>18</sup> Dar banho é uma gíria que significa furtar, roubar.

No documentário *Gaycation*, de 2016, sobre a comunidade LGBTQIA+ no Brasil, Elliot Page procurou entender como a abominação aos homossexuais se expandiu com o crescimento de evangélicos conservadores. Bolsonaro foi um dos entrevistados escolhido por Elliot Page para entender melhor o movimento de migração do extremismo religioso para a política, pelo fato do então deputado federal já ser a maior voz contra os homossexuais naquela época.

Ao ser questionado sobre a má reputação atribuída a ele com relação aos homossexuais, Bolsonaro discordou: “Eu sou rotulado como um dos maiores homofóbicos daqui no Brasil. Isso não procede. A minha briga sempre foi e será contra a distribuição do material escolar, né? para o público a partir de 6 anos. É só isso” (BOLSONARO, 2016d).

O então deputado diz que o motivo das críticas contra ele é parte de um propósito: “Eles me chamam de homofóbico. Se for para defender a família e as crianças e etc. etc. é ser homofóbico, eu sou homofóbico com todo prazer.” (BOLSONARO, 2016d).

Esse gesto preconceituoso é reiterado no discurso de Bolsonaro em outras situações, como veremos a seguir. Em 2011, no Programa CQC, uma mulher que foi entrevistada na rua perguntou se Bolsonaro aceitaria participar de um desfile *gay*, caso fosse convidado. Imediatamente respondeu: “Eu não iria porque não participo de promover os maus costumes, né?” (BOLSONARO, 2011b). Realçamos nesse fragmento do discurso homofóbico a lógica implicativa: “não promovo maus costumes, logo não irei.” Essa afirmação comprova a tese de Barros (2011) já mencionada de que o discurso intolerante define certos segmentos da sociedade como aqueles que não cumprem os contratos pré-estabelecidos pela sociedade.

Nesse enunciado, a *exclusão*, como forma de representação da interação com a presença do *outro*, é a operação utilizada para definir explicitamente a diferença que Bolsonaro tem em relação ao *outro* e que não é aceita por ele. De mesmo modo, a exclusão é o princípio norteador de sua interação com os imigrantes. Devido aos temas e às figuras empregados em sua fala, a implicação é sequestrada pelo aumento de intensidade e impacto.

Em 2015, o alvo de suas declarações polêmicas foram os imigrantes. Em entrevista ao repórter Frederico Vitor, do jornal *Opção*, de Goiás, Bolsonaro reclamou da falta de recursos para as Forças Armadas:

Não sei qual é a adesão dos comandantes, mas, caso venham reduzir o efetivo (das Forças Armadas) é menos gente nas ruas para fazer frente aos marginais do MST, dos haitianos, senegaleses, bolivianos e tudo que é escória do mundo que, agora, está chegando, os sírios também. A escória do mundo está chegando ao Brasil como nós não tivéssemos problema demais para resolver. (BOLSONARO, 2015b).

Segundo Landowski (2012, p. 9), o discurso de exclusão “procede de um gesto explicitamente passional que tende à negação do Outro enquanto tal”. Ao aplicarmos essas palavras do semiótico à retórica de Bolsonaro, é possível constatar que é dessa maneira que ele se dirige às minorias sociais e aos mais vulneráveis. Um exemplo disso foi quando ele comentou a aprovação do novo código de imigração no Senado, em dezembro de 2016, e afirmou em uma palestra no Clube Hebraica que era contrário à entrada indiscriminada de imigrantes. Para Bolsonaro, o governo brasileiro deveria tomar providências, pois “não pode se transformar na casa da mãe Joana” (BOLSONARO, 2017b).

Essa postura de Bolsonaro diante dos imigrantes é discriminatória e preconceituosa em relação aos estrangeiros. O uso de uma metáfora pejorativa, tal qual “casa da mãe Joana”, reforça sua xenofobia, e conseqüentemente, o discurso de exclusão. Eis o repúdio de seu discurso quando o imigrante passa a ter direitos iguais aos cidadãos brasileiros:

Qualquer estrangeiro, ou até um monte de estrangeiro. Se alguém quiser pegar um navio e encher de haitiano, de angolano, chinês, japonês, seja lá o que for (japonês não vem pra cá não) e jogar no porto, 3 mil aqui. É só falar: “eu sou refugiado”, passa a ter direito a abrir conta no Banco do Brasil e Caixa Econômica, com menos exigência do que qualquer um de nós brasileiros. Passa a ter direito a Sistema Único de Saúde gratuito, passa a ter direito... ensino, inclusive o superior gratuito. Aproveito... que eu sou contra cotas, tá ok? É competência. Deixo bem claro isso aí! A maioria de afrodescendentes são contra cotas também. E mais ainda, entram na tal da LOA<sup>19</sup>, ou seja, passam a ter aposentadoria compulsória. Esse é o nosso Brasil [...] (BOLSONARO, 2017b).

Esse discurso que remete ao regime semiótico de interação pautada pela exclusão dos imigrantes também expõe o *ethos* nacionalista fanático de Bolsonaro. Assim afirmamos, pois o nacionalismo fanático é inclinado à xenofobia. A presença do estrangeiro nessa circunstância desconstruiria, para o fanático, a imagem de unidade nacional. O estrangeiro traria uma ruptura para as tradições, para os idiomas que definem as culturas organizadas em cada nação. Temos aí um caso de disforização da mistura, pois a inserção do *outro* submeteria a nação à perda da identidade coletiva. E por não fazer parte dessa identidade, o estrangeiro não deve usufruir dos mesmos direitos que os brasileiros natos.

O racismo contra os negros também constrói o *ethos* intolerante de Bolsonaro. Na palestra realizada no Clube Hebraica, Bolsonaro fez o seguinte comentário: “Eu fui num quilombola [sic] em Eldorado Paulista. Olha... o afrodescendente mais leve lá pesava 7 arrobas! Não fazem nada! Eu acho que nem pra procriadores servem mais” (BOLSONARO, 2017b).

---

<sup>19</sup> Lei Orçamentária Anual.

A intensa triagem de valores que compõe o julgamento imoral e desrespeitoso, realizada pelo enunciador, sugere haver o regime de exclusão na interação desenvolvida em relação aos quilombolas. Por outro lado, a exclusão social deles se deveria à incompetência – *não saber fazer* - e à preguiça – *não querer fazer* – o que seria fundamentalmente característico desse grupo. Portanto, tais sujeitos, o outro desqualificado, seriam inúteis para a sociedade, logo deveriam manter-se excluídos. Em termos de valores contrastantes com os direitos humanos, estamos diante de uma declaração que, ferindo tais direitos, sustenta uma polêmica não amparada nos hábitos, costumes e crenças de uma sociedade lúcida.

Outra declaração polêmica considerada racista ocorreu em 2011, quando Bolsonaro participou do programa *CQC*, da Band. Em vídeo gravado, Preta Gil perguntou a Bolsonaro: “Se seu filho se apaixonasse por uma negra, o que você faria?” O então deputado respondeu:

Ô Preta, eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Não corro esse risco, meus filhos foram muito bem-educados. E não viveram em um ambiente como lamentavelmente é o teu. (BOLSONARO, 2011b).

A declaração do ator social Bolsonaro teve grande repercussão na mídia, e o deputado voltou ao programa para se defender das acusações de racismo. Disse ter entendido que a pergunta era sobre a possibilidade de um de seus filhos ter um relacionamento homossexual. Afirmou que “ninguém tem o prazer de ter um filho *gay*, ou alguém tem? Ou uma filha lésbica?” (BOLSONARO, 2011b).

Em outra oportunidade, Bolsonaro foi entrevistado por Danilo Gentili, no programa *Agora é tarde*, e alegou a possibilidade de cortes de sua fala. Gentili considerou a hipótese e aproveitou então para colocar novamente a pergunta feita por Preta Gil. Nessa ocasião, o deputado respondeu: “Sem problema nenhum, não podia ser por um negro” (BOLSONARO, 2012), ou seja, confirmou seu posicionamento contrário sobre a possibilidade de algum dos filhos ter uma relação homossexual. Seus filhos “poderiam” namorar uma negra, mas não um negro. O papel temático do preconceituoso, que generaliza os homossexuais como um todo homogêneo a ser desqualificado na ordem de um afeto robustecido de rancor, confirma-se. Semioticamente, o *ethos* oscila entre a beligerância e a covardia.

No mesmo programa *CQC*, outra polêmica envolvendo os negros iniciou-se com a declaração de Bolsonaro ao se posicionar contra as cotas raciais: “Porque todos somos iguais perante a lei. Eu não entraria num avião pilotado por um cotista, e nem aceitaria ser operado por um médico cotista [...] Quem usa da cota, no meu entender, tá [sic] assinando embaixo que ele é incompetente” (BOLSONARO, 2011b). Mais uma vez a implicação: “cotista é

incompetente, logo não me sirvo de serviço de cotista”. Devido à violência no tratamento conferido aos temas e às figuras, esses enunciados conduzem ao impacto negativo e fazem proliferar as emoções de repúdio, de sanção sumária ao sujeito diferente.

Já em campanha eleitoral para presidente, Bolsonaro reafirmou não ser favorável às cotas raciais, quando concedeu entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura. Sobre o comentário de uma das jornalistas, que afirmou que o Brasil teria uma dívida com os escravos, o candidato disse: “Mas que dívida? Eu nunca escravizei ninguém”, e ainda declarou: “Se for ver a história realmente, o português nem pisava na África, os próprios negros que entregavam os escravos” (BOLSONARO, 2018b). Assim, parte do povo brasileiro recebe de forma intensa essa informação, que no “jogo da verdade” se apresenta como mentirosa diante de fatos históricos inegáveis, que comprovam a escravidão do negro pelo homem branco, para favorecimento deste. Pela lógica implicativa, o enunciador busca encontrar no discurso negacionista – cujo objetivo é apagar os traços da verdade - uma justificativa para escapar do compromisso que a sociedade teria com os negros: “se houve escravidão, a culpa não foi dos brancos, mas dos próprios negros, logo nada tenho a ver com isso”. E assim se constitui o discurso negacionista: a troca de uma verdade por outra “verdade”, para minimizar os impactos negativos dos reais responsáveis pela escravidão.

O conjunto de declarações recuperados nesta tese sobre os negros revela que a imagem do *outro* é apresentada por Bolsonaro pela perspectiva da incompetência e da incapacidade dessa minoria: “não fazem nada”, “nem pra procriadores servem mais” (BOLSONARO, 2017b); além da falta de qualificação de os cotistas pilotarem ou conduzirem uma operação cirúrgica de forma confiável. O *outro* aparenta, no discurso de Bolsonaro, um sujeito não performático, pelas condições especiais de ingresso no ensino superior concedidas ao cotista.

Além dos negros e quilombolas, as declarações de Bolsonaro têm ainda como alvo certos grupos da sociedade, as ONGs, os indígenas. Em uma audiência pública que discutia a demarcação da reserva indígena Raposa Serra do Sol, Bolsonaro chamou o então Ministro da Justiça, Tarso Genro, de terrorista. Nesse episódio, o indígena Jacinaldo Barbosa jogou um copo d’água em Bolsonaro e afirmou que teria usado uma flecha se tivesse: “Eu peguei um copo de água porque não tinha uma flecha. Se eu tivesse, metia uma flechada nele” (BARBOSA, 2008b).

Após ser atingido pelo copo de água, Bolsonaro declarou:

É um índio que está a solto [sic] aqui em Brasília, veio de avião, vai agora comer uma costelinha de porco, tomar um chope, provavelmente um uísque, e quem sabe telefonar para alguém para a noite sua ser mais agradável. Esse é o índio que vem falar

aqui de reserva indígena. Ele devia ir comer um capim ali fora para manter as suas origens. (BOLSONARO, 2008b).

Em tom irônico, o enunciador zomba com as figuras ao colocar em sentidos opostos os termos *natureza e cultura* e também *rural e urbano*. Para Bolsonaro, o indígena é supostamente menos evoluído culturalmente que o homem branco, por aparentemente insistir em manter as tradições dos povos originários. Ocorre que, no ponto de vista desse político, Jacinaldo não estaria preocupado com a demarcação de reserva indígena.

A reserva indígena, figura do discurso, em termos semióticos corresponde ao termo “natureza”, universal semântico que se opõe à cultura, conforme o *Dicionário de Semiótica* (GREIMAS, COURTÉS, 2016). A natureza está concretizada no discurso através da remissão ao espaço rural, sustento da reserva indígena.

O que interessa ao indígena na verdade, no *fazer interpretativo* do ator discursivo Bolsonaro, são os objetos pertencentes à cultura do homem branco. Aqui entram no discurso a força das figuras do avião, da costelinha de porco, do chope, do uísque, enfim, das facilidades da vida urbana.

A rejeição expressa no discurso de Bolsonaro em relação às populações indígenas e quilombolas é interpretada pelas mulheres do grupo *#EleNão* como discurso de ódio, de acordo com um trecho extraído da reportagem publicada pela revista *Marie Claire*: “os atos agendados são uma forma das mulheres expressarem seu repúdio às declarações de ódio do candidato à presidência [...]” (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. 172). Esse posicionamento do destinador Bolsonaro é percebido pelas mulheres entrevistadas pela revista *Marie Claire* como um gesto de retirada de direitos desses povos. O ator discursivo Bolsonaro revela sua oposição às ações afirmativas, ou seja, ele se mostra contrário à tentativa de promover reparações históricas aos indígenas ou aos negros.

Na retórica recorrente do enunciador Bolsonaro, sua certeza se constrói como inabalável e é evidenciada em sua fala pelo uso de gírias, xingamentos, gestos de repulsas e de ressentimentos ao condenar a imagem do *outro*. Desse modo, ele contribui para a produção de discursos intolerantes, de exclusão, sustentados, vez ou outra, no regime de interações de risco nomeado como acidente, conforme noção proposta por Landowski (2014a). Há programação, e há ainda a previsão de um passo a passo na argumentação cravada em valores de absoluto e em triagens violentas na desqualificação do outro, mas, vez ou outra, vem à luz o regime de interação nomeado acidente.

Tal possibilidade foi aventada por Demuru (2021b). Em análise realizada sobre o discurso de Bolsonaro durante a pandemia, o autor conclui que o ex-presidente possui um

“dúplice papel temático, agindo como um oráculo do caos ao mesmo tempo que como providencial messias salvador da pátria” (Ibid., p. 258). Dessa forma, o semiótico afirma que Bolsonaro é um programador de toda sorte de acidentes.

O discurso de Bolsonaro deixa transparecer com frequência, ou seja, de forma programada, as diferenças que ele mantém com o *outro*. No entanto, como destinador-julgador, seu discurso está no máximo da triagem e é sempre organizado em torno da imprevisibilidade.

Nas escolhas de eliminação do *outro*, o destinador Bolsonaro faz circular objetos de valores negativos, porque são realizados discursivamente na ordem da depreciação. São os valores associados às minorias rejeitadas: o homossexual é drogado e promíscuo, o negro não tem oportunidades porque é incompetente, modalizado por um *não saber-fazer*, os indígenas e os quilombolas são inúteis, os imigrantes são a escória do mundo. As minorias discriminadas e excluídas, emergem da interação com Bolsonaro na ordem da coisa programada para ser excluída. Não há proposta de ajustamento entre o político que tem voz e o *outro*, silenciado por Bolsonaro, o *outro* de quem ele fala na ordem da desqualificação e da exclusão interativa.

O discurso intolerante de Bolsonaro está para o exercício, pois organiza-se em torno da estrutura “se A, então B”, comum à lógica implicativa, como constatado na seguinte declaração sobre os portadores do vírus HIV: “se foram infectados, logo mereceram, pois compartilharam seringas ou tiveram relações homossexuais”. É certo ainda que o discurso do exercício, tal qual encontramos nas declarações de Bolsonaro, apresenta um actante modalizado no modo da intensidade por paixões e ideologias, que desencadeiam emoções fortes e intensas em seu auditório. Emoções de adesão ou de repúdio. A triagem de valores parece favorecer esses comportamentos. De acordo com Tatit (2019, p. 81), a partir dos fundamentos da semiótica tensiva, afirma que a triagem “consiste na extração de uma grandeza ou de um valor e na eliminação dos elementos indesejáveis, o que indica a influência de alta tonicidade na calibragem desses processos, mas também de muita rapidez”.

Barros (2011, p. 268) afirma que “os discursos preconceituosos e intolerantes são, sobretudo, discursos do acontecimento, pois têm caráter fortemente passional e de reação ao inesperado”. Entretanto, a autora reconhece que existem também discursos do exercício, estes, ao invés dos efeitos passionais e concessivos, se orientam pela inteligibilidade e pela racionalidade. Com base em nossa análise, infere-se que o discurso de Bolsonaro ora se constitui como acontecimento, ora como exercício, mas sempre associado a um conteúdo fortemente passional.

### 3.8 Mulheres figurativizadas

As mulheres recuperadas no discurso do Bolsonaro com papéis temáticos que ele julga serem próprios delas também se enquadram na categoria das minorias discriminadas e excluídas. Porém, devido ao confronto direto do candidato com esse grupo em diversas situações, optamos por separar esse tema nesta seção.

Começamos essa análise por uma polêmica ocorrida durante um dos mandatos de deputado de Bolsonaro. Em uma divergência sobre a maioria penal, ocorrida entre o político e a Deputada Federal Maria do Rosário (PT), e que aconteceu nos corredores da Câmara em 2003, um vídeo da RedeTV! registra Bolsonaro dizer à deputada “Jamais ia estuprar você, porque você não merece”.

A conotação sexual que impregna o percurso figurativo trazido à luz na sequência dos verbos “estuprar” e “merecer”, conotação empregada no discurso de Bolsonaro dirigido a uma colega de trabalho é recebida pelo destinatário (deputada) no modo do sobrevir, por um impacto tenso de andamento rápido e tonicidade forte. Mal o destinatário se recupera desse acontecimento, um novo sobrevir adentra em seu campo de presença, sob ameaça de agressão: a deputada é chamada de “vagabunda” (BOLSONARO, 2003).

Na sequência da discussão, a deputada, ainda sob o impacto tenso, pergunta repetidas vezes: “Mas o que é isso?” (ROSÁRIO, 2003). Bolsonaro ainda se dirige à Maria do Rosário de forma violenta: “Chora agora! Chora agora!” (BOLSONARO, 2003). A sequência da discussão se desenvolve de forma intensa, sob o acréscimo de *mais mais* provocação por parte de Bolsonaro, no desenrolar do confronto, a ponto de a deputada perder quase toda a perspectiva que, semioticamente diríamos da inteligibilidade das coisas e restar-lhe apenas a sensibilidade. Silenciada pela agressão verbal, a deputada chora após o ocorrido.

Em 2014, Bolsonaro voltou a afirmar que a deputada não merecia ser estuprada em entrevista concedida ao repórter Gustavo Foster do jornal *Zero Hora*: “Ela não merece porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz o meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas se fosse, não iria estuprar, porque não merece” (BOLSONARO, 2014a). Em sua explicação, o ator discursivo aumenta a relação conflituosa que mantém com o *outro*. Ao depreciar a deputada através das figuras “ruim” e “feia”, recorre a uma fala machista, que colabora para a exclusão desse *outro*, não porque não é um estuprador, mas porque as ruins e as feias não fazem o seu tipo.

Nessa mesma ocasião, Bolsonaro falou sobre salários e direitos trabalhistas de mulheres. O repórter questionou sobre o papel de Bolsonaro como deputado progressista de “trazer a



discussão sobre os direitos da mulher à tona”. O deputado disse com firmeza ser liberal e ter pena do empregador no Brasil “porque é uma desgraça você ser patrão no nosso país, com tantos direitos trabalhistas” (BOLSONARO, 2014b). Sobre o empregador, afirmou o seguinte:

[...] Pode escrever aí: quando o cara vai empregar, entre um homem e uma mulher jovem, o que que o empregador pensa? "Poxa, essa mulher aqui tá com aliança no dedo, não sei o quê, ela vai casar, é casada, daqui a pouco engravida, seis meses de licença-maternidade, bonito para c\*, para c\*,". Quem que vai pagar a conta? É o empregador. No final, ele abate no INSS, mas ele fala o seguinte: quebrou o ritmo de trabalho. Quando ela voltar, vai ter mais um mês de férias. Então, no ano, ela vai trabalhar cinco meses. (BOLSONARO, 2014b).

O repórter questiona então qual seria a solução para esse problema, e a resposta dada por Bolsonaro foi a seguinte:

Por isso que o cara paga menos para a mulher, qual a solução... É muito fácil eu, que sou empregado, ou que estou aqui no serviço público, que não tenho nada a ver com um empregado meu mandado embora, falar que é injusto, que tem que pagar salário igual. Só que aquele cara que está produzindo ali, na ponta da linha, com todos os encargos trabalhistas, aquela pessoa que fica fora, que perde o ritmo de trabalho etc. etc., ele vai ter uma perda de produtividade. O produto dele vai ser posto mais caro na rua, ele vai ser quebrado pelo cara da esquina. (*conversa com o repórter*) Eu sou um liberal, se eu quero empregar na minha empresa você ganhando R\$2 mil por mês e a Dona Maria ganhando R\$1,5 mil, se a Dona Maria não quiser ganhar isso, que procure outro emprego! Se você acha que também não tá ganhando, que procure outro emprego. Eu que estou pagando, o patrão sou eu. (BOLSONARO, 2014b).

A argumentação desenvolvida por Bolsonaro compõe um discurso fortemente persuasivo (fazer-creer) para manipular seu interlocutor para seus fins (do próprio Bolsonaro). Desse modo, as razões apontadas por Bolsonaro para justificar a desigualdade salarial entre homens e mulheres sugerem uma visão machista, na qual eles seriam mais produtivos do que elas, ou seja, modalizado por um *saber fazer* e um *poder fazer* superiores ao delas. E por ser menos produtiva que o homem a figura actorial da mulher, de quem se fala, seria a responsável pelo prejuízo do patrão, que deve arcar com as ausências da funcionária. Com relação aos direitos trabalhistas, o destinador se sensibiliza com o empregador. Existe um ajustamento sensível de Bolsonaro com o empregador, de quem ele fala.

Essa euforização do empregador é reafirmada pelo enunciador, que mantém seu posicionamento sempre de triagem, ao opinar sobre os direitos trabalhistas das mulheres e a liberdade individual do empregador de pagar à mulher o que considerar correto. Ao ser questionado se a mulher seria prejudicada pelo fato de engravidar, Bolsonaro respondeu:

Ela procura outro emprego. Tem mulher que ganha muito mais do que homem. (*fala do repórter*) Você não tem na lei, (*inaudível*), defendendo a propriedade privada, liberdade individual etc. etc. etc., (*inaudível*) de esquerda, é a liberdade, pô. A mulher

competente... Você tá dando cota, ou você quer dar cota para mulher? (*conversa com outra pessoa*) Eu não quero ser o carrasco das mulheres. (BOLSONARO, 2014b).

Quando essas declarações repercutiram em 2018 durante as eleições, Bolsonaro negou tais afirmações e desafiou o jornal a mostrar o áudio de sua fala. Foi o que foi feito. O *site* de notícias disponibilizou o áudio e a transcrição da fala do então deputado em entrevista realizada em 10 de dezembro de 2014 e aproveitou para questioná-lo sobre o seu atual posicionamento em relação aos direitos trabalhistas das mulheres (GAÚCHAZH, 2018).

Observamos nas declarações de Bolsonaro, que ele se perde entre as etapas de veridicção: quer que seu argumento pareça verdadeiro (*parece e é*), mas é flagrado pelo repórter como portador de mentiras (o que ele relata *parece*, mas *não é* verdade).

Ainda sobre o mesmo assunto, o repórter perguntou a Bolsonaro se ele achava que a questão salarial deveria ser decidida no âmbito privado, ou seja, entre trabalhadores e empregados, sem intervenção do governo. O então deputado respondeu o seguinte:

O que eu penso é o seguinte: o mercado tem de decidir. Ninguém vai pagar mais para o homem porque é homem ou para a mulher porque é mulher. Isso vem a questão da produtividade de cada um. Se eu tenho uma mulher que faz barbaridade aqui, naquela área, você tem de pagar melhor para ela do que para o homem. (BOLSONARO, 2014b).

Nessa fala, Bolsonaro procura *fazer crer* que a desigualdade salarial está apoiada nas competências profissionais de cada empregado, seja homem ou mulher. Novamente a lógica implicativa sustenta a fala, portanto, o *ethos* de Bolsonaro: “Se eu tenho uma mulher que faz barbaridade aqui, naquela área, você tem de pagar melhor para ela do que para o homem” (BOLSONARO, 2014b). No entanto, o discurso dele não se mantém alinhado às convicções ostentadas nessa ocasião, ou seja, a crença no mérito do trabalho da mulher como ator social.

No programa *SuperPop*, da RedeTV!, de 15 de fevereiro de 2016, apresentado por Luciana Gimenez, a entrevista concedida ao jornal *Zero Hora* é mencionada. Bolsonaro voltou a dizer que sua declaração era baseada na opinião dos empregadores. Ao ser questionado se ele empregaria homens e mulheres com o mesmo salário, respondeu: “Eu não empregaria com o mesmo salário” e completou: “Mas tem muita mulher que é competente” (BOLSONARO, 2016c). Declaração que contraria a afirmação inicial de que homens e mulheres deveriam ser pagos conforme suas habilidades. O destinador deixa escapar que a competência é uma questão de gênero, dimensão na qual os homens são e devem continuar sendo privilegiados.

Comprova-se mais uma vez seu *ethos* machista, quando em palestra no Clube Hebraica, em 03 de abril de 2017, Bolsonaro comenta sobre viagem a Israel com a família e faz a seguinte declaração sobre os filhos: “Eu tenho um quinto [filho] também. O quinto eu dei uma

fraquejada, né? Foram 4 homens, na quinta eu dei uma fraquejada, veio uma mulher” (BOLSONARO, 2017b).

Ao utilizar como figura do discurso o verbo “fraquejar” para dizer que falhou na concepção de seu quinto filho e como resultado veio uma mulher, Bolsonaro quer e crê dever sustentar seu *ethos* de homem viril. Por um descuido de masculinidade, ocorreu uma descontinuidade em gerar homens, os quais seriam mais valorizados que as mulheres. A naturalização do preconceito se afirma. O enunciatador, nas relações de poder entre homens e mulheres, coloca aqueles como altamente capazes (eles sabem e podem tudo) e essas como frágeis (elas não sabem e nem podem o mínimo necessário). As últimas são vistas como atores cujos papéis temáticos as configuram como sujeito incompetente e, no interior do discurso bolsonarista, inferiores ao macho que é euforizado.

No entanto, é na figura da mulher que recai a culpa de uma eventual falha dos filhos. Em 24/05/2013, Cátia Fonseca pergunta no quadro Quebrando a Louça, do programa Mulheres, a opinião de Bolsonaro sobre a violência praticada por menores de idade, e questiona se uma família de pulso mais firme resultaria numa situação diferente? Ele responde o seguinte:

No meu tempo de garoto, já a mulher ficava em casa, não tô pregando que a mulher volte para casa não! Até porque a mulher no meu tempo era professora ou era dona de lar. Não fazia nada mais além disso, então era uma família mais presente. Hoje em dia fica muito na mão de uma empregada, de uma babá ou até de uma tela de televisão, e nós vemos certos programas à tarde que não são educativos, muito pelo contrário, deseducam. Então isso leva a molecada a perder o freio (BOLSONARO, 2013b).

Bolsonaro infere em sua resposta que a inserção da mulher no mercado de trabalho e, conseqüentemente, a redução do tempo em casa cuidando da família, é uma das razões para que os filhos sigam por maus caminhos. Em outra ocasião, reforçou essa ideia, ao culpar o “aumento” da homossexualidade e uso de drogas, o fato de a mulher dos tempos atuais estar trabalhando fora de casa, quando foi entrevistado por Elliot Page:

Eu acredito que grande parte dos gays é comportamental. Quando eu era jovem, né? falando em percentual, existiam poucos [gays]. Ok? Com o passar do tempo, com as liberalidades [sic], drogas, a mulher também trabalhando, aumentou-se bastante o número de homossexuais. Eu costumo dizer também que se o filho começa a andar com certas pessoas, tem certo comportamento, ele vai ter aquele tipo de comportamento. Acha que é normal. (BOLSONARO, 2016d).

No meio da entrevista, Bolsonaro faz uma cantada a Elliot Page: “Muito simpática. Se eu fosse cadete da Academia Militar Brasileira eu ia te encontrasse [sic] na rua ia te assobiar para você. Tá Ok? Muito bonita” (BOLSONARO, 2016d).

Bolsonaro é ávido por demonstrar a sua masculinidade tanto nessa ocasião em que deu uma cantada em Elliot Page do documentário, em uma situação totalmente fora do contexto, ou quando sugeriu a possibilidade de realizar uma passeata hétero no documentário de Stephen Fry, em oposição à parada gay, ou ainda as reiteradas vezes em que disse ser imbrochável durante sua vida política.

Em levantamento realizado pela BBC News Brasil (SERRA, 2022), em maio de 2018, o político declarou: “Tenho certeza, eu sou imbrochável” quando discursou na Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte (FIERN).

Em entrevista à BBC News Brasil, Finchelstein (2022), autor do livro *Do Fascismo ao Populismo na História*, explicou que celebrar o próprio órgão sexual é uma tendência fascista e, igualmente, machopopulista. O especialista afirma que tal comportamento machista já foi utilizado explicitamente por outros políticos como Donald Trump, Silvio Berlusconi e de forma mais discreta por Adolf Hitler e Benito Mussolini.

Por meio de uma argumentação que se direciona sem interditos sociais, *parecendo e sendo* vulgar e grosseira, a virilidade demonstrada por Bolsonaro e outros líderes populistas revela Chefes de Estado que têm uma visão da política e da sociedade que discrimina as mulheres, as quais, afirma Finchelstein (2022), são inferiorizadas em relação aos homens, pois estes é que seriam reconhecidos por serem sexualmente potentes e, portanto, devem assumir a liderança das nações.

O psicanalista Dunker (2022, n.p.), a respeito da hipersexualização da fala de Bolsonaro, destaca a hipocrisia de Bolsonaro, que contrasta uma dupla moralidade “uma retórica do respeito à família, à moral e aos bons costumes, e uma retórica libidinal, do palavreado chulo, da linguagem privada em espaço público”.

Ao mesmo tempo que tenta construir a imagem de um homem viril e conquistar a adesão de seu eleitorado com um discurso hiperssexualizado, sem freios, manifestando em público aquilo que deveria ficar apenas na vida privada do casal, Bolsonaro está dando visibilidade ao regime de presença de um bufão.

Na encenação política, Bolsonaro é, como descreve Demuru (2022) sobre o bufão, “aquele que quebra o sacro, quebra as liturgias, e ocupa o cenário da comunicação política para subverter suas estruturas e códigos sedimentados”.

De nossa parte, reconhecemos que, ao subverter o público e o privado de formas reiteradas, de tal modo que sua vida sexual ocupa um espaço escancarado (ZILBERBERG, 2011a) e impróprio para discurso político, Bolsonaro faz deslocamentos entre a programação e

o acidente, mas se desloca ainda entre a manipulação e o ajustamento, quando procura contagiar a massa com sua suposta potência sexual.

Tais deslocamentos serão perceptíveis em graus mais ou menos impactantes, conforme os estados de alma dos destinatários, assim como Bolsonaro também transita por regimes de presenças distintos: ora é bufão, ora é vedete, ora é um homem de ação, ora é um herói mediador.

## 4 A CISÃO PATÊMICA DO ELEITORADO FEMININO NO GÊNERO REPORTAGEM

### 4.1 Notas iniciais

Ao abordar a relação entre semiótica e psicologia no verbete *psicossemiótica*, Greimas e Courtés (2016) destacam que, desde os anos 1950, a linguística tem sido associada à psicologia por meio da psicolinguística, uma disciplina autônoma. Os autores fazem um levantamento dos estudos que impulsionaram uma aliança entre essas áreas e mencionam que a psicanálise freudiana e a psicologia genética de Piaget, por exemplo, foram pouco exploradas pela linguística.

Na análise de Greimas e Courtés sobre as relações entre as duas disciplinas, os semioticistas concluem que a “psicologia da linguagem” e a “semiótica psicológica” ocupam posições distintas (Ibid., p. 398). Os autores reconhecem, entretanto, que a semiótica está frequentemente se expandindo para áreas que antes eram reservadas à psicologia, e isso a leva a precisar o universo semântico como um dado anterior a qualquer análise.

Ao fazer isso, a semiótica, segundo eles, não pode deixar de distinguir o universo individual do universo coletivo e preveem estruturas axiológicas elementares como a *vida/morte* e *natureza/cultura* como hipóteses para empreender sua descrição. Esses universos são considerados objetos que podem ser interpretados por sujeitos individuais ou coletivos, dando “lugar a articulações particularizantes que são o universo idioletal e o socioletal” (Ibid., p. 398).

Em nossa pesquisa, identificamos uma relação entre o actante coletivo e a psicanálise freudiana<sup>20</sup>, que buscamos explorar em nossa análise. Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (2020) observa que o indivíduo possui comportamento diferente se inserido na massa. O pai da psicanálise toma como ponto de partida o pensamento de Gustave Le Bon sobre o apagamento das particularidades do indivíduo enquanto parte de um grupo, no qual a heterogeneidade é ofuscada pela homogeneidade.

Freud (2020) explica, com base nas conclusões de Le Bon, que o indivíduo apresenta novas características ao ser inserido em um grupo. A primeira delas é que surgem condições favoráveis para aquilo que está no inconsciente do indivíduo possa ser exteriorizado; a segunda característica é o contágio, conforme destacado pelo autor: em um “grupo, todo sentimento e

---

<sup>20</sup> A respeito do pensamento freudiano, fizemos apenas uma breve alusão ilustrativa, considerando que não cabe trazer à luz, nesta tese, a teoria do psicanalista sob os princípios semióticos.

todo ato são contagiosos, e contagiosos em tal grau, que o indivíduo prontamente sacrifica seu interesse pessoal ao interesse coletivo” (Ibid., p. 17).

A psicologia freudiana também se inspira no pensamento de William McDougall, cuja teoria afirma que as emoções, quando em um grupo, são elevadas a “um grau que elas raramente ou nunca atingem sob outras condições”. (McDOUGALL, *apud* Freud, 2020, p. 27). Além disso, devido a um impulso comum, os indivíduos são arrastados pelo contágio emocional.

Acerca de suas reflexões sobre a psicologia das massas, Freud (2020, p. 62) conclui que o indivíduo não possui força suficiente “para chegar a algo por si próprios.” Para se manter a unidade, é necessário que haja um líder e também a força que cada indivíduo exerce sobre o outro (FREUD, 2020).

À luz da semiótica, a multidão é examinada pela noção de *actante coletivo*, isto é, uma quantidade qualquer de sujeitos que se submete a regras preestabelecidas de um determinado campo discursivo e possui comportamentos específicos estabelecidos por um recorte espaço-temporal (GREIMAS; LANDOWSKI, 1976).

Para Zilberberg (1985), o actante coletivo está relacionado a uma questão de número, a qual possui abordagens diferentes pela linguística e pela semiótica, sendo que aquela prioriza uma oposição singular/plural, esta prefere individual/coletivo. É a partir dessa dualidade dessa última que o autor descreve mais precisamente o actante coletivo.

Segundo Kharbouch (2018, p. 5), o *actante coletivo* do populismo “é determinado pelo contágio sensível e/ou patêmico” ao qual o sujeito é submetido. Para o autor, o eleitorado populista constitui uma multidão, na qual cada indivíduo possui um “papel patêmico estereotipado” (Ibid., p. 5).

#### 4.2 *Marie Claire*: relações disjuntivas de poder

A reportagem publicada pela revista *online Marie Claire* na manhã dos protestos femininos apresenta de forma breve o assunto que será abordado ao longo do texto: “Neste sábado, 29, saem [sic] às ruas do Brasil e do mundo uma multidão de mulheres negando a política de Bolsonaro. Do outro, há as que apoiam com veemência o candidato à presidência pelo PSL” (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. 170).

Nesse trecho da reportagem, que é a lide, identificamos o regime da programação proposto por Landowski (2014a). Nos textos jornalísticos é comum o enunciador responder regularmente a perguntas básicas para fornecer ao leitor uma visão geral do conhecimento que será construído no texto. Assim, nesse parágrafo, temos a enunciação de um evento: situação

no tempo (quando?), sujeitos participantes da ação (quem?), ação a ser realizada (o quê?), localização no espaço (onde?) e a motivação (por quê?).

O texto prossegue com mais informações, mas o enunciador começa a indicar um direcionamento para além daquilo que se entende como regime de programação:

**29 de Setembro [sic] de 2018** marca o que a imprensa do mundo já chama de uma **revolução orquestrada por mulheres contra o fascismo**. Segundo os eventos de Facebook – um termômetro razoável para tempos digitais como os de agora –, devem acontecer neste sábado centenas de passeatas pelas ruas brasileiras, e até de outros países, entoando os emblemáticos **#EleNão**, **#EleNunca**, **#EleJamais**. (CORTÊZ, 2018, grifo do autor, ANEXO A, p. 170).

Procurando trazer à luz alguma conexão entre os estudos quantitativos privilegiados pela semiótica tensiva e os fundamentos da sociosemiótica, observamos nesse trecho um recrudescimento (*mais mais*) conferido à programação já mencionada no primeiro parágrafo da reportagem. O narrador iniciou fornecendo respostas às perguntas típicas desse gênero, porém, parece se deslocar para outros regimes de interação. Além da programação, o repórter expõe as formas sensíveis que uniram milhões de mulheres, isto é, manipula o leitor para que entre em conjunção com os estados de alma de mulheres que identificam perigo nas falas de Bolsonaro.

A data “**29 de Setembro [sic] de 2018**”, com o uso do negrito e acompanhada do verbo “marcar”, procura evidenciar o acontecimento histórico e inédito que está por vir: “**revolução orquestrada por mulheres contra o fascismo**”. A seleção das figuras eleva o nível de sensibilidade que o enunciador deseja transmitir ao enunciatário. Da mesma forma, a ação que originou a reportagem, também em negrito, é destacada para criar um efeito de realidade desse acontecimento. A descontinuidade do texto, ou seja, a mudança de estilo de fonte, tem por objetivo atrair a atenção do leitor para esse conteúdo específico. Aqui o enunciador diz: “preste atenção, essas são as informações mais importantes.” O mesmo ocorre com as frases **#EleNão**, **#EleNunca**, **#EleJamais**.

Esse parágrafo alterna o acréscimo e a redução de tensões por meio do uso do negrito. O repórter-narrador direciona a leitura e indica as passagens às quais deseja dar tonicidade, por meio das oscilações cromáticas no plano da expressão.

Para além do texto verbal que compõe a reportagem, a fotorreportagem, como gênero verbo-visual no interior daquela, também cria um efeito de realidade que contribui para a aparente objetividade. Landowski (2004a) destaca o papel da imagem, afirmando que sua força resulta:



[...] do fato de que não suspeitamos, a priori, que ela possa nos enganar. Enquanto, segundo o senso comum, todo ato de fala implica uma tomada de posição de ordem “subjetiva”, a imagem, ao contrário, nada faria além de testemunhar “objetivamente” o estado de coisas reportado por ela. Por muito tempo considerou-se que as imagens extraíam seu valor da relação mimética que supostamente mantinham com os objetos que elas estavam encarregadas de “representar” (Ibid., p. 32).

Conclui-se, portanto, que, apesar do registro visual no espaço-tempo de um determinado acontecimento, a fotorreportagem carrega a subjetividade do narrador. Um exemplo disso é a fotorreportagem que sobrevém no campo de presença do leitor na sequência, que utiliza a técnica conhecida como dupla exposição ou múltipla exposição. A imagem retrata dois movimentos antagônicos de mulheres durante as eleições presidenciais em busca de um mesmo objeto de valor: o “poder”.

**Figura 7-** Imagem de representação dos movimentos *#EleNão* e *#EleSim*



Fonte: Foto de Silvana Martins para Marie Claire (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. .71)

A técnica de dupla exposição ou múltipla exposição consiste na sobreposição de dois ou mais registros fotográficos em uma única imagem, que se caracteriza como uma forma de composição por superposição, e não como uma técnica de edição ou montagem (Gomes, 2023).

Em vista disso, identificamos nessa fotorreportagem múltiplos registros fotográficos sobrepostos: uma imagem do Congresso Nacional ao fundo em preto e branco, uma representando o protesto do grupo *#EleNão*, outra representando o protesto do grupo *#EleSim*, e duas fotos de Bolsonaro capturadas em momentos diferentes.

Soma-se a essas exposições fotográficas a utilização de recursos gráficos sobrepostos, por meio dos quais o narrador emprega cores, formas e espaço para direcionar a sua argumentação e informar o leitor sobre as vozes em conflito.

Para análise das fotorreportagens em nosso *corpus*, adotamos o conceito de semissimbolismo desenvolvido por Jean-Marie Floch. Inspirado nos estudos de Saussure (2012) sobre o signo linguístico, Hjelmslev (2003) propõe que toda linguagem é constituída pela relação entre o plano da expressão e o plano do conteúdo, aquele referente ao significante, e este ao significado.

Mantendo o diálogo com a teoria hjelmsleviana, Floch (2001) afirma que os sistemas simbólicos se distinguem dos sistemas semióticos. Os sistemas simbólicos são caracterizados pela total compatibilidade entre cada elemento do plano da expressão e do conteúdo, como é o caso do semáforo e dos sinais de trânsito. Por outro lado, nos sistemas semióticos não há essa correspondência entre os dois planos, sendo necessário distinguir, a partir de um enunciado específico, cada um deles, como ocorre nas línguas naturais.

Pensando nos sistemas semióticos não linguísticos, como os visuais, Floch (2001) postula que existem também os sistemas semissimbólicos. Nesses sistemas, a conformidade não é em relação aos “elementos isolados dos dois planos, mas entre as categorias da expressão e do conteúdo” (FLOCH, 2001, p. 29).

Floch (2013) utiliza a linguagem gestual como exemplo para ilustrar a relação semissimbólica, em que a afirmação e negação (plano conteúdo) correspondem, respectivamente, aos movimentos vertical e horizontal (plano da expressão).

No plano da expressão, encontramos as categorias cromáticas, eidéticas e topológicas, que se referem à escolha e disposição das cores, das formas e do espaço em um texto visual ou verbo-visual (FLOCH, 1985).

Diante das torres do Congresso Nacional (Figura 1), com suas formas retilíneas e posicionadas ao fundo da imagem desfocada em preto e branco, temos a representação figurativa de poder. Em contraste a essa imagem, o primeiro plano se destaca pelo colorido, onde se organizam plasticamente mulheres com papéis temáticos opostos, mas representantes de um mesmo grupo: o povo.

Na fotorreportagem, a plasticidade visual é guiada pelo narrador, que direciona a argumentação para informar e refletir sobre as manifestações a favor ou contra o candidato Bolsonaro. Para alcançar esse objetivo, a imagem passa por um processo de programação (plano da expressão) que possibilita sobrepor a opacidade do preto e branco ao fundo das torres do Congresso Nacional, em contraste com as cores vibrantes das manifestações, em tons de rosa e lilás.

No segmento visual, os efeitos de sentido de fúria e de euforia das manifestantes (plano do conteúdo) representam, por meio de gestos e “ruídos” visuais, uma cisão patêmica do eleitorado feminino.

Na dimensão topológica, temos, do lado esquerdo, um grupo figurativo de mulheres, em sua maioria com os punhos erguidos e cerrados sob os dizeres “#EleNão” replicados por toda essa parte do plano da expressão. O posicionamento ao lado esquerdo não é aleatório, mas da ordem da programação, pois indica que esse grupo tem por característica ideais políticos de esquerda. Homologa-se à esquerda da distribuição topológica da superfície da foto (plano da expressão), à noção de esquerda (plano do conteúdo). No canto superior, o rosto de Bolsonaro é envolto por uma tarja de proibido, de modo a reafirmar a repulsa do grupo #EleNão ao candidato, que teria um alinhamento com os ideais de extrema-direita.

No lado direito da imagem, em contrapartida, o grupo de apoiadoras do candidato aplaude e demonstra entusiasmo em relação ao candidato Bolsonaro sob os dizeres “#EleSim”, multiplicados por todo o espaço topológico que representa o enunciado desse grupo. Sua posição ao lado direito, de mesmo modo programático, as identifica como um grupo com ideais políticos de direita<sup>21</sup>.

A reprodução das *hashtags*, tanto de um grupo quanto de outro, por inúmeras vezes é caracterizada como uma figura retórica: a palilogia, cujo objetivo é a repetição de uma ideia, uma oração, um verso etc. Para Fiorin (2014a, p.127), o aumento da extensão textual que é produzido pela palilogia “serve para tornar mais intenso o sentido”. Para além da figura retórica, podemos considerar que o acúmulo de frases por todo o espaço da fotorreportagem é a representação verbo-visual e estética do corpo-a-corpo de cada grupo.

Pela análise da relação entre o plano da expressão e o plano do conteúdo, as figuras das mulheres são identificadas na categoria cromática pelas cores lilás ou rosa. As mulheres representadas pela cor lilás têm como referência um movimento centrado no feminismo, que luta pela “emancipação feminina”, de acordo com o que depreendemos do depoimento de uma das mulheres entrevistadas. Já as representadas pela cor rosa destacam-se por apoiar um “conservadorismo feminino”, um prenúncio de caráter avaliativo da reportagem. A seleção

---

<sup>21</sup> Direita e esquerda correspondem a uma díade, ou seja, um contraste de ideias, e são “termos antitéticos que há mais de dois séculos têm sido habitualmente empregados para designar o contraste entre as ideologias e entre os movimentos em que se divide o universo, eminentemente conflitual, do pensamento e das ações políticas” (BOBBIO, 1995, p. 31). Para o autor, esses ternos são excludentes e exaustivos ao mesmo tempo, dado que não podem ser simultaneamente movimentos de direita e esquerda, tampouco podem ser apenas de uma ou de outra doutrina (Ibid.).

dessas cores também é programada: a cor lilás é utilizada historicamente em movimentos feministas, já a cor rosa<sup>22</sup> é culturalmente associada às mulheres, ao universo feminino.

Dado que as cores saturadas refletem mais luz, caso das cores rosa e lilás, elas apresentam a direção persuasiva de fazer oposição à opacidade da imagem ao fundo. Assim, enquanto no plano da expressão opõem-se luz e sombra, pela saturação e dessaturação cromática, no plano do conteúdo deparamo-nos com a oposição entre povo e poder, de modo que o enunciador *Marie Claire* direciona o olhar do leitor para o que é mais importante, isto é, o papel decisivo das mulheres nas eleições de 2018. No aspecto tensivo, quanto mais ao fundo, maior a extensidade, quanto mais à frente, maior a intensidade, que ainda recrudescer em direção ao centro, quando no confronto entre os grupos que desejam alcançar o poder.

As *hashtags* #EleNão e #EleSim, reproduzidas topologicamente e hiperbolicamente em caixa-alta no plano da expressão, procuram demonstrar a tensão que distancia as mulheres de cada grupo. O rosto do candidato sem a tarja de proibido reforça o apoio já declarado pelo ator coletivo “#EleSim”. Alinhado ao discurso de Jair Bolsonaro, esse grupo tem como programa narrativo “combater o comunismo, a corrupção e defender a moralidade e a ética”, tal como é identificado nas falas desse grupo em debragem de 2º grau: a “honestidade” de Bolsonaro e sua defesa dos “valores morais, éticos, para que possamos conviver em sociedade digna. O único que visa governar para uma nação e não para grupos, as tais minorias” (CORTÊZ, 2018).

Por outro lado, o rosto tarjado de Bolsonaro reforça a negação que as mulheres do grupo “#EleNão” têm defendido. Para elas, a manipulação do candidato teve efeito contrário, um antiprograma aos propósitos delas. O programa de ações ou de *performance* que cabe a elas cumprir é “combater o fascismo e impedi-lo de chegar ao poder”, considerando a iminente ameaça de autoritarismo sentida por esse grupo de mulheres.

As figuras que compõem o enunciado demonstram dois tipos de actantes que, embora se apresentem com posicionamentos opostos em relação ao candidato, constituem-se como sujeitos competentes, seja para defender Bolsonaro, seja para rejeitá-lo. Diante de suas competências modais e estéticas (saber e poder sentir), as mulheres revelam o desejo intenso de *fazer-saber* de que são contrárias ou favoráveis ao candidato e, para isso, ocupam as ruas para lutar pelo poder nas ruas e nas urnas.

---

<sup>22</sup> Essa associação da cor rosa foi defendida pela ex-ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos do governo Bolsonaro, Damare Alves. Em entrevista, a ex-ministra disse: “É uma nova era no Brasil: menino veste azul e menina veste rosa” (G1, 2018).

Em analogia ao que Landowski (2018, p. 14<sup>23</sup>) observa sobre as interações políticas fundadas no princípio do sentir, como é o caso do populismo, a fotorreportagem constrói, plasticamente, “‘uma massa tímica’, indiferenciada, amorfa e maleável” de sujeitos. Em tal exemplo, temos a representação de incompatibilidade política de duas coletividades de mulheres a partir das *hashtags* posicionadas à direita ou à esquerda, com ponto de maior tensão no encontro delas, no centro da disputa. Dessa forma, os dois grupos concorrem simultaneamente em intensidade semântica no espaço do enunciado.

Após a pausa dada pela passagem da fotorreportagem, o enunciador, no papel temático de repórter, retorna ao segmento verbal para dar informações adicionais sobre o evento que está prestes a ocorrer:

Só na cidade de São Paulo, 80 mil pessoas confirmaram presença no protesto que tem saída no Largo da Batata, às 15h. Em Paris, por exemplo, a manifestação das brasileiras está programada no mesmo horário na praça da República (Place de la République). Em Salvador, cidade onde vive a publicitária Ludmilla Teixeira, iniciadora da página no Facebook “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro”, o ato terá proteção especial da polícia. Até a manhã de sexta-feira (28), a página contava com mais de 3,8 milhões de seguidoras. (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. 171).

Esse enunciado, como todos os outros, é um simulacro da enunciação, no qual há instalação de actantes falantes e a constituição de elementos dados pelo espaço e pelo tempo. (FIORIN, 2016). A simulação actancial, temporal e espacial ocorre por meio de debreagem ou embreagem. Vejamos como elas se diferem e qual foi a alternativa utilizada pelo enunciador.

Com relação à embreagem, o enunciador simula as categorias de pessoa, espaço e tempo com o valor de outras, como exemplo dado por Flores *et al.* (2018, p. 2678), no qual Pelé utiliza a terceira pessoa no lugar da primeira para falar de si mesmo: “Se Pelé jogasse hoje, marcaria muito mais gols”, frase dita pelo próprio jogador.

No caso da debreagem, ela é definida por Greimas e Courtés (2016, p. 111) como “operação pela qual a instância da enunciação disjunge e projeta fora de si, no ato de linguagem e com vistas à manifestação, certos termos ligados à sua estrutura de base, para assim constituir os elementos que servem de fundação ao enunciado discurso”. São dois os tipos de debreagens: a enunciva e a enunciativa, conforme estudo realizado por Fiorin (2016). É por meio de debreagens enuncivas de pessoa, espaço e tempo que a reportagem cria um efeito de sentido de objetividade, em oposição aos efeitos de subjetividade das debreagens enunciativas. Na debreagem enunciva, instalam-se no enunciado actantes que produzem uma narrativa em terceira pessoa (ele), um espaço (alhores) diferente do espaço enunciativo e um marco temporal

<sup>23</sup> Trecho original: une « masse thymique » indifférenciée, amorphe et malléable.

pretérito ou futuro (então), enquanto nas debreagens enunciativas, a narrativa constitui como actantes a primeira e a segunda pessoa (eu/tu), o espaço (aqui) e o tempo (agora). (FLORES *et al.*, 2018).

No caso do fragmento da reportagem, no qual é narrado um protesto que será realizado por mulheres, o enunciador opta pelas debreagens enuncivas de pessoa, espaço e tempo: “80 mil pessoas [elas] confirmaram [pretérito] presença no protesto que tem saída no Largo da Batata [lá], às 15h [futuro]” (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. 171).

Para Leite e Farias (2017, p. 181), a debreagem enunciva actorial:

[...] é o traço característico do discurso jornalístico para se mostrar imparcial, pois a presença dos verbos em terceira pessoa instaura um “ele” no texto-enunciado, produzindo um efeito de sentido de distanciamento e consequente neutralidade do enunciador em relação aos conteúdos enunciados.

No entanto, essa marca de imparcialidade é ilusória, cria apenas efeitos de sentido de objetividade, produzidos pela debreagem enunciva actorial, que instaura no enunciado o actante Bolsonaro:

Ele é **Jair Bolsonaro**, militar da reserva, deputado federal pelo Rio de Janeiro em seu sétimo mandato – sim, são 27 anos atuando na política – e candidato do PSL à Presidência da República. Um homem considerado por alguns uma ameaça em relação à manutenção dos direitos humanos. (CORTÊS, 2018, ANEXO A, p. 171, grifo da autora).

A imparcialidade é ilusória porque em gêneros jornalísticos existe o “efeito de proximidade ou de distanciamento da enunciação e seus mecanismos sintáticos”, conforme aponta Barros (2005, p. 54). A autora explica como isso acontece:

Há uma tradição de “objetividade” no jornalismo, ou seja, de manter a enunciação afastada do discurso, como garantia de imparcialidade. Existem, como bem se sabe, recursos que permitem “fingir” essa objetividade, que permitem fabricar a ilusão de distanciamento, pois a enunciação de todo modo, está **lá, filtrando** por seus valores e fins tudo que é dito no discurso. O principal procedimento é o de produzir o discurso em terceira pessoa, no tempo do “então” e no espaço do “lá”. (Ibid., p. 54-55, grifos do autor).

Esse “fingimento” de objetividade prossegue no enunciado com a debreagem enunciva actorial, até que ocorre uma pausa entre travessões, “– sim, são 27 anos atuando na política -”, que sugere um efeito de subjetividade mais intenso, uma descontinuidade com o efeito de objetividade, visto que o repórter-narrador se apoia em uma pausa marcada com destaque, para expressar a incredulidade de o candidato estar em seu sétimo mandato, o que, surpreendentemente, significa que ele está há décadas na política. Esse fato corrobora com as

estratégias populistas, em que um candidato consegue, mesmo já inserido no meio político, se projetar como um *outsider*.

Inclinando para o sensível, a mulher jornalista faz uma crítica ao período de atuação do candidato na política, mas logo em seguida retorna à “aparência de afastamento” para evitar “arcar com a responsabilidade do que é dito” (BARROS, 2005, p. 55). Embora o narrador empregue a debreagem enunciativa na sequência: “um homem considerado por alguns uma ameaça em relação à manutenção dos direitos humanos”, sua afirmação revela um juízo de valor negativo, de acordo com o que foi depreendido pelo repórter-narrador (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. 170).

Nos parágrafos seguintes da reportagem, o enunciador começa a definir cada um dos grupos de mulheres: *#EleNão* e *#EleSim*, a partir do discurso do primeiro grupo: “Elas, mulheres organizadas em um movimento suprapartidário, de diferentes idades, raças e classes, cansadas de serem subjugadas *apenas por serem mulheres*” (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. 172, grifo nosso).

Apesar de a debreagem enunciativa ser uma estratégia discursiva para se manter a ilusão de imparcialidade jornalística e “apagar as marcas de enunciação no enunciado, produzindo efeitos de distanciamento e de neutralidade”, outras expressões textuais transformadas em figuras discursivas tendem a relativizar esses efeitos de sentido, conforme apontam Leite e Farias (2017, p. 183). O adjetivo “cansada” e o verbo “subjugar”, figuras utilizadas para definir como se sentem as eleitoras do grupo *#EleNão*, carregam valores disforizados sobre a maneira como as mulheres são tratadas. Assim, o repórter-narrador apresenta sinais de interação entre os regimes da manipulação e o do ajustamento, ao passo que quer *fazer* o narratário *saber* e *sentir* o quanto sofrem as pessoas do sexo feminino.

A aproximação por sensibilidades entre o narrador e o narratário é o que Landowski (2014b) chama de contágio, noção atribuída por ele pela possibilidade de o sujeito sentir o sentir do outro. Nessa relação, explica o autor que “um sujeito pode ‘acender’ (como diz Rousseau) o mesmo fogo no coração dos que olham” (LANDOWSKI, 2014b, p. 18).

Além do ajustamento constatado no texto, o enunciador deixa emergir do nível profundo do texto objetos de valor euforizados por ele, como o respeito às mulheres, ao contrário do ator Bolsonaro, instaurado como um sujeito desrespeitoso que subjugava, por meio de um julgamento disfórico, a figura da mulher. Dessa forma, o repórter se posiciona sobre as coisas do mundo, manipulando seu enunciatário a entrar em disjunção com o modo desrespeitoso do candidato no trato às mulheres.

Para além da debreagem enunciativa, o uso de diferentes vozes se tornaria eficiente para instaurar a ilusão de imparcialidade na reportagem, porém, tal efeito é dissolvido pela própria enunciação pressuposta, visto estar fundamentada na subjetividade, tal como propõe Benveniste (1976).

Por meio de um recurso de delegação de vozes, que é próprio ao gênero reportagem, o narrador dá voz a uma das mulheres contrárias a Jair Bolsonaro. Em termos de sintaxe narrativa, temos uma debreagem enunciativa de segundo grau, em que a entrevistada toma seu turno de fala e expõe seu ponto de vista sobre o mundo contextualizado:

Os atos agendados são uma forma das mulheres expressarem seu repúdio às declarações de ódio do candidato à presidência, Jair Bolsonaro, principalmente contra mulheres, populações negra, indígena e LGBT. “Para nós, o peso de sua ascensão seria violento, pois somos as mais vulneráveis, perseguidas e criminalizadas quando os direitos são retirados”, diz Natalia Mori, socióloga no CFemea (Centro Feminista de Estudos e Assessoria), que deve marchar contra o político em Brasília, em um evento que sai da rodoviária do Plano Piloto, também, às 15h, e promete milhares de outras mulheres (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. 172).

Sob o controle do narrador, a entrevistada declara sua opinião sobre o candidato Jair Bolsonaro. Para ela, as minorias sociais – as mesmas que identificamos como alvo do discurso intolerante na análise das declarações do candidato – estão no ponto central das manifestações. É por elas, pelas mulheres, e por outras minorias que elas irão para as ruas, para tentar impedir ascensão do candidato ao cargo de presidente.

As mulheres devem ir às ruas para não permitir o recrudescimento tônico da voz do candidato, pois, caso isso ocorra, a tonicidade dessa vitória tornaria o espaço extensivo desse grupo mais concentrado, com a retirada de direitos. Assim, elas, que já são “as mais vulneráveis, perseguidas e criminalizadas”, sentiriam mais ainda o aumento de tonicidade da marginalização sofrida (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. 172).

A interlocutora se apoia em uma manipulação por intimidação, na qual apresenta os valores negativos que uma eventual ascensão do candidato provocaria na vida das mulheres, mas a debreagem enunciativa actorial utilizada, pelo efeito de subjetividade que proporciona no discurso, parece apelar para o sensível, que é intensificado pelo uso do pronome de primeira pessoa no plural: “nós”.

Além das mulheres pertencentes aos grupos *#EleNão* e *#EleSim*, actantes coletivos favoráveis ou contrários ao discurso de Bolsonaro, o repórter-narrador busca dar voz ao candidato, o que ajuda a compreender a rejeição de parte do eleitorado feminino:



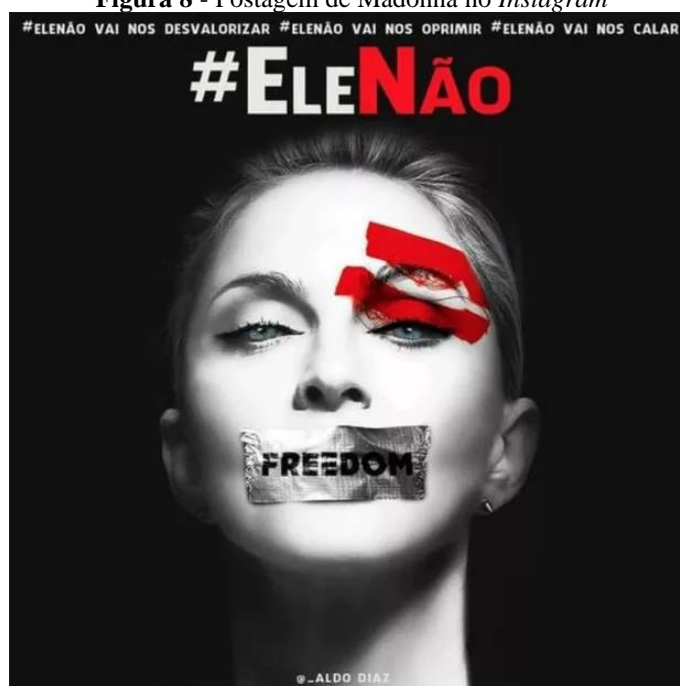
A rejeição do eleitorado feminino é embalada por declarações e atos polêmicos do presidenciável, que já chamou uma deputada de "vagabunda", acrescentando que ela "não merecia ser estuprada"; destratou uma jornalista que o entrevistava chamando-a de "ignorante" e "idiota"; além de dizer que deu uma "fraquejada" ao ter uma filha, e não ver problema na diferença salarial entre homens e mulheres. A objeção contra o candidato do PSL ganhou novo combustível na última segunda-feira, quando seu vice, o general Hamilton Mourão, disse que famílias pobres lideradas por mães e avós e sem pais e avôs são "fábricas de desajustados" (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. 172).

O enunciador (repórter) relata como as tensões entre Bolsonaro e parte do eleitorado feminino ascenderam ao longo do tempo, à medida que ele fez declarações machistas direcionadas a diferentes mulheres. Essa tensão foi agravada com a fala de seu vice, que responsabilizou mães e avós pela educação de péssimos cidadãos.

Para preencher todo o espaço de heterogeneidade de vozes que o gênero reportagem comporta, o narrador dá voz a todos os envolvidos, no entanto, é possível pontuar a ausência de falas que eram previstas, mas não ocorreram: "Procurados, responsáveis pela campanha de Jair Bolsonaro se abstiveram de comentar" (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. 172).

A voz do repórter e a voz dos entrevistados na reportagem, caracterizando uma aparente heterogeneidade de vozes, isso porque o repórter sempre conduz a narrativa ao gosto da revista ou do jornal. Esse tipo de gênero também se apresenta materializado pelos textos sincréticos, caso da postagem do *Instagram* da Madonna sobre a violência contra a mulher (Figura 2) que foi reproduzida para dar voz ao movimento *#EleNão*:

**Figura 8** - Postagem de Madonna no *Instagram*



Fonte: Reprodução/*Instagram*. In: Cortêz (2018, ANEXO A, p. 173).

A imagem postada por Madonna em seu *Instagram* é uma arte do designer gráfico brasileiro, Aldo Diaz. Nela, o enunciador utiliza uma técnica fotográfica conhecida por “respingo de cor”, a qual, a partir do uso da tecnologia, permite selecionar pontos para saturação e dessaturação das cores de uma imagem, com a possibilidade de intensificar o sentido de parte específica da imagem. Para o enunciador de uma fotografia artística, a programação se constitui como regime necessário, ao utilizar técnicas para *fazer advir* ao leitor a criação visual do artista.

A técnica utilizada equivale a um efeito de sentido semelhante àquele produzido no segmento verbal pelo uso do negrito, visto que a saturação e dessaturação de cores pode direcionar a leitura para determinadas passagens que o enunciador queira destacar.

A partir de estudo feito por Dondero e Reys-Garcia (2019), reconhecemos que essas intervenções são possíveis, pois para esses autores, a imagem digital, como é o caso dessa criação, pode passar por processos de reorganização textual:

[...] uma característica das imagens digitais é sua natureza instável, que também se percebe por meio de sua experimentação. Uma imagem contemporânea (escrita de formas) está sujeita a modificações, dependendo do software e do ambiente que se manifesta (suporte formal), o que permite combiná-la, retocá-la, transformá-la, aumentá-la com hiperlinks e metadados (Dondero; Reys-Garcia, 2019, p. 176).

Partindo desse princípio, nossa hipótese é que o enunciador cria efeitos que podem simular um ou mais regimes de interação: desde a programação e a manipulação até o ajustamento e o acidente, conforme pressuposto da análise dessa imagem (Figura 8). Estudo de Landowski (2016) sobre o papel da semiótica para a comunicação nos aponta que todos os regimes interacionais podem ser apreendidos do texto. O autor diz que pensar em todos os regimes de interação na análise dos textos midiáticos possibilita:

[...] uma rede de configurações interconectadas, uma sintaxe geral da interação. A lógica que organiza as relações entre os regimes que a compõem deixa aberta entre cada um deles e todos os outros, a possibilidade de idas e voltas, de passagens gradativas ou de bruscas metamorfoses, de transformações, superposições ou inclusões da maior diversidade. Isso permite análises finas das mais contingentes ocorrências mas tende a excluir, da parte do semioticista, interpretações globais com carácter unívoco e definitivo” (Ibid., p. 215).

Retomando a análise da figura 8, observamos que no segmento visual da postagem, o rosto da Madonna surge da escuridão para a luminosidade e da extremidade para o centro, a partir de um fundo completamente saturado de preto, que caracteriza um aumento de intensidade ao se aproximar do espaço central do texto. De forma a intensificar ainda mais o campo de presença do enunciatário, os olhos azuis e o delineado preto também saturados sobrevêm mais ao centro da imagem e causam um efeito tensivo impactante e concentrado.

Ao passo que a extensidade se concentra cada vez mais, a intensidade aumenta e atinge o ponto máximo de tensão no centro da imagem. O designer gráfico, por meio da programação, provoca meios de *fazer sobrevir* ao leitor os olhos azuis e provocar uma descontinuidade do espaço sombrio. De uma certa regularidade que emergia das extremidades, ou seja, do preto e branco, uma representação de uma aparente fraqueza, sobrevém, pela irregularidade, ao campo de presença a força do interlocutor, que assume o papel temático de mulher resistente. É a concessão, em que “o direito e o fato estão em discordância com o outro” (ZILBERBERG, 2007, p. 23). Onde havia caos surge a esperança.

O papel temático a que nos referimos é, segundo Greimas e Courtés (2016, p. 496), “a representação, sob forma actancial, de um tema ou de um percurso temático”, portanto, ele emerge a partir do que coletamos de um determinado texto.

Prosseguindo com a análise, há elementos no *post* da Madonna que nos indicam estarmos diante de um acontecimento. Na imagem analisada encontramos efeitos de realidade que integram três modos semióticos: o sobrevir, a apreensão e a concessão, tal qual a teoria sustentada por Zilberberg (2007) sobre a constituição do acontecimento.

Os olhos azuis que surgem das sombras, os curativos que protegem os ferimentos, a fita adesiva que amordaça, mas projeta liberdade [freedom] têm como efeito dar mais densidade existencial da mulher violentada, que passou por um estado de transformação de dominância para a liberdade. Faremos uma analogia dessa tentativa de silenciamento com a obra de Brelet (1949), cujo pensamento serviu de inspiração para Zilberberg. A autora, em estudo sobre a musicalidade, afirma o seguinte:

Quando o som cresce, ele ocupa cada vez maior consciência: ele a invade, torna passiva em relação a si mesma e solidária com o mundo, também invadido por suas vibrações. Mas quando o som diminui e chega às fronteiras do silêncio, é sua subjetividade que cresce: ele deixa de ocupar toda a consciência, de impor-se a ela e prendê-la ao mundo, mas então é necessário sustenta-lo com nossa atividade, e ele existe apenas na solidão secreta de uma consciência que o disputa e arranca do silêncio e do nada; [...]. Aqui novamente a expressão musical é expressão de um ato, - de um ato que dá existência ao som e deve ser tanto mais intenso quanto menos intenso é o som... (BRELET, 1949, p. 417-418<sup>24</sup>).

---

<sup>24</sup> Trecho original: Lorsque le son croît, il occupe une place de plus en plus grande dans la conscience: il l'envahit, la rend passive à l'égard de lui-même et solidaire du monde, lui aussi envahi de ses vibrations. Mais lorsque le son décroît et parvient jusqu'aux frontières du silence, c'est sa subjectivité qui croît: il cesse d'occuper toute la conscience, de s'imposer à elle et de l'enchaîner au monde, mais ils faut alors le soutenir de notre activité, et il n'existe plus qu'en la secrète solitude d'une conscience qui le dispute et le ravit au silence et au néant; [...] Ici encore l'expression musicale est expression d'un acte, - d'un acte qui donne l'être au son et doit être d'autant plus intense que le son l'est moins...

Dessa forma, a tentativa de silenciamento da mulher faz com que o som de sua voz seja mais intenso. Enquanto na imagem, a opressão masculina, representada pela violência contra a mulher, é sufocada no espaço extensivo, a liberdade desponta tensivamente. O enunciado emprega uma lógica concessiva: “embora nos oprimam, teremos liberdade; embora tentem nos calar, resistiremos.”

O texto analisado, que é sincrético, ou seja, verbo-visual, promove o encadeamento entre o plano de expressão e o plano do conteúdo de acordo com uma orientação tensiva ascendente. É o que observamos, por exemplo, no segmento verbal “#EleNão vai nos desvalorizar, #EleNão vai nos oprimir, #EleNão vai nos calar, #EleNão”.

Nesse segmento, frases são repetidas com uma mesma estrutura sintática principal que, a cada menção, acrescenta figuras de resistência, até que na parte final, a palavra “não” é destacada por uma fonte maior e pela mudança de cor, de branco para vermelho. Pelo emprego das cores e das formas, o enunciador (autor da imagem) cria um efeito de sentido capaz de conduzir o enunciatário (leitor) a um estado de tensão em ascendência, que atinge seu ponto máximo de tonicidade com a hiperbolização e a saturação da palavra “não”.

A saturação da palavra “não” na mesma cor que o curativo - que é uma figura da violência – intensifica o apoio às mulheres e acentua que não serão toleradas agressões contra elas em nenhuma hipótese. Com a estratégia verbo-visual utilizada pelo enunciador, Madonna transmite uma mensagem forte de repúdio à violência contra a mulher e afirma que é hora de dizer “basta!”.

Quanto à repetição de uma mesma estrutura sintática, que se renova a cada retomada no texto, caso de “ele não vai...”, associamos ao paralelismo. Essa figura retórica tem como função “mostrar que os significados transmitidos pelas construções paralelas são simétricos. Dessa forma, intensifica-se o sentido veiculado por elas” (FIORIN, 2014a, p. 139).

Na composição do texto-verbo visual da reportagem destaca-se o segmento verbal de uma das entrevistadas, integrante do grupo *#EleNão*:

Esther Solano, doutora em Ciências Sociais e organizadora do livro *O ódio como política* (2018, ed. Boitempo), tenta explicar os significados por trás da tamanha aderências [sic] das brasileiras ao movimento #EleNão: "Acredito que significa fundamentalmente duas coisas. Primeiro, uma força de vanguarda democrática em um cenário polarizado entre a democracia e a barbárie. Essas mulheres formam uma frente de luta contra o fascismo. Em segundo lugar, é especialmente importante que as mulheres puxem esse ato, porque o Brasil é um país que bloqueia continuamente a participação feminina na política institucional. Nossa cultura ainda é muito patriarcal nesse campo. Por isso, o movimento é um grito antifascista, mas também um grito por emancipação feminina de uma lógica ditada e dominada pelos homens" (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. 173).

A partir do depoimento da entrevistada, cuja “competência cognitiva” (GREIMAS; COURTÉS, 2016) é destacada pela reportagem, surgem duas formas de governabilidade no campo de presença do enunciatário: a democracia e a barbárie, uma extensa, a outra intensa, visto que aquela permite a participação do povo e a manutenção da ordem, e esta restringe o direito do povo por meio da violência, levando à desordem, à instabilidade social. Para combater os efeitos tensivos do fascismo, produzido pela barbárie, é preciso reagir de modo igualmente intenso.

O emprego lexical do verbo *bloquear* transformado em figura do discurso exprime a forte tonicidade empregada por uma sociedade patriarcal para impedir maior participação das mulheres na política institucional. Mesmo reconhecendo a dimensão dos obstáculos impostos às mulheres, elas opõem resistência a esse discurso. Temos aí a presença da lógica concessiva. Embora o país possua práticas cerceadoras, que se revelam como um espaço hermético (ZILBERBERG, 2011) para o sexo feminino, é preciso desbloquear esse entrave político. A mesma lógica deve ser empregada para reverter a cultura patriarcal, isto é, o domínio dos homens sobre as mulheres, para, dessa forma, obter o tão esperado recrudescimento tensivo, a emancipação feminina por ações intensas, como o grito.

O acontecimento decorrente dessa lógica concessiva é destacado na reportagem por fontes de letras maiores em um fundo cromático, que parece, mais uma vez, intensificar o *fazer sentir* do grupo #EleNão.

O espaço para manifestação na reportagem concedido às mulheres que apoiam o candidato Jair Bolsonaro não teve a mesma amplitude e importância dada àquele atribuído às mulheres do grupo #EleNão, indicando uma atenuação de heterogeneidade do conjunto de opiniões das mulheres.

Sobre a heterogeneidade de vozes presentes no gênero reportagem, citamos os estudos sobre a presença do outro de Authier-Revuz (1982,1990), que concebe a noção de heterogeneidade como duas possibilidades enunciativas: uma mostrada e a outra constitutiva, sendo que aquela possui duas possibilidades: marcada e não marcada.

A heterogeneidade mostrada, como aponta a autora, serve para criar uma ilusão da presença do sujeito no discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990). Enquanto a heterogeneidade mostrada marcada é introduzida no texto a partir de aspas, itálico ou glosas, ou ainda pelos discursos direto e indireto, a heterogeneidade mostrada não marcada é representada pelo “discurso indireto livre, ironia...de um lado, metáforas, jogos de palavras...de outro lado” (Ibid., p. 34).

No que diz respeito à heterogeneidade constitutiva, ela é, segundo a autora, aquela que não faz uso de marcadores linguísticos explícitos para a representação do outro, mas que mesmo assim faz emergir outras vozes (Ibid.).

Mesmo com a redução da presença do outro, conforme os conceitos de heterogeneidade apontados, é possível extrair do enunciado o que pensam as mulheres do grupo *#EleSim* a partir do discurso do *outro* (grupo divergente) e do depoimento de uma das entrevistadas:

Mariana Moreira, 32 anos, advogada e presidente do PSL Mulher no Vale do Paraíba, é uma delas e entoa, em vez de *#EleNão*, *#EleSim*, *#EleSempre*. E diz, o intuito de usar a hashtag contrária não é provocar, mas "mostrar que exi[s]tem milhões de mulheres que estão com Jair Bolsonaro, que temos voz, força, e que não somos só números muitas vezes ocultados. É a forma de materializar, mesmo que no campo virtual, esse apoio." (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. 174).

Se, por um lado, o discurso grupo *#EleNão* tem por objetivo lutar contra o que representa o discurso de Bolsonaro e *fazer sobrevir* o poder que as mulheres têm para lutar contra o fascismo, por outro, a finalidade do grupo *#EleSim* "não é provocar", o que sugere uma falsa atonia de confronto com o *outro*. Ao fazer sua escolha, o grupo favorável ao presidencialista opta por ocupar a espacialidade extensiva e demonstrar a forte intensidade de seu apoio a ele: "mostrar que exi[s]tem milhões de mulheres que estão com Jair Bolsonaro, que temos voz, força, e que não somos só números muitas vezes ocultados" (CORTÊZ, 2018).

Por meio das propostas do candidato e os aparentes valores criados por ele para serem partilhados com seu "auditório", tais como a honestidade, a moralidade e a ética, o ator coletivo *#EleSim* emprega em seu discurso, a exemplo do destinador-manipulador (Bolsonaro), a lógica implicativa: "se ele possui todos os atributos necessários para ser um bom presidente e se ele não favorecerá as minorias, então nosso apoio é merecido."

Os motivos de Mariana ser a favor de Bolsonaro são muitos. Vão de "honestidade, que é questão prioritária" até "ele é o único candidato que defende os valores morais, éticos, para que possamos conviver em sociedade digna. O único que visa governar para uma nação e não para grupos, as tais minorias". A respeito da misoginia da qual Bolsonaro é acusado pela[s] mulheres do *#EleNão*, bem, essa não convence Mariana. "Não concordo." (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. 174).

No discurso do grupo *#EleSim* é revelado um estado de conjunção e relaxamento que possibilita a satisfação e a confiança no candidato. Desse modo, "ele é o único candidato" que atende aos anseios dessas mulheres. Por outro lado, a crise de desconfiança que foi gerada entre os discursos de Bolsonaro e do grupo *#EleNão* parece não afetar o grupo favorável ao candidato; para essas mulheres, o político não é misógino.

A leitura que é feita do discurso do grupo *#EleSim* pelo grupo *#EleNão*, para essa diferença de opinião, é que as mulheres que apoiam Bolsonaro não conseguem observar a intensidade de seu discurso intolerante e, por isso, minimizam-no, como indica uma das entrevistadas:

Sobre o apoio das mulheres do *#EleSim*, Esther Solano comenta: "Existe uma extrema direita que diminuiu a gravidade do discurso homofóbico, misógino e racista de Jair Bolsonaro. É um grupo que justifica que o candidato não compra a onda do 'politicamente correto' e, na verdade, é apenas um falastrão, que às vezes deixa escapar 'umas bobagens'. O que importa, dizem, é que 'Bolsonaro é honesto e diferente de todos outros'. Como estamos assistindo, isso tem caído por terra.". Esther se refere às últimas notícias em relação ao político, que apontam, entre outras coisas, um passado que inclui ocultação de patrimônio, furto de jóias [sic] e dinheiro e até "comportamento explosivo" e "desmedida agressividade" contra sua ex-mulher, Ana Cristina Siqueira Valle.<sup>25</sup> (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. 175, grifo da autora).

A entrevistada conclui, entretanto, que o grupo *#EleSim* recorre ao eufemismo, ou seja, emprega um termo mais agradável para retratar o candidato, o que não condiz com a sua condição. Para aquele grupo, Bolsonaro seria "apenas um falastrão", ao invés de reconhecê-lo como de fato é: "preconceituoso". No entanto, ao minimizar esse modo grosseiro do presidencialismo em virtude de um *parecer ser verdadeiro*, ou seja, "Bolsonaro é honesto e diferente de todos os outros", intensifica-se o impacto tensivo que o discurso dele já produz no grupo *#EleNão*.

Como forma de corroborar o que a entrevistada disse, ou seja, de se ajustar a ela, e de firmar um contrato de veridicção com o leitor (enunciatário), a reportagem esclarece a informação trazida pelo interlocutário: "Esther se refere às últimas notícias em relação ao político [...]" e utiliza como recurso a interdiscursividade proporcionada pela internet. Ao informar sobre a agressividade de Bolsonaro contra a ex-mulher, o leitor pode acessar o *link* que direciona para a notícia sobre o caso reportado. Tal artifício contribui, dessa forma, para intensificar o efeito de objetividade do texto. Apesar desse efeito, o *ethos* moralizante de *Marie Claire* é desvelado nas subjetividades dos segmentos verbo-visuais do texto.

#### 4.3 *HuffPost Brasil*: junção, união e fusão

A semiótica da interação (LANDOWSKI, 2014a) expandiu a teoria narrativa, especialmente, a partir das proposições de Greimas (2017). Antes voltada apenas para uma lógica da junção, cujo objetivo era a análise das relações juntivas entre sujeitos e objetos, ao

<sup>25</sup> *Hiperlink* inserido na reportagem: [Ex-mulher de Jair Bolsonaro diz que deputado já a ameaçou de morte - Revista Marie Claire | Mulheres do Mundo \(globo.com\)](https://www.marieclaire.com.br/mulheres-do-mundo/2018/05/ex-mulher-de-jair-bolsonaro-diz-que-deputado-ja-ameacou-de-morte/).

incluir a lógica da união na teoria semiótica, Landowski (2014a) amplia o entendimento das relações do sujeito com o mundo, no que diz respeito ao sensível.

Nesta análise, duas reportagens (ANEXOS B e C) do site de notícias *HuffPost Brasil* foram selecionadas: uma que tratou de compreender as motivações das mulheres contrárias ao então candidato Jair Bolsonaro: “‘Ele não, ele de jeito nenhum’: As mulheres que vão para as ruas contra Jair Bolsonaro” (MARTINELLI; ANTUNES, 2018, ANEXO B, p. 176), e outra que procurou conhecer o perfil das mulheres favoráveis a ele: “Quem são as mulheres que apoiam Bolsonaro e pedem o movimento *#EleSim*” (FERNANDES; MARTINELLI, 2018, ANEXO C, p. 182).

A partir dos sujeitos-actantes analisados, observaremos que cada um dos grupos de mulheres possui formas distintas de junção e união, sendo que a presença de um líder pode ter papel decisivo no encontro dos corpos que forma o ator coletivo.

#### 4.3.1 Reportagem *#EleSim*

Na primeira fotorreportagem (Figura 9), cuja legenda é intitulada “Apoiadores de Jair Bolsonaro (PSL), em manifestação na frente do Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo”, tem-se o registro de uma manifestação favorável ao candidato de chapa número 17:

**Figura 9** - Fotorreportagem *HuffPost Brasil* 1



“Apoiadores de Jair Bolsonaro (PSL), em manifestação na frente do Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo”  
 Fonte: Registro de NURPHOTO via GETTY IMAGES, in Fernandes e Martinelli (2018, ANEXO C, p. 182).

O repórter-fotográfico (enunciador) traz a perspectiva de uma realidade, um momento único capturado por sua lente, que projeta uma direção para o andamento da semiose. É a



direção para informar o leitor sobre um acontecimento histórico de um determinado espaço-tempo e para fazer o leitor crer na “fidelidade” do fato observado jornalisticamente.

No presente caso, a fotorreportagem registra uma manifestação realizada na frente do Hospital Sírio-Libanês. No centro da imagem, a figura de uma senhora realça o gesto de elevar um cartaz de campanha do candidato Bolsonaro e carrega uma bandeira do Brasil nos ombros. O corte de cabelo *Chanel*, a formalidade da camisa longa de listras azuis e brancas, os óculos escuros, o batom nos lábios e as unhas pintadas indicam a possibilidade de ela pertencer a uma classe social mais privilegiada economicamente.

A faixa que ela ergue traz a foto de Bolsonaro posicionada à direita, tal como o viés político-partidário assumido por ele e seus seguidores. A faixa investe, não gratuitamente, mas de acordo com a direção persuasiva dos gestos representados nas cores da bandeira nacional, para que a imagem do ator Bolsonaro seja associada ao papel temático de um sujeito patriota. As cores verde e amarela, de forte cunho simbólico (bandeira nacional) são predominantes, mas o azul que compõe o círculo desse símbolo nacional é incorporado ao nome do candidato por meio da letra “o” e envolto pelo losango amarelo da bandeira do Brasil. O restante de seu nome, grafado na cor branca, completa o quadro de cores da bandeira, um simulacro verbo-visual de amor à pátria.

A faixa reproduz em duplicidade um *slogan* de campanha, e ao lado da foto do candidato, o número 17 é hiperbolizado, como parte de uma estratégia de manipulação para que o destinatário (eleitor) memorize uma escolha: votar na chapa Bolsonaro/Mourão, cuja sanção seria a recompensa de um país melhor.

Sorridente, o candidato está em destaque, com o objetivo de valorizar sua imagem e seduzir o eleitor para que vote em um sujeito competente, modalizado pelo *saber fazer*, isto é, que seja capaz de “mudar o Brasil de verdade”.

Ao redor da figura que representa a senhora em destaque foram enquadrados outros apoiadores com a recorrência do mesmo gesto: a faixa erguida para o alto e uma isotopia das cores nacionais seguem na profundidade da foto em camisas da seleção brasileira, camisetas de campanha do candidato, bandeiras e acessórios dos demais manifestantes, de modo que podemos inferir que essas pessoas saíram de suas casas com uma finalidade: protestar favoravelmente a um determinado posicionamento político que tenha como viés um suposto patriotismo. Pela repetição semântica dos símbolos nacionais encontrada nos manifestantes, depreende-se que a união dessas pessoas ocorreu de forma contagiosa, movida, especialmente, por um sentimento ufanista.

Pela análise semissimbólica, reconhecemos que no plano do conteúdo opõem-se o Céu e a Terra, o divino e o humano, enquanto no plano de expressão opõem-se os contrastes topológicos, eidéticos e cromáticos. São oposições que são representadas topologicamente no plano da expressão pelas partes superior e inferior da fotografia, sendo que na parte superior se destaca maior limpidez (espaço difuso), e na parte inferior maior densidade (espaço concentrado), onde estão os apoiadores do então candidato; porém, é na parte superior que se intensificam as isotopias de pátria e fé recorrentes no discurso bolsonarista, seja pelas cores verde e amarela das faixas ou pela representação de Bolsonaro e o céu, como materialização do lugar religioso.

O corte entre a parte inferior e a superior compõe o formante topológico que separa o povo de seu líder. Essa transição é evidenciada pela linha branca das faixas de propaganda eleitoral, que segue horizontal e linearmente até a janela do prédio à direita.

Na sintaxe narrativa, o enunciador expõe um povo com a esperança de uma mudança positiva, na figura de um salvador da pátria, que mesmo esfaqueado, martirizado, é o simulacro da representação de um Messias, que, assim como Jesus, “ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos Céus, está sentado à direita de Deus Pai, todo poderoso”.

Nessa discursivização que traz à luz uma narratividade subjacente, resgatamos, como figura do discurso, o *slogan* de campanha de Bolsonaro: “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”. Por contiguidade, Bolsonaro ocupa implicitamente como representante do povo com relação a dois sujeitos de tonicidade forte: “Brasil” e “Deus”. Com essa associação, ele assume assim a posição de um destinador transcendente, a de um intercessor que está ao alcance de Deus e acima de todos e também a de um superpolítico capaz de solucionar todos problemas do país. Nas palavras de Landowski (2018), o político populista, tal qual Bolsonaro, adquire em seu discurso uma hipercompetência:

Certamente, a hipercompetência assim atribuída a ele (quase a de um destinador transcendente que caiu sobre a terra) não parece mais incluir hoje o poder de curar doenças, mas por pouco; em todo caso, para todas as outras misérias do povo, ele preserva, como destaca Ahmed Kharbouch, o poder de um verdadeiro remédio mágico (LANDOWSKI, 2018, p. 7<sup>26</sup>).

---

<sup>26</sup> Trecho original: Certes, l’hyper-compétence qui lui est ainsi attribuée (quasiment celle d’un destinataire transcendant descendu sur terre) ne semble plus inclure aujourd’hui le pouvoir de guérir les maladies, mais il s’en faut de peu; en tout cas, pour toutes les autres misères du peuple, elle garde, comme Ahmed Kharbouch le met en relief, le pouvoir d’un vrai remède magique.

O ator discursivo Bolsonaro é então esse destinador transcendente que pode mudar o Brasil de verdade, tal qual ele promete, e pode conduzir o país para o caminho da salvação de acordo com a palavra de Deus.

Essa imagem messiânica é explorada propositalmente por Bolsonaro e por seus apoiadores, conforme observou Demuru (2021a). Ele se coloca como um salvador da pátria no confronto entre o povo e as elites, e alimenta uma “narrativa religiosa-messiânica na qual os temas e as figuras globais da perseguição globalista Anticristã são mesclados com o imaginário político e religioso local” (Ibid., p. 281). O pesquisador compara as atitudes de Bolsonaro com o Sebastianismo, movimento messiânico português, no qual se acreditava que o rei Sebastião desaparecido em combate, retornaria para salvar Portugal. O mesmo movimento se configura nos dias atuais como um “messianismo evangélico” (Ibid., p. 281), o que pode ser comparado ao mesmo sentimento compartilhado pelos manifestantes da figura 9, que esperam a recuperação de Bolsonaro da facada que recebeu para libertá-los do domínio dos “poderosos”.

A figura 10 (a seguir) sugere a representação desse público, que combina política e religião. A fotografia registra no plano da expressão, através de contrastes topológicos, eidéticos e cromáticos, bem como através de formas organizadas diferentes para representar o ator antropomorfo, e a isotopia figurativa (plano do conteúdo) marcada pelos temas do nacionalismo e da religiosidade dos apoiadores de Bolsonaro já retratada na imagem anterior.

**Figura 10** - Fotorreportagem *HuffPost Brasil 2*



“Uma das apoiadoras de Jair Bolsonaro, em protesto a favor do candidato, realizado em São Paulo”  
 Fonte: Registro de NURPHOTO via GETTY IMAGES, in Fernandes e Martinelli (2018, ANEXO C, p. 185).

A figura feminina aparece vestida com uma camiseta preta e branca que tem o rosto do candidato do então PSL. Ao centro, a manifestante chama atenção com um megafone, cujo objetivo é potencializar sua voz e suas ideias, porém, seu efeito é o contrário da figura 8, em que a figura da mulher violentada é silenciada por uma fita adesiva. Ao utilizar esse objeto, a

manifestante assume o papel temático de uma líder, mas é a voz de Bolsonaro que é sobreposta a sua.

O gesto representado na linha ascendente do braço e da mão figurativiza uma determinação: a de ter suas demandas ouvidas, ou a de seu líder. O punho direito levantado carrega um rosário volumoso, e em uma de suas pálpebras captadas pela imagem vê-se um leve esfumado de sombras verde e amarela. Juntos observamos o simulacro de sua fé e seu patriotismo.

Nessa fotorreportagem, o enunciador manipula o enunciatário a concentrar a sua atenção na interlocutora que está centralizada na imagem. Para conseguir esse efeito, o repórter-fotográfico utiliza-se dos recursos de focalização de elementos, dando maior ou menor nitidez para certos pontos. Esse artifício é o foco seletivo: “ato de deixar somente os elementos principais da imagem em foco, sobressaindo diante do fundo ou do primeiro plano desfocado” (VASQUEZ, c2023).

Ao utilizar esse recurso, a direção argumentativa do discurso do enunciador é a de dar acento de sentido a alguns dos objetos euforizados pelo bolsonarismo, a partir das conjunções do sujeito em destaque, ou seja, a figura da manifestante no centro da imagem, que veste uma camiseta preta e branca com o rosto de Bolsonaro.

A incidência de luz da fotografia se concentra no rosto da manifestante e no rosto de Bolsonaro que está estampado em sua camiseta. À medida que vai se distanciando dela, a imagem vai ganhando gradualmente sombra e desfoque.

Longe do foco, outros manifestantes aparecem em menor destaque. À direita, uma senhora parece estar atenta para o que acontece à frente do público. À esquerda, um rapaz veste uma camiseta branca com o rosto de Bolsonaro cercado pelas cores verde e amarela da bandeira nacional.

A partir dos elementos figurativos e das categorias cromáticas e topológicas, identificamos que o plano da expressão representados pelos termos contrários *luz vs. sombra* e *proximidade vs. distanciamento* se articulam com o plano do conteúdo para remeter às categorias semânticas de *identidade vs. alteridade*. Quanto maior for a incidência de luz e a proximidade da figura actorial central, com a manifestante destacada, maior é o distanciamento com o *ego*, com o próprio eu, e maior é a fusão do sujeito com o ator discursivo Bolsonaro. Essa ocorrência é observada também na fotorreportagem seguinte (Figura 11).

A Figura 11 destaca o apoio recebido por Bolsonaro pelos manifestantes que vestem a mesma camiseta com a frase “Somos Todos Bolsonaro”, reiterada na legenda pelo enunciador. Nessa fotorreportagem, o observador-actante se abstém de focalizar o rosto dos manifestantes.

Prefere se concentrar apenas no tronco e nos braços entrelaçados de dois apoiadores do sexo masculino, identificados pelas formas de seus corpos e traços físicos aparentes.

**Figura 11** - Fotorreportagem *HuffPost Brasil* 3



“‘Somos Todos Bolsonaro’, diz camiseta de manifestantes em protesto a favor do candidato à Presidência pelo PSL”

Fonte: Registro de Bruno Kelly/Reuters in Fernandes e Martinelli (2018, ANEXO C, p. 188).

Para capturar essa imagem, o repórter utiliza como técnica fotográfica o *close-up*:

“Ou simplesmente close, designa o retrato realizado em extremo primeiro plano, focalizando apenas o rosto, ou parte do rosto do retratado. Na verdade, a foto em close é toda aquela em que o ângulo de visão é menor que o normal, pois o fotógrafo se aproxima bastante do tema para obter uma visão ampliada do detalhe fotografado” (VASQUEZ, c2023).

No efeito escolhido, os apoiadores seguram uma bandeira enrolada, que deixa sobressair apenas um pequeno pedaço de cor amarela, com algumas escritas em preto, provavelmente uma bandeira do Brasil. A posição da foto coloca explicitamente em destaque os dizeres da camiseta preta e branca com o rosto de Bolsonaro: “Somos todos Bolsonaro”.

O segmento verbal da imagem se expande pelas extremidades junto ao segmento visual que plasticamente constrói e destaca a imagem do ator Bolsonaro. O enquadramento do repórter reforça essa construção de sentido, visto que deixa de exibir os rostos dos manifestantes para exibir o de Bolsonaro estampado nas camisetas de seus apoiadores. O enunciador, nesse registro, opta por delimitar o campo de presença do enunciatário a partir dos objetos pelos quais os sujeitos actantes estão em conjunção, aqueles oferecidos pelo candidato escolhido por eles.

A partir dessa escolha, o narrador acentua a homogeneização dos corpos desses sujeitos com o de sua liderança, condizente com uma metáfora. Essa figura de linguagem, segundo Fiorin (2014a, p. 34) refere-se a uma “concentração semântica”, caso encontrado nessa fotorreportagem que suprime o rosto dos actantes com o objetivo de relacioná-los a Bolsonaro.

A partir do estudo de Fiorin (2014a, p. 34), concluímos que a supressão dos rostos dos manifestantes é proposital, visto que a metáfora, segundo o autor, despreza, no eixo da extensão, “uma série de traços e leva em contra [sic] apenas alguns traços comuns a dois significados que coexistem”. Com isso, entendemos que a figura do rosto de Bolsonaro e a frase “Somos todos Bolsonaro” estampados nas camisetas emprestam aos corpos dos manifestantes uma identidade comum a todos, ou seja, a de Bolsonaro.

O repórter captura os actantes de braços entrelaçados ao centro, o que demonstra a união desses corpos em torno dos mesmos objetivos de seu candidato. É das extremidades para o centro que os objetos de valores destacados se intensificam, no cruzamento dos sujeitos que se encontram unidos por seus corpos.

É possível afirmar que pelo menos um dos manifestantes sabe que está sendo fotografado e está de acordo com o registro, pois faz questão de esticar a camisa e reforçar sua conjunção com o sujeito Bolsonaro. Para além disso, o contágio se materializa na fusão dos indivíduos, por meio do entrelaçamento dos braços e o padrão das vestes, que potencializam a homogeneidade de um grupo com relação a Bolsonaro. Conforme afirma Kharbouch (2018), os manifestantes passam a ter sua identidade incorporada à do líder: “a ‘multidão’ populista não é, portanto, convocada a *objectiver*, por um distanciamento crítico, os significados construídos pelo líder ou seu partido, mas a ‘subjectivar’, melhor ainda, a incorporá-los, integrando-os à sua própria identidade, ao seu estar no mundo” (KHARBOUCH, 2018, p. 5<sup>27</sup>).

Na construção do sentido, o enunciado traz o simulacro da homogeneização do líder com o ator coletivo, de uma fusão, tal qual Landowski (2020) afirma que o populismo emprega como forma de manipulação. Além dos braços dados, que dão a ideia de união, temos o padrão das vestes, a omissão das cabeças dos manifestantes, porque o que importa é que todos fazem parte de um sujeito só: “Somos todos Bolsonaro”. Como o líder do movimento, apenas a cabeça de Bolsonaro aparece, o que indica um recrudescimento da densidade existencial desse ator discursivo e uma minimização da presença dos manifestantes, nos termos conceituais de Zilberberg (2011a).

Outra observação é que a reportagem destaca essa foto com corpos masculinos, o que parece direcionar o leitor para outra mensagem implícita: a presença predominante de homens no movimento *#EleSim*, já que no segmento verbal que acompanha as imagens é apresentada

---

<sup>27</sup> Trecho original: La « foule » populiste n’est donc pas appelée à *objectiver*, par une distanciation critique, des significations construites par le leader ou son parti, mais à les « subjectiver », mieux, à les *incorporer* en les intégrant à sa propre identité, à son être-au-monde.

uma comparação de dados que evidencia uma maior rejeição do candidato entre as mulheres e apoio expressivo do eleitorado masculino.

Quanto à representação figurativa do traje escolhido, ele pode representar mais do que uma programação ou uma manipulação direcionada a apoiar Bolsonaro. Embora o ator coletivo *#EleSim* não se declare como um movimento fascista, o uso de camisetas pretas e o ultranacionalismo declarado, como é o caso observado nessa foto, faz lembrar movimentos fascistas do século XX, conforme dados históricos recuperados. Para exaltar e demonstrar obediência aos “líderes supremos”, camisas nas mais variadas cores eram utilizadas por apoiadores do fascismo, como é o caso das camisas negras liderados pelo ditador italiano Benito Mussolini (PALÁCIOS, 2019). No Brasil, a exemplo do encontrado em nosso *corpus*, podemos destacar o uso de camisas da seleção brasileira em manifestações pró-Bolsonaro como padronização do movimento.

Além do uniforme, o grupo de paramilitares italiano exaltava seu líder com a saudação “‘Mussolini ha sempre ragione’ [Mussolini sempre tem razão]” (PALÁCIOS, 2019). Para os seguidores de Bolsonaro (o ator coletivo *#EleSim*), a lógica discursiva aplicada é semelhante ao do movimento fascista. Ao afirmar “Somos todos Bolsonaro”, seus apoiadores também enaltecem e validam todas as atitudes do presidente na interdiscursividade com o regime mencionado.

No conjunto da análise calcada no verbo-visual do grupo *#EleSim* em *HuffPost Brasil*, identificamos uma rigidez dos corpos dos manifestantes, destacados pela mimetização dos braços estendidos na Figura 9, ou pelos corpos unidos pelo entrelaçamento de braços dos dois homens (Figura 11), ou ainda pela posição altiva, séria e ereta da manifestante (Figura 10) que mantém a cabeça erguida.

Ainda no plano da expressão, a padronização de alguns elementos chama atenção. As fontes utilizadas são computadorizadas, tanto nas faixas quanto nas camisetas dos manifestantes. As cores nacionais são reiteradas no discurso, bem como a presença de Bolsonaro como núcleo do discurso.

A presença do líder é intensificada pelo destaque da luminosidade da camiseta da mulher religiosa, pelos troncos masculinos que levam o rosto de Bolsonaro, ou ainda pelas diversas imagens do candidato que são dispostas em faixas e erguidas ao alto.

#### 4.3.2 Reportagem *#EleNão*

A fotorreportagem seguinte (Figura 12) é precedida da legenda “Mulher usa um adereço com os dizeres ‘Ele não’, em referência a Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL”. A imagem foca no rosto sorridente de uma manifestante que usa um acessório na cabeça com a frase “Ele não” escrita em caixa-alta na cor vermelha. O adereço, feito de forma artesanal, tem acabamento com purpurina dourada, que traz uma característica feminina ao objeto de seu protesto.

**Figura 12** - Fotorreportagem *HuffPost Brasil* 4



“Mulher usa um adereço com os dizeres ‘Ele não’, em referência a Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL”

Fonte: Registro de NACHO DOCE/REUTERS in Martinelli e Antunes (2018, ANEXO B, p. 176).

Nesse registro capta-se a proximidade do narrador com o narratário, visto que a mulher fotografada faz questão de posar para a foto e sorrir. A representação figurativa do sorriso descontraído da manifestante se destaca em meio a outros rostos. O cartaz que ela carrega em sua cabeça determina o motivo de seu protesto: a rejeição à figura actorial do candidato Bolsonaro. Em contraste com o rosto que posa para a foto, observamos parte dos rostos de outras manifestantes contrárias ao candidato, porém, o enquadramento da fotorreportagem apenas nos permite relacionar a totalidade desses corpos em relação à manifestante destacada.

Entre plano da expressão e plano do conteúdo, a parte superior que traz a inscrição “Ele não” refere-se à opressão masculina (ao patriarcado) que Bolsonaro representa, enquanto na parte inferior, onde estão dispostas as mulheres, temos a representação da liberdade feminina e a procura por maior participatividade delas nas decisões sobre os seus próprios corpos.

Representando as mulheres do grupo *#EleNão* como um sujeito com ideais feministas, a fotorreportagem seguinte (Figura 13): “Mulheres protestam em São Paulo pela descriminalização do aborto, em 8 de agosto de 2018” (MARTINELLI; ANTUNES, 2018), mostra duas mulheres que erguem cartazes em protesto contra a criminalização do aborto.



**Figura 13** - Fotorreportagem *HuffPost Brasil* 5



Legenda: “Mulheres protestam em São Paulo pela descriminalização do aborto, em 8 de agosto de 2018”  
 Fonte: Registro de NURPHOTO via GETTY IMAGES, in Martinelli e Antunes (2018, ANEXO B, p. 178).

Observamos lenços verdes amarrados no pescoço das manifestantes, os mesmos utilizados pelas argentinas no protesto que ficou conhecido pela expressão “maré verde” (PAIXÃO; FERREIRA, 2018). Nos lenços, mensagens de euforização pela descriminalização do aborto reforçam um *ethos* em conflito com as leis vigentes.

Em um dos cartazes, portado pela figura de uma jovem com o símbolo de Vênus em seu rosto pintado com batom, há o seguinte texto: “Ao invés de flores nos deem ouvidos” (MARTINELLI; ANTUNES, 2018, ANEXO B, p. 178).

A manifestação é um recado para que os homens se permitam ouvir as mulheres, sendo esse gesto mais esperado por essas mulheres do que receber flores. Ao observar o ator coletivo *#EleSim*, grupo oposto, verifica-se que esse receio de não ser ouvida pelos homens, especialmente do candidato Jair Bolsonaro, não é motivo de preocupação: “Ela ressalta que ele [Jair Bolsonaro] foi ‘muito respeitoso’ e a ouviu em questões de sua *competência*” (FERNANDES; MARTINELLI, 2018, ANEXO C, p. 185, grifo nosso). Com essas declarações, destacam-se diferenças com relação à atenção dos homens desejada pelas mulheres. Enquanto um grupo se limita a participar da discussão apenas em assuntos que “competem” às mulheres, o outro grupo quer ter maior integração com os homens, ou seja, formas estéticas de interação.

Ao analisar o cartaz, encontramos no enunciado dado pelo segmento verbal, duas orações, uma implícita e outra explícita: 1) “Ao invés de [nos dar] flores” e 2) “Nos deem ouvidos”. Cada uma dessas orações tem o emprego da conotação, em oposto à denotação.

A diferença entre esses dois procedimentos discursivos está na relação que eles mantêm entre o plano da expressão e o plano do conteúdo. A denotação se aplica quando o plano da

expressão e o plano do conteúdo de um signo permanecem com suas propriedades lexicais estáveis, ou seja, com o sentido primeiro do signo. No caso da conotação, o signo parte de uma denotação no plano da expressão e é ressignificado no plano do conteúdo a partir de um ou mais elementos que o constituem. (FIORIN, 2019a).

Na oração “Ao invés de [nos dar] flores”, observamos que o gesto de “dar flores” às mulheres é culturalmente estabelecido na sociedade como uma ação programada e romântica dos homens, que desempenham, assim, o papel temático cavalheiro. Encontra-se aí o princípio da regularidade. No entanto, essa posição não é a pretendida por essas manifestantes, mas sim o devido respeito e atenção dos homens às suas aspirações e inquietações, como é o caso da necessidade de descriminalização do aborto, objetivo do protesto registrado nessa imagem.

Por esse motivo, as orações que compõem o cartaz de protesto trazem significados relacionados ao afeto e estabelecem uma relação de contrariedade entre *identidade vs. alteridade*, por indicarem diferentes formas de os homens tratarem as mulheres e o erro deles por optarem pela menos adequada.

Com o desejo de serem ouvidas, especificamente, nesse caso, quanto ao tema do aborto, as mulheres têm como direção persuasiva fazer com que os homens abandonem um comportamento de ordem social e simbólica, tal qual observado por Landowski (2014a) como característico do regime de programação, ou seja, dar flores como sinal de afeto. Ao invés disso, desejam que os homens tenham atitudes voltadas para o regime do ajustamento.

Por querer a alteração de costumes socialmente construídos, reitera-se um *ethos* feminino de privação intensa que deseja ser reconhecido como sujeito e ouvido pelos homens, especialmente nas relações de poder entre gêneros. A mulher, como ator coletivo, manifesta-se discursivamente como um corpo atuante para conquistar maior participação feminina na política, e para que esse objetivo se concretize, é necessário que o sexo oposto reconheça esteticamente que as mulheres tenham o direito de interromper a gravidez indesejada se assim quiserem.

O segmento verbal da Figura 13 apresenta uma oposição semântica entre *dominação* e *liberdade* - valores calcados na representação plástica e discursiva do corpo da mulher, sendo a dominação referente à oração implícita “Ao invés de [nos dar] Flores”, e a liberdade referente à oração explícita “nos deem ouvidos”. Considerando o conjunto do texto, identificamos que a parte superior e mais sombreada do plano da expressão refere-se à categoria de conteúdo *dominação*, e a parte inferior e mais iluminada se aplica à *liberdade*, onde constam figuras associadas ao feminismo e à luta pela liberdade das mulheres, como o espelho de vênus e do lenço verde que representam o movimento pela descriminalização do aborto.

Ampliando o escopo de nossa análise a partir da enunciação, apresentamos a seguir algumas marcas enunciativas com relação ao tempo presente na construção discursiva das fotorreportagens. Nas imagens anteriores, o marco temporal de não concomitância com momento do acontecimento - aquele captado pela câmera - com o momento de referência, ou seja, o da publicação da reportagem, é caracterizado pela ação realizada no momento de captura da imagem, que está delimitado pelo espaço de cada fotorreportagem. Para além do segmento visual, identificamos nas legendas as seguintes ações realizadas pelos actantes: “em manifestação”, “em protesto”, “usa um adereço”.

Tais ações indicam um aspecto estático no exato momento de captura do repórter de um determinado acontecimento. Nas palavras de Barthes (1984), esse instante registrado reproduz ao infinito algo que somente ocorreu uma única vez, dado que a câmera fotográfica tem como função imobilizar uma ação única no tempo de forma instantânea. Para o autor, a fotografia “repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (Ibid., p.13).

Em relação ao tempo, identificamos que essas fotorreportagens indicam um pretérito imperfeito, tempo verbal que é descrito por Fiorin (2016, p. 138) como aquele que “marca um aspecto não limitado, inacabado, durativo, estático”.

Podemos inferir que nessas fotorreportagens, de acordo com a descrição de Fiorin (2016, p. 139) a respeito do pretérito imperfeito, a ação marcada pelo tempo pode ser “considerada inacabada, contínua, dentro da continuidade do momento de referência, como algo estático, visto do interior, durante seu desenvolvimento”.

Ainda sobre o pretérito imperfeito, Fiorin (2016) acentua que ele tem um valor durativo: contínuo ou descontínuo e, desse modo, pode manifestar uma ação repetitiva ou contínua no passado. Para essa última opção, dá-se o nome de imperfeito descritivo, caso encontrado nas fotorreportagens que descrevem as ações contínuas realizadas durante a captura da foto, por exemplo, “enquanto protestavam, apoiadores de Bolsonaro empunhavam faixas e bandeiras em favor do candidato” (Figura 9).

O mesmo ocorre nas demais imagens, com a diferença de que o tempo pretérito na fotorreportagem (figura 13) é definido pelo dia 8 de agosto de 2018, data em que manifestantes protestavam em São Paulo pela descriminalização do aborto. Esse tempo demarcado pelo narrador não possibilita somente que identifiquemos o acontecimento do passado, mas que ele ocorreu em uma data específica, dia em que o Senado da Argentina discutiria projeto de lei que pretendia legalizar a prática do aborto e que mobilizou milhares de argentinas às ruas em vigília para acompanhar a votação dos parlamentares (PAIXÃO, FERNANDES, 2018), e cujo

movimento obteve apoio de parte das brasileiras, conforme constata-se no registro captado pela reportagem.

A última imagem analisada dessa reportagem (Figura 14), “As mulheres somam cerca de 53% da população e, em consequência, a maior parte do eleitorado brasileiro”, mostra a união de “Mulheres em luta por democracia!” (MARTINELLI; ANTUNES, 2018, ANEXO B, p. 178), como diz a faixa na cor lilás, que elas carregam à frente do protesto, cujo segmento verbal alterna-se entre letras cursivas e de forma, ambas feitas manualmente. Uma faixa menor, também na mesma cor, sobrepõe a primeira com a seguinte frase: “Marcha mundial das mulheres”.

Em relação à legenda que acompanha a fotorreportagem, ela reforça os dados da reportagem sobre a rejeição da maioria das mulheres ao candidato Jair Bolsonaro. Dessa forma, complementam-se imagem, legenda e pesquisa do Ibope como estratégias de manipulação com o objetivo de obter maior adesão do leitor: “O parlamentar, contudo, é campeão na rejeição entre as brasileiras, com 54%” (MARTINELLI; ANTUNES, 2018, ANEXO B, p. 179).

Figura 14 - Fotorreportagem *HuffPost Brasil* 6



“As mulheres somam cerca de 53% da população e, em consequência, a maior parte do eleitorado brasileiro”  
 Fonte: Registro de NACHO DOCE/REUTERS in Martinelli e Antunes, 2018, ANEXO B, p. 180).

As figuras apresentadas demonstram uma isotopia figurativa e temática que ancoram valores euforicamente pautados pelo feminismo. Corrobora-se com essa afirmação a frase da camiseta de uma das manifestantes ao fundo, no meio da multidão, do lado direito da imagem: “Lute como uma garota”.

Junta-se a esse movimento feminista uma diversidade de manifestantes que agitam bandeiras e carregam, ao fundo, um boneco do então juiz Sérgio Moro vestido de preto, sugerindo a presença de organizações partidárias no protesto.

Soma-se à cor lilás da faixa maior o tecido de chita que contorna toda a sua borda. Em contraste com esse colorido dado pelas categorias cromáticas, ou seja, a parte superior ocupada pelas mulheres, está o concreto acinzentado do chão na parte inferior, espaço por onde elas pretendem avançar e preencher o vazio.

Ao considerar o espaço tensivo, identificamos que a intensidade do discurso é evidenciada pela densidade dos corpos no espaço ocupado, que representa a figurativização tímica do desejo do grupo: a luta pela democracia. Já a extensidade se estende pelo espaço vazio, estático e cinzento do concreto. Contrariamente, ao que observamos na Figura 9 (mulher de camisa listrada), onde o espaço mais difuso que possui maior tonicidade do movimento, verificamos, na Figura 14, que é o espaço mais concentrado que tem mais força de atuação das manifestantes, tanto que o narrador deixa aparecer no espaço mais vazio, apenas os braços de duas pessoas fotografando a manifestação que está à frente. O narrador deixa uma mensagem para o narratário: “é a massa de mulheres em marcha que possui maior tonicidade, portanto, olhe para esse ponto”. Desse modo, infere-se que o narrador propõe limitações ao campo de presença do narratário.

No grupo *#EleNão*, as representações figurativas das reivindicações são feitas por meio das figuras de cartazes artesanais, dos quais se destacam cores vibrantes (dourado, vermelho, lilás, verde acetinado e o colorido da chita). Há também maior incidência de pinturas no próprio corpo, brilho, corpos suados. Diferente do grupo *#EleSim* que tem a bandeira do Brasil como maior símbolo, o grupo *#EleNão* utiliza bandeiras de movimentos partidários diversos.

Em vista disso, o foco do grupo *#EleNão* é voltado a diversas pautas, a diferentes mulheres, tal como é ressaltado no segmento verbal. Não existe figura que se destaca entre elas, mas o desejo de liberdade de todas as mulheres. Assim, o foco do grupo são as próprias manifestantes, como ator coletivo feminino. Cada um dos actantes que compõe esse grupo conecta-se corpo-a-corpo sem mediadores identificáveis.

Enquanto nas fotorreportagens do grupo *#EleSim* a luminosidade e o foco estão centrados na figura de Bolsonaro, como líder desse grupo, nas imagens do ator coletivo *#EleNão*, o objeto de interesse é voltado para o corpo actorial delas e para aquilo que as une, como é possível constatar, por exemplo, no relato de Maria do Rosário, Deputada Federal do PT, em entrevista ao *HuffPost Brasil*: “Eu sinto que tenho milhões de irmãs, com imensa

sororidade. Ao longo destes anos, senti que milhares de mulheres sabiam que nós tínhamos que resistir. E hoje nós somos milhões” (MARTINELLI; ANTUNES, 2018).

A partir do corpo actorial *#EleNão* emerge o ímpeto de combater o sujeito populista pela exposição tônica do sofrimento e do medo que elas sentem de serem subjugadas: 1) “É por todos os brasileiros e brasileiras que certamente podem sofrer muito com um governo desse tipo”; 2) “As mulheres estão em risco”; 3) “O que ele prega é ódio”; 4) “Isso é o oposto à democracia e é angustiante [...]” (MARTINELLI; ANTUNES, 2018, ANEXO B, p. 176, 177 181).

Na comparação entre o *corpus* analisado: reportagens *#EleNão* e *#EleSim*, depreendemos que o *HuffPost Brasil* destaca as interações mantidas entre sujeitos e objetos, nas quais um grupo privilegia a conjunção com os símbolos nacionais e religiosos, e outro prioriza, especialmente, a liberdade de seu corpo e a proteção da democracia. Mas é a partir das interações destacadas pela lógica da união que emerge o sentimento de pertencimento de cada grupo.

Embora o grupo *#EleNão* reconheça que há líderes do movimento, dado que pessoas estão à frente das manifestações, não existe uma figura com tamanha densidade existencial como a de Bolsonaro, que pertença e esse grupo. Por isso, juntar as forças é importante para a proteção de todas elas:

“A gente está passando por um momento turbulento, tem que tomar cuidado. Mas inevitavelmente quem está à frente das organizações vai ser mais visado”, avalia Flávia. Por isso, para ela, marcar presença fora das redes sociais neste momento é fundamental. “Tem que mostrar para a sociedade que esse não é o movimento que fica somente na internet” (MARTINELLI, ANTUNES, 2018, ANEXO B, p. 178).

Pelo acento tônico das sensibilidades que acompanham a semiose em curso, reconhecemos que o grupo *#EleNão* sente que o momento é perigoso para a democracia, mas, embora o medo de um governo autoritário seja um fator para que as mulheres tenham cautela, o momento requer coragem e visibilidade do movimento, ou seja, o que importa é o ganho de densidade de presença.

O *#EleNão* se forma a partir de um grupo criado no *Facebook* intitulado “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro”, ou seja, assentado numa presença contagiosa, na acepção de Landowski (2005a), que ganhou força virtualmente, uniu milhões de mulheres a partir do convite corpo-a-corpo entre mulheres e passou a ocupar as ruas.

Em seguida, sentindo-se ameaçadas por uma eventual vitória do grupo *#EleNão*, o grupo *#EleSim* procura aumentar a visibilidade de seu espaço de atuação e diluir a tensão deixada pelo

grupo adversário. No entanto, o que difere este grupo daquele, é que ele possui um líder definido, e é a partir dessa liderança que o bolsonarismo mostra sua força e presença.

Quando Freud (2020) investiga a formação dos grupos, ele faz a distinção entre os que possuem líderes e os que não possuem. Para o autor, as Igrejas e os exércitos são exemplos de grupos “altamente organizados, permanentes e artificiais” (FREUD, 2020, p. 36). Vale destacar que Bolsonaro se associou às igrejas pentecostais e neopentecostais e ao exército de tal maneira que a maior parte do apoio recebido por ele veio dessas duas instituições.

Freud (2020) sustenta que nos grupos formados pela Igreja e pelo exército existe uma força que é difícil separar os indivíduos, pois se apegam à ilusão de que são amados por um líder. E é por conta desse artifício que cada indivíduo abandona a sua essência para ceder espaço ao propósito do grupo, tal qual é imposto pelo líder.

O grupo *#EleSim*, enquanto ator coletivo liderado por Bolsonaro, adquire competências cognitivas e estéticas para manter a sua uniformidade e o protagonismo do líder. Um ponto destacado pela reportagem é a reiteração de figuras que Bolsonaro supostamente veneraria: a fé e a pátria, as quais estão associadas à Igreja e ao exército. Somado a essas relações juntivas, o enunciador *HuffPost Brasil* evidencia como esse grupo está intimamente arraigado à figura de Bolsonaro, de modo que nas interações semióticas dirigidas à união dos sujeitos, existe uma fusão entre o grupo e a própria figura de Bolsonaro.

Landowski (2020) ao mencionar as variáveis da relação intersubjetiva da dimensão sensível do contágio, distingue dois usos possíveis: bilateral ou unilateral. Quanto ao uso unilateral, o autor afirma que “equivale à aniquilação do outro enquanto sujeito, por absorção ou fusão” (LANDOWSKI, 2020, p. 25). O autor faz uma crítica ao populismo por utilizar o sensível como estratégia de persuasão:

A exploração do sensível pode então ser posta a serviço da “manipulação”, não unicamente no sentido convencionalmente admitido entre semioticistas (manipular, nesse quadro, é persuadir de modo a fazer fazer conforme algum acordo contratual) mas também segundo a acepção usual e pejorativa, isto é, submeter o outro a si mesmo atuando sobre seu corpo, como na hipnose que reduz o outro a um não sujeito programado, ou sobre suas pulsões, tal a publicidade que “faz desejar” por contágio sensível (LANDOWSKI, 2020, p. 25-26).

Considerando a estratégia de aniquilação do outro e a constituição do ator coletivo pelo *HuffPost Brasil*, concluímos que o grupo *#EleSim* é mais homogêneo e padronizado de acordo com o que é almejado pelo líder, e por isso, está mais sujeito ao contágio pela fusão dos corpos. O papel temático desse ator coletivo representa a noção de povo que o sujeito populista procura

construir como seu aliado e se compara à definição de nação apresentada por Fiorin (1988, p. 38-39):

A “nação” é um papel narrativo coletivo, e os atores que ela engloba são também atores coletivos. Mostra Greimas que não são características de individuação - unicidade e historicidade - que permitem efetuar a distinção entre um papel narrativo coletivo e um individual. Para constituir o ator coletivo é preciso que os seus constituintes (no caso, as classes sociais) percam suas características próprias e passem, com base em traços comuns, reais ou não, a fazer parte de um todo homogêneo. Os constituintes devem perder sua identidade para dissolver-se no todo, ou seja, do ponto de vista da totalidade são levados em consideração apenas os traços que eles partilham entre si. Nega-se a individualidade de cada constituinte para afirmar seu caráter partitivo. O ator coletivo terá qualificações que lhe darão especificidade. Esses atributos são os traços comuns a todos os constituintes que lhes permitem participar da totalidade.

O semioticista afirma nessa obra que o ator coletivo constituído como nação tende a negar qualquer princípio de individualidade, uma vez que todos pertencem ao mesmo grupo e só podem ser considerados como partes do todo.

Por outro lado, enquanto o grupo *#EleNão*, embora mantenha uma determinada homogeneidade, é mais heterogêneo, pois se organiza em torno da diversidade e da individualidade dos corpos que compõem o grupo.

#### 4.4 *AzMina*: entre a certeza e a incerteza

A revista eletrônica *AzMina*, em reportagem assinada por Bruno (2018, ANEXO D, p. 190) busca compreender como seria um governo de Bolsonaro para as mulheres, sob o olhar das propostas do candidato e das pautas dirigidas a elas. Além de examinar os possíveis efeitos do programa de governo do candidato para o eleitorado feminino, a repórter coleta opiniões de mulheres contra (*#EleNão*) e a favor de Bolsonaro (*#EleSim*).

Antes de iniciar a reflexão sobre o eventual governo de Bolsonaro, a foto do então candidato é destacada no topo da reportagem (Figura 15). Bolsonaro é o centro das atenções na fotorreportagem. Ele é constituído por um corpo rígido e pela expressão de seriedade de seu olhar. O fotojornalista (narrador), sob o ângulo de sua câmera, expõe, implicitamente, ao narratário-leitor os valores de absoluto do político, subjacentes a uma forte intensidade e a uma extensidade concentrada, conforme estudo de Fontanille e Zilberberg (2001).



**Figura 15** - Fotorreportagem *AzMina*



“Bolsonaro é o candidato mais rejeitado pelas mulheres.  
 Fonte: Fábio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil” in: *AzMina* (2018, ANEXO D, p. 190).

A foto que representa figurativamente o ator da enunciação tem como recurso o regime iconográfico do flagrante delito, que tem por objetivo fotografar o sujeito de forma espontânea, sem retoques ao corpo do sujeito, como postula Landowski (2004a). O desfoque nas extremidades de outros corpos ao redor dele e o destaque direcionado para a sua expressão indica que a extensidade fica mais difusa no encontro do olhar com a sua imagem mais centralizada.

É a partir dessa fotorreportagem (Figura 15) que representa um corpo que revela uma ameaça às mulheres, que o repórter-narrador lança a pergunta: “Como seria um governo Bolsonaro para as mulheres?”.

Em uma análise do segmento visual, em união sincrética com o segmento verbal dessa fotorreportagem em relação ao texto, identificamos as oposições *identidade* e *alteridade*, sendo essas responsáveis por descrever um eventual governo de Bolsonaro para as mulheres, como pretende o enunciador *AzMina*.

A clareza propositalmente apontada para o rosto do político demonstra a amplitude que o candidato alcançou durante a campanha eleitoral. O ator discursivo entra no campo de presença do leitor com intensidade, à medida que cresce a imprecisão dos sujeitos e objetos ao seu redor da figura central pela falta de nitidez da imagem, assim, a extensidade se torna mais difusa.

Em uma relação pressuposta entre governante e governados, o repórter avalia a alteridade encontrada no plano de governo de Bolsonaro em relação às mulheres. Alinhado com o segmento verbal, pelo qual se revela muito sobre o candidato e pouco sobre propostas concretas que beneficiariam as mulheres, o segmento visual se apresenta nítido para a representação da figura actorial de Bolsonaro e desfocado para as outras pessoas ao fundo, configurando assim uma relação semissimbólica de certeza (para a figura de Bolsonaro) vs. incerteza (para os outros que circundam a figura principal), pois para o narrador (repórter) existe uma clareza, uma certeza sobre o caráter disfórico de Bolsonaro.

Essa certeza é traduzida também em debreagem de 2º grau na fala de uma das interlocutoras entrevistadas: “Uma vitória de Bolsonaro legitimaria que a misoginia [ódio às mulheres] fosse levada como uma grande brincadeira” (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 191).

No que se refere à incerteza, a ausência de nitidez em torno da imagem de Bolsonaro reflete a falta de respostas que o segmento verbal da reportagem pretende elucidar: “Bolsonaro teria objetos de valor positivos para oferecer às mulheres?” O enunciador (repórter) constata que não há, por exemplo, expectativas reais para a diminuição de prematuros ou de combate à mortalidade infantil e violência contra as mulheres, conforme fazer interpretativo do narrador feito a partir do plano de governo apresentado pelo candidato.

A incerteza é retratada ainda pelo enunciador, conforme dados levantados na reportagem, a partir das atitudes do candidato, que dedicou sua vida política a defender pautas direcionadas a interesses específicos de sua categoria: os militares. Logo, não se sabe se ele teria algo específico para oferecer às mulheres:

Militar da reserva, Bolsonaro foi eleito a deputado federal pelo Rio de Janeiro pela primeira vez em 1990. Ao longos [sic] dos 27 anos de atuação na Câmara, mudou seu escopo de atuações: de projetos de interesse de militares para propostas de segurança pública. Levantamento do SigaLei, plataforma que usa inteligência artificial para monitorar a atividade do Legislativo, mostra que entre 1991 a 2018, Bolsonaro apresentou 147 projetos de lei. O tema mais recorrentes [sic] foram pautas ligadas às Forças Armadas (32 projetos), seguido de Direito Penal (16 propostas) e trânsito (14 proposições) (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 193).

Mais uma vez, verbal e visual se complementam em sentido, visto que o destinador teria como prioridade os seus próprios interesses ao invés de contemplar as necessidades de toda a população, em especial as mulheres.

No segmento verbal, que completa o sincretismo da reportagem, o candidato que desponta nas eleições é apresentado sob um juízo de valor negativo, dado a ele para justificar sua rejeição: “suas declarações machistas, racistas e homofóbicas” (BRUNO, 2018, ANEXO

D, p. 191), de modo que corrobora o que diz a legenda que acompanha a fotorreportagem: “Bolsonaro é o candidato mais rejeitado pelas mulheres” (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 190).

Na direção argumentativo-persuasiva para responder à pergunta que compõe o título da reportagem, uma hipótese é sustentada de imediato pelo enunciador (repórter) sobre o que ocorreria após sua eleição, antes mesmo de prosseguir com a análise das propostas do candidato:

O primeiro impacto pode ser parecido com o que teve a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos. No dia seguinte à eleição, milhares de pessoas (principalmente mulheres) tomaram as ruas para protestar contra a agenda conservadora do novo presidente. “Uma vitória de Bolsonaro legitimaria que a misoginia [ódio às mulheres] fosse levada como uma grande brincadeira. O efeito mais imediato desse resultado seria o simbólico. E é claro que depois haveria grande resistência, como ocorreu após a eleição de Trump nos Estados Unidos”, diz a antropóloga e cientista social Rosana Pinheiro Machado. Há dois anos ela estuda jovens eleitores do candidato na periferia de Porto Alegre (RS). (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 191).

O discurso reportado, que traz a opinião de uma pesquisadora, logo após a hipótese levantada pela reportagem, se homogeneiza com a fala anterior da repórter apresentada por meio do discurso direto. Sobre esse tipo de discurso, Discini (2015a) explica que ele possibilita a demarcação de duas enunciações: a do narrador e a do interlocutor/interlocutário. Embora a voz do interlocutor seja demarcada pelas aspas, o que lhe garante aparentemente um lugar de fala, ela apenas serviu para ratificar e dar tonicidade à suposição precedente do narrador.

Dando início à análise dos dados, no programa de governo do candidato, o narrador identificou apenas dois tópicos relacionados às mulheres, em um total de 81 páginas, destacando concessivamente a pouca relevância do público feminino para Bolsonaro em um eventual mandato dele: “embora tenha um plano, as mulheres ocupam um espaço reduzido em sua proposta”.

A lógica concessiva passa a ser utilizada reiteradamente pela reportagem para evidenciar o falso interesse de Bolsonaro pelas mulheres e a fragilidade de suas propostas frente às pautas femininas, como verificamos nas próximas interações ocorridas entre narrador e narratário.

Para reportar as propostas de Bolsonaro, o uso do discurso direto e indireto é alternado. O discurso direto, segundo Fiorin (1998), é aquele que preserva integralmente o discurso relatado. Enquanto o discurso indireto, ao contrário das duas enunciações previstas no discurso direto, apenas uma enunciação se destaca, a do narrador, que submete ao seu controle a voz do outro (DISCINI, 2015a).

A saúde é o primeiro item da proposta do candidato observada pela reportagem. Nela está previsto o “tratamento odontológico para gestantes com o objetivo de reduzir a quantidade de prematuros” (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 191).

Em entrevista ao **programa Roda Viva** [link], ele apontou o cuidado bucal como uma das causas para a mortalidade infantil no país. “Muita gestante não dá bola para a sua saúde bucal ou não faz os exames do seu sistema urinário com frequência. Certos problemas advêm disso e a possibilidade de prematuros aumenta assustadoramente.” (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 191, grifo da autora).

O discurso direto é empregado através de um recurso exclusivo dos documentos eletrônicos: os *hiperlinks*. Em um direcionamento para o programa *Roda Viva*, o enunciatório-leitor tem acesso à fala gravada em vídeo de Bolsonaro a respeito de seu programa de saúde, o que permite criar um efeito de realidade não suportado pela mídia impressa. Na sequência, o discurso indireto recupera a fala do então candidato durante a entrevista, mas logo lhe concede novamente a voz pelo emprego de aspas.

Após ter dado voz ao candidato, o repórter-narrador trata de apresentar informações que confrontam as causas apontadas por Bolsonaro para a mortalidade infantil, sugerindo que seu discurso é modalizado pelo *não-saber*, por um desconhecimento:

Dados do Ministério da Saúde indicam que a mortalidade infantil mostrou retração nas últimas duas décadas, com exceção do ano de 2016. Entre as causas apontadas pelo ministério para o avanço do indicador estavam a epidemia do vírus da Zika e a crise econômica. Um **estudo publicado na revista científica Plos Medicine** [link] mostra que alguns fatores colocam em xeque o combate à mortalidade infantil no Brasil. O[s] principais seriam o aumento da pobreza, medidas de austeridade como o teto de gastos públicos e a redução do Bolsa Família. (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 192, grifo da autora).

Com o objetivo de informar os reais motivos da mortalidade infantil, o narrador se modaliza por um *fazer-saber*, apoiado por outras vozes, incluindo “dados do Ministério da Saúde” e “estudo publicado na revista científica Plos Medicine”, disponibilizado por *hiperlink* que direciona para as informações apontadas, de modo a recrudescer um possível contrato de veridicção com o enunciatório.

A partir das estratégias de veridicção utilizadas, o narrador informa que a causa da mortalidade infantil não se resume ao tratamento bucal das gestantes, mas de outros fatores mais complexos, como a epidemia do vírus Zika, a crise econômica e a pobreza. Sendo assim, *AzMina* afirma que o conhecimento do candidato sobre a mortalidade infantil é frágil para que ele consiga combater o problema.

A temática calcada no princípio da segurança é o segundo item extraído do programa de governo de Bolsonaro pela reportagem:

A segunda referência a [sic] mulher é o “combate ao estupro de mulheres e crianças através de mudança ideológica”. A frase está dentro do tópico “Segurança e combate à corrupção” e vem acompanhada de um gráfico com o percentual das vítimas de estupro em relação aos estupros coletivos. Não há, no entanto, a explicação de como esse combate seria feito ou quais medidas seriam tomadas (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 192).

A discursivização da reportagem se apoia, em termos tensivos, novamente na lógica concessiva. Com isso o ambiente semiótico fica recrudescido de tonicidade para informar sobre a proposta de Bolsonaro para a segurança. De fato, há uma proposta, mas ela gera dúvidas sobre a sua finalidade pela falta de esclarecimento. A narradora recupera um projeto de lei de autoria do então deputado “em que aumenta a pena e condiciona liberdade do **estuprador à castração química** [link]” (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 192, grifos da autora), como um provável caminho para elucidar esse ponto de seu programa.

A lógica concessiva prossegue a linha argumentativa da reportagem: “A campanha e o programa de governo de Bolsonaro têm forte apelo de segurança pública, mas sem pensar em como isso afeta especificamente as mulheres.” (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 192).

A narradora traz dados de segurança pública e destaca a falta de ajustamento de Bolsonaro em relação às mulheres, visto que não é prevista em seu programa uma proposta que atenda plenamente às necessidades desse grupo, e o candidato sequer as conhece:

A preocupação com segurança, no entanto, não se estende às principais violências sofridas pelas mulheres. O 12º Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostrou que o número de feminicídios cresceu 21% em 2017 em relação o [sic] ano anterior. Todos os dias, 606 casos de lesão corporal dolosa são enquadrados na Lei Maria da Penha. O programa de Bolsonaro não menciona nenhuma dessas questões. (BRUNO, 2018, ANEXO 4, p. 192).

Essa atonia é evidenciada pela reportagem quando o enunciador fala sobre a atuação do então candidato na câmara, que é marcada inicialmente por projetos de interesse de militares, e depois, voltada para a área de segurança pública, informando implicitamente que as mulheres nunca foram o foco de suas atividades como parlamentar, pelo contrário, o deputado apoiou projetos que as prejudicariam, como a revogação da Lei 12.845/2013, que obrigava hospitais públicos a prestar atendimento médico gratuito às vítimas de violência, o que, na opinião do enunciador, representaria um retrocesso nos direitos das mulheres. Outro fato que reforça a falta de interesse do candidato por questões femininas é a “natureza das pautas historicamente

defendidas por ele, de forte apelo junto ao público masculino” (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 195).

O *fazer-sentir* do narrador pelas mulheres vai se intensificando à medida que relata as declarações de Bolsonaro sobre a mulher no mercado de trabalho. Enquanto o enunciador da reportagem recrudescer seu ajustamento em relação às vozes das mulheres, o efeito contrário é observado na voz do então candidato. Em relação à diferença salarial entre homens e mulheres, a reportagem recupera o discurso de Bolsonaro: “‘(Eu não empregaria com o mesmo salário. Mas tem muita mulher que é competente’, disse em **entrevista** [*link*] à RedeTV, em 2016)”. (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 193, grifo da autora).

O impacto da fala de Bolsonaro sobre a diferença salarial é intensificado pela reportagem ao apresentar dados que comprovariam um certo machismo por parte dele ao pagar menos às suas funcionárias.

[...] ele pratica isso em seu gabinete [a diferença salarial]. As funcionárias contratadas pelo militar em seu gabinete em Brasília e seu escritório parlamentar no Rio de Janeiro recebem, em média, 31% menos que os vencimentos dos colegas do sexo masculino, segundo o **jornal Valor Econômico** [*link*]. (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 193, grifo da autora).

Após análise das propostas do candidato, a reportagem faz um levantamento sobre a diferença inédita entre gêneros masculino e feminino nas eleições de 2018: a alta rejeição das mulheres em relação a Bolsonaro. Mas é na fala das “Mulheres com Bolsonaro” que a reportagem busca compreender o porquê de uma minoria de mulheres apoiar o presidenciável. Os motivos revelados nessas vozes foram a segurança pública e o discurso conservador do candidato. A lógica aplicada na maioria de suas falas é implicativa, mas com forte modalização das paixões de medo e de esperança de haver melhorias:

“Na minha área tem muito menor dirigindo carros roubados e com arma na mão. Se a lei for mais rígida, eles vão pensar melhor antes de fazer isso”. (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 195).

“Ele fala que o que vai valer para os bandidos também vai valer para os policiais corruptos” (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 195).

“O fato de ele ser contra a ‘ideologia de gênero’ nas escolas” é o que lhe chama mais atenção. (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 196).

Essa última frase expõe uma das características do discurso impregnado pelo populismo bolsonarista. Segundo Fiorin (2019b), a “ideologia de gênero” é uma obsessão da extrema direita, que defende a ideia de que os papéis sexuais não podem ser construídos cultural e

socialmente, o que refuta a ideia de diversidade sexual, sendo apenas aceitáveis as diferenças consideradas naturais.

Se, por um lado, as “Mulheres contra Bolsonaro” (*#EleNão*) o acusam de machismo e se apoiam na concessão para recrudescer os efeitos tensivos sentidos por elas, as “Mulheres com Bolsonaro” minimizam, implicativamente, as falas e atitudes que corroborariam um discurso machista dele:

- 1) Ela defende Bolsonaro no episódio em que ele xingou a deputada federal Maria do Rosário (PT/RS) e lhe disse que “não a estupraria porque ela não merecia”. “Ela ofendeu ele antes”, diz Katiê.
- 2) [...] as atitudes do candidato não corroboram as acusações de machismo. “Ele é um dos parlamentares que falam mais abertamente sobre a falta de rigidez das leis que também valem para estupradores”. (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 196).

As pesquisadoras entrevistadas que apoiam o grupo *#EleNão* reconhecem nas vozes dos apoiadores de Bolsonaro, o que inclui as mulheres do *#EleSim*, uma minimização do papel de bufão (Landowski, 1992) incorporado por ele e, portanto, não identificam machismo por trás de seu discurso.

- 1) A antropóloga Rosana Pinheiro Machado observa que os eleitores de Jair Bolsonaro costumam relativizar suas posições. “Eles recontextualizam suas falas ou acham que ele estava brincando. Dizem ainda que ele já se desculpou, mas que segue sendo massacrando [sic] pelo que já disse.” (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 196)
- 2) A cientista política Carolina de Paula, do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp), diz que as intenções das falas de Bolsonaro são frequentemente questionadas por suas simpatizantes. “Muitas não acreditam que ele fale isso de verdade. Dizem que é um personagem que ele cria ou uma construção da mídia.” (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 197).

Para as mulheres favoráveis a Bolsonaro, o modo grosseiro de falar do candidato seria visto como uma brincadeira e haveria sempre disposição da parte delas para defender o político das acusações contra ele, tal como foi abordado igualmente pela reportagem de *Marie Claire*.

Ao encerrar a reportagem, o leitor se depara com um vídeo-editorial de Nana Queiroz, diretora executiva de *AzMina*, com o título “Como não eleger Bolsonaro presidente em 2018” incluso no corpo da reportagem, o que não é comum para esse tipo de gênero. Ao contrário da reportagem, que busca a ilusão de objetividade, o editorial, como um texto opinativo, apresenta marcas de subjetividade e de afeto mais explícitas, como se depreende do primeiro trecho desse vídeo em que a jornalista Nana Queiroz declara:

Socorro: a gente vai eleger o Bolsonaro presidente em 2018! Como a gente faz para evitar seguir o mesmo caminho dos EUA? Eu acho uma preocupação muito justa. O Bolsonaro e o Trump são extremamente parecidos. Eles têm uma mensagem de

racismo e de reação ao empoderamento feminino (BRUNO, 2018, ANEXO D, p. 198).

O vídeo-editorial, assim como a charge, é exemplo de uma relação intertextual ou interdiscursiva mostrada, conforme afirma Barros (2021). Como textos de opinião, eles dialogam com discursos anteriores e são apresentados como discursos de sanção, em sua maioria negativa.

Ao se posicionar explicitamente contra Bolsonaro nesse vídeo-editorial, a revista eleva ao máximo as tensões que foram construídas ao longo do texto, o que sugere um maior ajustamento com as causas defendidas pelo grupo de mulheres contra Bolsonaro.

No conjunto do texto analisado, o narrador, entre estratégias utilizadas pelo enunciador para buscar a adesão de seus enunciatários, se alterna, além da manipulação pressuposta do gênero, entre os regimes de programação e de ajustamento. A programação no gênero reportagem, como regime apoiado na inteligibilidade, se deve ao emprego, na superficialidade do texto, de mecanismos discursivos de delegação de vozes, como o emprego de debreagens enuncivas, a inserção de imagens e a interdiscursividade com dados de outras instituições que contribuem para firmar o objetivo do gênero jornalístico de *fazer-saber* e *fazer-criar*.

O ajustamento entre o enunciador (repórter) e as mulheres (leitoras e também eleitoras) decorre do posicionamento assumido pela reportagem, que se compactua com o *ethos* prévio de um jornalismo feminista. Em estudo sobre a moralização, Greimas e Fontanille (1993, p. 148) definem a figura do “actante avaliador” como aquele que realiza “julgamentos éticos”, os quais “moralizam comportamentos” positiva ou negativamente. É dessa forma que se configura o actante *AzMina* no texto analisado. Pelo emprego de triagens, esse enunciador intensifica, como sujeito apaixonado que é, a defesa dos direitos das mulheres a partir da moralização do candidato Bolsonaro como um sujeito da indiferença com relação às pautas que melhorariam a vida delas.

Na análise do gênero reportagem, no qual o discurso do enunciador transita entre o regime da programação e o regime do ajustamento, outros enunciados retomam o discurso jornalístico em diferentes níveis enunciativos. E a todo momento os actantes que operam nesses regimes (a programação e o ajustamento) interagem uns com os outros no interior dos enunciados. Com isso, um enunciado que já tem forte impacto pode ser intensificado ainda mais em um novo texto.

Em uma homenagem a Zilberberg, Discini (2019, p. 2) disserta sobre a construção do sentido no âmbito da obra desse autor, o que se apresenta, conforme a autora, como suscetível a quantificações e mensurações das “sílabas tensivas” ao se observar a “intensificação da



estesia”. Nessa abordagem, a pesquisadora, com base no pensamento de Zilberberg, indica duas possibilidades gestuais: o *ultrapassamento* e a *decadência*. O primeiro deles, também reconhecido como “*recrudescimento recursivo da energia, da tonicidade ou do ‘acento do sentido’*”, refere-se ao emprego do “*mais do mais*”, enquanto se espera do outro uma ancoragem de atenuação de impacto, ou seja, “*menos do mais*”. Para a segunda ocorrência, a decadência, é “*o menos do mais que ancora a atenuação do impacto*” (DISCINI, 2019, p. 2).

O discurso da reportagem traz dados que sugerem, conforme resultados desta investigação, que nesse tipo de gênero pode ocorrer, conforme o estilo empregado pelo enunciador, o *ultrapassamento* concessivo, considerando que ele relata os impactos produzidos nas intersubjetividades de mulheres e do candidato Bolsonaro. Em sua função social de *fazer-saber* sobre o posicionamento dessas eleitoras, a mídia, especialmente essa que é objeto deste estudo, procura o ajustamento de acordo com o mundo percebido, por uma linha editorial que se propõe a *fazer-sentir* o que pensam as mulheres.

O *ethos* de *AzMina*, quando se distancia dos efeitos de objetividade, característicos do jornalismo, vai em direção ao sensível. Em todas as reportagens analisadas, a subjetividade está presente, porém, no caso desta última reportagem, ela possui traços que indicam maior subjetividade, como é o caso do editorial ao fim da reportagem, que começa pela figura de desespero “socorro” de forma exclamativa e acentua a preocupação da jornalista com um eventual governo Bolsonaro. Para além disso, a reportagem se desenvolve a partir do uso constante da lógica concessiva ao contestar ao longo do texto as propostas de Bolsonaro e a ineficácia destas para as mulheres.

## 5 MANIPULAÇÃO, INTERSUBJETIVIDADE E SUBJETIVIDADE

### 5.1 Notas iniciais

Ao analisar os modos de uma presença visível, assim denominada porque é percebida, Landowski (2004c) afirma que a presença imediata das coisas pode ser experimentada como mera tautologia, desprovida de qualquer modulação. Isso resultaria, segundo o autor, no torpor de uma presença opressiva e silenciosa. Essa descrição se refere, de acordo com ele, a um corpo fechado em si mesmo, consciente apenas de seu próprio peso, ou a um corpo completamente aprisionado no objeto. Nos dois casos, isso levaria, segundo o semiótico, a uma verdadeira morte do sentido, simbolicamente, do próprio sujeito como ser no mundo.

O autor defende que, para alcançar uma presença viva que efetivamente faça sentido, é necessário que o corpo seja esteticamente colocado em movimento e, de alguma forma, mediado pela relação entre elementos modulados num modo parecido com o musical. Desse modo, ele conclui que o sentido como presença é dinâmico.

Sob essa perspectiva, é importante considerar os sujeitos coletivos do *corpus* desta pesquisa, como corpos projetados no mundo com diferentes formas de presenças. A partir da análise do capítulo anterior, já podemos perceber que um sujeito coletivo em interação com o destinador-manipulador perde densidade de presença, enquanto o outro ganha.

Nesse contexto, é relevante retomar, neste capítulo, alguns pontos teóricos que permitirão trazer maior clareza para a compreensão do *corpus* analisado. É importante que investiguemos, por exemplo, as noções de intersubjetividade, subjetividade e contágio e as apliquemos ao objeto estudado.

Ao final deste capítulo, retomaremos a análise para ampliar o entendimento do fenômeno bolsonarista, com foco na atuação do ator discursivo Bolsonaro, ora como sujeito, ora como antissujeito de uma narratividade pressuposta ao discurso, que é responsável pela trajetória de dois atores coletivos distintos: *#EleSim* e *#EleNão*. Investigaremos, assim, como esses papéis actanciais são fundamentais na projeção do corpo do sujeito no mundo, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do populismo.

Discini (2017) afirma que tanto Landowski quanto Zilberberg têm contribuições importantes para pensarmos a imanência e a transcendência como fundamentos necessários para a compreensão da constituição do corpo. Na imanência, a autora destaca a forma inauguradora da semiose, presente na expressão e no conteúdo. Paralelamente, afirma a semiótico, a transcendência e a alteridade possibilitam que o mundo seja axiológico

eticamente e percebido sensivelmente. Na interpretação do mundo e na forma como o percebemos, o corpo projeta-se como estilo (DISCINI, 2017).

## 5.2 O sujeito no mundo

De acordo com Greimas e Courtés (2016), o conceito de sujeito é complexo devido à sua intersecção com várias tradições, incluindo a fisiológica, a lógica e a linguística. Essa intersecção resulta, segundo eles, em múltiplas ambiguidades que permeiam a compreensão do sujeito.

Esses autores definem o sujeito como um actante que deve desempenhar uma função específica no enunciado. Fiorin (2007c, p. 26) afirma que o actante é dependente do objeto com o qual ele se relaciona, sendo que: “a relação com o objeto dá uma existência semiótica ao actante” e “a natureza do objeto dá a ele uma existência semântica”.

O termo “actante” substitui personagem, proveniente da semiótica literária, ou ainda, o conceito “*dramatis persona*”, da teoria proppiana, conforme Greimas e Courtés (2016, p. 20) O actante é definido como “aquele que realiza ou que sofre o ato, independentemente de qualquer outra determinação” (Ibid., p. 20).

Com relação ao discurso, existem dois tipos de actantes: aqueles que pertencem ao enunciado e aqueles que se projetam na enunciação. Na enunciação, implicitamente temos o enunciador (autor) e o enunciatário (leitor). Na enunciação enunciada, temos os pares narrador/narratário. Em seguida, como outro nível de delegação de vozes, temos os actantes do enunciado enunciado, que assumem a própria voz, mas uma voz delegada pelo narrador. Falamos dos actantes cujas vozes são delegadas pelo actante da enunciação, o narrador, sempre implícito a qualquer enunciado. Nesse nível de delegação de vozes, instalam-se o interlocutor e o interlocutário, que dialogam entre si dentro do enunciado.

Nas palavras de Fiorin (2007c, p. 28) existe “uma diferença entre os distintos sujeitos da enunciação: o interlocutor é um ator do enunciado, a quem o narrador concede a palavra.” Por outro lado, afirma o autor, o narrador é um actante da enunciação enunciada, ou seja, está no interior do enunciado.

A semiótica narrativa estabelece uma distinção entre dois tipos de enunciados: o enunciado de estado e o enunciado de fazer. No enunciado de estado, observam-se relações de junção, seja de conjunção ou disjunção, entre um sujeito e um objeto. Por exemplo, no enunciado populista “O povo não tem o poder”, há uma relação de disjunção entre o povo e o

poder, indicando a não realização da junção entre o sujeito e o objeto de valor. O objeto de valor sempre estará lá, pois não existe sujeito sem objeto.

Já no enunciado de fazer ocorrem transformações de um estado para outro, como ilustrado no enunciado “O povo terá o poder”, em que o povo passará de um estado em que não possuía poder (disjunção) para um estado em que vai adquiri-lo (conjunção). A partir desses tipos de enunciados, emergem dois tipos de sujeitos: o sujeito de estado e o sujeito do fazer.

Conforme já afirmado e reiterado neste trabalho, a semiótica passa a incorporar uma abordagem mais sensível a partir da obra *Da imperfeição*, de Greimas (2017). Nesse livro, o autor busca identificar a experiência sensível do sujeito. De acordo com Oliveira (2017, p. 13-14), “a experiência estética dos arranjos verbais literários”, ou de qualquer arranjo significante, permite que o sujeito vivencie o percurso narrativo pelo sujeito de forma sensível. Essa experiência, afirma a autora, afeta os estados de ânimo e de alma, conhecidos como estados patêmicos, os quais são processados através da ação do corpo como dispositivo estésico. Nesse âmbito, o corpo é responsável por captar de maneira perceptiva os sentidos e, ao percebê-los, atribui significados aos diferentes encadeamentos. A função do corpo nesse processo é explicada pela autora:

O corpo é uma tela entre nós e as coisas proclama Merleau-Ponty enquanto para Greimas a figuratividade é a tela do parecer cuja virtude consiste em entreabrir, em deixar entrever, graças ou por causa de sua imperfeição, como que uma possibilidade de além (do) sentido. Os humores do sujeito reencontram, então, a imanência do sensível. Esses dois autores se cruzam nas abordagens. Em Greimas é também o corpo do sujeito, na justa distância em que esse se coloca que é tocado e afetado. Ao considerarem os dois a universalidade da forma dos objetos, coisas, plantas e seres que, como presença sensível, lançam-se enquanto sujeito sobre um outro sujeito e faz do encontro impressivo um encadear de capturas que excitam o corpo por meio dos órgãos sensíveis que as apreendem. A impressividade da forma sensibilizante que é apreendida impõe a experimentação na simultaneidade da construção do seu sentido. As qualidades sensíveis dessa forma emanam de sua materialidade, eidos, cromatismos e arranjos dessas em dada topologia que a semiótica sistematizou o modelo de análise plástica, enquanto formantes, figuras e categorias do plano da expressão que concretizam as categorias, figuras e traços do plano do conteúdo (OLIVEIRA, 2017, p. 14).

A semiótica das paixões contribui para o estudo do sujeito de forma semelhante. Em seu percurso sobre o estudo do corpo do sujeito, a análise semiótica das paixões, centrada nos estados de alma, apresenta um sujeito patêmico que desempenha um papel crucial na identificação de diferentes tipos de sujeitos modalizados. Entre os tipos de sujeitos modalizados explorados em *Semiótica das Paixões* (1993), podem ser mencionados o avarento, o ciumento, o possessivo, o invejoso e aquele que experimenta sentimentos de desprezo, ódio, amor, entre outros.

De acordo com a abordagem proposta por Greimas e Fontanille (1993), é possível identificar diferentes sujeitos adequados para cada tipo de narrativa, sendo um sujeito de estado e um sujeito do fazer, dependendo da forma como são consideradas as junções, seja como resultado ou como operação, como uma “fase” ou “um caminho”. A hipótese de trabalho estabelecida pelos autores é que, na teoria geral, as paixões dizem respeito ao “ser” do sujeito e não ao seu “fazer”. No entanto, isso não significa, segundo eles, que as paixões não estejam relacionadas à ação e ao sujeito do fazer, pois este último também envolve um “ser” que é de sua competência.

Portanto, os semioticistas afirmam que o sujeito afetado pela paixão será sempre um sujeito modalizado prioritariamente de acordo com o “ser”, ou seja, será considerado como sujeito de estado, embora ele seja responsável também por um fazer. Dessa forma, os autores estabelecem uma distinção entre estados de coisas e estados de alma, referindo-se ao “conjunto de procedimentos de homogeneização fundadora da paixão que repousa na mediação do corpo-que-sente-que-percebe” (Ibid., p. 50).

De acordo com a perspectiva da sociossemiótica, o sujeito também passa por esse processo de mediação do corpo com o mundo. Segundo Landowski (2012, p. 71), “toda construção identitária, toda ‘procura de si’ passa por um processo de localização do mundo - do mundo como alteridade e como presença (mais ou menos ‘presente’) em relação a si”.

Nesse ponto, a semiótica tensiva também encontrou sua maneira de determinar o estado afetivo do sujeito posicionado no mundo. Conforme explica Tatit (2019, p. 71):

Se a intensidade retrata o nosso mundo subjetivo, nossas “medidas” afetivas (os nossos estados de alma, nos termos da semiótica), a extensidade refere-se, em princípio ao mundo exterior, à quantidade dos elementos envolvidos (aos estados de coisas), ou, mais precisamente, ao grau de abrangência dos fatos abordados.

O autor explica que a semiótica tensiva surge com a possibilidade de “estabelecer quantificações subjetivas, portanto, afetivas - sempre presentes em nossas apreciações do sentido construído pelas linguagens verbais ou não verbais” (Id., 2020, p. 185).

Ao quantificar subjetivamente as coisas do mundo, a semiótica se revela, de acordo com Fiorin (2007c, p. 27), como uma teoria capaz de determinar:

[...] a natureza do sujeito (assim, existem sujeitos intensos como os especialistas; extenso como os que possuem um saber enciclopédico; tônicos como os impetuosos; átonos como os zen; sujeitos acelerados como os tipos nervosos; sujeitos desacelerados como os calmos), bem como a combinatoria das valências (por exemplo, o workaholic é resultante de uma combinação conversa entre intensidade e extensidade).

Tatit (2020) explica que Zilberberg desenvolveu um método de análise que se baseia na combinação de acréscimos de *mais* e *menos*, resultando em direções ascendentes ou descendentes. Quando a transição ocorre de apenas *menos* (extinto) para apenas *mais* (saturado), temos uma direção ascendente, explica o autor. No entanto, conforme ele observa, existem outros tipos de direções como o restabelecimento, que envolve a redução de *menos* e a presença de *menos menos*, ou o recrudescimento, que é a fase positiva em que é adicionada tonicidade ao que já era *mais*, resultando em *mais mais*. Com essas observações, o autor exemplifica que as coisas do mundo causam emoções no sujeito, sejam eufóricas ou disfóricas, ora se alegram, ora se entristecem.

### 5.3 Intersubjetividade

A intersubjetividade, em termos gerais, refere-se à relação comunicativa estabelecida entre dois sujeitos por meio da enunciação. De acordo com Souza (2020), a intersubjetividade já havia ganhado a cena semiótica de forma natural, visto que em *Semiótica das paixões*, de Greimas e Fontanille (1993), os autores já relacionavam o significado das paixões a partir das inter-relações entre sujeitos.

É importante destacar que a intersubjetividade já estava presente na semiótica desde a sua origem, porém, foi progressivamente sendo desenvolvida ao longo da teoria. Inspirada pela fenomenologia, que, segundo Marsciani (2014) se desenvolveu a partir de uma teoria filosófica da subjetividade, a semiótica nunca mais a abandonou. Zilberberg (2011a, p. 12) chega a denominar o ingresso dessa abordagem de “virada fenomenológica”, conforme já mencionado nesta tese.

Para o autor, a preocupação da semiótica tensiva é “a relação existencial, imediata, imperativa entre o eu e o não-eu” (Ibid., p. 41). Na perspectiva sociosemiótica - que também acomoda os princípios da fenomenologia – compreende-se que as condições de emergência e apreensão do significado envolvem fundamentalmente a interação entre pelo menos dois actantes conectados por uma relação dinâmica (LANDOWSKI, 2004). Essa interação resulta, de acordo com esse autor, em transformações capazes de afetar tanto um quanto outro dos sujeitos envolvidos, assim como a natureza de seus relacionamentos.

Uma relação entre sujeitos só é possível, se houver uma predisposição por parte de, pelo menos, dois actantes e um desejo prévio de estarem conectados (Id., 2007). À medida que tais actantes se tornam de alguma forma interligados é que há propensão para que interajam entre si (LANDOWSKI, 2007).

Essa interação é exemplificada por Landowski (2014a) em *Interações de riscos*. O autor ilustra que há diferentes possibilidades de interações em um casal de dançarinos. A primeira delas é seguir regras específicas já estabelecidas para executar uma valsa, resultando em uma ação programada. Uma segunda forma de interação é quando um dos parceiros de dança se considera um especialista melhor do que o outro e tenta impor seu modo de dançar. Nesse caso, o outro dançarino pode aceitar ou recusar seguir os passos do outro, o que resulta em uma manipulação. Por último, há também uma forma de dançar por ajustamento, na qual ambos os parceiros encontram uma forma conjunta que os satisfaça plenamente como bailarinos.

Com base nessas observações, conclui-se que as interações apresentam diferentes níveis de risco, o que resulta em direções perceptivas distintas. Quanto maior o risco, maior é a indefinição em relação ao ponto de chegada (LANDOWSKI, 2014a).

#### 5.4 Subjetividade

À medida que a intersubjetividade se desenvolve entre os sujeitos por meio de interações, é somente a partir dela que a subjetividade pode ser determinada. Essa posição também é defendida por Landowski (2012). Para o autor, é necessário se destacar do outro para constituir a si próprio:

[...] ninguém se vê e nem se torna plenamente presente a si mesmo, e a seu próprio presente, a não ser começando por se destacar dele. Assim, enquanto eu me deixo flutuar, como que passivamente, à tona do fluxo temporal (e a supor que nenhuma aspereza toma sua aparente continuidade), então não me vejo, de forma alguma, tornar-me aquilo em que estou me tornando, e o próprio sentido do presente, de certo modo, me escapa: demasiado imediata, minha adesão ao escoamento do tempo como efeito torná-lo imperceptível para mim enquanto ele “passa” (Ibid., p. 104-105).

O sujeito, conforme afirmado pelo autor nessa obra, é aquela unidade de sentido própria, ou aquela presença peculiar, que o distingue do outro. Em nosso *corpus*, essa diferença em relação ao outro se torna bastante evidente nas *hashtags* reproduzidas durante as eleições de 2018. A partir do discurso de Bolsonaro, um grupo de mulheres se posiciona de forma mais intensa para afirmar que há diferença significativa em relação ao então candidato: “Eu não sou aquilo que ele é”. Por outro lado, o ator coletivo *#EleSim* reúne os valores compartilhados com o ator discursivo Bolsonaro, do que resulta em uma menor diferenciação entre o eu, mulher, e ele, meu candidato: “Eu sou aquilo que ele é”. Dessa forma, os atores coletivos femininos determinam sua subjetividade na interação com o candidato.

De acordo com Greimas e Courtés (2016), acredita-se que todas as implicações das paixões estão relacionadas à ideia de que toda comunicação é uma interação entre simulacros modais e passionais. Cada indivíduo, afirmam os autores, constrói o seu próprio simulacro na direção do outro, assim como aquele formado por todos os interactantes pertencentes a uma determinada cultura. Eles concluem que essa perspectiva reflete as sugestões previamente apresentadas desde o ponto de vista epistemológico sobre a concepção da intersubjetividade, em que “o sujeito tensivo desdobra-se em um ‘outro’ e interioriza o *corpo outro* como “intersujeito” com base na fúducia (Ibid., 2016, p. 46).

Em análise sociossemiótica feita por Leone (2015, p. 3) sobre os atentados à sede do *Charlie Hebdo* em Paris, em 2015, que pode auxiliar a refletir sobre a abordagem mencionada, o autor afirma que “a negação radical de posições anteriores é um caminho mais eficaz de diferenciação do que a adesão a uma tendência dominante<sup>28</sup>.” O que o autor quer dizer com essa afirmação é que o discurso primeiro leva a um segundo, e este, ao ser negado, pode contribuir para uma diferenciação de posições por parte do sujeito.

Logo após os atentados, a frase “*Je suis Charlie*” [Eu sou Charlie] tornou-se viral em diversas línguas e ganhou força retórica, pois mantém posições dêiticas vazias, nas quais não há uma indicação de espaço e o tempo pode ser utilizado a qualquer época e lugar (LEONE, 2015).

Essa frase inicialmente adquiriu o significado, na opinião do autor, de “Sou você, pois você foi morto por causa do que pensava”, ou até mesmo, de forma mais geral, “Sou você porque você foi brutalmente assassinado enquanto fazia seu trabalho<sup>29</sup>” (Ibid., p. 7).

No entanto, conforme já era previsto pelo autor, à medida que milhões de pessoas compartilhavam nas redes sociais a frase “*Je suis Charlie*” [Eu sou Charlie], outras pessoas sentiram a necessidade de se posicionar de maneira diferente. Isso ocorre, explica ele, porque sempre que há uma mensagem viral “A”, logo há aqueles quem queiram proclamar “não-A”. Foi assim que logo depois, surgiu outra frase: “*Je ne suis pas Charlie*” [Eu não sou Charlie]. (Ibid., p. 8).

Essa segunda frase não surge para compactuar com o assassinato brutal, mas sim para se diferenciar do outro sujeito que grita “*Je suis Charlie*”, afirma o semioticista. Surgem vozes opostas para projetar uma individualidade, que se posicionam contra *Charlie Hebdo*, não

---

<sup>28</sup> Trecho original: “radical negation of previous positions is more effective path of differentiation than adherence to a mainstream trend”.

<sup>29</sup> Trecho original: “I am you since you were killed because what you thought”, or even more generally, “I am you because you were brutally killed while doing your work”.



porque não tenham empatia pelo outro, mas porque discordam da forma que a revista denigre a religião.

De forma análoga ao nosso *corpus*, quando a *hashtag* “*EleNão*” viralizou nas redes sociais, logo em seguida, surge uma nova mensagem: “*EleSim*”. Em ambas as situações, observa-se que esses destinatários desejam se diferenciar ou se aproximar do discurso de Bolsonaro, demarcando assim suas respectivas subjetividades.

De acordo com Landowski (2017), escolher como método de análise uma abordagem actancial, processual e dinâmica, construída por uma base sociossemiótica, permite a descrição de um contexto social em constante movimento e interrogar suas condições em relação às mudanças sociais. O autor utiliza categorias morfológicas e semânticas já existentes na semiótica proposta por Greimas para exemplificar como seria essa análise:

[...] consideremos a categoria “externo *vs* interno”, evidentemente implicada por todo sentimento de pertencimento a um grupo: em vez de considerar esse sentimento como a resultante de uma posição determinada entre um “fora” e um “dentro” delimitados por referência a fronteiras fixadas de antemão, essa nova abordagem constituiu em analisar a diversidade das estratégias pelas quais os sujeitos constroem a um só tempo a própria identidade, a figura do “outro”, e o modo deles se relacionarem. Com efeito, as distinções que cristalizam os sentimentos identitários, longe de ser predeterminadas em substância, existem somente na medida em que, para construir a própria identidade, os grupos (e, eventualmente, os indivíduos) selecionam, quase que arbitrariamente, certos fatores de heterogeneidade perceptíveis no plano físico, social ou cultural e os elevam à altura de diferenças pertinentes (Ibid., p. 188-189).

Esse pensamento de Landowski, bem como a análise de Leone (2015) que brevemente resumimos, nos leva a refletir sobre os processos de construção identitária, tanto movidos pela influência da percepção da heterogeneidade quanto pela seleção subjetiva de diferenças na formação das identidades individuais e coletivas.

## 5.5 Contágio

De acordo com uma abordagem sociossemiótica, nas relações intersubjetivas, no corpo a corpo, o primeiro sentimento que experimentamos é o que Landowski (2007) denominou de “contágio”. Nesse contexto, somos capazes de perceber e absorver a dinâmica corporal, a tensão, o ritmo, o movimento e o hexis de outro indivíduo, chegando a nos identificar inconscientemente com ele (LANDOWSKI, 2007).

O autor defende que existe uma “presença contagiosa” capaz de afetar nossos corpos e almas. Somos capazes de experimentar, por exemplo, o medo do outro. Segundo o semiótico, a existência dessa “presença contagiosa” implica em uma lógica de relação com o mundo

completamente distinta da lógica de junção que orienta o indivíduo na busca de conjunção, conforme estabelecida na gramática narrativa de base (LANDOWSKI, 2007).

A ausência de uma teoria mais abrangente que incorporasse as noções de presença e contágio foi o princípio motivador para constituir uma semiótica que comportasse uma lógica complementar para o sociossemioticista.

Foi desse modo que Landowski observou que a sintaxe da manipulação, baseada no princípio da intencionalidade, era insuficiente para refletir sobre o sentido. Em oposição à lógica da junção, o autor, então, concebe a lógica da união, que o levou a “delimitar as condições e os efeitos da experiência estética” (Ibid., p. 198).

O autor explica o contágio através da diferença entre a gripe e a gargalhada (Id., 2005). Ambas são contagiosas, mas de formas distintas. Ilustra o semioticista que, no caso da gripe, além de testemunhar alguém doente, é necessário um agente transmissor. Por outro lado, no caso da gargalhada, é necessária apenas a presença do outro, pois basta rir para fazer alguém rir. O riso contagia, segundo o autor, porque somos capazes de contrair o mesmo estado emocional do outro.

Essa forma de comunicação apresenta perigos nos discursos de massa, como é o caso do populismo. O autor afirma que, por meio do contágio, é possível eletrizar “as massas: os corpos através dos quais passa a sua potência energética são o “fio condutor”, se bem que, de um corpo a outro, o fervor popular se alastra para todas as direções” (Id., 2020, p. 25). Esse alastramento, segundo ele, “não é empatia cognitiva nem contágio viral, mas expansão por contiguidade dos elementos afetados, à semelhança de um incêndio florestal” (Id., 2018, p. 15).

A partir de uma abordagem diferente, porém compatível com a semiótica, Le Bon (1980) afirma que a multidão é composta por elementos heterogêneos que se unem temporariamente, assim como células que se unem para formar um novo corpo, resultando em um ser que apresenta características distintas das células individuais. O autor argumenta que, na multidão, o indivíduo deixa de expressar sua própria identidade para se transformar em um autômato desprovido de vontade própria.

Demuru (2020, p. 213), ao analisar a figurativização dos corpos de líderes populistas como Bolsonaro e Salvini, afirma que eles se constroem a partir de “um simulacro de ajustamento com seus enunciatórios, isto é, de uma interação sensível e esteticamente contagiosa, na qual o envolvimento afetivo-emocional e passional prevalece sobre qualquer leitura racional”. Isso confirma o que Landowski (2021) descreve como uma manipulação por contágio, na qual um princípio de sensibilidade é sobreposto a um princípio de intencionalidade.

A manipulação por contágio, como afirma o semiótico, “passa pelo contágio estésico por oposição à persuasão cognitiva - e dá lugar a um regime de sentido na interação muito preciso, o do ajustamento sensível, por oposição à manipulação patêmica” (Ibid., p. 188).

Com essas observações, podemos afirmar que o discurso populista se apresenta como eficaz porque, além de se apoiar em formas contagiosas de manipulação, utiliza ainda estratégias que unem, não unilateralmente, mas em mão dupla, o *ethos* do enunciador e o *páthos* do enunciatário. Conforme explicado por Fiorin (2019a), o *ethos* e o *páthos* se complementam quando o primeiro é capaz de preencher uma lacuna no segundo, como no caso de enunciatário inseguro que busca nos manuais de ajuda um enunciador capaz de suprimir suas inseguranças.

## 5.6 O sujeito manipulado

Em conclusão à análise das reportagens, constata-se o efeito de sentido de certeza, que cada um dos grupos tem em relação ao candidato. Enquanto algumas mulheres têm convicção de que os valores projetados no discurso de Bolsonaro são disfóricos para elas, outras manifestantes os consideram eufóricos.

A intensidade do discurso nas relações de poder entre as mulheres e o candidato à presidência é determinada pela crescente tonicidade da certeza evidente e indiscutível, baseada em valores que são axiologizados de formas distintas nos grupos a favor e contra Bolsonaro. Algumas mulheres depositam suas expectativas na aparente honestidade e conservadorismo do presidencial, bem como em suas promessas de combate à corrupção, enquanto outras rejeitam suas atitudes machistas, racistas e homofóbicas, confrontando seu *ethos* beligerante.

O estilo actorial desses grupos é constituído pelas forças que as paixões exercem sobre cada uma dessas mulheres, especialmente o medo experimentado de acordo com as suas vivências. O combate à violência, por exemplo, é um tema comum defendido por ambos os grupos, porém, é abordado de formas diferentes. Enquanto algumas mulheres acreditam que o uso da força policial e a liberação de armas para a população sem critérios garantem maior segurança, outras enxergam nessa medida um maior potencial de abuso por parte dos homens contra as mulheres, o que poderia resultar em um aumento da violência doméstica, na qual elas seriam as mais prejudicadas.

Enquanto o grupo *#EleNão* busca descontinuar o discurso de Bolsonaro, o grupo *#EleSim* tem como objetivo dar continuidade a esse discurso e, para isso, mobiliza-se para materializá-lo e expandi-lo.

Nesta análise, tomamos como ponto de partida o processo de manipulação, em que um destinador (Bolsonaro) tenta obter a adesão de suas destinatárias (eleitoras). Neste ponto da investigação, já é possível observar que ele foi bem-sucedido em conquistar parte de sua plateia (*#EleSim*), enquanto a outra (*#EleNão*) se recusa a aceitar a sua manipulação, opondo resistência ao discurso dele.

Para Tatit (2014, p. 191), a manipulação “supõe uma espécie de contrato entre as funções sintáticas de destinador-manipulador e destinatário-manipulado”. Nessa relação contratual entre actantes, independente do resultado desse processo, o que realmente importa “é o esforço do destinador no sentido de despertar a confiança do destinatário (*fazer crer*) para, em seguida, completar a manipulação, fazendo-o *fazer* ou *não fazer*.” Além disso, Tatit (2014) afirma que a manipulação pode ser explicada tecnicamente da seguinte forma:

[...] um caso de sobremodalizações entre dois actantes, o destinador e o destinatário-sujeito (em geral, o destinatário manipulado transforma-se automaticamente em sujeito da ação). O primeiro tem como meta universal *fazer* o segundo *fazer*. Nesse sentido, em relação ao sujeito, o destinador-manipulador desempenha um papel inverso ao do antissujeito: enquanto este conspira para o sujeito parar, aquele empreende todos os esforços para manter o sujeito em continuidade. Só que não há como pôr um sujeito em ação sem interferir em sua competência modal, ou seja, para realizar sua narrativa, o sujeito precisa *querer* (ou achar que *deve*), *saber* e *poder* desempenhar esse papel ativo (TATIT, 2014, p. 191, grifos do autor).

A partir dos esclarecimentos fornecidos por Tatit (2014), podemos constatar, dentro do contexto analisado, que o destinador-manipulador (Bolsonaro) desempenha sua função de *fazer* o outro *fazer* no caso do grupo *#EleSim*. Como destinatário-manipulado, esse ator coletivo *quer* realizar o programa narrativo estabelecido e *pode* fazer de acordo com o que é observado em um trecho da reportagem que reproduz o discurso do grupo favorável ao candidato:

[...] o intuito de usar a hashtag contrária não é provocar, mas “mostrar que exi[s]tem milhões de mulheres que estão com Jair Bolsonaro, que temos voz, força, e que não somos só números muitas vezes ocultados. É a forma de materializar, mesmo que no campo virtual, esse apoio” (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. 174).

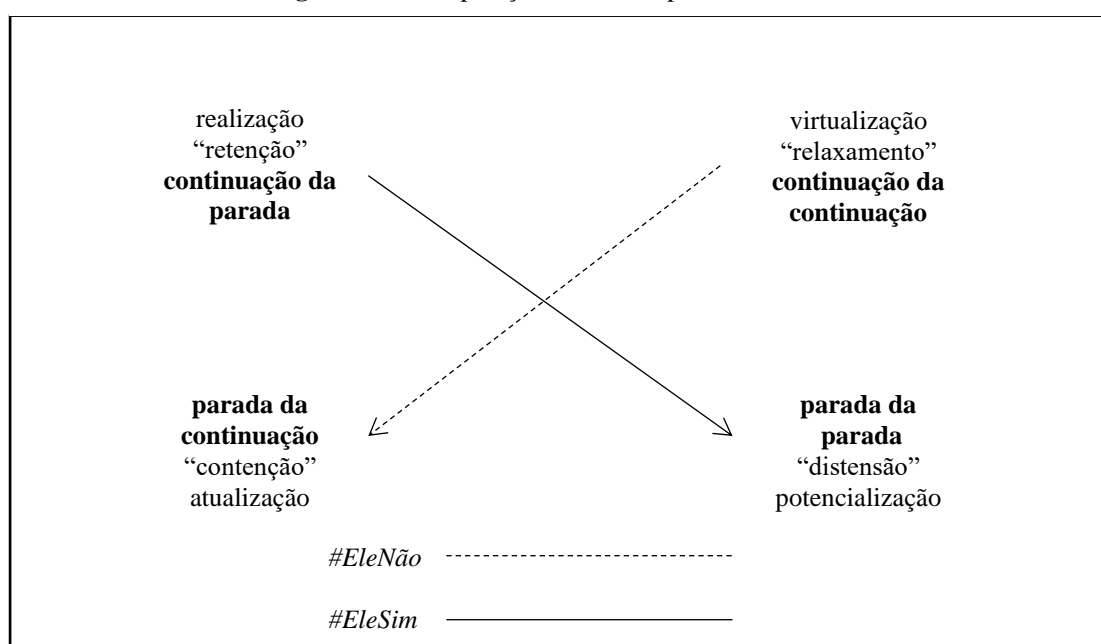
Dessa forma, o destinador (Bolsonaro) alcança seu objetivo de manipular o grupo *#EleSim*, levando esse sujeito coletivo, modalizado pelo *fazer*, a dar continuidade ao seu programa de manipulação pela *performance*.

Por outro lado, é também o destinador (Bolsonaro) que atua como antidestinador do ator coletivo *#EleNão*, pois no contrato estabelecido, esse actante axiologiza os objetos de valor de maneira incompatível com as opiniões das mulheres desse grupo.

O termo axiologia, conforme definido por Greimas e Courtés (2016), refere-se à “teoria e/ou descrição dos sistemas de valores (morais, lógico, estéticos)”. A axiologização dos valores ocorre a partir de cada enunciado, nos quais eles podem ser atribuídos de forma positiva ou negativa. Uma categoria semântica, como democracia, pode ser compreendida, sob diferentes perspectivas enunciativas. No grupo #EleNão, por exemplo, a democracia é fortemente euforizada, enquanto o outro grupo, ao euforizar um discurso centrado na liderança irrestrita de Bolsonaro, se distancia dos princípios democráticos.

Considerando a análise do discurso extraído da reportagem e a fundamentação teórica apresentada neste trabalho, podemos concluir que o discurso dos grupos que se opõem a Bolsonaro ou que o apoiam se concentram em modos de existência bipartidos estésica e axiolgicamente, bem como se decompõem em modos de presença distintos, conforme ilustrado no quadrado semiótico seguinte (Figura 16):

**Figura 16** - Manipulação e ativismo político feminino



Fonte: elaboração nossa a partir de Zilberberg (2006) e Tatit (2018).

Nesse quadrado, pretendemos demonstrar que a força do discurso de Bolsonaro provoca direções tensivas diferentes no percurso dos dois actantes coletivos analisados nesta pesquisa. Observa-se no quadrado semiótico proposto que o discurso do grupo #EleNão é mais intenso na descontinuidade, enquanto o do outro grupo, #EleSim, ganha força na continuidade.

No lado esquerdo do quadrado, que representa a direção da remissividade, o ator coletivo contrário a Bolsonaro está mais propenso à disforia, que “compreende a passagem das continuidades às descontinuidades que geram as tensões” (TATIT, 2014, p. 199).

Em sentido inverso, ou seja, o lado direito do quadrado, o ator coletivo *#EleSim* se desloca “das relações tensivas, caracterizadas por rupturas, às relaxadas, as que restabelecem os elos contínuos entre os elementos” (Ibid., p. 199). Como resultado desse deslocamento, obtém-se a euforia. Enquanto um grupo busca se distanciar dos objetos ofertados pelo destinatador, o outro grupo faz de tudo para não se disjuntar deles.

Na análise do discurso de Bolsonaro, a estratégia de manipulação é orientada predominantemente pela lógica implicativa. No entanto, para as mulheres que o apoiam, a lógica concessiva acaba por guiar a afetividade de seu discurso, tal qual o trecho da reportagem publicada pelo *HuffPost Brasil* (2018) em que a entrevistada nega que Bolsonaro seja machista ou homofóbico: “Acho eu que as pessoas invertem porque ele é muito grosseiro para falar. Não é carismático com as palavras. As pessoas aproveitam para difamar. Ele não é nada daquilo” (FERNANDES; MARTINELLI, 2018, ANEXO C, p. 186).

Traduzindo em outras palavras, apesar de Bolsonaro ser grosseiro, não saber se expressar corretamente, ele não é machista ou homofóbico. Dessa forma, ao discursar para seus destinatários, as palavras de Bolsonaro têm um forte impacto devido à sua fundamentação em valores de certeza inquestionável.

O sujeito (Bolsonaro), dotado de forte densidade de presença, provoca a descontinuidade da narrativa do antissujeito *#EleNão*, levando-o à parada, mas, ao mesmo tempo, estabelece uma aproximação passional junto a seus apoiadores, isto é, o *#EleSim*, que possibilita a continuidade desse grupo.

Em um exemplo dado por Tatit (2018), quando um sujeito se afasta do outro e reconhece que não é mais possível ter esse objeto, ele entra em um estado de conformismo, uma *virtualização*. Nesse momento, a pessoa está vulnerável, mas está seguindo em frente. No entanto, quando ela descobre que o outro indivíduo que se distanciou de alguma forma retorna, ocorre uma *atualização*, pois ainda existe uma falta, uma disjunção em relação ao objeto. O sujeito fragilizado é impulsionado a se tornar presente novamente na busca pelo objeto de valor perdido. Isso ocorre, segundo o autor, porque:

[...] a falta pressupõe a perda de algo que pertencia ao sujeito e que, portanto, lhe provoca a insuportável sensação de incompletude. Não se trata apenas do desaparecimento de um objeto externo, mas de um desfalque no próprio ser do sujeito: sua identidade depende justamente do preenchimento vazio do imposto pelo antissujeito. O sentimento de falta já representa essa fase de reparação do mal (a

atualização), em que o sujeito assume de vez o seu vazio como condição para que haja busca e supressão da carência. Nas palavras de João Guimarães Rosa, ‘como a metade pede o todo e o vazio chama o cheio’. (Id., 2016b, p.24-25)

De acordo com o autor mencionado, a semiótica concentrou-se na análise da falta como função sintática, negligenciando seu termo complementar paradigmático, o excesso, embora reconhecesse sua presença ocasional nos “processos discursivos de aspectualização” (Ibid., p. 25). O autor argumenta que o excesso também é resultado do antissujeito e tem um impacto direto no nível narrativo do modelo semiótico. Em vez de levar o sujeito a combater o vazio deixado em sua instância, as manobras excessivas despertam no sujeito o desejo de conter a ação do outro ou, pelo menos, amenizar seus efeitos prejudiciais. Enquanto a falta desencadeia ações para sua eliminação, o excesso gera estados passionais que indicam a necessidade de interromper as ações do outro, atribuindo-lhes intenções antagonistas. Assim, enquanto a falta impulsiona o sujeito a interromper a parada, o excesso estimula o ímpeto de interromper a continuidade que ultrapassa os limites.

Tanto a falta quanto o excesso constituem a dinâmica que envolve Bolsonaro e os dois atores coletivos *#EleNão* e *#EleSim*. Bolsonaro enquanto antissujeito do grupo *#EleNão* leva essas mulheres a produzirem um programa de contenção de excesso, pois querem que a saturação da presença do candidato seja diluída para que elas possam ter mais visibilidade.

Tatit (2016b) traz como exemplo desse programa de contenção de excesso, o caso das pessoas que se irritam com o recrudescimento sem medidas da ópera, por considerar as vozes desse gênero musical poderosas demais e por produzirem sentimentos excessivos. Dessa forma, aquele que se irrita com a ópera, provavelmente, dispensará o excedente e promoverá “uma espécie de crescimento às avessas em busca de uma medida mais moderada (*menos mais*)” (Ibid., p. 28). O grupo *#EleNão* procura, portanto, a parada da continuação, ou seja, da ascensão (*mais mais*) de Bolsonaro como candidato à presidência da República.

Quando o grupo *#EleNão* assume o papel narrativo de antissujeito de Bolsonaro e, conseqüentemente, do grupo *#EleSim*, à medida que visa impedir que o candidato seja eleito, o programa de contenção de excesso é substituído pelo programa de liquidação de falta, pois, nesse caso, o sujeito (*#EleSim*) busca restabelecer-se como sujeito diante de uma crise fiduciária “provocada” pela esquerda, cuja recuperação da confiança está voltada ao herói mediador, que é Bolsonaro.

Sob esse aspecto, a partir do que é depreendido da obra de Zilberberg por Discini (2016, p. 79), compreende-se que o grupo *#EleSim* “vai em direção à interrupção da fratura estética”, entendida como emissiva. Enquanto, sob o mesmo olhar da autora, concluímos que o grupo

*#EleNão* corresponde à fratura, e, portanto, ao fazer remissivo. Trazendo as notas da semiótica para a nossa pesquisa, a remissividade faz com que o grupo *#EleNão* apresente-se como um “sujeito do *pâtir*, interrompido inesperadamente no seu curso de interpretar o mundo” (DISCINI, 2016, p. 79).

Conforme proposta de Zilberberg (2006), enquanto o tempo emissivo for dominante para o ator coletivo *#EleSim*, ele seguirá seu curso. De outro modo, o tempo remissivo, provocado pelo antissujeito Bolsonaro, para o grupo *#EleNão* será, de acordo com a tese do autor, “vivido como surpresa, desordem e, evidentemente, como interrupção (Ibid., p. 136).

O ator coletivo *#EleNão*, diante do discurso de Bolsonaro, se sente ameaçado. Ele passa à atualização. Sente-se em disjunção de sua liberdade. Surge o desejo de querer-estar-conjunto com a “emancipação feminina”, se tornar realizado, entrar em conjunção com o seu objeto de valor, para garantir a sua existência semiótica como sujeito de estado e não como sujeito do fazer, conforme propõe Greimas (2014). Nesse contexto enunciativo, o sujeito atualizado opera por meio da disjunção, enquanto o sujeito realizado opera por meio da conjunção (GREIMAS; COURTÉS, 2016).

O ator coletivo *#EleSim*, ao querer manter-se em conjunção com os seus objetos de valor, recusa a parada, da mesma forma, como observado na análise semiótica, realizada por Tatit (2010), do conto “Nada e a Nossa Condição”, de Guimarães Rosa. Na história rosiana, Tio Man’Antônio, um fazendeiro casado e pai de três filhas, é confrontado com a morte de sua esposa, Tia Liduína, um acontecimento extraordinário que desencadeia a atuação do antissujeito e o leva a uma parada disfórica, interrompendo sua vida no campo.

No entanto, a fim de evitar que forças antagônicas controlem o rumo de sua existência, Tio Man’Antônio se recusa a “*parar* no luto e nas homenagens à esposa” (TATIT, 2010, p. 23). Essa decisão leva o sujeito da *parada* a uma *parada da parada* (ZILBERBERG, 2006) e restabelece sua ação, “mesmo que a finalidade última do projeto ainda não esteja bem definida” (TATIT, 2010, p. 23).

A mesma parada é negada pelas apoiadoras de Bolsonaro diante das trocas enunciativas entre ele e o grupo contrário. As destinatárias-manipuladas desejam não ceder espaço para suas oponentes e manter a continuidade do discurso bolsonarista, no qual encontram força necessária para permanecer em conjunção com seus objetos de valor.

Ao ser submetido à manipulação, o grupo *#EleSim* adquire a possibilidade de se direcionar para a potencialização, adquirindo a competência de *querer-fazer*. A potencialização, como modo de existência, se concretiza por meio da memorização, conforme explica Tatit (2010):



Para a semiótica da presença, a memorização supõe, de um lado, o retorno dos dados realizados à condição de norma ou sistema em nosso universo cognitivo. De outro, supõe uma reabsorção da experiência sensível num quadro em que o tempo interno do sujeito, suspenso pelo choque do acontecimento, começa a recompor até poder se reatualizar em discurso, não mais com a agudeza social, mas com a inteligibilidade necessária para se tornar também um fato social. Por isso, dizemos que memorização em si corresponde à potencialização, combinando os aspectos átonos e tônicos da acepção (Ibid., p. 155).

O autor explica que, no caso da potencialização átona, o sujeito é capaz de assimilar os ritos, hábitos e estereótipos e incorporá-los quase que automaticamente à sua rotina. Essa forma de potencialização, resultado de uma baixa densidade de presença pequena no estado de realização, “assegura a estruturação de novas práticas significantes. Não são jamais motivos para a reatualização dessas práticas, mas constituem condição inerente para que elas se efetivem” (Ibid., p. 155).

Por outro lado, a potencialização tônica ocorre quando há uma alta densidade de presença adquirida no estado anterior: “aquilo que fora força, tonicidade, em realização, torna-se diferença, destaque, em potencialização” (Ibid., p. 156).

No contexto dos dois atores coletivos estudados, o discurso de Bolsonaro atravessa o estado de realização. No entanto, Tatit (2010) ressalta que há apenas uma maneira de diluir a densidade de presença do sujeito que passou por esse estado:

Só há uma forma de conservar a presença desse evento excepcional no campo de existência do sujeito: tirá-lo do foco e convertê-lo em *potencialização*. Ao perder densidade de presença, o acontecimento ganha uma zona um pouco mais difusa no interior da extensidade, figurando ao lado de outros acontecimentos que diluem sua carga tensiva. Nesse estado – distensivo – o evento pode durar indefinidamente até que novas condições tornem urgente sua reconvocação (Ibid., p. 58, grifo do autor).

O grupo *#EleSim* adquire competência para dar continuidade ao discurso de Bolsonaro e diluir a carga tensiva produzida pelo outro grupo, conforme depreendemos a partir dos estudos de Tatit (2010). Enquanto o grupo *#EleNão* vê a ascensão de Bolsonaro como uma ameaça violenta para as mulheres, para o grupo oponente *#EleSim*, o candidato não é visto como misógino, mas sim como “um falastrão, que às vezes deixa escapar ‘umas bobagens’” (CORTÊZ, 2018, ANEXO A, p. 175), de acordo com o *fazer interpretativo* do grupo contrário.

Esse sujeito, axiologizado pela realização e já manipulado nessa fase, modaliza-se na fase seguinte por um *saber-fazer*. Ele sabe, na qualidade de sujeito potencializado, como colocar *menos mais* intensidade em temas fortemente contraditórios, por meio da mediação dialética, situados entre a atualização e a realização. Uma vez potencializado, o sujeito pode ser

virtualizado, encontrando um lugar de máximo relaxamento, afastando-se das paixões que surgem no confronto entre o discurso bolsonarista e o discurso do grupo *#EleNão*.

A análise do discurso do grupo *#EleSim* demonstrou que ele ganha expressividade no fazer emissor, procurando dar continuidade ao programa iniciado por Jair Bolsonaro. Sua “intuição” não é “provocar”, mas sim dar visibilidade aos seus objetos de valores euforizados. Enquanto um grupo procura atenuar as tensões que ele provoca, o outro luta para recrudesce-lo, para colocá-lo em destaque. Isso ocorre, porque Bolsonaro assume o papel actancial de destinador transcendente para o ator coletivo *#EleSim*.

De acordo com Tatit (2010), o destinador transcendente possui um papel especial no processo narrativo. Ele desempenha uma função transitiva que está ligada ao projeto maior do sujeito, ou seja, sua busca pela junção. O autor argumenta que esse tipo de destinador é responsável por articular tanto a disjunção quanto a conjunção como etapas de um mesmo processo que possibilita manter o sujeito em continuidade, promovendo a sutura em vez da fratura.

Com essas observações, o autor destaca que o destinador transcendente se distingue do manipulador e do julgador, pois opera em um nível mais profundo, embora também possa desempenhar esses papéis. De acordo com o autor, o destinador transcendente tem a capacidade de pairar “sobre todas as operações executadas e as paixões vividas pelo sujeito ao longo da trajetória” (Ibid., p. 20). Dessa forma, esse tipo de actante semiótico utiliza as interrupções como mecanismo para a continuidade, fornecendo a força necessária para que as narrativas não sejam interrompidas.

A partir da análise da obra de Guimarães Rosa, Tatit (2010) pôde identificar que o destinador transcendente possui um valor emissor. No contexto enunciativo da campanha eleitoral de 2018, ator coletivo *#EleSim* se apresenta com um estilo contíguo ao encontrado no discurso de Bolsonaro, diferenciando-se apenas pelas formas de manifestação, que são ressignificadas na fala das mulheres pertencentes a esse grupo. Elas, as mulheres a favor de Bolsonaro, assumem até mesmo a troca de posição entre destinatário e destinador, para assim reforçar o discurso bolsonarista.

Em termos de espaço tensivo, nossa análise aponta para dois modos de existência que viabilizam a identificação do cruzamento de dois percursos de um quadrado semiótico dentro de uma sintaxe canônica de saída e entrada de uma tonicidade perceptiva, conforme proposição elaborada por Fontanille e Zilberberg (2001),

[...] a inatividade (a potencialização) constitui uma perda que conduz da presença (realizante) à ausência (virtualizante); inversamente, a perda (atualizante) proporciona um ganho de densidade existencial, devido à intensidade do foco, no caminho que leva da ausência à presença (Ibid., p. 135).

No ato da enunciação, o ator coletivo *#EleSim* corresponde àquele que perde densidade de presença, pois o seu agir está centrado no sujeito manipulador. Na relação intersubjetiva entre o destinador-manipulador e o destinatário-manipulado, é a presença do primeiro que ganha densidade existencial.

O ator coletivo *#EleSim*, a partir de uma presença realizante em conjunção com os objetos de valor ofertados por Bolsonaro, passa a uma práxis enunciativa potencializante que não é a do destinatário-manipulado, mas sim do destinador-manipulador, ou seja, de Bolsonaro.

Na potencialização, o sujeito está apto a realizar uma *performance*, pois já adquiriu as competências necessárias para prosseguir o que é determinado pelo destinador-manipulador. No entanto, as competências adquiridas pelo destinatário não se limitam apenas àquelas do fazer. Conforme proposta de Landowski (2014a), o sujeito também adquire competências estéticas.

Dessa forma, na perda de densidade, o sujeito pode ser dotado de uma competência estética que pertence ao outro, não a si próprio. No percurso da sintaxe canônica da semiótica tensiva, constatamos que o sujeito manipulado subverte o modo de presença, de maneira que direciona o seu “eu” semiótico à vacuidade em troca da plenitude do destinador-manipulador. A partir dessa constatação, o sujeito manipulado pode perder subjetividade, isto é, perder o corpo próprio, sua identidade, resultando em um sujeito com um “estado de alma vazio”.

Em relação ao grupo *#EleNão*, diante da possibilidade da perda existencial, causada pelas ameaças de retirada dos direitos, o medo da violência contra a mulher e a anulação do seu ser como mulher, ocorre um aumento de densidade existencial nesse grupo. Ao contrário do grupo oponente, as mulheres do grupo *#EleNão* buscam alcançar a plenitude para esvaziar a presença do destinador-manipulador. Nesse caso, sua busca é por um “estado de alma pleno”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho identificou, a partir do *corpus* selecionado, a compatibilidade entre duas teorias semióticas concebidas após as publicações das obras *Da Imperfeição* (2017) e *Semiótica das paixões* (1993). A semiótica tensiva e a semiótica da interação apresentam resultados fronteiriços perante as relações interdiscursivas e de interações arriscadas, que ocorreram durante as eleições presidenciais.

No caso da semiótica tensiva, encontramos sujeitos com pensamentos antagônicos e com esquemas tensivos distintos na percepção do mundo. Os grupos *#EleNão* e *#EleSim* se relacionam com as coisas do mundo de forma diferente. No entanto, ambos reagem com forte intensidade diante de seus medos. Em relação à semiótica da interação, observamos que os sujeitos procuram no regime do ajustamento as competências necessárias para lidar com as mesmas paixões.

Sob a perspectiva semiótica, que engloba a semiótica da ação e a semiótica contemporânea, o sujeito é submetido a uma manipulação. A partir da estrutura complexa do sentido, o sujeito precisa selecionar objetos do mundo, resgatar vivências, distinguir objetos entre o bem e o mal e associá-los de forma axiológica.

As duas semióticas trazidas à luz nas reflexões e análises apresentadas neste trabalho possuem em comum em sua abordagem a busca pelo entendimento da “presença”, com a diferença de que uma se mostra mais quantitativa (semiótica tensiva) e a outra mais qualitativa (semiótica da interação).

A semiótica tensiva permite observar as tensões no campo de presença do sujeito, que oscilam entre a continuidade e a descontinuidade, que levam o sujeito em diferentes direções tensivas, tal como pressuposto pela teoria de Claude Zilberberg. Em certos momentos, o antissujeito impede a continuidade da trajetória do sujeito, enquanto em outros, o próprio sujeito se mobiliza para superar os obstáculos que o impedem de continuar.

Se o sujeito sente medo, há uma força antagônica em seu campo de presença que o impede de prosseguir, sendo necessário superar esse sentimento buscando objetos de valor, ou a junção, ou a união com outros sujeitos que possam fortalecê-lo. É necessário que esse sujeito encontre meios para reduzir seu campo de presença de *mais menos* medo e, desse modo, consiga se libertar desse processo de descontinuidade do seu ser.

A semiótica da interação nos auxilia na compreensão do sujeito a partir da presença do outro, utilizando operações lógicas de junção e união. Desenvolvida por Eric Landowski, essa vertente também oscila entre as continuidades e descontinuidades, porém, consegue unir mais

eficazmente esses dois aspectos, de modo que o sujeito não é tomado somente inteligível ou somente sensível. Não há dúvida de que essa afirmação é defendida por ambas as teorias, porém, a semiótica da interação consegue situar de maneira mais precisa o estado passional do sujeito e, talvez essa afirmação encontre respaldo no social.

Uma teoria fundamentada no social, como é o caso da sociosemiótica, parece definir mais detalhadamente os estados de alma, tendo em vista que direciona suas investigações para as relações humanas. Nessa perspectiva, o acréscimo da lógica da união na teoria semiótica colabora para a compreensão do sentido.

No caso da semiótica tensiva, embora ela possua um método análise eficiente e bastante experimentado teoricamente, reconhecemos que ela possui lacunas que precisam ser preenchidas e desenvolvidas na prática. Como exemplo, indicamos que seja necessário um aprimoramento teórico a partir dos binarismos em que ela se baseia: inteligível *vs.* sensível, acontecimento *vs.* exercício, concessão *vs.* implicação.

Nesta pesquisa, a semiótica da interação conseguiu apresentar soluções mais eficazes para os binarismos constituídos, como é o caso das lógicas de junção e da união, que possibilitam observar uma dinâmica mais ampla da narratividade.

No que concerne à questão da manipulação, iniciamos esta pesquisa com a seguinte pergunta: ela pode se tornar um acontecimento, tal como a noção desenvolvida pela semiótica tensiva? Com base na análise do *corpus*, podemos afirmar que sim, a manipulação pode se tornar um acontecimento. Sob o mesmo aspecto, a manipulação pode ser apoiada simultaneamente pelos princípios de intencionalidade e de sensibilidade, resultando em uma manipulação por contágio, tal qual a tese defendida por Landowski (2021). Além disso, é possível haver diversas manipulações a partir das interações e infinitas combinações propostas no modelo sociosemiótico.

O próprio Zilberberg (2011a) define o acontecimento como algo raro e o exercício como abundante no discurso. Dessa forma, o acontecimento se constitui, estruturalmente, no sentido que é produzido pelo exercício, embora seja de nosso conhecimento que é o sensível que rege o inteligível, conforme propõe a semiótica tensiva.

A título de exemplo dessa inferência retomamos a figura 8, da Madonna, que ilustra claramente as passagens entre o exercício e o acontecimento, e demonstra como este pode ser raro e impactante para o sujeito. O enunciador projeta no enunciado, por meio das categorias topológicas, eidéticas e cromáticas, as transformações de um sujeito violado para um sujeito que possui força, capaz de sobreviver mesmo diante de adversidades.

Em relação ao *corpus* de investigação, podemos afirmar que sua escolha direcionou a trajetória desta pesquisa, tendo até limitado a análise em determinadas questões. Nosso recorte temporal ficou restrito ao período eleitoral, quando Jair Bolsonaro se tornou mais conhecido pelo público em geral.

Como sabemos, Jair Bolsonaro venceu as eleições e governou o país durante quatro anos. Nesse período, o então presidente teve presença marcante nas mídias tradicionais e nas redes sociais e, nelas, os discursos de Bolsonaro e de seus apoiadores se tornaram mais tônicos e concentrados em valores de absoluto. Durante a pandemia, o ator discursivo Bolsonaro promoveu uma ascendência dos discursos negacionistas e das notícias falsas e uma descendência do discurso científico. Em 8 janeiro de 2023, após a derrota das eleições, estimulados por seu destinador-manipulador, os apoiadores de Bolsonaro chegaram ao ápice, ao assumirem a função de actante *joker* e desempenharem um papel catastrófico, nos termos postulados por Landowski (2014a).

O que queremos expressar com esse breve resumo da ascensão de Bolsonaro é que o ator coletivo *#EleSim* – e isso inclui homens e mulheres – à medida que foi atraído pela presença contagiosa do bolsonarismo, passaram por transformações *mais* e *mais* sensíveis ao longo do tempo. Nessa perspectiva, o *corpus* analisado é parte fundamental, mas delimitado temporalmente, para observação da manipulação que opera entre o inteligível e o sensível e do próprio fenômeno bolsonarista.

Da mesma forma que o grupo *#EleSim* foi se consolidando como um ator coletivo, o *#EleNão* também sofreu transformações tensivas que, de certa forma, contribuíram para reverter o resultado das eleições de 2022. Compreender as diferenças discursivas entre uma eleição e outra seria importante para fins comparativos e para entender até que ponto o bolsonarismo – e, conseqüentemente, discursos fascistas – passaram da ascendência para a descendência.

Nosso estudo focou exclusivamente na análise do discurso bolsonarista e do eleitorado feminino, visto que as reportagens selecionadas abordam os discursos de mulheres contrárias e favoráveis a Bolsonaro. Dessa forma, não pudemos examinar o discurso do destinador-manipulador do sujeito *#EleNão*. Além disso, ampliar o escopo da pesquisa para incluir o discurso do destinador-manipulador do movimento *#EleNão* demandaria um considerável aumento no tempo de análise. No entanto, reconhecemos que análises complementares desse aspecto poderiam contribuir teoricamente para uma compreensão mais ampla da semiótica da manipulação.

Até onde foi possível aprofundar análises a partir de nosso *corpus*, concluímos que os sujeitos semióticos podem absorver, em maior ou menor intensidade, a presença contagiosa do outro, podendo, com isso, perder parte de sua subjetividade ao entrar em uma interação sensível com o seu destinador-manipulador. Dessa forma, podemos considerar que a manipulação é capaz de provocar uma ruptura de identidade.

Ao afirmar “Somos todos Bolsonaro”, o ator coletivo se confunde, em termos de simbiose de presença semiótica, com seu líder, tornando-se o reflexo do grande destinador. Reconhecemos um ator coletivo determinado pela temporalização e pela espacialização da enunciação, segundo concepção leibniziana de individuação adotada na semiótica por Greimas e Courtés (2016).

Com base nesse princípio, os autores afirmam que não basta alguém designar um sujeito para o papel temático de rei para que ele se torne efetivamente um. A individuação requer, necessariamente, um processo empírico relacionado ao fazer e/ou ao ser do ator discursivo. Para ser rei é necessário construir, em uma determinada enunciação, os traços pertinentes a um monarca.

Dessa forma, os enunciados analisados apontam para a constituição de dois sujeitos, que se distinguem pela densidade de sua presença. Enquanto um sujeito externaliza toda a sua subjetividade, o outro interioriza a subjetividade de um terceiro, passando a ocupar um espaço tensivo que não lhe é próprio.

Em outro ponto de análise a que se propôs este estudo – a investigação do discurso populista – constatamos que ele emergiu assim que começamos a analisar o discurso de Bolsonaro, que deixava evidente a estratégia de recuperar modelos de discurso de teor análogo socialmente pré-existentes.

A partir do populismo bolsonarista, observou-se um sujeito oscilando entre diferentes regimes de interação, ora dialogando com o nazismo e o fascismo eterno ou Ur-fascismo, conforme denominou Eco (2020), ora se aproximando de uma democracia populista sob os efeitos do contágio.

O discurso populista coloca em oposição dois sujeitos: o povo ( $S_1$ ) e a elite ( $S_2$ ), em busca de um objeto de valor em comum, o poder. Em nosso *corpus*, o povo é definido como vítima da elite, sendo esta última uma minoria composta pela classe política que está no poder, em especial, o PT, “os esquerdistas” e os “comunistas”. Como resultado desse discurso, surgem um adjuvante (*#EleSim*) e um oponente (*#EleNão*). Esses papéis actanciais passam a ter, no discurso bolsonarista, os papéis temáticos de “maiorias” e “minorias” do povo brasileiro, aquelas qualificadas e estas desqualificadas como “cidadãos de bem”.

Cria-se, assim, um binarismo entre os atores coletivos *mulheres* com fins político-partidários e de triagem máxima de valores de absoluto, em que “as mina de direita são as top mais bela, enquanto as de esquerda tem mais pelo que cadela [sic]<sup>30</sup>”. Nesse contexto, o discurso populista não produz apenas uma identidade para o povo com a finalidade de instaurar uma crise fiduciária, mas também busca criar um efeito de sentido para desqualificar um grupo de mulheres, que agem como antissujeito de Bolsonaro, criando obstáculos para a sua campanha.

---

<sup>30</sup> Trecho de música composta por Mc Reaça.



## REFERÊNCIAS<sup>31</sup>

- AMORIM, Marília. **O pesquisador e o seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Coordenação da tradução: Mônica Magalhães Cavalcante; tradução: Rosalice Botelho Walkim Souza Pinto et al. São Paulo: Contexto, 2017.
- ARISTÓTELES. **A política**. Tradução de Nestor Silveira Chaves. 1. ed. São Paulo: Lafonte, 2017.
- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: élément pour une approche de l'autre dans les discours. **DRLAV** 26. Paris, Centre de Recherches de L'Université de Paris VIII. P. 91-151.
- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de estudos linguísticos**, 19. Campinas: IEL, 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824/4545>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- AZMINA. **Sobre [Menu]**. 2020. Disponível em: <https://azmina.com.br/sobre/quem-somos/>. Acesso em: 13 abr. 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV, V. N.) **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2018. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra.
- BALDAN, Maria de Lourdes Ortiz Gandin. Veridicção: um problema de verdade. **Alfa**, São Paulo, n. 32, p. 47-52, 1988. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3797/3505>. Acesso em: 11 mai. 2023.
- BARRENECHE, Sebastián Moreno. La definición de 'populismo': ¿qué puede aportar la semiótica?. **Populismo(S). Intersecciones En Las Ciencias Sociales**, [S.L.], n. 31, p. 69-79, 1 jul. 2019. Latin American Semiotics Association de SigniS. <http://dx.doi.org/10.35659/designis.i31p69-79>. Acesso em: 06 jul. 2022.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. **Cruzeiro semiótico**. Porto, n. 11 e 12, p. 60-73, 1989-1990.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. A mentira e o humor no discurso político brasileiro. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 1-12, abr. 2021. Dossiê especial: GT de Semiótica da ANPOLL "Semiótica e vida social". Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/182077/170675>. Acesso em: 20 mar. 2023.

---

<sup>31</sup> De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT 6023).

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A construção discursiva dos discursos intolerantes. *In*: BARROS, Diana Luz Pessoa de (org.) **Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BARROS, Mariana Luz Pessoa de. Os sentidos da tortura: uma análise semiótica das eleições presidenciais de 2018. **Discurso & Sociedad**, [S.I], v. 13, n. 3, p. 495-514, 2019. Ejepliar dedicado a: Eleições presidenciais brasileiras de 2018 – o retorno de um alhures intolerante ao poder: leituras discursivas. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7155458>. Acesso em: 02 abr. 2020.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BEIVIDAS, Waldir. Prefácio. MENDES, Conrado Moreira; LARA, Glaucia Muniz Proença. *In*: **Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri; revisão de Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Editora Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BERTRAND, Denis. **Chemins Sémiotiques, entre Linguistique et Anthropologie**. ABRALIN ao vivo [online], 12 jul. 2020. Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/denis-bertrand/>. Acesso em: 21 mar. 2023.

BOBBIO, Norberto. Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

BOLSONARO, Jair Messias. **03/04/2017 – Jair Bolsonaro – Palestra no Hebraica Rio de Janeiro**. 3 abr. 2017b. 1 vídeo (62 min). Publicado pelo canal Nação Brasileira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LPj4KyLw8Wc>. Acesso em: 24 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair. **Brazil (Gaycation Episode 2)**. [Produzido por] VICELAND, 11 mar. 2016d. 1 vídeo (44 min). Publicado pelo canal VICETV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k0sPPRAkmAM>. Acesso em: 14 ago. 2022.

BOLSONARO, Jair Messias. **CQC – Documento especial com Jair Bolsonaro**. [Produzido por] TV Bandeirantes, 28 mar. 2011b. Publicado pelo canal Programa CQC. 5 abr. 2011. 1 vídeo (13 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DBEGrNVy4i4>. Acesso em: 24 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. Índio joga água em deputado durante audiência na Câmara; ministro é chamado de “terrorista”. **Folha de S. Paulo**. 2008b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2008/05/401933-indio-joga-agua-em-deputado-durante-audiencia-na-camara-ministro-e-chamado-de-terrorista.shtml>. Acesso em: 26 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. Bolsonaro diz que não teme processos e faz nova ofensa: “Não merece ser estuprada porque é muito feia”. **GAÚCHAZH**. 2014a. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2014/12/bolsonaro-diz-que-nao-teme-processos-e-faz-nova-ofensa-nao-merece-ser-estuprada-porque-e-muito-feia-cjkf8rj3x00cc01pi3kz6nu2e.html>. Acesso em: 26 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. O que Bolsonaro disse sobre salários e direitos trabalhistas de mulheres em entrevista concedida a Zero Hora em 2014. **GAÚCHAZH**. 2014b. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2018/10/o-que-bolsonaro-disse-sobre-salarios-e-direitos-trabalhistas-de-mulheres-em-entrevista-concedida-a-zero-hora-em-2014-cjn585nmv04f901pi6ioxn6bv.html>. Acesso em: 26 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **[HD]. Agora é tarde – Jair Bolsonaro (01/03/2012) [720] [Completo]**. [Produzido por] TV Bandeirantes, 01 mar. 2012. 1 vídeo (42 min). Republicado pelo canal RR0101001001010010, 3 mar. 2012. [Entrevista concedida a Danilo Gentilli]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=aL68\\_CO5yzs](https://www.youtube.com/watch?v=aL68_CO5yzs). Acesso em: 23 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair. **Jair Bolsonaro**. [Produzido por] TV Gazeta, 24 mai. 2013b. Publicado pelo canal Mulheres. 28 mai. 2013. 1 vídeo (55 min). [Entrevista concedida a Cátia Fonseca]. Disponível em: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DtfGuuWGUdc>. Acesso em 23 mai. 2021.

BOLSONARO, Jair Messias. **Jair Bolsonaro critica Anistia Internacional que sugere o fim da PM**, 2 out. 2015a. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Eduardo Bolsonaro. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=131&v=Crc1Q1Z89PA&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?time_continue=131&v=Crc1Q1Z89PA&feature=emb_logo). Acesso em: 23 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **Jair Bolsonaro defendendo guerra civil, fim do voto e fechamento do congresso [COMPLETO]**. [Produzido por] TV Bandeirantes, 23 mai. 1999. 1 vídeo (35 min). Republicado no canal BN, 10 abr. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qIDyw9QKIvw>. Acesso em: 22 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **Jair Bolsonaro ‘diz o grande erro da ditadura foi torturar e não matar’**. 2008a. 1 vídeo. (45 seg). Publicado pelo canal BN. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=6\\_catYXcZWE](https://www.youtube.com/watch?v=6_catYXcZWE). Acesso em: 22 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **Jair Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional**. [Produzido por] TV Globo, 28 ago. 2018c. 1 vídeo (32 min). [Entrevista concedida a Renata Vasconcellos e William Bonner]. Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6980200/>. Acesso em: 23 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **Jair Bolsonaro fala sobre laicidade [Vídeo]**. 10 fev. 2017a. 1. Vídeo (51 seg). Publicado pelo canal BN. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=111&v=ftbZLUWcnTo&feature=emb\\_log](https://www.youtube.com/watch?time_continue=111&v=ftbZLUWcnTo&feature=emb_log)  
o. Acesso em: 23 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **Jair Bolsonaro no Superpop 15/12/2016 – (Completo)**. [Produzido por] RedeTV, 2016c. 1 vídeo. [Entrevista concedida a Luciana Gimenez]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AGd2h464Hvo>. Acesso em: 26 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **Jair Bolsonaro – Pânico – 08/07/16**. 1 vídeo (92 min). Publicado pelo canal Pânico Jovem Pan, 8 jul. 2016a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=orIv9ojQL3o>. Acesso em: 22 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. Bolsonaro vê imigrantes como “ameaça” e chama refugiados de “escória do mundo”. [Entrevista concedida a Vitor Frederico]. **Jornal Opção**. Edição 2097. 2015b. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/bolsonaro-ve-imigrantes-como-ameaca-e-chama-refugiados-de-a-escoria-do-mundo-46043/>. Acesso em: 24 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **“Não estupro porque você não merece”, diz Bolsonaro a Maria do Rosário [Vídeo]**. [Produzido por] RedeTV, 2003. 1 vídeo (2 min). Republicado pelo canal revistaISTOE, 9 dez. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LD8-b4wvIjc>. Acesso em: 24 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **No Acre, Bolsonaro fala em ‘fuzilar a petralhada’ e enviá-los à Venezuela – 1º. set. 2018**. 1 set. 2018<sup>a</sup>. 1 vídeo (37 seg). Publicado pelo canal Poder 360. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p0eMLhCcbyQ>. Acesso em: 23 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **O discurso histórico de Jair Bolsonaro na Av. Paulista**. 21 out. 2018b. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal Te conto tudo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZAFtYnkDeWc>. Acesso em: 23 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **Participação Popular 2010-11-18 – Bolsonaro completo**. [Produzido por] TV CÂMARA. 18 nov. 2010. 1 vídeo (28 min). [Republicado pelo canal A em 27 mai. 2017]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=tq\\_QsIcx7SA](https://www.youtube.com/watch?v=tq_QsIcx7SA). Acesso em: 23 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. Jair Bolsonaro. [Entrevista concedida a Jardel Sebba Filho]. **Playboy**. São Paulo, n° 433, p. 65-75 jun. 2011a.

BOLSONARO, Jair Messias. **Stephen Fry: Out There – Episódio 2 (Legendado) – Documentário Completo**. [Produzido por] BBC. 2013a. 1 vídeo (57 min). Publicado pelo canal Desmistificando, 17 de fev. 2020 [Entrevista concedida a Stephen Fry]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=81-MShDK7\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=81-MShDK7_I). Acesso em: 30 jul. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **Roda Viva – Bolsonaro – 30/07/2018**. [Produzido por] TV Cultura, 30 jul. 2018d. 1 vídeo (81 min). Publicado pelo canal Roda Vida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IDL59dkeTi0>. Acesso em: 24 jan. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **Voto de Jair Bolsonaro a favor do impeachment**. 1 vídeo. 2016b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=54KUDU-u1P0>. Acesso em: 22 jan. 2020.

BRASIL. **Lei 13.010**, de 26 de junho de 2014. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante, e altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm). Acesso em: 15 mar. 2021.

BRELET, Gisèle. **Le Temps Musical**: essai d'une esthétique nouvelle de la musique. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.

BRUNO, Maria Martha. Como seria um governo de Bolsonaro para as mulheres. **AzMina**, 2018. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/eleicao-de-bolsonaro-para-as-mulheres/>. Acesso em: 25 abr. 2020.

CHAUÍ, Marilena. Senso Comum e transparência. In: J. Lenner (Org.). **O preconceito**. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997.

CORTÊZ, Natacha. #EleNão e #EleSim: o que representam os movimentos de mulheres contra e pró Bolsonaro. **Marie Claire**, 2018. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2018/09/elenao-e-elesim-o-que-representam-os-movimento-de-mulheres-contras-e-pro-bolsonaro.html>. Acesso em: 25 abr. 2020.

DEMURU, Paolo. Imagens autênticas: corpo, contágio e fotografia política nos tempos do Instagram. **Discursos fotográficos**, Londrina, v. 16, n. 28, p. 203-237, jan./jun., 2020.

DEMURU, Paolo. Teorias da conspiração e populismo messiânico no Brasil contemporâneo: uma perspectiva semiótico-cultural. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 264-292, ago. 2021a. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/180942/175056>. Acesso em: 16 jul. 2022.

DEMURU, Paolo. A derrota de 7x1, o despertar do bufão da extrema direita e a emergência da virada com afetos positivos. Entrevista especial com Paolo Demuru. Entrevista concedida a João Vitor Santos. **Racismo ambiental**, 2022. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2022/09/21/a-derrota-de-7x1-o-despertar-do-bufao-da-extrema-direita-e-a-emergencia-da-virada-com-afetos-positivos-entrevista-especial-com-paolo-demuru/>. Acesso em: 03 jan. 2022.

DEMURU, Paolo. Caos, teoria da conspiração e pandemia. **Revista Acta Semiótica**, [S.I], n. 1, p. 244-260, 03 abr. 2021. La pandémie: hasard ou signification? Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2763-700X.2021n1.54178>. Acesso em: 18 mar. 2023.

DISCINI, Norma. **A comunicação nos textos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015a.

DISCINI, Norma. Claude Zilberberg: o semioticista e o esteta. **Actes Semiotiques**, [S.L.], n. 122, p. 1-6, 31 jan. 2019. Université de Limoges. <http://dx.doi.org/10.25965/as.6335>. Disponível em: <https://doi.org/10.25965/as.6335>. Acesso em: 26 abr. 2020.

DISCINI, Norma. **Corpo e estilo**. São Paulo: Contexto, 2015b.

DISCINI, Norma. Entre interações de risco e tensões do afeto. **Galáxia (São Paulo)**, [S.L.], n. 36, p. 85-98, dez. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554232733>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-2554232733>. Acesso em: 16 abr. 2023.

DISCINI, Norma. **Intertextualidade: tensões e juízos**. In: MENDES, Conrado Moreira; LARA, Gláucia Muniz Proença. Em torno do acontecimento (org.). 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.

DONDERO, Maria Giulia; REYES-GARCIA, Everardo. Os suportes das imagens: da fotografia à imagem digital. **Revista do Gel**, [S.L.], v. 16, n. 2, p. 163-190, 30 dez. 2019. Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v16i2.2788>. Disponível em: <https://doi.org/10.21165/gel.v16i2.2788>. Acesso em: 01 ago. 2022.

DUNKER, Christian. Imbrochável? Discurso hipersexualizado de Bolsonaro é típico da masculinidade frágil, diz psicanalista. Entrevista concedida a Ricardo Serra. **BBC News Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62795997>. Acesso em: 11 nov. 2022.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Tradução de Eliana Aguiar. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

FABRI, Paolo. Introdução. In: GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. Prefácio e Tradução de Ana Cláudia de Oliveira; Apresentações de Paolo Fabri, Raúl Dorra, Eric Landowski. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores: CPS, 2017.

FECHINE, Yvana; DEMURU, Paolo. Bolsonaro e o populismo bufão *in*: FECHINE, Yvana; DEMURU, Paolo. **Um bufão no poder: ensaios sociosemióticos**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2022.

FERNANDES, Marcella; MARTINELLI, Andréa. Quem são as mulheres que apoiam Bolsonaro e pedem o movimento #EleSim. **HuffPost Brasil**, 2018. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2018/09/28/quem-sao-as-mulheres-que-apoiam-bolsonaro-e-pedem-o-movimento-elesim\\_a\\_23545310/](https://www.huffpostbrasil.com/2018/09/28/quem-sao-as-mulheres-que-apoiam-bolsonaro-e-pedem-o-movimento-elesim_a_23545310/). Acesso em: 25 abr. 2020.

FILINICH, Maria Isabel. Figuras da manipulação. **Galáxia**, São Paulo, n. 10, p. 67-86, dez. 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1420/889>. Acesso em: 26 mai. 2019.

FINCHELSTEIN, Federico. ‘Machopopulismo’ de Bolsonaro é parte de tradição que remonta ao fascismo, diz historiador. Entrevista concedida a Thais Carrança. **BBC News Brasil**. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62829604>. Acesso em 30 dez. 2022.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e interdisciplinaridade. **Alea: Estudos Neolatinos**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 29-53, jun. 2008b. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-106x2008000100003>. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2008000100003>. Acesso em: 05 out. 2020.

FIORIN, José Luiz. Semiótica das paixões: o ressentimento. **Alfa**, São Paulo, v. 51, p. 9-22, 2007a. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1424/1125>. Acesso em: 18 fev. 2020.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

FIORIN, José Luiz. O romance e a simulação do funcionamento real do discurso. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Ed. UNICAMP. 1997. pp. 229-247.

FIORIN, José Luiz. Esboço da história de desenvolvimento da semiótica francesa. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v. 42, p. 131-146, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637144/4866>. Acesso em: 13 nov. 2019.

FIORIN, José Luiz. Paixões, afetos, emoções e sentimentos. **Casa: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 1-15, dez. 2007b. Disponível em: <https://doi.org/10.21709/casa.v5i2.541>. Acesso em: 07 mar. 2023.

FIORIN, José Luiz. Algumas considerações sobre o medo e a vergonha. **Cruzeiro semiótico**. Porto, n. 16, p. 55-63, 1992.

FIORIN, José Luiz. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. **Delta: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 177-207, fev. 1999. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-44501999000100009>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-44501999000100009>. Acesso em: 02 abr. 2021.

FIORIN, José Luiz. Operações enunciativas do discurso da extrema direita. **Discurso & Sociedad**, [S.I.], v. 13, n. 3, p. 370-382, 2019b. Ejemplar dedicado a: Eleições presidenciais brasileiras de 2018 – o retorno de um alhures intolerante ao poder: leituras discursivas. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7155452>. Acesso em: 16 jul. 2022.

FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019a.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014a.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2014b.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 6 ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

FIORIN, José Luiz. José Luiz Fiorin, semiótica e paixão. **Revista Eutomia**, [s. l.], n. 2, p. 58-67, 2008a. Entrevista concedida a Maria Cristina Henner Sampaio. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/viewFile/1908/1496>. Acesso em: 18 fev. 2020.

FIORIN, José Luiz. O sujeito na semiótica narrativa e discursiva. **Todas As Letras**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 24-31, 2007c. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/649>. Acesso em: 17 abr. 2023.

FLOCH, Jean-Marie. Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral. **Documentos de Estudo do CPS**, 1. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2001.

FLOCH, Jean-Marie. **Petites Mytologie de l'oeil et de l'esprit**: pour une semiotique plastique. Paris-Amsterdam: Éditions Hadès-Benjamins, 1985.

FLOCH, Jean-Marie. **Sémiotique, marketing et communication**: sous les signes, les stratégies. 4. E. Paris: Presses universitaires de France, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; FINATO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Editora Contexto, 2018. E-Book: ISBN 978-85-7244-430-9.

FONTANILLE, Jacques. Populismo: o grande levante semiótico. **Cadernos de Campo**: Revista de Ciências Sociais, [S.L.], n. 28, p. 47-75, jun. 2020. **Cadernos de Campo**: Revista de Ciências Sociais. <http://dx.doi.org/10.47284/2359-2419.2020.28.4775>. Disponível em: <http://doi.org/10.47284/2359-2419.2020.28.4775>. Acesso em: 06 jul. 2022.

FONTANILLE, Jacques. Um diálogo imaginário entre Claude Zilberberg e Eric Landowski: em torno do acontecimento, da álea e do acidente. In: MENDES, Conrado Moreira; LARA, Gláucia Muniz (org.). **Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.

FONTANILLE, Jacques. As vias (e as vozes) do afeto. **Galáxia (São Paulo)**, [S.L.], n. 2, p. 137-162, dez. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25532019545632>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-25532019545632>. Acesso em: 18 fev. 2020.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. **Tensão e significação**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

FREUD, Sigmund. **A psicologia das massas e a análise do eu**. 2. ed. [S.l.]. LeBooks Editora, 2020. *E-book*.

G1. Em vídeo, **Dameres diz que 'nova era' começou: 'meninos vestem azul e meninas vestem rosa'**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-dameres-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em: 19.01.2022.



GAÚCHAZH. **O que Bolsonaro disse sobre salários e direitos trabalhistas de mulheres em entrevista concedida a Zero Hora em 2014.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2018/10/o-que-bolsonaro-disse-sobre-salarios-e-direitos-trabalhistas-de-mulheres-em-entrevista-concedida-a-zero-hora-em-2014-cjn585nmv04f901pi6ioxn6bv.html>. Acesso em: 26 jan. 2020.

GIL, Preta. CQC – Documento especial com Jair Bolsonaro [Vídeo]. **Youtube**. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DBEGrNVy4i4>. Acesso em: 24 jan. 2020.

GOMES, Wilson. Um tiro na vidraça, outro no coração. **Revista Cult**, 2023. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/um-tiro-na-vidraca-outro-no-coracao/>. Acesso em: 22 jan. 2023.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição.** Prefácio e Tradução de Ana Cláudia de Oliveira; Apresentações de Paolo Fabri, Raúl Dorra, Eric Landowski. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores: CPS, 2017.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural:** pesquisa de método. Tradução de Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. 2.ed. São Paulo: Editora Cultrix,1976.

GREIMAS, Algirdas Julien. L' Énonciation (une posture épistémologique). **Significação:** Revista Brasileira de Semiótica, Ribeirão Preto (SP), n. 1, p. 09-25, 1974. Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/90115/92860>. Acesso em: 14 maio 2023.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II:** ensaios semióticos. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. 1. ed. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões:** dos estados de coisas aos estados de alma. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Editora Ática S.A, 1993.

GREIMAS, Algirdas Julien; LANDOWSKI, Eric. **Análise semiótica de um discurso jurídico:** a lei comercial sobre as sociedades e os grupos de sociedades. In: Semiótica e Ciências Sociais. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

HÉBERT, LOUIS. **Dictionnaire de sémiotique.** Rimouski (Québec): Université du Québec à Rimouski, 2018. Disponível em: <http://www.signosemio.com/documents/dictionnaire-semiotique-generale.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2018.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

HUFFPOST. **About us [Menu].** 2019. Disponível em: <https://www.huffpost.com/static/about-us>. Acesso em: 07 nov. 2019.

HUFFPOST BRASIL. **Mulheres [Menu]**. 2019. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/mulheres/> . Acesso em: 07 nov. 2019.

KHARBOUCH, Ahmed. Manipulation et contagion: le discours ambivalent du populisme politique. **Actes Semiotiques**, n. 121, 2018. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/5982>. Acesso em: 20 abr. 2022.

KLINKENBERG, Jean-Marie. Greimas e a semiótica do mundo natural. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 59-65, dez. 2017. Editores convidados: Waldir Beividas e Eliane Soares de Lima. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/141608>. Acesso em: 15 mar. 2023.

LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LANDOWSKI, Eric. Manipular por contágio. **Acta Semiótica**, [S.L.], n. 2, p. 176-196, 22 dez. 2021. Pontifical Catholic University of Sao Paulo (PUC-SP). <http://dx.doi.org/10.23925/2763-700x.2021n2.56791>. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2763-700X.2021n2.56791>. Acesso em: 04 maio 2022.

LANDOWSKI, Eric. Populisme et esthésie. Présentation. **Actes Semiotiques**, [S.L.], n. 121, p. 1-19, 24 jan. 2018. Université de Limoges. <http://dx.doi.org/10.25965/as.6021>. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25965/as.6021>. Acesso em: 30 dez. 2022.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

LANDOWSKI, Eric. Por uma semiótica do vivido: entrevista com o sociosemiótico Eric Landowski. **Casa: Cadernos de Semiótica Aplicada**, [s. l], v. 12, n. 1, p. 345-361, 2014c. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/7129/5107>. Acesso em: 08 mai. 2023.

LANDOWSKI, Eric. **Com Greimas**: interações semióticas. São Paulo: Estação das Letras e Cores: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2007.

LANDOWSKI, Eric. Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa. **Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas -3**. Tradução de Dilson Ferreira Cruz Júnior. São Paulo: Edições CPS, 2005a.

LANDOWSKI, Eric. Para uma semiótica sensível. **Educação e Realidade**, [s. l], v. 30, n. 2, p. 93-106, 2005b. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/12417>. Acesso em: 21 mar. 2023.

LANDOWSKI, Eric. As metamorfoses da verdade, entre sentido e interação. **Estudos Semióticos**, [s. l], v. 18, n. 2, p. 1-22, 2022a. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/198273/185604>. Acesso em: 14 nov. 2022.

LANDOWSKI, Eric. Flagrantes delitos e retratos. **Galáxia**, São Paulo, n. 8, p. 31-69, 2004a. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz Jr. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/1392>. Acesso em: 17 ago. 2019.

LANDOWSKI, Eric. Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido. **Galáxia**, [s. l], n. 27, p. 10-20, jun. 2014b. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/19609/14586>. Acesso em: 21 fev. 2020.

LANDOWSKI, Eric. Crítica semiótica do populismo. **Galáxia**, São Paulo, n. 44, p. 16-28, ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/gal/n44/1982-2553-gal-44-0016.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2021.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. Tradução de Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores: Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 2014a.

LANDOWSKI, Eric. **Passions sans nom**: essais de socio-sémiotique III. 1. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2004b.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**: ensaios de sociossemiótica. Tradução de Mary Amazonas. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LANDOWSKI, Eric. Entre comunicação e semiótica, a interação. **Revista Parágrafo**, [S.I], v. 4, n. 2, p. 207-217, dez. 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/489/428>. Acesso em: 15 abr. 2023.

LANDOWSKI, Eric. **Semiótica da interação**. São Paulo, 4 dez. 2019. Curso ministrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LANDOWSKI, Eric. Modos de presença do visível. In OLIVEIRA, A.C. de (ORG.), **Semiótica plástica**. São Paulo, Hacker Editores, 2004c, p.97-112.

LANDOWSKI, Eric. Le papillon tête-de-Janus: a propos de sémantique structurale, quarante ans après. **Significação**: Revista de Cultura Audiovisual, [s. l], v. 33, n. 25, p. 205-228, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65627>. Acesso em: 15 mar. 2023.

LANDOWSKI, Eric. Prefácio. in: FECHINE, Yvana; DEMURU, Paolo. **Um bufão no poder**: ensaios sociossemióticos. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2022b.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. Coleção dirigida por Gérard Leroux. Tradução de Ivone Moura Delraux. [s.I]: Edições Roger Delraux, 1980.

LEITE, Ricardo Lopes; FARIAS, Otavia Marques de. Estratégias enunciativas na produção do efeito de imparcialidade em notícias jornalísticas. **Galáxia (São Paulo)**, [S.L.], n. 34, p. 175-185, abr. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554201727375>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-2554201727375>. Acesso em: 03 maio 2020.

LIMA, Eliane Soares de. A semiótica das paixões e a análise da dimensão passional dos enunciados. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 841-871,

2017. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10353>. Acesso em: 08 maio 2023.

MAFRA, Danndriely Carneiro; OLIVEIRA, Suziê Mari Marçal de; BARIÃO, Daniele Aguiar; OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida. Análise semiótica do slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. **Intercom**, 2019. Disponível em:

<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0601-1.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2020.

MAGALHÃES, Marcela Ulhôa Borges. Da ação à paixão: o percurso semiótico da busca do sentido. **Fórum Linguístico**. Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 1147-1157, abr./jun. 2016.

Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2016v13n2p1147/32088>. Acesso em: 16 abr. 2020.

MARIE CLAIRE. **History [Menu]**. 2019. Disponível em:

<https://www.marieclaireinternational.com/our-story/history/>. Acesso em: 06 nov. 2019.

MARSCIANI, Francesco. Subjetividade e intersubjetividade entre semiótica e fenomenologia. **Galáxia (São Paulo)**, v. 14, n. 28, p. 10-19, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014221105>. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1982-25542014221105>. Acesso em: 17 abr. 2023.

MARTINELLI, Andréa; ANTUNES, Leda. ‘Ele não, ele de jeito nenhum’: As mulheres que vão para as ruas contra Jair Bolsonaro. **HuffPost Brasil**, 2018. Disponível em:

[https://www.huffpostbrasil.com/2018/09/29/ele-nao-ele-de-jeito-nenhum-quem-sao-as-mulheres-que-vaio-para-as-ruas-contrajair-bolsonaro\\_a\\_23545425/?guccounter=1](https://www.huffpostbrasil.com/2018/09/29/ele-nao-ele-de-jeito-nenhum-quem-sao-as-mulheres-que-vaio-para-as-ruas-contrajair-bolsonaro_a_23545425/?guccounter=1). Acesso em: 09 mar. 2020.

MARTINS, Geraldo Vicente. O último Greimas e o elogio da literatura. **Estudos Semióticos**, [s. l], v. 13, n. 2 (edição especial), p. 96-101, dez. 2017. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/141612>. Acesso em: 15 mar. 2023.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, Ana Cláudia. **Da imperfeição: 30 anos depois**. In: GREIMAS. Algirdas Julien. Da imperfeição. Prefácio e Tradução de Ana Cláudia de Oliveira; Apresentações de Paolo Fabri, Raúl Dorra, Eric Landowski. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores: CPS, 2017.

PAIXÃO, Fernanda; FERREIRA, Antunes. Nada será como antes: uma radiografia do 8 de aborto e da Maré Verde na Argentina. Edição de Pedro Ribeiro Nogueira. **Brasil de Fato**. Online, 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/08/13/nada-sera-como-antes-uma-radiografia-do-8-de-aborto-e-da-mare-verde-na-argentina>. Acesso em: 06 de junho de 2021.

PALACIOS, Ariel. 6 coisas que talvez você não soubesse sobre as roupas do fascismo.

**Época**. 2019. Disponível em: <https://glo.bo/2PZtYFf>. Acesso em: 08 mar. 2020.

PARRET, Herman. L'esthétique de Greimas et ses sensibilités valéryennes. **Semiotica**, 2017, Section IV, p. 1-12. Dir. Thomas F. Broden. Disponível em: <http://hermanparret.be/media/recent-articles/261.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.

PROPP, Vladimir Iakovlevitch. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

ROLIM, Marcos. **Ponta da Praia**. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/colunas/marcos-rolim/2018/10/ponta-da-praia/>. Acesso em: 23 jan. 2020.

ROSA, João Luiz. Reformulada, Globo avança na direção de se tornar 'media tech'. **Valor**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2019/11/08/reformulada-globo-avanca-na-direcaode-se-tornar-media-tech.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2020.

ROSÁRIO, Maria do. "Não estupro porque você não merece", diz Bolsonaro a Maria do Rosário [Vídeo]. **Youtube**. 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LD8-b4wvIjc>. Acesso em: 24 jan. 2020.

SANCHES, Mariana. Por que o Foro de São Paulo é mais importante para a direita do que para a esquerda. **BBC News Brasil**. São Paulo, 24 jul. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49093277>. Acesso em: 01 maio 2020.

SARNO, David. A brief history of the Huffington Post. 2011. **Los Angeles Times**. Disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2011-feb-07-la-fi-huffington-post-timeline-20110207-story.html>. Acesso em: 07 nov. 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHOSSLER, Alexandre. "Alemanha acima de tudo", um verso e um passado sombrio. **DW Brasil**. 23 out. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/alemanha-acima-de-tudo-um-verso-e-um-passado-sombrio/a-46002358>. Acesso em: 08 mai. 2020.

SERRA, Ricardo. Imbrochável? Discurso hipersexualizado de Bolsonaro é típico da masculinidade frágil, diz psicanalista. **BBC News Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62795997>. Acesso em: 11 nov. 2022.

SOUZA, Paula Martins de. Relações intersubjetivas em "extrair" de Arnaldo Antunes. **Estudos Semióticos** [on-line], v. 16, n. 1, p. 70-97, 2020. Dossiê Temático "Semiótica e Psicanálise". Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/172065/161826>. Acesso em: 17 abr. 2023.

TATIT, Luiz. **Análise semiótica através das letras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

TATIT, Luiz. Claude Zilberberg e a prosodização da semiótica. In: MENDES, Conrado Moreira; LARA, Glaucia Muniz. **Em torno do acontecimento**: uma homenagem a Claude Zilberberg. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016a.

TATIT, Luiz. **Estimar canções**: estimativas íntimas na formação do sentido. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2016b.

TATIT, Luiz. O acento Mítico na semiótica. **Estudos Semióticos**, [online], v. 16, n. 3, p. 185-204, dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/173561>. Acesso em: 03 mar. 2023.

TATIT, Luiz. A abordagem do texto. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística I: objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

TATIT, Luiz. **Musicando a semiótica**: ensaios. São Paulo: Annablume, 1997.

TATIT, Luiz. **Passos da semiótica tensiva**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2019.

TATIT, Luiz. **Semiótica à luz de Guimarães Rosa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

TATIT, Luiz. A duração estética. In: LANDOWSKI, Eric; DORRA, Raúl; OLIVEIRA, Ana Cláudia (eds.). **Semiótica, estesis, estética**. São Paulo: EDUC/Puebla: UAP, 1999.

TATIT, Luiz. **Semiótica: teoria e aplicação na canção brasileira**. São Paulo, 6 set. 2018. Aula de disciplina ministrada no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de São Paulo.

TEIXEIRA, Lúcia. Da Imperfeição: um marco nos estudos semióticos. **Galáxia**, [s. l], n. 4, p. 257-261, 2002. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/1296>. Acesso em: 12 mar. 2023.

TIBURI, Márcia. **Como conversar com um fascista**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

TRUMP, Donald. **Trump: America first only America first** [Video]. Youtube, 20 jan. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dIaoZqMrbCo>. Acesso em: 06 jun. 2020.

VASQUEZ, Pedro Karpe. **Dicionário técnico da fotografia clássica**. Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), c2023. Disponível em: 28 jan. 2023.

ZILBERBERG, Claude. Dissentement, consentements... **Actes Sémiotiques**, v. VIII, n. 34, p. 21-34, 1985.

ZILBERBERG, Claude. Entretien avec Zilberberg. Entrevista concedida a Maria-Lucia V. P. Diniz. In: ABLALI, Driss; BADIR, Sémir (orgs.). **Analytiques du sensible pour Claude Zilberberg**. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2009.

ZILBERBERG, Claude. A QUESTÃO DO MODELO. **Casa**: Cadernos de Semiótica Aplicada, [S.L.], v. 9, n. 2, p. 1-23, 22 nov. 2011b. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada. <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v9i2.4727>. Disponível em: <https://doi.org/10.21709/casa.v9i2.4727>. Acesso em: 17 abr. 2020.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de semiótica tensiva**. São Paulo: Ateliê, 2011a. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas.

ZILBERBERG, Claude. Observações sobre a base tensiva do ritmo. **Estudos Semióticos**, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 1-13, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49265>. Acesso em: 03 mar. 2023.

ZILBERBERG, Claude. Um par incerto? **Estudos Semióticos**, [S.L.], v. 18, n. 1, p. 25-36, 20 abr. 2022. Universidade de São Paulo, Agencia USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.195494>. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.195494>. Acesso em: 06 mar. 2023.

ZILBERBERG, Claude. L'espace tensif. In: **La structure tensive**. Liège: Presses universitaires de Liège, 2017, p. 17-36. *E-book*. Disponível em: <https://books.openedition.org/pulg/2150>. Acesso em: 10 maio 2020.

ZILBERBERG, Claude. Valores semióticos y valores pictóricos. **Lienzo**, [s. l.], n. 8, p. 113-143, dez. 2002. Tradução de Desiderio Blanco. Disponível em: <https://revistas.ulima.edu.pe/index.php/lienzo/article/view/1050/1003>. Acesso em: 13 fev. 2020.

ZILBERBERG, Claude. **Louvando o acontecimento**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 13, p. 13-28, jun. 2007.

ZILBERBERG, Claude. As condições semióticas da mestiçagem. Tradução de Ivã Carlos Lopes e Luiz Tatit. In: CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; CAETANO, Kati Eliana. **O olhar à deriva**: mídia, significação e cultura. São Paulo: Annablume, 2004. p. 69-101.

ZILBERBERG, Claude. **Razão e poética do sentido**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006b.

ZILBERBERG, Claude. Síntese da gramática tensiva. **Significação**: Revista de Cultura Audiovisual, [S.L.], v. 33, n. 25, p. 163, 23 jun. 2006a. Universidade de São Paulo, Agencia USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2006.65626>. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2006.65626>. Acesso em: 16 abr. 2020.

ZILBERBERG, Claude. **Sur la dualité de la poétique**. Paris, 2012. Texto apresentado em conferência no Instituto de Letras da UFF, 2013.

## ANEXOS

ANEXO A- Reportagem *Marie Claire*<sup>32</sup>

## NOTÍCIAS

# #EleNão e #EleSim: o que representam os movimento de mulheres contra e pró Bolsonaro

Neste sábado, 29, saem às ruas do Brasil e do mundo uma multidão de mulheres negando a política de Bolsonaro. Do outro, há as que apoiam com veemência o candidato à presidência pelo PSL

🕒 4 min de leitura

NATACHA CORTÊZ

DA MARIE CLAIRE

29 SET 2018 - 06H01 | ATUALIZADO EM 09 OUT 2018 - 12H48



29 de Setembro de 2018 marca o que a imprensa do mundo todo já chama de uma **revolução orquestrada por mulheres contra o fascismo**. Segundo os eventos de Facebook - um termômetro razoável para tempos digitais como os de agora -, devem acontecer neste sábado centenas de passeatas pelas ruas brasileiras, e até de outros países, entonando os já emblemáticos **#EleNão**, **#EleNunca**, **#EleJamais**.



<sup>32</sup> CORTÊZ, NATACHA. #EleNão e #EleSim: o que representam os movimento[s] de mulheres contra e pró Bolsonaro. Marie Claire, 2018. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2018/09/elenao-e-elesim-o-que-representam-os-movimento-de-mulheres-contr-a-e-pro-bolsonaro.html>. Acesso em: 25 abr. 2020.





#EleNão (Foto: Silvana Martins)

Só na cidade de São Paulo, 80 mil pessoas confirmaram presença no protesto que tem saída no Largo da Batata, às 15h. Em Paris, por exemplo, a manifestação das brasileiras está programada no mesmo horário na praça da República (Place de la République). Em Salvador, cidade onde vive a publicitária Ludmilla Teixeira, iniciadora da página no Facebook “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro”, o ato terá proteção especial da polícia. Até a manhã de sexta-feira (28), a página contava com mais de 3,8 milhões de seguidoras.

Ele é **Jair Bolsonaro**, militar da reserva, deputado federal pelo Rio de Janeiro em seu sétimo mandato - sim, são 27 anos atuando na política - e candidato do PSL à Presidência da República. Um homem considerado por alguns uma ameaça em relação à manutenção dos direitos humanos.

Elas, mulheres organizadas em um movimento suprapartidário, de diferentes idades, raças e classes, cansadas de serem subjugadas apenas por serem mulheres. "Os atos agendados são uma forma das mulheres expressarem seu repúdio às declarações de ódio do candidato à presidência, Jair Bolsonaro, principalmente contra mulheres, populações negra, indígena e LGBT. Para nós, o peso de sua ascensão seria violento, pois somos as mais vulneráveis, perseguidas e criminalizadas quando os direitos são retirados", diz Natalia Mori, socióloga no CFemea (Centro Feminista de Estudos e Assessoria), que deve marchar contra o político em Brasília, em um evento que sai da rodoviária do Plano Piloto, também, às 15h, e promete milhares de outras mulheres.

A rejeição do eleitorado feminino é embalada por declarações e atos polêmicos do presidencial, que já chamou uma deputada de "vagabunda", acrescentando que ela "não merecia ser estuprada"; destratou uma jornalista que o entrevistava chamando-a de "ignorante" e "idiota"; além de dizer que deu uma "fraquejada" ao ter uma filha, e não ver problema na diferença salarial entre homens e mulheres. A objeção contra o candidato do PSL ganhou novo combustível na última segunda-feira, quando seu vice, o general Hamilton Mourão, disse que famílias pobres lideradas por mães e avós e sem pais e avôs são "fábricas de desajustados".

Procurados, responsáveis pela campanha de Jair Bolsonaro se abstiveram de comentar.

No Instagram, a hashtag que dá nome ao movimento que nega Bolsonaro tem, contando com sua variação sem acento #EleNao - 453.200 menções. Não se sabe se foram as famosas que impulsionaram a frase ou se, já fortalecida, ela chegou a elas. Fato é que, além das globais e super estrelas da música nacional (inclua aí Anitta e Daniela Mercury) até **Madonna** postou a hashtag.



*Madonna (Foto: Reprodução / Instagram)*

Esther Solano, doutora em Ciências Sociais e organizadora do livro *O ódio como política* (2018, ed. Boitempo), tenta explicar os significados por trás da tamanha aderência das brasileiras ao movimento #EleNão: "Acredito que significa fundamentalmente duas coisas. Primeiro, uma força de vanguarda democrática em um cenário polarizado entre a democracia e a barbárie. Essas mulheres formam uma frente de luta contra o fascismo. Em segundo lugar, é especialmente importante que as mulheres puxem esse ato, porque o Brasil é um país que bloqueia continuamente a participação feminina na política institucional. Nossa cultura ainda é muito patriarcal nesse campo. Por isso, o movimento é um grito antifascista, mas também um grito por emancipação feminina de uma lógica ditada e dominada pelos homens".



**"É um grito antifascista,  
mas também por  
emancipação feminina de  
uma lógica ditada e  
dominada pelos homens"**

Esther Solano

Do outro lado da ponte, há mulheres que apoiam a candidatura de Bolsonaro. O grupo no Facebook "Mulheres com Bolsonaro" mais numeroso - isso porque existem dezenas deles com o mesmo nome - acumula 49 mil participantes. Mariana Moreira, 32 anos, advogada e presidente do PSL Mulher no Vale do Paraíba, é uma delas e entoa, em vez de #EleNão, #EleSim, #EleSempre. E diz, o intuito de usar a hashtag contrária não é provocar, mas "mostrar que existem milhões de mulheres que estão com Jair Bolsonaro, que temos voz, força, e que não somos só números muitas vezes ocultados. É a forma de materializar, mesmo que no campo virtual, esse apoio".

Os motivos de Mariana ser a favor de Bolsonaro são muitos. Vão de "honestidade, que é questão prioritária" até "ele é o único candidato que defende os valores morais, éticos, para que possamos conviver em sociedade digna. O único que visa governar para uma nação e não para grupos, as tais minorias". A respeito da misoginia da qual Bolsonaro é acusado pela mulheres do #EleNão, bem, essa não convence Mariana. "Não concordo."

Sobre o apoio das mulheres do #EleSim, Esther Solano comenta: "Existe uma extrema direita que diminuiu a gravidade do discurso homofóbico, misógino e racista de Jair Bolsonaro. É um grupo que justifica que o candidato não compra a onda do 'politicamente correto' e, na verdade, é apenas um falastrão, que às vezes deixa escapar "umas bobagens". O que importa, dizem, é que 'Bolsonaro é honesto e diferente de todos outros'. Como estamos assistindo, isso tem caído por terra." Esther se refere às últimas notícias em relação ao político, que apontam, entre outras coisas, um passado que inclui ocultação de patrimônio, furto de jóias e dinheiro e até "comportamento explosivo" e "desmedida agressividade" contra sua ex-mulher, **Ana Cristina Siqueira Valle**.

ANEXO B – Reportagem *HuffPost Brasil* (#EleNão)<sup>33</sup>

MULHERES

# 'Ele não, ele de jeito nenhum': As mulheres que vão para as ruas contra Jair Bolsonaro

Há 30 atos contra o candidato marcados pelo Brasil, incluindo as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Salvador e Belo Horizonte.

By Andréa Martinelli, Leda Antunes

29/09/2018 02:55 -03 | **Atualizado** 31/01/2019 10:31 -02



NACHO DOCE / REUTERS

Mulher usa um adereço com os dizeres "Ele não", em referência a Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL.

*"Assim como homens opressores projetaram sua forma de agir e se sentem identificados com este candidato, milhões de mulheres estão indo para rua para responder às agressões dele, não só a mim, mas a todas nós. É por todos os brasileiros e brasileiras que certamente podem sofrer muito com um governo desse tipo."*

<sup>33</sup> MARTINELLI, Andréa; ANTUNES, Leda. 'Ele não, ele de jeito nenhum': As mulheres que vão para as ruas contra Jair Bolsonaro. *HuffPost Brasil*, 2018. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2018/09/29/ele-nao-ele-de-jeito-nenhum-quem-sao-as-mulheres-que-vaio-para-as-ruas-contrajair-bolsonaro\\_a\\_23545425/?guccounter=1](https://www.huffpostbrasil.com/2018/09/29/ele-nao-ele-de-jeito-nenhum-quem-sao-as-mulheres-que-vaio-para-as-ruas-contrajair-bolsonaro_a_23545425/?guccounter=1). Acesso em: 25 abr. 2020.

A frase da deputada Maria do Rosário (PT-RS), em entrevista ao HuffPost Brasil, condensa os principais pensamentos das mulheres que se mobilizaram nas redes sociais e pretendem tomar as ruas neste sábado (29), em marchas espalhadas por todo o País contra o candidato do PSL à Presidência da República, Jair Bolsonaro: a resposta a declarações machistas e a possibilidade de um governo antidemocrático.

Em contraponto ao projeto de governo e a declarações recentes de Bolsonaro e de seu vice, o general reformado Hamilton Mourão, o movimento feminista difundiu a hashtag #EleNão nas redes sociais e o grupo fechado "Mulheres Contra Bolsonaro", no Facebook, já conta com mais de 3 milhões de integrantes, mesmo depois de sofrer ataques por parte de apoiadores do candidato.

Bolsonaro já defendeu que as mulheres não devem receber o mesmo salário que os homens, mesmo que exerçam a mesma função; demonstrou menosprezo ao se referir à própria filha ao dizer, em 2017, que tem "5 filhos. Foram 4 homens, a 5ª eu dei uma fraquejada e veio uma mulher". Recentemente, general Mourão afirmou à Folha de S. Paulo que famílias sem "pai e avô" e com "mãe e avó" são "fábricas de desajustados" que ingressam no narcotráfico.

"Não é só a questão de que ele é um cara autoritário, com tendências ditatoriais. As mulheres estão em risco. E gente tem que mostrar que a gente tem força, muita força. A gente está disposta a mostrar a cara e dizer: ele não, ele de jeito nenhum", afirma a advogada Flávia Pinedo, moradora de São Paulo, que pretende ir à manifestação que acontecerá na cidade neste sábado (29).

Há 30 atos contra o candidato marcados pelo Brasil, incluindo as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Salvador e Belo Horizonte. Todos estão programados para às 15h. O coletivo feminista Juntas, em sua página no Facebook, informa que há eventos programados em Berlim (Alemanha), Buenos Aires (Argentina), Paris (França), Londres (Inglaterra), Lisboa (Portugal) e Nova York (EUA).

Na onda da manifestação de mulheres, outros grupos de movimentos sociais organizam, também em redes sociais, atos contra o presidenciável do PSL. Um evento no Facebook, por exemplo, chama a comunidade LGBT para o ato no mesmo horário e local em São Paulo. Até o fechamento da reportagem, o evento contava com 5,5 mil confirmados e 28 mil interessados. No Rio de Janeiro, um evento que convoca mulheres, negros e LGBTQ+ até o momento conta com 30 mil confirmados e 120 mil interessados.

"A gente está passando por um momento turbulento tem que tomar cuidado. Mas inevitavelmente quem está quem está à frente das organizações vai ser mais visado", avalia Flávia. Por isso, para ela, marcar presença fora das redes sociais neste momento é fundamental. "Tem que mostrar para a sociedade que esse não é o movimento que fica somente na internet."

Maria do Rosário, que já foi xingada de "vagabunda" e ouviu em duas ocasiões do candidato Jair Bolsonaro, que "ela não merecia ser estuprada" afirma que irá às manifestações em Porto Alegre, sua cidade natal. "Eu sinto que tenho milhões de irmãs, com imensa sororidade. Ao longo destes anos, senti que milhares de mulheres sabiam que nós tínhamos que resistir. E hoje nós somos milhões", aponta.

Para a deputada, que é novamente candidata ao cargo nestas eleições, a presença nas ruas é importante para demonstrar a resistência das mulheres. "A resistência é por nós e é pelas novas gerações de mulheres. É por todos os brasileiros e brasileiras que certamente podem sofrer muito com um governo desse tipo."



NURPHOTO VIA GETTY IMAGES

Mulheres protestam em São Paulo pela descriminalização do aborto, em 8 de agosto de 2018.



As mulheres brasileiras somam cerca de 53% da população e, de acordo com as pesquisas de intenção de voto mais recentes, Bolsonaro aumentou a preferência entre mulheres, mas continua sendo o candidato mais rejeitado pelo grupo. De 22 de agosto a 14 de setembro, a intenção de voto das mulheres em Bolsonaro cresceu de 14% para 18%, segundo o Datafolha.

Segundo pesquisa Ibope divulgada na última segunda-feira (24), o deputado divide com Fernando Haddad, candidato do PT, a liderança do público feminino, com 21% das intenções de voto cada. No cenário geral, Bolsonaro tem 28% contra 22% do petista. O parlamentar, contudo, é campeão na rejeição entre as brasileiras, com 54%.

O posicionamento considerado racista, machista e homofóbico do deputado tem sido explorada por adversários. Tanto Marina Silva (Rede) quanto Geraldo Alckmin (PSDB) têm centrado as campanhas em expor frases e atitudes do candidato do PSL. Alckmin, por exemplo, usa o vídeo em que Maria do Rosário é xingada de "vagabunda" por Bolsonaro, em 2003, em seu programa eleitoral.

"Eu não gosto de passar por isso. Cada vez que passa, é uma coisa que é ruim para mim. Mas eu não tomei nenhuma atitude contrária [à divulgação do vídeo], porque eu penso que se isso ajuda a desmascarar um candidato que oprime mulheres, então eu fico satisfeita que as pessoas vejam", afirma a deputada ao HuffPost Brasil.

Em ambos os casos, o centro da discussão entre Maria do Rosário e Bolsonaro era a redução da maioria penal, defendida por ele e rejeitada por ela. Em 2003, Rosário chegou a denunciá-lo ao Conselho de Ética da Câmara, mas a representação foi arquivada. Já em 2014, ela entrou na Justiça contra o ex-capitão, que hoje é réu no STF (Supremo Tribunal Federal) por apologia ao crime de estupro e injúria.

No ano passado, o STJ (Superior Tribunal de Justiça) manteve a condenação do deputado por danos morais. "Dedico essa vitória a todas as mulheres. O valor que tem a atuação do nosso mandato, é ter percebido e ter enfrentado sempre", diz Maria do Rosário. "Ter seguido enfrentando durante todos esses anos, persistindo, mesmo que ele tenha um exército nas redes sociais, que atacou minha filha, me atacou, que tenta destruir permanentemente a minha imagem", completa.

## **Pela democracia, por direitos, sem partidos**



Enquanto apoiadoras de Jair Bolsonaro negam haver machismo no episódio com Maria do Rosário e associam o fato de o candidato ser considerado homofóbico por ter sido contrário ao "kit gay", organizadoras do #EleNão defendem o oposto e afirmam que o que está em jogo é a democracia e a manutenção de direitos sociais já conquistados.

"Ele chega com esse discurso de que 'não dá mais, ninguém aguenta mais', 'somos brasileiros acima de tudo' e 'a esquerda destruiu o Brasil' e esse discurso pega. Ele se aproveita disso para fazer discurso de ódio", critica Laura Daltro, pedagoga de 24 anos, e uma das organizadoras do ato "Mulheres Unidas Contra Bolsonaro" que acontecerá em Salvador, Bahia, neste sábado (29).

Ela cita o compartilhamento feito pelo filho do presidente, o vereador Carlos Bolsonaro, no início da semana, que usou uma imagem de tortura para ironizar campanha #EleNão. "As pessoas defendem ele e as atrocidades que ele fala por falta de memória histórica."

A ativista explica que, na sua visão, ir para rua hoje significa rejeitar a postura "totalmente racista do candidato". "Eu sou uma mulher de Candomblé, é uma postura [a de Jair Bolsonaro] que pretende aniquilar com o que resta de ancestralidade negra no Brasil", afirma. "Temos que ir para rua pelo nosso passado, pelo nosso presente e pelo nosso futuro", completa.

Para Amanda Ferreira\*, de 34 anos, moradora de Recife (PE), fisioterapeuta e católica, o que Bolsonaro "prega" refuta os próprios ideais que ele tenta perpetuar. "O que ele prega é ódio. Apesar de ter um discurso que vai combater a violência, o que ele prega é justamente a violência. Isso é o oposto à democracia e é angustiante ver que uma pessoa se apropria da palavra de Deus para fazer uma campanha desse tipo."

Bruna Galvão, de 32 anos, é uma das organizadoras do "Bloco autônomo independente contra Bolsonaro", realizado em São Paulo, também neste sábado. "Por ser um momento de eleição, é comum que alguns partidos tomem para si essas pautas. O que a gente quis, quando organizou, foi garantir uma voz única, contra Bolsonaro e à favor da democracia. Sem partidos envolvidos."

Ela aponta que, apesar de o candidato estar disputando um pleito pela via democrática, ele não os representa. "É uma contradição quando ele diz que não propaga o ódio e a violência. Os ataques a jornalistas, ativistas, a tensão desse momento político que é trazida pelo discurso dele e de seus apoiadores não condiz com uma democracia".

*\*Nome foi alterado a pedido da entrevistada para proteger sua identidade.*

ANEXO C – Reportagem *HuffPost Brasil* (#EleSim) <sup>34</sup>

MULHERES

# Quem são as mulheres que apoiam Bolsonaro e pedem o movimento #EleSim

Manifestações de apoio e repúdio à candidatura de Jair Bolsonaro (PSL) à Presidência da República vão acontecer neste fim de semana em todo o Brasil.

By Marcella Fernandes, Andréa Martinelli

29/09/2018 02:55 -03 | Atualizado 30/09/2018 11:51 -03



NURPHOTO VIA GETTY IMAGES

Apoiadores de Jair Bolsonaro (PSL), em manifestação na frente do Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo.

"As mulheres que votam em [Jair] Bolsonaro sabem que se o PT voltar seguiremos mais rapidamente para uma venezuelização. Não tem sentido ficar paradas em causas femininas ou feministas. Essa é justamente a pauta imposta pela esquerda."

<sup>34</sup> FERNANDES, Marcella; MARTINELLI, Andréa. Quem são as mulheres que apoiam Bolsonaro e pedem o movimento #EleSim. *HuffPost Brasil*, 2018. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2018/09/28/quem-sao-as-mulheres-que-apoiam-bolsonaro-e-pedem-o-movimento-elesim\\_a\\_23545310/](https://www.huffpostbrasil.com/2018/09/28/quem-sao-as-mulheres-que-apoiam-bolsonaro-e-pedem-o-movimento-elesim_a_23545310/). Acesso em: 25 abr. 2020.

A frase da advogada e professora da USP (Universidade de São Paulo) [Janaina Paschoal](#), em entrevista ao HuffPost Brasil, resume os principais pensamentos das [mulheres](#) que apoiam o candidato do PSL à Presidência da República: o antipetismo, a negação de que o deputado seja machista e a visão de que questões de gênero não são prioridade.

[Em contraponto à onda feminista que difundiu a hashtag #EleNão](#) e ao movimento "Mulheres contra Bolsonaro", eleitoras do presidencialista se uniram para articular uma movimentação contrária e em sua defesa. O maior grupo não secreto "Mulheres com Bolsonaro" no Facebook hoje conta com cerca de 20 mil integrantes.

Neste sábado (29) e domingo (30), estão programadas passeatas em todos os estados brasileiros, de acordo com Joice Cristina Hasselmann, jornalista e candidata a deputada federal pelo PSL. Ativista do movimento [#EleSim](#), ela irá participar de 3 atos no estado de São Paulo neste fim de semana. "Estão vendendo uma coisa que ele não é. Como se fosse um grande machista, um monstro", afirma em entrevista ao HuffPost Brasil, em referência à campanha do outro lado.

A aliada conheceu o presidencialista em uma entrevista para a TVeja, em Brasília (DF), após conflito do parlamentar com a deputada [Maria do Rosário \(PT-RS\)](#) e entrou no mundo da política após um convite dele. "De fonte ele foi ficando mais próximo e acabamos nos tornando amigos. Ele já foi na minha casa. A gente criou uma relação de confiança um com o outro porque eu vi que o Bolsonaro não era aquilo que vendiam dele", conta.

Na avaliação da jornalista, a imagem reproduzida na imprensa não condiz com a realidade. Ela negou que frases como dizer que prefere "um filho morto a um filho gay" [incitem homofobia ou um discurso de ódio](#). "Qual a provocação de violência? Ele está dando uma opinião em relação ao filho dele. Qualquer pessoa pode dar qualquer declaração sobre qualquer assunto", completa.

De acordo com a jornalista, frequentemente o deputado é mal interpretado ou não se divulgam corretamente as retratações. "Ele não tem um filtro entre o que ele pensa, o que ele fala, as piadas e na política, infelizmente, se você não tiver um pouco de filtro, você acaba muitas vezes apanhando por aquilo que você não fez e não disse. O Bolsonaro fez uma declaração ou outra mais infeliz e depois veio e se corrigiu".

## **A ascensão de Jair Bolsonaro e a rejeição entre as mulheres**



AFP/GETTY IMAGES

Em campanha para deputada estadual por São Paulo, Janaina Paschoal reforça apoio feminino ao candidato nas ruas.

---

Segundo pesquisa Ibope divulgada na última segunda-feira (24), o deputado divide com Fernando Haddad, candidato do PT, a liderança do público feminino, com 21% das intenções de voto cada. No cenário geral, Bolsonaro tem 28% contra 22% do petista. O parlamentar, contudo, é campeão na rejeição entre as brasileiras, com 54%.

Em campanha para deputada estadual por São Paulo, Janaina Paschoal contou que tem percebido o apoio feminino ao candidato nas ruas. "Cheguei a presenciar uma esposa convencendo o marido a votar nele", afirma em entrevista ao HuffPost Brasil. De acordo com ela, apenas uma eleitora, em Santos, perguntou a ela se Bolsonaro era machista. "No interior [de São Paulo], sinto que todas estão fechadas com ele", completa.

Uma das autoras do pedido de impeachment de Dilma Rousseff, a jurista chegou a ser cotada como vice do presidencial. Apesar da quase parceria, eles não chegaram a discutir políticas de gênero para um eventual governo. "Não tratamos de pautas femininas ou feministas. Não gosto quando me limitam a essas questões", afirmou Paschoal. Ela ressalta que ele foi "muito respeitoso" e a ouviu em questões de sua competência. Um exemplo foi o recuo na proposta de aumentar o número de ministros do STF (Supremo Tribunal Federal).

### 'Ele não é machista'



NURPHOTO VIA GETTY IMAGES

Uma das apoiadoras de Jair Bolsonaro, em protesto a favor do candidato, realizado em São Paulo.

As acusações de machismo e homofobia também são refutadas por eleitoras, para quem os rótulos se referem à maneira do candidato se expressar. "Acho eu as pessoas invertem porque ele é muito grosseiro para falar. Não é carismático com as palavras. As pessoas aproveitam para difamar. Ele não é nada daquilo", afirmou a professora Joana Rosado Torres, de 56 anos, moradora de Brasília (DF).

O Distrito Federal é uma das unidades da Federação em que o presidenciável lidera a corrida eleitoral. De [acordo com pesquisa Ibope divulgada em 17 de setembro](#), ele tem 39% das intenções de voto na região.

Admiradora da equipe econômica de Bolsonaro, Joana aponta esse fator como decisivo para decidir o voto. Favorável a um ajuste fiscal, a professora diz que é a favor da manutenção do Bolsa Família, mas com rigor maior na fiscalização de quem recebe. "Ele vai permanecer com parte social pelo que entendi", afirmou sobre um eventual governo do candidato do PSL.

O candidato prometeu que irá manter o programa social, mas o economista Paulo Guedes, referência em sua equipe, defende uma redução do Estado. A eleitora também se incomoda com os ataques ao candidato. "Vamos parar de falar mal dos candidatos e mostrar quais as qualidades deles. Todos se uniram para falar mal do Bolsonaro", afirma.

---

Ciro Gomes (PDT) têm adotado essa estratégia, especialmente ao destacar declarações machistas e homofóbicas por parte de Jair Bolsonaro. Um dos episódios lembrados pelas entrevistadas foi a discussão com a deputada Maria do Rosário (PT-RS), quando o parlamentar disse que ela "não merecia ser estuprada".

A declaração foi feita em 2003 e repetida em 2014. Na época, Bolsonaro disse que a briga começou ao ouvir que a parlamentar era contrária à redução da maioria penal. Ele sugeriu então que ela contratasse o Champinha (Roberto Alves da Silva), menor que participou de assassinato em 2003, para ser motorista de sua filha. A conduta levou o presidenciável a se tornar réu no STF por injúria e incitação ao estupro.





As eleitoras, por sua vez, negam haver machismo no episódio e minimizam acusações de agressão à ex-esposa, Ana Cristina Valle. [Reportagens da Folha de S. Paulo](#) revelaram documentos e testemunhos sobre ameaça de morte em 2011. "Ele já explicou, já tá claro. Se apegam nesse jargão. A ex-mulher dele já defendeu", diz Maria da Graça Guedes Pereira, empresária de 59 anos e também moradora de Brasília.

Para a psicopedagoga aposentada, a fama de homofóbico se deve à sua posição contra o "kit gay". Bolsonaro ganhou projeção [após criticar o Escola sem Homofobia, proposta do MEC \(Ministério da Educação\) em 2011 que nunca saiu do papel](#). A intenção era debater a sexualidade no ambiente escolar como forma de reconhecer a diversidade sexual e combater a discriminação.

Graça concorda com as críticas ao programa. "Não quero que escola vá ensinar sexo ao meu neto de 3 anos, de 9 anos. Cabe ao pai e mãe", afirma. Assim como outras eleitoras de Bolsonaro, ela nega qualquer tipo de preconceito. "Eu brinco, conto historinha pra minha netinha de 3 anos. Se ela quiser ser gay, vai ser, tem apoio. Tenho amigos gays, amigas lésbicas", completa.

Já para Cristina Amorim\*, de 24 anos, estudante de medicina e moradora de Salvador (BA), "feminismo é mimimi, não combate estupro, não faz nada", diferentemente de Bolsonaro que, segundo ela, "defende penas mais rígidas para estupradores e o armamento para defesa pessoal". "O que há é uma grande rede de mentiras tal qual 'Bolsonaro é machista'. Ele é, sem dúvidas, o candidato que tem as melhores propostas para as mulheres. Bolsonaro tem propostas concretas", argumenta. Segundo Datafolha, o Nordeste é a região em que Bolsonaro tem seu pior desempenho, com 17% das intenções de voto.

### **Direitos das mulheres é pauta da esquerda?**



Na visão das apoiadoras do candidato do PSL, pautas como direitos humanos ou igualdade de gênero são relacionadas à esquerda ou vista como temas menores. "Para quem já optou pelo Bolsonaro, isso não vai interferir porque tem propostas mais interessantes para mudar o País do que esse tititi, essas fofquinhas", afirmou Graça.

Algumas eleitoras relatam incômodo com a abordagem de alguns ativistas na luta pelo avanço de pautas LGBT, por exemplo. "Nunca fui homofóbica. Não sou contra gay, lésbica. Mas virou um exagero de mostrar isso e de forma errada. Quero um país onde netos cresçam numa educação que eu tive, com exemplo de família, de pai e mãe. Quer ser gay, vai ser na boa, mas pra que explicitar de forma errada, chula, grossa?", questionou a empresária.

Graça chegou a considerar Alvaro Dias (Podemos) e João Amoêdo (Novo), mas definiu o voto após avaliar que Bolsonaro teria maior chance de derrotar o PT. Ela disse ter percebido ataques mais contundentes ao candidato após a facada. Eleitora do PSDB em 2014, a empresária criticou o tom adotado por Alckmin. "Sempre gostei dele, mas agora radicalizou. Já está mostrando que está se juntado para derrubar o Bolsonaro", afirmou em referência às críticas do tucano ao deputado.

*\*Nome foi alterado a pedido da entrevistada, para proteção de sua identidade.*

ANEXO D – Reportagem *AzMina*<sup>35</sup>

REPORTAGENS &gt; POLÍTICA

## COMO SERIA UM GOVERNO DE BOLSONARO PARA AS MULHERES?

AzMina levantou suas propostas de governo e pautas que defendeu como deputado federal para ter pistas do que significaria a sua eleição para as mulheres

por Maria Martha Bruno  
19 de setembro de 2018



Bolsonaro é o candidato mais rejeitado pelas mulheres. Crédito: Fábio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil

---

<sup>35</sup> BRUNO, Maria Martha. Como seria um governo de Bolsonaro para as mulheres. *AzMina*, 2018. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/eleicao-de-bolsonaro-para-as-mulheres/>. Acesso em: 25 abr. 2020.

**J**air Bolsonaro (PSL) desponta na frente na corrida eleitoral para presidente nas Eleições de 2018. À medida em que ele avança nas pesquisas de voto, também crescem as campanhas contra o militar, principalmente por suas **declarações machistas**, racistas e homofóbicas. Durante a campanha, porém, ele tem tentado melhorar sua imagem com o eleitorado feminino, que tem 52% dos votos no dia 7 de outubro. A **Revista AzMina** levantou quais são suas propostas de governo e quais foram as pautas que ele defendeu ao longo dos 27 anos de seus sete mandatos como deputado federal para entender como seria um governo de Bolsonaro para as mulheres.

O primeiro impacto pode ser parecido com o que teve a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos. No dia seguinte à eleição, milhares de pessoas (principalmente mulheres) tomaram as ruas para protestar contra a agenda conservadora do novo presidente. “Uma vitória de Bolsonaro legitimaria que a misoginia [ódio às mulheres] fosse levada como uma grande brincadeira. O efeito mais imediato desse resultado seria o simbólico. E é claro que depois haveria grande resistência, como ocorreu após a eleição de Trump nos Estados Unidos”, diz a antropóloga e cientista social Rosana Pinheiro Machado. Há dois anos ela estuda jovens eleitores do candidato na periferia de Porto Alegre (RS).

## **PROGRAMA DE GOVERNO**

Segundo pesquisa realizada pelo Datafolha em junho, para 46% das mulheres, a saúde deve ser a prioridade do próximo presidente, seguida por educação (18%). Mas afinal, quais são as pautas de Bolsonaro para 53% da população brasileira? O **programa de governo** do candidato tem 81 páginas e dois tópicos relacionado às mulheres.

Um é o tratamento odontológico para gestantes com o objetivo de reduzir a quantidade de prematuros. Em entrevista ao **programa Roda Viva**, ele apontou o cuidado bucal como uma das causas para a mortalidade infantil no país. “Muita gestante não dá bola para a sua saúde bucal ou não faz os exames do seu sistema urinário com frequência. Certos problemas advêm disso e a possibilidade de prematuros aumenta assustadoramente.”

Dados do Ministério da Saúde indicam que a mortalidade infantil mostrou retração nas últimas duas décadas, com exceção do ano de 2016. Entre as causas apontadas pelo ministério para o avanço do indicador estavam a epidemia do vírus da Zika e a crise econômica. Um [estudo publicado na revista científica Plos Medicine](#) mostra que alguns fatores colocam em xeque o combate à mortalidade infantil no Brasil. O principais seriam o aumento da pobreza, medidas de austeridade como o teto de gastos públicos e a redução do Bolsa Família.

## SEGURANÇA

A segunda referência a mulher é o “combate ao estupro de mulheres e crianças através de mudança ideológica”. A frase está dentro do tópico “Segurança e combate à corrupção” e vem acompanhada de um gráfico com o percentual das vítimas de estupro em relação aos estupros coletivos. Não há, no entanto, a explicação de como esse combate seria feito ou quais medidas seriam tomadas. Bolsonaro apresentou em 2013 um projeto de lei em que aumenta a pena e condiciona liberdade do [estuprador à castração química](#), que usa medicamentos hormonais para reduzir os impulsos sexuais de forma temporária.

A campanha e o programa de governo de Bolsonaro têm forte apelo de segurança pública, mas sem pensar em como isso afeta especificamente as mulheres. Suas propostas são reduzir a maioria penal para 16 anos e “reformular o Estatuto do Desarmamento para garantir direito cidadão à legítima defesa”.

A preocupação com segurança, no entanto, não se estende às principais violências sofridas pelas mulheres. O 12º Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostrou que o número de feminicídios cresceu 21% em 2017 em relação o ano anterior. Todos os dias, 606 casos de lesão corporal dolosa são enquadrados na Lei Maria da Penha. O programa de Bolsonaro não menciona nenhuma dessas questões.

## ATUAÇÃO NA CÂMARA

Militar da reserva, Bolsonaro foi eleito a deputado federal pelo Rio de Janeiro pela primeira vez em 1990. Ao longos dos 27 anos de atuação na Câmara, mudou seu escopo de atuação: de projetos de interesse de militares para propostas de segurança pública. **Levantamento do SigaLei**, plataforma que usa inteligência artificial para monitorar a atividade do Legislativo, mostra que entre 1991 a 2018, Bolsonaro apresentou 147 projetos de lei. O tema mais recorrentes foram pautas ligadas às Forças Armadas (32 projetos), seguido de Direito Penal (16 propostas) e trânsito (14 proposições).

Dos quase 150 projetos apresentados, apenas um se tornou lei: o PL 2.514/1996, que estende o benefício de isenção do Imposto sobre Produto Industrializado (IPI) para bens de informática e automação. Outros dois foram aprovados, mas vetados pela Presidência da República. Um terceiro autorizava o uso da chamada “pílula do câncer” (a fosfoetanolamina sintética), foi aprovada pela Câmara e sancionada pela presidência, mas foi suspenso pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

### LEIA MAIS: MULHERES NO CONGRESSO AUMENTAM CONFIANÇA NA DEMOCRACIA, DIZ ESPECIALISTA DE GÊNERO DA OEA

Em relação às mulheres, Bolsonaro apoiou alguns projetos de outros parlamentares que representariam um retrocesso nos direitos. É o caso do **PL 6055/2013**, que revoga a lei (12.845/2013) que obriga os hospitais públicos a prestarem atendimento médico gratuito às vítimas de violência sexual. O projeto se encontra arquivado.

Outra polêmica que envolve o candidato é com relação à mulher no mercado de trabalho. Além de declarações em que defende a diferença salarial entre homens e mulheres (“Eu não empregaria com o mesmo salário. Mas tem muita mulher que é competente”, disse em **entrevista** à RedeTV, em 2016), ele pratica isso em seu gabinete. As funcionárias contratadas pelo militar em seu gabinete em Brasília e seu escritório parlamentar no Rio de Janeiro recebem, em média, 31% menos que os vencimentos dos colegas do sexo masculino, segundo o **jornal Valor Econômico**.

## MULHERES CONTRA BOLSONARO

Não há candidato presidencial mais rejeitado entre as mulheres que Bolsonaro. Segundo a **última pesquisa do Datafolha**, realizada entre os dias 13 e 14 de setembro, 44% do eleitorado diz que não votariam nele de jeito nenhum. Entre as mulheres, essa rejeição sobe para 49% no primeiro turno, taxa que cai para 38% entre os homens. O deputado também enfrenta rejeição acima da média entre os mais jovens (56%) e na região Nordeste (51%). Já entre os mais velhos e mais ricos, sua rejeição cai. Entre os eleitores acima de 60 anos, 32% não votariam de jeito nenhum em Bolsonaro. Na parcela com renda mensal familiar de 5 a 10 salários mínimos, 37%.

A rejeição das mulheres tomou corpo nas redes sociais nas últimas semanas. No início de setembro foi criado no Facebook o grupo “**Mulheres Unidas Contra Bolsonaro**”, que já reúne 2,5 milhões de membros. A organização virtual quer, agora, levar a insatisfação para as ruas. Atos contra o candidato foram marcados em diversas cidades do país no dia 29 de setembro.

“O grupo no Facebook é reflexo de um movimento que busca deliberadamente evitar sua eleição. Essa discrepância entre homens e mulheres não se aplica a qualquer outro nome”, diz Luciana Veiga, coordenadora do curso de pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). Segundo ela, o comportamento das mulheres em relação ao candidato nestas eleições é novo.

## LEIA MAIS: COMO O FEMINISMO E AS MULHERES PODEM INFLUENCIAR AS ELEIÇÕES EM 2018

As intenções de voto no candidato do PSL guardam uma diferença inédita entre os gêneros nas eleições recentes. O cientista político Jairo Nicolau fez um **estudo** em que mostra a diferença entre votos femininos e masculinos desde 2010. “A situação atual de Bolsonaro é singular. Na história das eleições presidenciais brasileiras não há casos de um candidato à presidência com uma discrepância tão grande quando comparamos os votos de homens e mulheres”, observa Nicolau.



Na última pesquisa do Datafolha, Bolsonaro tem 35% entre os homens e apenas 18% entre as mulheres. Somente Marina Silva, em 2014, teve uma diferença fora da margem de erro na preferência entre homens e mulheres, conquistando mais o voto feminino. Dilma Rousseff e José Serra em 2010, e Aécio Neves e Dilma em 2014 tiveram os votos praticamente distribuídos de maneira uniforme entre ambos os gêneros.

Uma das conclusões de Nicolau no estudo é que, caso chegue ao segundo turno, **“as mulheres devem se constituir em uma barreira quase intransponível para a vitória” de Bolsonaro**. O cientista político lembra que nada impede que as indecisas se inclinem pelo candidato, mas acha essa virada improvável, devido à natureza das pautas historicamente defendidas por ele, de forte apelo junto ao público masculino.

### **MULHERES COM BOLSONARO**

Mas quando a pauta muda para segurança pública o panorama é outro. A agenda preferida de Bolsonaro é a justificativa principal de eleitores. Assustada com a violência na zona metropolitana do Rio, a recepcionista Pamela Souza dos Santos, 24 anos, é uma das eleitoras do candidato. Ela é a favor da redução da maioria penal de 18 para 16 anos. “Na minha área tem muito menor dirigindo carros roubados e com arma na mão. Se a lei for mais rígida, eles vão pensar melhor antes de fazer isso”.

Embora também já tenha sido desrespeitada por policiais militares dentro de sua própria casa (“já entraram lá fazendo buscas, gritaram comigo e me xingaram. Até senti o cuspe deles na minha cara”), Pamela não tem medo do aumento da repressão policial caso o deputado seja eleito. “Ele fala que o que vai valer para os bandidos também vai valer para os policiais corruptos”, diz Pamela.

**LEIA MAIS: MULHERES NA POLÍTICA: 30% DA GRANA DO FUNDO ELEITORAL É SUFICIENTE?**

No entanto, nem todas as propostas do capitão são bem aceitas por suas eleitoras. Katiê Rios, 36 anos, também moradora de São Gonçalo e mãe de um menino de quatro meses, se mostra refratária à ampliação do porte de armas. “Essa realmente é uma questão delicada, mas acredito que o porte de arma não será liberado para uma pessoa que não tenha treinamento. E cá para nós, não acho que a Câmara irá aceitar essa ideia”. Pamela também pensa que “nem todo mundo tem preparo psicológico para carregar armas”. A cientista política Luciana Veiga afirma que a resistência se dá devido ao medo de que “as famílias fiquem ainda mais vulneráveis à violência urbana e doméstica”.

Além da segurança pública, o discurso conservador também conquista algumas eleitoras. Katiê afirma que, entre as propostas do candidato, “o fato de ele ser contra a ‘ideologia de gênero’ nas escolas” é o que lhe chama mais atenção. Ela defende Bolsonaro no episódio em que ele xingou a deputada federal Maria do Rosário (PT/RS) e lhe disse que “não a estupraria porque ela não merecia”. “Ela ofendeu ele antes”, diz Katiê.

Para Vitoria Deluchi, auxiliar de escritório de 24 anos em Caxias do Sul (RS), as atitudes do candidato não corroboram as acusações de machismo. “Ele é um dos parlamentares que falam mais abertamente sobre a falta de rigidez das leis que também valem para estupradores”, afirma. Vitoria decidiu seu voto há mais de dois anos, quando começou a acompanhar o candidato nas redes sociais.

## **“BRINCADEIRAS”**

A antropóloga Rosana Pinheiro Machado observa que os eleitores de Jair Bolsonaro costumam relativizar suas posições. “Eles recontextualizam suas falas ou acham que ele estava brincando. Dizem ainda que ele já se desculpou, mas que segue sendo massacrando pelo que já disse.”

A cientista política Carolina de Paula, do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp), diz que as intenções das falas de Bolsonaro são frequentemente questionadas por suas simpatizantes. “Muitas não acreditam que ele fale isso de verdade. Dizem que é um personagem que ele cria ou uma construção da mídia.” Criado após o atentado que o candidato sofreu em Juiz de Fora (MG), o grupo “**Mulheres com Bolsonaro**” foi uma resposta de suas eleitoras à resistência feminina demonstrada no Facebook.

Pamela votou em Dilma Rousseff em 2014 e se diz grata ao PT por cursar a faculdade de Gestão Pública com a ajuda do financiamento do ProUni. Mas a oportunidade não é suficiente para motivá-la a votar em Fernando Haddad. “Eu assisti ao filme da Polícia Federal, ‘A Lei é para Todos’. Foi muita roubalheira”. Toda a sua família vai votar em Bolsonaro, além do namorado, sargento da Aeronáutica.

## CORRUPÇÃO

O combate à corrupção é umas das bandeiras da campanha do candidato e que é encampada por seu eleitorado. No início deste ano, porém, o jornal Folha de S. Paulo revelou que **Bolsonaro mantinha uma “funcionária laranja”**, que estava na folha de pagamento de seu gabinete, mas que na verdade trabalhava vendendo açaí em uma vila próxima a Angra dos Reis e que trabalhava na casa de veraneio do deputado na mesma cidade.

O jornal também revelou que o **patrimônio de Bolsonaro e de seus filhos se multiplicou** na política nos últimos dez anos. Hoje, eles somam ao menos 15 milhões de reais em patrimônio imobiliário. Até 2008, a família declarava cerca de 1 milhão de reais à Justiça Eleitoral, que incluía apenas três dos 13 imóveis atuais. As transações que resultaram na compra da casa em que o candidato vive no Rio têm indícios de uma operação suspeita de lavagem de dinheiro.

